



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

BÁRBARA ODEBRECHT WEISS

**ULPANIM DE TEL AVIV:
ENTRE NEOSSIONISMO E PÓS-SIONISMO**

CAMPINAS
2020

BÁRBARA ODEBRECHT WEISS

**ULPANIM DE TEL AVIV:
ENTRE NEOSSIONISMO E PÓS-SIONISMO**

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA
PELA ALUNA BÁRBARA ODEBRECHT
WEISS, E ORIENTADA PELO PROF DR.
OMAR RIBEIRO THOMAZ.

CAMPINAS

2020

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

W436u Weiss, Bárbara Odebrecht, 1982-
Ulpanim de Tel Aviv: entre neossionismo e pós-sionismo /
Bárbara Odebrecht Weiss. – Campinas, SP: [s.n.], 2020.

Orientador: Omar Ribeiro Thomaz.
WeiTese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sionismo. 2. Ulpan. 3. Imigrantes. I. Thomaz, Omar Ri-
beiro, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Ulpanim in Tel Aviv: between neozionism and post-zionism

Palavras-chave em inglês:

Zionism

Ulpan

Immigrants

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Doutora em Antropologia Social

Banca examinadora:

Omar Ribeiro Thomaz [Orientador]

Michel Gherman

Iris Kantor

Adriana Maria Villalon

Héctor Rolando Guerra Hernández

Data de defesa: 11-03-2020

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-2306-8027>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4918319542903327>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 11 de março de 2020, considerou a candidata Bárbara Odebrecht Weiss aprovada.

Prof(a) Dr(a) Omar Ribeiro Thomaz

Prof(a) Dr(a) Michel Gherman

Prof(a) Dr(a) Iris Kantor

Prof(a) Dr(a) Adriana Maria Villalon

Prof(a) Dr(a) Héctor Rolando Guerra Hernández

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001. Agradeço ao meu orientador, Omar Ribeiro Thomaz, por compreender as circunstâncias difíceis sob as quais foi escrita esta tese bem como por me prover de um constante estímulo à pesquisa e à escrita. Agradeço a Leonel Caraciki, Michel Gherman e Ronaldo Almeida pela leitura atenta de minha qualificação. Agradeço à minha supervisora de estágio doutoral, Marcy Brink-Danan, sem cujo apoio eu não teria conseguido realizar a pesquisa tal como previsto. Agradeço a Rafael Gustavo de Oliveira por ter me guiado durante a minha estadia na Cisjordânia em 2017, bem como me apresentado a amigos com quem tive valorosas conversas e que representaram um contraponto às minhas interações em Israel. Agradeço a minha amiga Juliana de Paiva Magalhães pela leitura da versão preliminar da tese.

Agradeço a minha mãe, Elisa Odebrecht, por ter me apoiado durante toda a minha trajetória como pesquisadora. Agradeço ao meu amigo israelense Eran Oren, que foi uma companhia para debater vários assuntos relacionados a Israel. Nós muitas vezes divergimos de ponto de vista, mas soubemos tratar as diferenças com respeito e aprendendo um com o outro.

Agradeço sobretudo aos meus sujeitos de pesquisa em Tel Aviv por tantas vezes se prestarem a (às vezes longas) conversas comigo, bem como pelas demais contribuições que deram a esta tese.

Ideally I should have worked with both the dominant and the dominated in South Africa, but, as I have noted, this was legally precluded. It was also practically precluded because had I spent much time with the non-whites, many whites would have grown suspicious and would not have talked to me (...) My study is inevitably skewed, but that is, I believe, revealing. (Crapanzano, 1986,22)

I experienced moral claustrofobia throughout my stay in South Africa. I tried to bracket off my outrage, my cynical pretence, and my sadness in order to be as 'objective' as possible. (...)

I learned that it was possible to have a certain sympathy even for people whose values one finds reprehensible. I was, and I am still, confused by this. (Crapanzano, 1986,24)

They (the Afrikaners) talk about the trek and the 1900 war and the Zulu wars and the suffering of the Afrikaans people as though no one else has ever suffered. (Crapanzano, 1986,56)

For as long as I can remember, I remember fear. Existential fear (...) that a dark ocean would rise and drown us all. (Shavit, 2013, ix)

RESUMO

O presente trabalho baseou-se em dois trabalhos de campo na cidade de Tel Aviv (nos anos 2015 e 2017). Neste período realizei uma etnografia de dois ulpanim (plural de ulpan, a escola de hebraico concebida para ensinar aos novos imigrantes a língua nacional): Ulpan Gordon e Ulpan Neve Tzedek. Além disso, também frequentei um curso em um “anti-ulpan”: o TINAU. Meu objetivo foi entender os significados de dois conceitos acadêmicos no ambiente pesquisado, nomeadamente, pós-sionismo e neossionismo. Assim pretendi contribuir para uma melhor compreensão de Israel e de sua recém chegada imigração judaica, bem como os significados do nacionalismo judaico (sionismo) na atualidade.

Palavras-chave: sionismo - ulpan - imigrantes.

ABSTRACT

This work is based on two fieldworks in the city of Tel Aviv (in 2015 and 2017). During this time I carried out an ethnography of two ulpanim (plural of ulpan, the school of Hebrew designed to teach new immigrants the national language): Ulpan Gordon and Ulpan Neve Tzedek. Apart from that I also visited a course at an “anti-ulpan”: the TINAU. My aim was to understand the meanings of two academic concepts in this environment: post-zionism and neozionism and hence contributing to a better understanding of Israel and it’s new arriving Jewish immigration as well as the meanings of the Jewish nationalism (Zionism) nowadays.

Keywords: Zionism - ulpan - immigrants.

SUMÁRIO

GLOSSÁRIO	10
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – NEOSSIONISMO E PÓS-SIONISMO: ABORDAGEM TEÓRICA E INCURSÃO ETNOGRÁFICA	19
1. Sionismo	19
2. Pós-sionismo	22
3. O conflito israelense-palestino em meio a uma etnografia sobre ulpanim	33
CAPÍTULO II – INCURSÃO ETNOGRÁFICA E OS OLIM	39
1. Ruth Ouazana	39
2. Vivências em Israel: migrações	46
3. Aspectos de Tel Aviv	48
4. Pessoas	53
CAPÍTULO III - A HISTÓRIA DO HEBRAICO E DOS ULPANIM	61
1. Renascimento do hebraico	61
2. Situação linguística hoje: árabe, russo, ídiche, francês	65
3. História do ulpan	67
4. Os ulpanim hoje	74
5. Tipos de ulpan	75
6. A tese de Maybaum	75
CAPÍTULO IV - ETNOGRAFIA DOS ULPANIM	76
1. Ulpan Gordon – 2015	76
2. Ulpan Neve Tzedek - 2017	109
3. Tinau	126
4. Entrevistas	129
CAPÍTULO V - YOM HASHOAH, YOM HAZIKARON E YOM HAATZMAUT	153
1. Yom Hashoah	154
2. Yom Hazikaron	158
3. Yom Haatzmaut	164
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
BIBLIOGRAFIA	171
ANEXOS	177

GLOSSÁRIO

ALIYAH - literalmente ascensão. Designação para a imigração para Israel

ASHKENAZITA - Ashkenaz quer dizer literalmente Alemanha em hebraico arcaico
Ashkenazitas são os judeus europeus que tiveram sua etnogênese no espaço de língua alemã e eram, até o século XIX, majoritariamente falantes de ídiche. Judeus russos e poloneses são em sua grande maioria ashkenazitas

HILONI - judeu israelense secular

MIZRAHI - judeus provenientes do Oriente Médio

MASORTI - israelense judeu tradicional em relação à religião em oposição a haredi (ortodoxo) e hiloni (secular)

MORÉ - professor em hebraico

MORÁ - professora em hebraico

OLEH / feminino: OLAH - imigrante

OLEH HADASH / feminino: OLAH HADASHAH - imigrante recente

SEFARADITAS - Sfarad quer dizer Península Ibérica em hebraico antigo e os judeus sefaraditas são os judeus provenientes deste espaço. Há uma nota de campo relevante aqui. Embora do ponto de vista acadêmico se faça uma distinção entre judeus mizrahi e sefaraditas, em Israel é comum que os primeiros sejam abarcados pelo nome dos últimos, em contraste com os judeus ashkenazitas

SHABBAT - é o sétimo dia da criação segundo o gênesis. Trata-se de um dia de descanso

SHOAH - Extermínio de aproximados 6 milhões de judeus por Hitler e seus colaboradores durante a Segunda Guerra Mundial. Holocausto

YERIDAH - literalmente descida. Designação para emigração de Israel

YOM KIPPUR - Ou Dia do Perdão. É o mais importante dia do calendário religioso judaico, marcado por jejum e oração intensa

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa foi desvendar a dinâmica entre sionismo, pós-sionismo e neossionismo tendo como lócus privilegiado o ulpan e a interação entre os diversos atores que compõem o dia-a-dia desta escola intensiva de hebraico em território israelense. A partir da análise de uma situação particular, busquei compreender até que ponto e em que sentido o que se entende por “nação israelense”, em interlocução direta com a diáspora judaica, vive, *imagina-se*, nos termos de Benedict Anderson (1983), a partir do paradigma (neo)sionista ou pós-sionista.

A presente pesquisa baseia-se em duas estadias para realização de etnografia na cidade de Tel Aviv, em Israel; a primeira, de março a setembro de 2015 e a segunda de abril a junho de 2017. Em ambos os períodos o foco da etnografia foi a sala de aula da instituição do ulpan, a escola de hebraico para imigrantes judeus que vêm ao país para fazer *aliyah*, ou seja, tornar-se cidadãos israelenses. Ainda assim, outras esferas da minha vivência construíram a visão integral que formei do ambiente por mim vivido, e da cidade como um todo. Em 2017 realizei também uma viagem à Cisjordânia (Palestina), que se mostrou um contraponto importante para as vivências em Israel. Em cada uma das estadias foi produzido um caderno de campo, material decisivo para a realização desta tese.

Em 2015 fui a Israel pela primeira vez, com auxílio do programa de doutorado sanduíche da Capes. Busquei instalar-me nas imediações do Ulpan Gordon, o maior e mais tradicional ulpan da cidade. A princípio, dirigi-me à instituição com o intuito de matricular-me em uma sala de aula intensiva para imigrantes, conforme fora proposto em meu projeto de pesquisa. Realizei o teste de nivelamento (eu já havia cursado um semestre de hebraico no Centro de Estudos de Línguas da Unicamp) e expressei os meus objetivos à responsável pelo encaixe nas turmas.

Contrariando a minha expectativa, fui classificada em uma turma “para turistas”, com apenas poucas horas de atividade por semana, provavelmente porque eu não preenchia o requisito de ser *olah hadashá*, imigrante recente. Cheguei a frequentar dois dias daquele curso, para me certificar de que aquilo não estava de acordo com os meus objetivos de pesquisa. Dirigi-me, assim, à minha supervisora de estágio de pesquisa doutoral na Universidade Hebraica de Jerusalém, Marcy Brink-Danan, que redigiu uma carta explicando minha pesquisa e suas necessidades correspondentes, carta esta que entreguei à diretora da instituição, Guila. Graças ao carimbo da

Universidade Hebraica consegui ser transferida para uma turma intensiva, com 5 aulas por dia, 5 dias por semana, onde a grande maioria dos alunos era *olim hadashim*, imigrantes recentes, o que correspondia aos meus anseios de pesquisa.

Quando entrei na turma o curso já havia sido iniciado. Não participei, portanto, da fase dos rudimentos da língua transmitidos aos alunos. A proposta do curso, que terminaria no final de julho (eu havia entrado no começo de abril), era abarcar todo o nível *alef* (letra A em hebraico), com uma única professora durante todas as aulas e todo o percurso: a professora Ayelet. Foi nesta turma que realizei minha primeira etnografia.

Além das aulas que eu frequentava todos os dias, eu estava hospedada em uma casa via *Airbnb*, que se mostrou um complemento muito rico à minha atividade principal. A locatária do imóvel, Ruth Ouazana, era ela mesma *olah hadashá*, vinda da França com pais de origem magrebina. Além disso, recebíamos hóspedes para o terceiro quarto da casa, geralmente judeus e alguns deles também *olim hadashim*. Paralelamente, fui construindo uma rede de amizades com israelenses. Isto se mostrou precioso quando, em 2017, e como consequência de cortes de recursos na CAPES, não tive a possibilidade de contar com mais seis meses de apoio inicialmente previstos e me mantive em Israel com meus próprios recursos.

Em 2017, minha ideia inicial era matricular-me novamente no Ulpan Gordon. Fiz meu teste de nivelamento e a responsável me classificou como *gimmel plus* (equivalente a letra C). Essa classificação me causou estranheza, pois eu havia concluído o *alef* em 2015 e nunca havia frequentado o *beit* (B). Além disso, tratar-se-iam de apenas duas aulas semanais e eu estava apenas com um visto de turista, com o tempo apertado. Quando lhe perguntei sobre alternativas a responsável confessou que nenhum outro nível tinha vagas, este era o que havia sobrado.

Resolvi, então, dirigir-me ao segundo mais importante ulpan da cidade, Neve Tzedek, localizado no bairro de Neve Tzedek. Novamente fiz o teste de nivelamento e desta vez me propuseram ir a uma sala *beit*, exatamente a classificação que fazia sentido. Além disso, esta turma se reuniria 3 vezes por semana, ainda não o ideal, mas já melhor. Perguntei se aquela era de fato uma turma para imigrantes e me asseguraram que neste ulpan não se faziam estas distinções. Por fim, durante este curso não tive contato com nenhum aluno que não tivesse imigrado. De maneira análoga ao que ocorrera no Ulpan Gordon, a turma foi destinada a uma única professora, Rachel. Em função do tempo limitado, desta vez não terminei o semestre.

Durante esta última estadia interessei-me também pelo TINAU, acrônimo de “*This is not an ulpan*”, que se propõe a ser uma espécie de anti-ulpan. Matriculei-me então em um dia livre em uma turma de um curso de 8 aulas, com o título de “Mitos de Israel”. O curso foi ministrado em *ivrit kalá*¹ (hebraico fácil), com tempo para digressões em inglês em caso de dúvidas. A proposta desta instituição privada, auto-gestionada e com um caráter de esquerda, era “não aprender hebraico, mas aprender em hebraico”. Ela não constituía a princípio o foco de minha pesquisa, mas mostrou-se um contraponto interessante e importante e me possibilitou ter contatos proveitosos para meu trabalho. Por fim, realizei quatro entrevistas em profundidade, três com alunos ou ex-alunos de ulpanim e uma com um ex-coordenador de ulpan.

Não há nenhuma lei acadêmica que me obrigue a tomar uma postura mais explícita sobre o conflito Israel-Palestina, que não é o objeto do meu estudo, mas o seu contexto. Contexto este que eu poderia contornar, caso me centrasse nas relações entre Israel e a sua diáspora, que compõem o objeto mais imediato do meu trabalho. Esta opção, no entanto, não estaria de acordo com a concepção que eu desenvolvi sobre Israel ao longo do meu percurso, a saber, que Israel não pode ser separado do conflito com os palestinos². Não me pronunciar sobre o conflito traria inegáveis vantagens: tornaria o meu estudo válido para uma pluralidade maior de leitores de diferentes vertentes políticas. Em contrapartida, pronunciar-se sobre o conflito constitui um grande ônus, pois as posições são muitas e terrivelmente viscerais; é muito fácil fazer inimigos adotando uma posição explícita.

Deixo claro, assim, que não percebo Israel de forma isolada, na contramão de muitos, senão a maioria, dos meus interlocutores e sujeitos de pesquisa de Tel Aviv. A sensação que muitas vezes transmitiam é que a questão palestina era um adendo ao Estado Israel, não uma questão umbilicalmente ligada a ele, que é o que eu proponho; “um” problema ao invés de “o” problema.

¹ *Ivrit kalá* é uma simplificação da língua hebraica falada em sala para permitir que alunos com nível de proficiência intermediário pudessem acompanhar a aula. A simplificação abrangia tanto aspectos vocabulares quanto gramaticais.

² Esta percepção foi desenvolvida na contramão do que me apresentavam muitos sujeitos de pesquisa em Israel. Estando lá, em Tel Aviv, senti que muitas vezes as pessoas (sejam eles *olim* ou israelenses) preferem construir uma realidade na qual se sobressai uma vivência de normalidade em Israel, destacada do conflito Israel-Palestina. Uma curta estadia na Cisjordânia em 2017 foi decisiva para elaborar a percepção segundo a qual Israel não pode ser visto isolada da questão palestina. Se é certo que minha interação com palestinos está fora do escopo desta tese, posso afirmar que sua atitude é de flagrante contraste com a postura de muitos israelenses. Os palestinos com quem tive contato estavam imersos no conflito, respiravam conflito, queriam falar do conflito e da ocupação de Israel na Cisjordânia.

Enxergo o conflito Israel-Palestina essencialmente como uma tragédia, no sentido do teatro grego clássico, em que agentes, às vezes com motivações genuínas, acabam por ocasionar dor e desgraça.

Considero o nacionalismo judeu, o sionismo, como um movimento nacional europeu tão legítimo como qualquer outro. As suas especificidades, como a volta a uma terra com a qual pouco se tinha vínculos há cerca de 2 mil anos, devem ser objeto de reflexão - como a especificidade de qualquer movimento nacional. No entanto, a ideia de “retorno” é contra-intuitiva para muitos espectadores externos. Afinal, como se pareceria o mapa do mundo se todas as populações regressassem ao ponto onde elas estavam há 2 mil anos? No entanto, a análise de outros nacionalismos traz à tona outras fantasias às vezes menos, às vezes tão longínquas no tempo. Mas há a questão do espaço.³

Por mais que do ponto de vista intrínseco o nacionalismo judeu seja tão legítimo quanto outros, seu foco territorial se deu sobre uma terra que já estava ocupada. Muito antes da partição da Palestina⁴ e da Primeira Guerra Árabe-israelense (Guerra da Independência em Israel)⁵ a população local demonstrou sua insatisfação com a chegada dos judeus, majoritariamente europeus, por meio de revoltas. Este fato leva algumas correntes, identificadas com a luta de resistência dos palestinos, a ver o sionismo como essencialmente colonial. Em seu livro *My promised Land* (2013)⁶, Ari Shavit se pergunta porque o seu avô, um pioneiro sionista, não havia percebido que aquela terra era habitada por outrem. Sua própria conjectura é: “não os viu porque não podia (se permitir) vê-los”.

Do lado dos defensores do sionismo é comum haver deslegitimação dos palestinos. Ouvi de meus interlocutores em 2015-2017 algo que Golda Meir (1898-

³ Vale lembrar a existência de nacionalismos crescentemente territoriais com uma população claramente desterritorializada cuja formação implicou em distintos momentos em “retornos” e expulsões, como a Grécia ou a Armênia ou, mais recentemente, os distintos nacionalismos balcânicos.

⁴ A proposta de partição da Palestina sob Mandato Britânico se deu em 1947 por parte das Nações Unidas. Segundo este plano, a área conhecida como Palestina seria dividida entre um país judeu e um país árabe. Os líderes sionistas aceitaram o plano, enquanto os líderes palestinos o recusaram.

⁵ Um dia antes de expirar o Mandato Britânico sobre a Palestina, em 14 de maio de 1948, David Ben Gurion proclamou a independência do Estado de Israel. Como resposta, Iraque, Transjordânia, Síria e Egito invadiram a área, para serem derrotados pelo recém-nascido Estado de Israel.

⁶ Em 2015 tirei um dia para percorrer livrarias em Tel Aviv e o que vi foi revelador em muitos sentidos. Em primeiro lugar, no que diz respeito à questão linguística. Embora as pequenas livrarias apresentassem livros basicamente em hebraico, cadeias maiores trabalhavam também com muitos títulos em inglês que, muitas vezes, tinham como objeto Israel. *My promised Land* figurava em muitas livrarias em locais de destaque, e em grande número de volumes, sugerindo ser uma aposta das livrarias para as vendas daquele ano.

1978), premiê de Israel entre os anos de 1969 a 1974, deixara claro durante o seu mandato⁷: que os palestinos não seriam um povo. Há dois argumentos principais aqui: primeiro, os palestinos não teriam aspirações nacionais, sendo somente indivíduos indistintamente árabes. Em segundo lugar, aqueles que se clamariam palestinos seriam na verdade egípcios (principalmente em Gaza) ou jordanianos (em Israel ou na Cisjordânia). Sobre os palestinos serem ou não uma nação, há muito debate sobre quando teria se gestado o seu nacionalismo. Do ponto de vista dos estudos sobre nacionalismo, porém, é possível afirmar que os nacionalismos não eclodem todos ao mesmo tempo e ainda é praxe um nacionalismo que se desenvolva em oposição a outro, mais maduro. O fato de os palestinos não terem o mesmo grau de compreensão nacional que os sionistas quando estes aportaram na Palestina não desabona o seu nacionalismo ou a sua existência nacional.

Tendo em vista o fato de que o sionismo prosperou em terras alheias, alguns palestinos ou militantes anti-sionistas alimentam a fantasia de uma Palestina sem judeus, ou sem Estado judeu. Entra aí mais um elemento complexificador. Além de o nacionalismo judeu fazer pleno sentido intrínseco, ele acabou se tornando a única opção viável para muitos judeus. Se no seu nascimento e mesmo nas décadas seguintes o sionismo era um fenômeno muito marginal, as condições concretas em especial na Europa foram empurrando os judeus para esta solução, seja porque a Palestina era o único destino que os aceitaria, seja porque seus anos na diáspora lhe renderam o aprendizado de que judeus não estariam protegidos até que constituíssem uma unidade política autônoma e soberana. Ou seja, um lugar onde deixariam de ser minoria⁸.

⁷ Cito um artigo sobre a premiê israelense: “Enquanto Eshkol considerava algumas ‘medidas exploratórias para checar a possibilidade de diálogo com os palestinos, Golda se recusava absolutamente a flertar com estes pensamentos’. Ela não estava - ou não queria estar - ciente de uma entidade palestina nos territórios ocupados e, portanto, não considerava necessário perguntar aos habitantes dos territórios o que estes pensavam sobre o seu futuro, seu destino, ou o destino dos territórios onde vinham morando por gerações (Weitz, 2011, p. 54). Tradução nossa. É relevante notar que por décadas não havia reconhecimento mútuo entre Israel e palestinos. Como escreve Amos Oz: “A pior parte do conflito árabe-israelense, o conflito palestino-israelense, não é agora, foi naqueles muitos anos, muitas décadas quando as duas partes não pronunciavam o nome uma da outra. Quando palestinos e outros árabes tinham uma real dificuldade em pronunciar o sujo nome Israel. Eles costumavam chamá-lo de ‘a entidade sionista’, ‘a criatura artificial’, ‘a intrusão’, ‘a infecção’ (...)” (Oz, 2012, p. 25). Tradução nossa.

⁸ Não foram poucos os que diante da urgência da criação de uma pátria territorial para os judeus europeus, como consequência do antissemitismo crescente particularmente no Leste europeu (mas não só, vide o *affair* Dreyfuss na França) se questionaram sobre a conveniência da Palestina. Afinal, esta pátria poderia estar nos longínquos pampas argentinos (bastaria comprá-los), em Uganda (bastaria negociar com o império britânico) ou nos planaltos angolanos (bastaria com conspirar contra o controle português). Para Theodor Herzl fica claro que não se tratava apenas de dinheiro ou de negociações políticas nos centros imperiais europeus: era necessária uma terra com apelo simbólico para aqueles que para

Um dos meus poucos interlocutores⁹ em Israel que não adotava uma postura ideologicamente carregada em favor do sionismo me disse: “não vou discutir certo ou errado. É uma luta por sobrevivência”. Mas nesta luta por sobrevivência um lado está perdendo feio. Justamente o lado da população palestina¹⁰.

Se culpa é uma categoria histórica aceitável, a “culpa” do conflito recai sobre a Europa antissemítica, que deixou gerações desiludidas ou sem nenhuma chance mesmo quanto a prosseguir a vida em terras europeias ou em terras onde não houvesse maioria judaica.

Ruth Ouazana, uma *olah hadashá* de origem francesa, anfitriã da casa onde morei em 2015, contou-me a seguinte história quando o tópico de conversa era o motivo de ela ter emigrado para Israel. Ruth engajou-se desde adolescente no movimento escoteiro. Seus pais se conheceram no escotismo. Quando eu estava em sua casa chegou a ausentar-se para participar de um *jamboree* no Japão. Em certo momento de sua juventude a organização escoteira sugeriu uma atividade em nível mundial. Ruth procurou os representantes do escotismo em Israel. Sua ideia era que estes realizassem a atividade em conjunto com os judeus da diáspora. Houve, porém, uma negativa da parte destes, que preferiram realizar a atividade à parte. Este foi um momento de grande estarrecimento para Ruth. Que os escoteiros israelenses se vissem como um corpo separado do judaísmo mundial desafiava a visão de Ruth, segundo a qual o judaísmo deveria ser um fator de união para todos os judeus do mundo. Segundo Ruth, este evento despertou nela o desejo de ir a Israel e sensibilizar os judeus israelenses para a sua visão de um destino compartilhado entre diáspora judaica e Israel.

lá se dirigiriam: “A Argentina tem bom solo, e as condições para o trabalho agrícola são muito melhores lá do que na Palestina, mas, na Palestina, os judeus trabalham com entusiasmo e são bem-sucedidos. Não estou falando das colônias criadas artificialmente, mas daquelas que não dependem da ajuda externa para subsistir e que têm essa grande ideia de pátria” (GILBERT, 2010, p.36).

⁹ Trata-se do arquiteto Yaron, por volta dos 40 anos, que tinha um pai holandês não judeu e uma mãe judia israelense de origem iraquiana. Yaron demonstrava orgulho porque na “luta pela sobrevivência” Israel estava ganhando dos palestinos. Para ele, o “gênio judeu” era responsável por vencer a guerra, que em última instância se resolvia no campo de batalha, independente da ajuda de fatores externos como o apoio dos Estados Unidos a Israel ou dos países árabes aos palestinos.

¹⁰ Segundo o aclamado escritor israelense Amos Oz, a Palestina ocupada é um país onde “(...) homens, mulheres e crianças são diariamente oprimidos, assombrados e humilhados pelo cruel governo militar israelense”. Tradução nossa. (OZ, 2012, 21). Além disso, metade da população palestina encontra-se em campos de refugiados em países como Líbano, Jordânia e Síria (ZUREIK, 2001, p. 218). Um quarto da população mundial de palestinos estimada em 8 milhões de pessoas encontra-se na Cisjordânia e em Gaza (ZUREIK, 2001, p. 217).

Levei esta história para um amigo israelense, Yogev. Yogev era formado em física, havia passado boa parte da infância nos Estados Unidos, onde tinha família, e estava à procura de um emprego. Perguntei o que pensava da visão de Ruth. Ele foi solidário à atitude dos escoteiros israelenses e emendou: “É... parece que ela não entendeu que algo se passou aqui nas últimas décadas e que eles perderam (*have missed*)”. A atitude dos escoteiros israelenses e de Yogev sugere uma concepção de nação que vê Israel como um fenômeno singular, de desenvolvimento singular, sem laços evidentes com a diáspora. Para Ruth, no entanto, à medida que Israel se entende como um Estado judeu, tem laços evidentes com a diáspora judaica.

Durante uma das aulas no Ulpan Gordon em 2015, a professora Ayelet perguntou aos seus alunos por que eles haviam vindo a Israel. Yaelle, uma *olah hadashá* francesa, respondeu que o seu sonho era fazer uma especialização em medicina na Alemanha, mas que ela tinha arranjado um estágio somente em Israel. A professora reagiu dizendo: “Alemanha? Alemanha e Israel... são bem diferentes!”. Novamente levei esta história novamente a Yogev. Ele considerou a atitude de Yaelle perfeitamente normal e considerou legítimo vir a Israel somente por uma questão empregatícia. Eu perguntei se no comentário da professora não havia um tom de reprovação, ao que ele respondeu negativamente.

Estas histórias dizem respeito a como judeus nascidos em Israel ou no exterior veem o país. Elas não esgotam todas as possibilidades de tipos ideais de atitudes com respeito a este tema, mas permitem captar a tensão existente entre diversas concepções de país. Para Ruth o caráter fundamental do Estado é ser um Estado judeu, em aliança natural, portanto, com o judaísmo diaspórico. Uma perspectiva sionista, ou neossionista, como se irá aprofundar mais adiante. A atitude de Yogev e de Yaelle, ao menos em referência a este conjunto de manifestações da parte deles, coaduna-se com uma “normalização” do Estado de Israel, que é tratado como um país dentre os demais, e onde o judaísmo não tem um papel central. Esta seria uma perspectiva mais alinhada ao pós-sionismo.

Enquanto minha estratégia de pesquisa foi manter um *low profile* na pesquisa de campo nos ulpanim, intervindo o menos possível e buscando captar o transcurso dos eventos, como fica claro no capítulo IV, contraponho esta abordagem nas entrevistas ao final do capítulo IV quando faço perguntas direcionadas sobre sionismo.

No capítulo I busco desvendar o significado dos conceitos de pós-sionismo e neossionismo segundo diversos autores judeus israelenses e um autor palestino.

Além disso, trago elementos etnográficos que dialogam com estas questões, bem como com o conflito israelo-palestino - inextricavelmente associado a elas - ao final do capítulo.

O capítulo II é dedicado ao contexto etnográfico de minha pesquisa. Nele discuto vivências em Tel Aviv e apresento personagens que lá encontrei, bem como de que maneira estas vivências e personagens se integram à experiência dos *olim* e dos *ulpanim*. As personagens são tanto israelenses natos quanto imigrantes. O capítulo começa com a personagem Ruth, que foi minha anfitriã na casa onde me hospedei, e que considero uma intelectual orgânica do sionismo. Depois disto descrevo vivências em Tel Aviv para que o leitor tenha uma ideia do ambiente onde se desenvolveu a pesquisa. Apresento, então, personagens que são portas de entrada para se compreender melhor a situação de Tel Aviv bem como da imigração para esta cidade.

No capítulo III descrevo a história do “ressurgimento do hebraico”, ou seja, de como o hebraico se tornou a língua oficial e mais falada de Israel, além de um vivo e poderoso símbolo do sionismo. Para além disso, discuto a história dos *ulpanim*, apresentando etnografias de períodos anteriores nas quais sobressalta o viés sionista desta instituição.

No capítulo IV problematizo a etnografia realizada nos três *ulpanim*: *Ulpan Gordon* (2015), *Ulpan Neve Tzedek* (2017) e *TINAU* (2017). Procuo apresentar o perfil dos alunos, a dinâmica em sala de aula, bem como as discussões que proliferaram espontaneamente, induzidas por exercícios de sala de aula ou em conversas com alunos, em geral ligadas à realidade de Israel e do sionismo ou à realidade dos *olim*. Além disso, são discutidos três textos ligados a estas instituições. Neste capítulo discuto também uma excursão que realizei a Jerusalém em 2015. Por último, apresento quatro entrevistas em profundidade, uma com duas ex-alunas de *ulpan*, duas com duas alunas de *ulpan* e uma com um ex-coordenador de *ulpan*.

O capítulo V é dedicado à tríade de comemorações civis nacionais israelenses que ocorrem aproximadamente entre os meses de abril e maio: *Yom Hashoah* (Dia do Holocausto), *Yom Hazikaron* (Dia dos Soldados Caídos) e *Yom Haatzmaut* (Dia da Independência) e que estão intimamente ligados à leitura sionista da história de Israel. Embora o capítulo verse sobre a história e significado destes eventos, acrescento minhas impressões pessoais sobre dois deles (*Yom Hashoah* e *Yom Haatzmaut*), no contexto externo ao *ulpan*, para descrever minha experiência com o *Yom Hazikaron* no *Ulpan Gordon* em 2015.

CAPÍTULO I – NEOSSIONISMO E PÓS-SIONISMO: ABORDAGEM TEÓRICA E INCURSÃO ETNOGRÁFICA

Situo minha pesquisa em meio à contenda entre sionismo, pós-sionismo e neossionismo. Entendo estes termos como “guarda-chuvas” de contribuições teóricas e referências históricas que informam a pesquisa sobre Israel, mas também como discursos e práticas sociais que permeiam a vida israelense (judaica e palestina). O debate nos termos citados é um debate intra-israelense, ou melhor, intra-judeu-israelense. Por fim, apresento a crítica de um historiador palestino a este debate.

1. Sionismo

Em essência, a controvérsia em torno do significado de pós-, e neossionismo está intimamente ligada a questão central: o que é o sionismo? Dependendo da perspectiva adotada, até Theodor Herzl (1860- 1904)¹¹ e David Ben Gurion (1886-1973)¹², pais inconteste do sionismo, podem ser considerados pais do pós-sionismo, devido a sua visão liberal do nacionalismo judaico (RAM, 2009, p. 113). Isto se dá, em grande parte, à riqueza de correntes que proliferaram no sionismo antes da independência do Estado de Israel¹³. Já Ahad Ha´Am (1856-1927), que tomou papel fundamental na Guerra das Línguas como defensor do hebraico, é um precursor da imaginação da nação judaica como uma cultura étnica reinventada e una (homogênea), que se tornaria prevalente com a fundação do Estado. Sua visão romântica do povo judeu e do sionismo está em contraste com a visão mais liberal de Theodor Herzl.

Para alguns autores contemporâneos, como Daniel Brecher (2005), a tarefa do sionismo concluiu-se com a independência do Estado de Israel, proclamada em 1948. A constituição da nação, no entanto, demorou muito mais além desta data, haja

¹¹ O jornalista e intelectual austro-húngaro Theodor Herzl é lembrado como o visionário que lançou o movimento do sionismo político em uma época quando ainda havia muito poucos judeus na então Palestina do Império Otomano. Herzl engajou-se na construção do movimento sionista e na imigração de judeus para a Palestina. Faleceu em Viena, 44 anos antes de o Estado de Israel se tornar uma realidade.

¹² Nascido no Império Russo, hoje Polônia, David Ben-Gurion é tido como o “pai fundador do Estado de Israel”. Foi o primeiro a assinar a declaração de independência em maio de 1948, declaração esta que ajudou a escrever.

¹³ Por outro ângulo, as correntes sionistas formadas na Europa muitas vezes tinham escasso contato com a realidade na Palestina, o que permitiu que nutrissem ideários – como por exemplo, de que os árabes estavam ansiosos para fazer proveito da modernização trazida pelos colonos judeus – que depois se tornaram difíceis de transpor para a prática.

vista, por exemplo, a grande expansão demográfica por meio de imigração que, da ótica sionista, foi necessária realizar para garantir a maioria judaica no território estipulado em 1947 pelas Nações Unidas¹⁴. A estratégia demográfica deu-se por meio não só da imigração, mas por meio do deslocamento da população árabe-palestina na Guerra da Independência de 1948, posteriormente rememorada pela comunidade palestina como *Al Nakba*, a catástrofe¹⁵. A Guerra dos Seis Dias em 1967 marcou uma nova era para Israel. O país, que temia a aniquilação por países árabes em 1948, tornou-se uma potência regional e capturou Gaza (do Egito), a Cisjordânia (da Jordânia) e as colinas de Golã (da Síria). A partir deste momento Israel tinha sob seu poderio militar uma população palestina que, caso fosse incorporada a Israel, ameaçaria a maioria demográfica judaica.

Para o jornalista e historiador Tom Segev, o sionismo pós-constituição do Estado de Israel baseava-se em cinco “mitos”

(1) Que embora Israel tenha feito todo o possível para estabelecer a paz em 1948 (e depois), os árabes continuamente recusaram todas as iniciativas; (2) que os refugiados árabe-palestinos, enganados por líderes que prometiam a eles que logo retornariam, juntamente com os exércitos árabes conquistadores, haviam voluntariamente deixado suas casas; (3) que o propósito primário do Estado de Israel era servir como refúgio para judeus perseguidos ao redor do mundo e prover um lugar seguro para a “mistura de exílios”; (4) que, além de prover os judeus com um porto seguro, Israel também provia a eles a oportunidade de viver livremente como judeus, desimpedidos de perseguição política ou econômica e discriminação social, que caracterizava a vida no “exílio”, e (5) que apenas em Israel poderia florescer o judaísmo, funcionando como uma força unificadora para a judeidade mundial. (SEGEV, 1986, apud SILBERSTEIN, 1999b, p.02, tradução nossa).

Já para a socióloga Devorah Kalekin-Fishman o sionismo caracteriza-se como o projeto ou a prática de conciliar o caráter judaico do Estado israelense com a democracia¹⁶. Os críticos desta proposição, porém, entre eles a própria autora, aler-

¹⁴ Na guerra de 1948 Israel conquistou mais uma fração de terra (em torno de 20%), além daquela estipulada em 1947 pelas Nações Unidas. O influxo de imigrantes judeus dos países árabes e do Irã também se deveu à expulsão destes devido à reação daqueles países à criação de Israel.

¹⁵ Até massacres, como o de Tantura, foram cometidos neste ímpeto (ver PAPPÉ, 2004).

¹⁶ Um bordão comum que se ouve nas ruas de Tel Aviv é que Israel seria “a única democracia do Oriente Médio”. Os argumentos para tal incluem a realização de eleições periódicas, a possibilidade de

tam que este binômio constitui um oxímoro, já que neste Estado há também não-judeus. Além da crítica que se centra na população árabe-palestina, há também aquela que vê o sionismo clássico como uma construção asquenazita, que deixa os judeus *mizrahim* (ou sefaraditas) como cidadãos de segunda classe, que devem sempre aprender a se modernizar espelhando-se no ethos “superior” asquenazita¹⁷.

A estas considerações eu acrescentaria como característica do sionismo o discurso de negação da diáspora, que teve fortes implicações sobre a vida intra-judaico-israelense. Esta tônica levou a ideologia sionista a perseguir um ideal do nacional como “Novo Judeu”, aquele judeu desprendido da diáspora tanto linguística, quanto culturalmente. A diáspora, em contrapartida, deveria ser “sionizada” para ajudar a concretizar o ideal de ter, em território israelense, a maior parte da população judaica mundial (e, mais utopicamente ainda, toda ela).

Embora ainda houvesse correntes que relativizassem o sionismo representadas depois de 1948, a hegemonia do Partido Trabalhista (Mapai) reduziu o espectro semântico da palavra e impediu a propagação de alternativas entre o grande público. Na academia o vocábulo “pós-sionista” tornou-se proeminente quando, a partir do final da década de 1980 os assim chamados “novos historiadores” desafiaram a historiografia tradicional sionista e, em seguida, tentaram influenciar o processo de paz em vista. Uri Ram (2011) afirma que apenas durante o acordo de paz de Oslo (1993) a expressão (pós-sionista) encontrou eco na esfera pública israelense.

O pós-sionismo seria o discurso contra-hegemônico de superação do “monopólio sionista da verdade” (SILBERSTEIN, 1999a) e, portanto, a relativização dos pontos enunciados por Segev e a superação do binômio problematizado por Kalekin-Fishman. No que concerne a dinâmica intra-judaica da sociedade israelense, o paradigma pós-sionista está comprometido com a admissão de maior heterogeneidade e

a minoria palestina dentro das fronteiras de 1967 de ser representada por seus partidos no parlamento e a garantia de direitos a outras minorias, como é o caso das minorias LGBTQ+. No entanto, autores como Smooha (2002) consideram que Israel se trata de uma democracia étnica. Segundo o autor, “A democracia étnica é impulsionada por uma ideologia ou um movimento de nacionalismo étnico que declara uma certa população como uma nação étnica compartilhando de descendência comum (laços de sangue), uma língua comum e uma cultura comum. Esta nação étnica arroga-se a propriedade de um certo território e o considera seu exclusivo lar nacional. (Smooha, 2002, 477) Tradução nossa. Outros exemplos de democracias étnicas incluem Eslováquia e Estônia. Há uma controvérsia sobre o status da minoria palestina dentro das fronteiras de 1967 em Israel. De acordo com Pappé (2011), apesar das afirmações de que esta seria tratada com igualdade por Israel, isto não é verdade. Além disso, a Cisjordânia e a Gaza ocupadas encontram-se sob uma soberania de fato de Israel enquanto a população civil que não goza dos direitos dos cidadãos israelenses.

¹⁷A respeito da discriminação estrutural dos judeus sefaraditas pelos judeus ashquenazitas ver Sho-hat, 1988.

mais amplas possibilidades de viver o judaísmo e a israelidade. Além disso, vê-se, nesta perspectiva, o judaísmo israelense não como única possibilidade de viver o judaísmo, aceitando-se o judaísmo diaspórico como igualmente legítimo. A postura pós-sionista é, portanto, incompatível com a “sionização” da diáspora, prática de Estado corrente nas décadas que sucederam a fundação do Estado.

Ram (2011, p. 117-118) fala de indícios do surgimento de uma “cultura pós-sionista”, demonstrada por exemplo na ascensão de partidos políticos sectários, na proliferação de uma sociedade civil multifacetada, no retorno idealizado a formas culturais diaspóricas e nas tentativas de enriquecer os currículos escolares com perspectivas multiculturais. O crescente multiculturalismo, tal como descrito por Topel (2008), é também um fator que faz a nação israelense imaginar-se a partir de um paradigma pós-sionista.

Já a direita israelense gostaria de barrar as iniciativas em direção a um conceito de Estado para os judeus e (re)implantar o Estado de caráter judaico. O que é ou deixa de ser judaico deve ser ainda objeto de controle. A isto se dá o nome de neossionismo, que incorpora objetivos do sionismo, porém a partir de uma convicção mais neoliberal ao invés de trabalhista. Na ótica do neossionismo, o chamado “pós-sionismo” não passa de (mais um) antissionismo e deve, portanto, ser combatido.

2. Pós-sionismo

No dia 7 de agosto de 2017, o prestigioso jornal israelense Haaretz trouxe em sua versão em inglês o artigo intitulado “*Is Herzl the first post-zionist?*”, mostrando como a contenda em torno do pós-sionismo, iniciado em finais da década de 1980, continua em voga no debate público em Israel.

Lawrence Silberstein baseia-se em seu livro *Post Zionist Debates*, publicado em 1999, que incorpora intensamente o pensamento de Foucault, Deleuze e Guattari para fazer sua crítica pós-sionista. Segundo o autor, são pós-sionistas aqueles que percebem a academia israelense como tradicionalmente a serviço do sionismo. O pós-sionismo seria um termo aplicado ao esforço de problematizar o discurso sionista, as narrativas históricas e as representações sociais e culturais engendradas pelo sionismo. As palavras cultura, significado e identidade ganham proeminência em sua obra.

Assim, as lutas em torno do pós-sionismo são lutas pelo espaço cultural, ou seja, o espaço no qual os significados da identidade coletiva israelense são construídos, produzidos e circulados. Estão em questão nestas lutas perguntas como: quem está incluído ou excluído do espaço cultural israelense? Quais vozes serão ouvidas? Quem terá a permissão para falar? (SILBERSTEIN, 1999, p. 3, tradução nossa)

Embora o foco da obra de Silberstein sejam os intelectuais, o autor menciona que na sociedade mais ampla a efetividade do discurso sionista para mapear os eventos da vida esteja ficando rarefeito. Para ele, alguns abraçam o termo para indicar que a hegemonia sionista findou-se e deu lugar a uma era pós-sionista. O conceito pós-sionista pode referir-se, assim, a uma posição acadêmica, uma posição política, ou ambas, já que para alguns autores estão indissolivelmente ligadas. A terminologia pós-sionista é imputada por Silberstein a autores que muitas vezes não se identificam com o rótulo. No entanto, eles se contrapõem de alguma maneira à narrativa sionista, de acordo com os preceitos que se seguem:

Dentro do discurso sionista, a entidade conhecida como “o povo judeu” ou “a nação judaica” era imaginado como possuindo características básicas e imutáveis e existência histórica contínua. Uma premissa central do sionismo é a reivindicação do povo judeu à terra de Israel. (SILBERSTEIN, 1999a, p. 4, tradução nossa)

E, mais à frente, o autor continua: “O sionismo definia a sua posição subjetiva básica em oposição àqueles judeus que estavam vivendo em exílio” (SILBERSTEIN, 1999a, p.18) Tradução nossa.

Em 1995 o debate pós-sionista começou a transbordar do meio acadêmico para os jornais, onde foi equiparado por seus detratores ao anti-sionismo. Silberstein ressalta o ataque aos autores como Ilan Pappé e Shabtai Beit Zvi que criticaram o manejo da Shoah (Holocausto) e da memória da Shoah pelos líderes sionistas. Uma via de ataque comum ao pós-sionismo foi a identificação com o pós-modernismo. Segundo Silberstein, esta via de ataque foi duplamente falha, primeiro porque os detratores do pós-sionismo teriam uma compreensão rasa e pouco elaborada do que seria pós-modernismo e em segundo lugar porque a maioria dos acadêmicos afins com o campo pós-sionista baseariam suas posições em preceitos modernos, e não pós-modernos. Cito o trecho abaixo, contendo um intento do autor de explicar as origens

sociológicas do pensamento pós-sionista, já que este tema será chave para compreender a crítica ao pós-sionismo desenhada em Kaplan, na obra discutida mais adiante.

Apesar de a identificação do pós-sionismo com o pós-modernismo ser problemática, a tentativa de ligar os dois reflete uma profunda preocupação de acadêmicos israelenses veteranos sobre recentes mudanças dentro da cultura israelense. Como resultado de mudanças de longo alcance nas áreas demográfica, econômica, da mídia e cultural tais como discutidas no início deste capítulo, Israel tem sido sujeito a um individualismo que se espalha rapidamente, além de consumismo e carreirismo. Crescentemente os jovens israelenses valorizam bem-estar individual sobre o bem-estar do Estado. Para sionistas comprometidos isto representa uma incursão no espaço cultural israelense de elementos alienígenas que corroem as fundações sionistas sobre as quais repousava o Estado. (SILBERSTEIN, 1999a, p.126, tradução nossa)

Em *“Israeli Nationalism”* Uri Ram investiga a afinidade entre a historiografia sionista tradicional e a identidade coletiva israelense, bem como, por contraste, a afinidade entre uma historiografia pós-sionista e a identidade coletiva israelense cívica, pós-convencional e multicultural. Para fazer face às outras respostas formuladas por judeus às questões identitárias abertas pelo iluminismo, os pensadores sionistas inventaram dois princípios; um primeiro segundo o qual a nação judaica se mantinha coesa mesmo através de barreiras geográficas e um outro princípio, teleológico, segundo o qual a nação judaica mantinha-se ligada a Eretz Israel ao longo dos tempos.

Diferente de Silberstein, que vê como sionistas os detratores do pós-sionismo (a quem chamam de antissionistas), Ram vê como encerrado o período sionista. Os antagonistas dos pós-sionistas são os neossionistas. Ram relaciona cada uma destas vertentes conflitantes com as respostas respectivamente da esquerda e da direita para a (suposta) derrocada do sionismo. A esquerda promoveria uma identidade cívico-nacional baseada na residência que é compartilhada no espaço do Estado de Israel. A direita descartaria o motivo pragmático da existência do Estado Judeu em favor de um conceito fundamentalista de Estado Judeu.

Enquanto Silberstein oferece a narrativa das guerras de 1967 e 1973 apenas para falar da emergência da geração que formaria os críticos pós-sionistas, Ram liga o neossionismo à expansão levada a cabo em 1967, que virou um estandarte da direita, identificada com a ideia de uma Grande Israel. Uma diferença determinante

entre o sionismo clássico e o neossionismo é como o último absorveu a comunidade judaica ortodoxa e deu precedência a um messianismo nacionalista em lugar do secularismo dos pais fundadores da nação.

O neossionismo, na cronologia de Ram é, portanto, mais antigo do que o pós-sionismo, que veio a surgir principalmente nos anos de 1980. Silberstein chega a mencionar que para Evron o *Gush Emonim* (o substrato do messianismo nacional de direita apontado por Ram) é pós-sionista, o que diverge, no entanto, dos pós-sionistas com quem ele simpatiza ao longo do livro, ou seja, pós-sionista para este autor não tem necessariamente uma conotação positiva (em contraste com o que acontece com Ram, para quem o termo pós-sionista é necessariamente positivo). O ápice do confronto entre neo e pós-sionismo foi, segundo Ram, o assassinato do primeiro ministro Yitzhak Rabin em 1995¹⁸.

Ram também elabora sobre como a sociologia em Israel guinou à esquerda quando em 1977 o país guinou à direita. Uma vez identificada com o *establishment* do partido trabalhista, principalmente na figura de Shmuel Eisenstadt (1923- 2010), radicado na Universidade Hebraica de Jerusalém, a sociologia se tornou crítica desde os anos 1980. A relevância desta discussão deriva do fato de a sociologia ser uma das principais arenas onde era definida a israelidade.

Nos anos 1990 floresceram em Israel as abordagens marcadas pelo “pós”, tais como o pós-estruturalismo e o pós-colonialismo, todas incorporadas por intermédio da academia americana. Segundo Ram, os debates acadêmicos que antes opunham esquerda e direita haviam sido recalibrados para agora apresentarem modernos e pós-modernos como adversários.

Os pós-modernos consideravam ambas a esquerda e a direita (ou seja, socialismo e nacionalismo) como meta-narrativas modernas, opressivas e totalizantes e identidades essencialistas e eles almejavam desconstruir e relativizá-las. (RAM, 2011, p. 83, tradução nossa).

Ram faz, aqui, uma defesa do pós-marxismo cuja ressonância teria encontrado em Israel com o desmantelamento do estado de bem-estar social durante a dé-

¹⁸ Rabin foi assassinado por um judeu terrorista fundamentalista de direita, Yigal Amir, que afirmou estar agindo a mando de deus. (Ranstorp, 1996)

cada de 1990. Incorporando as dimensões do pós-colonialismo e do pós-estruturalismo, o autor abandona a visão teleológica e progressista do marxismo clássico e se propõe ir além do pós-colonialismo, ao situar as relações ocidente-orientes nas relações econômicas mundiais. O chamado modelo da bifurcação, descrito acima, que divide a sociedade israelense entre pós-sionista e neossionista é ele mesmo o resultado da sociologia pós-marxista, segundo Ram.

Nesta realidade pós-fordista, Israel está bifurcando entre um vetor capitalista, liberal e descolonializante, por um lado, e um vetor nacionalista, comunalista e pró-colonização do outro lado. (RAM, 2011, p.86, tradução nossa)

O pós-sionismo seria, assim, um discurso contra-hegemônico cuja a proposta é a abertura de Israel para além do grupo étnico judeu. Ram dá inúmeros exemplos da presença do termo pós-sionismo no debate israelense, destacando-se o jornal Haaretz, que traz o tema com muita frequência, mas também em âmbitos como textos escolares e nas artes, além, obviamente, das obras acadêmicas. O autor retoma as perspectivas do pós-sionismo: pós-marxista, pós-moderna e pós-colonial, além de pós-ideológica, sendo que esta última vê o sionismo como tendo completado sua missão, sendo, portanto, dispensável. Os antagonistas do pós-sionismo seriam, além do neossionismo, o sionismo liberal, que acredita no binômio “democrático e judaico” para Israel, considerado um oxímoro para os pós-sionistas. Mas intelectuais de esquerda do trabalhismo também se opõem ao pós-sionismo, argumentando que este dá suporte ao ataque neoliberal ao estado de bem-estar social israelense. Os pós-sionistas se contrapõem a esta crítica argumentando que o Estado de bem estar social não costumava alcançar mulheres, árabes e mizrahim. Além disto, para os pós-sionistas a solidariedade tem que estar calcada em questões cívicas e constitucionais, e não nacionais. O pós-sionismo seria, segundo os seus proponentes, não só liberal (em apoio à classe média), mas também multicultural (em apoio aos marginalizados).

Algumas razões apontam para a possibilidade de morte da perspectiva pós-sionista. O campo neossionista tem ganhado força. Dentre elas, o arrefecimento da perspectiva multicultural desde o ataque às torres gêmeas em 2001 e a Intifada de 2000, que causou um fechamento emocional dos israelenses para a questão pales-

tina. Talvez o pós-sionismo estivesse associado estritamente ao período das negociações de paz em Oslo (1993). A conclusão do livro de Ram nos leva à próxima obra investigada, *Beyond Post Zionism*. Nas Palavras de Ram:

A progressão do pós-sionismo em Israel certamente não é linear; a reação do coletivismo etnonacionalista e o neossionismo fundamentalista espreita na esquina, esperando uma chance para ser inflamado por um eventual novo ciclo de hostilidades israelo-palestinas ou de fato esperando uma chance para inflamar estas hostilidades. (RAM, 2011, p.127, tradução nossa)

Em *Beyond post Zionism*, Eran Kaplan se pergunta até que ponto o termo pós-sionismo e as presunções que o cercam ainda são válidas para os anos 2010 e faz uma crítica ao mesmo.

Durante os anos 1990, dentro e fora da academia se desenvolveram os debates pós-sionistas. Diferente das críticas anti-sionistas feitas no princípio do sionismo por setores judaicos, religiosos ortodoxos, assimilacionistas e comunistas, as críticas pós-sionistas tratavam o sionismo como uma realidade política que atingira os seus objetivos. Kaplan aponta, assim como Silberstein também o fez, o livro de Uri Ram de 1993 como o pioneiro no uso sistemático do termo pós-sionista.

Os “novos historiadores”, segundo Kaplan, foram revolucionários pelos efeitos que suas obras tiveram sobre o público. Assim como Ram, Kaplan liga os acordos de paz com Egito, palestinos e Síria a partir da década de 1970 como componentes da capacidade dos israelenses de deixar algo para trás e do desenvolvimento do pós-sionismo. Embora encontrando resistência a princípio, algumas discussões propostas pelos pós-sionistas ganharam o público mais amplo, como por exemplo a palavra *Nakba*, que hoje é de conhecimento da maioria dos israelenses. Mas os “happy 90s”¹⁹ foram interrompidos pela Intifada de 2000 e o ataque às Torres Gêmeas de 2001, bem como pelas sucessivas crises econômicas nos anos 2000, que também impactaram Israel. A pergunta que o livro visa responder é se o pós-sionismo foi um fenômeno histórico datado, circunstancial, ou um paradigma mais profundo por meio do qual é possível compreender o sionismo e o Estado Judeu.

Analisado as condições de surgimento do discurso pós-sionista, Kaplan retoma as transformações ocorridas desde a queda do muro de Berlim.

¹⁹Os anos 1990 foram palco das negociações mais promissoras entre Israel e os palestinos até o assassinato de Yizhak Rabin em 1995.

O poder, éramos constantemente lembrados, estava em todos os lugares, irracional e errático, e ele não podia ser dominado ou superado; tudo o que havia sobrado ao ativista radical era a tentativa de subverter a ordem simbólica e expor as suas limitações. (KAPLAN, 2015, sem página, tradução nossa)

Os críticos aceitaram a nova ordem mundial enquanto a política ligada a classes ou nações era substituída por política identitária: tratou-se de uma era pós-nacional de globalização. Contrariando um quê de fim da história, no entanto, surgiram movimentos anti-globalização, apontando as mazelas do neoliberalismo que, juntamente com o terrorismo, trouxeram as pessoas de volta ao “deserto do real”. Descrevendo a trajetória de Israel desde a austeridade vivida na década de 1950 até as reformas que liberalizaram a economia na década de 1970, Kaplan se detém sobre um assunto pouco mencionado, para além do entusiasmo militarista já mencionado pelos autores acima: o impacto econômico da Guerra de 1967. A guerra tirou o país de uma recessão profunda e foi responsável por um ciclo de expansão econômica devido à força de trabalho barata e desregulada nos territórios conquistados utilizada na construção, têxteis, agricultura e indústria.

Ecoando o que acontecia no ocidente na década de 1960, a esquerda israelense parecia mais preocupada com o totalitarismo e o medo da violência do que em propriamente transformar a realidade. A procura por expressão individual e liberdade tornaram-se bandeiras da esquerda. Em Israel, até 1967 a divisão entre direita e esquerda tinha mais a ver com questões econômico-sociais, passando depois disto a estar associada com a questão das relações árabe-judaicas. Diferente de Ram, que considerou o projeto político-ideológico da “Grande Israel” um projeto histórico da direita sionista, Kaplan lembra que havia proponentes como Yoseph Weitz (1890-1972) que eram de esquerda e também abraçavam este ideal. Apenas após 1967 que a linha divisória entre esquerda e direita passou a ser a linha verde.

Quando em 1977 Menachem Begin (1913-1992), um direitista proponente da Grande Israel e ex-integrante do Irgun (movimento paramilitar e considerado terrorista pelas autoridades do protetorado britânico na Palestina) foi eleito primeiro-ministro, muitos esperavam confrontos violentos com os árabes. Paradoxalmente, Begin levou a cabo as negociações de paz com o Egito. Nos anos 1970 e 1980, Israel acompanhou a onda de liberalização implementada por figuras como Margarteh Thatcher e

Ronald Reagan, que tornaram o ocidente uma “aldeia global”. A esquerda, neste contexto, não mais questionava o mercado. A liberdade não estava mais exclusivamente em condições materiais, mas no direito de ter a sua voz ouvida na esfera pública. A habilidade de contar a sua história e romper a “grande narrativa” passava a ser o mais importante ato político. E a variedade de vozes no “mercado das vozes” tornou-se a característica da cultura pós-moderna e pós-sionista.

Kaplan recorre a Badiou para elaborar o que se passava:

Há a aparência de pluralidade de vozes e o decréscimo na centralidade das vozes “dominantes” ou “nacionais”, mas a maioria destes jornais locais são publicados e distribuídos pelo jornal dominante de Israel em uma tentativa de estratificar ainda mais o mercado e aumentar o potencial público leitor. (KAPLAN, 2015, sem página, tradução nossa)

Vê-se, portanto, que Kaplan conceitua o pós-sionismo como um produto do mundo pós-moderno. Segundo o autor, contudo, à medida que nas últimas décadas os conflitos étnicos se avolumam, os proponentes da pós-modernidade são pouco capazes de elaborar propostas, a não ser deixar claro que as minorias étnicas precisam se expressar, o que teria redundado numa constante responsabilização do passado colonial.

A crítica mestra que Kaplan faz à historiografia pós-sionista é que essa despiu o sionismo de sua dimensão revolucionária. Em vez de conceber o movimento sionista como um movimento de libertação de um sistema opressivo que não aceitava não-europeus, os pós-sionistas conceberiam o sionismo como um esforço de transformar judeus em europeus, acabando por transformar uma questão de sobrevivência em uma questão identitária. Esta posição estaria ancorada na desconfiança que os pós-modernos têm em relação ao poder organizado como necessariamente limitador de liberdade. Na mesma toada, ler os pós-sionistas, diz ele, pode levar à conclusão de que a única lição de moral que pode ser derivada da Shoah é que ela foi politicamente manipulada pelos sionistas.

A premissa foucaultiana de que teoria é poder é, para Kaplan, uma negação da tradicional relação necessária entre teoria e prática do marxismo, uma fetichização da teoria. Para Kaplan, embora os teóricos pós-sionistas tenham feito contribuições incríveis para se entender a história de Israel, falharam em ser críticos com as forças

sociais e econômicas que engendraram a condição pós-sionista. Kaplan termina o seu livro com muitas perguntas relacionadas aos limites da crítica da esquerda contemporânea, restrita ao universo simbólico-identitário. E a inspiração para ir além é justamente o sionismo clássico.

Que tal se ao invés de aceitarmos os ditames do mercado, nós revivêssemos alguns dos princípios básicos que foram abraçados pelos fundadores do sionismo - coletivismo, o direito do trabalhador a uma vida digna, soberania efetiva- e os aplicássemos universalmente a todos os membros de um dado território? (KAPLAN, 2015, sem página, tradução nossa)

Coerente com uma visão (pós?) marxista que privilegia os aspectos econômicos, Kaplan oferece uma saída para um ponto nodal que destaca no conflito israelo-palestino: a reversão dos assentamentos na Cisjordânia. Segundo o autor, o fator determinante para que tantos israelenses não adeptos do messianismo sionista, em particular imigrantes da ex-URSS e cidadãos *mizrahi*, terem se mudado para assentamentos foi que, numa época em que se desmantelava o estado de bem-estar social no interior da linha verde, benefícios similares aos que sofriam desmonte eram oferecidos na Cisjordânia.

Embora siga as suas próprias prescrições materialistas ao ancorar a solução para um problema social em fundamentos econômicos, o autor não é consistente quanto à sugestão de qual grupo sócio-econômico, e guiado por quais interesses, seria capaz de conduzir esta transformação - justamente o que enxerga de virtude no início do sionismo clássico.

O historiador palestino Nur Masalha (2011) oferece uma crítica do pós-sionismo do ponto de vista do subalterno. Também para Masalha o debate em torno do pós-sionismo começou com os “novos historiadores”, que ganharam, no entanto, apenas uma pequena parte da academia israelense no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Influenciados pela tendência dos estudos pós-coloniais no ocidente os “novos historiadores” (e o historiador Benny Morris em particular) se tornaram a “autoridade última” em relação ao nascimento da questão dos refugiados palestinos e à *Nakba*²⁰ na academia dos países ocidentais. No entanto, em Israel, sua influência se

²⁰ Os “novos historiadores” se destacam por contrariar a percepção geral da sociedade israelense de que os palestinos fugiram voluntariamente de suas casas, ou por terem sido persuadidos por seus líderes.

manteve bastante limitada como demonstra o fato de o partido de direita Likud e seus aliados terem estado no poder na maior parte das últimas décadas. O pós-sionismo não reverteu o aprofundamento da colonização judaica da Cisjordânia ou alterou alguma coisa no currículo escolar dos judeus israelenses. Hoje esta vertente historiográfica ainda chama a atenção principalmente da academia em países ocidentais.

Do ponto de vista de Masalha, o fracasso dos pós-sionistas não é apenas em relação à sua intervenção na sociedade, mas trata-se também de um fracasso acadêmico. Masalha utiliza o exemplo do escritor S. Yizhar (1916-2006) para demonstrar que os “novos historiadores”, ou judeus israelenses críticos ao sionismo, não são tão novos assim. A diferença é que antes do fenômeno pós-sionista estes críticos não ganharam proeminência internacional por estarem escondidos “nos confins da língua hebraica”.

Em comum críticos antigos e recentes teriam a característica de não abandonar o sionismo. Um exemplo é o próprio Benny Morris, que conclui em *The Birth of the Palestinian Refugee Problem* que a questão dos refugiados palestinos de 1948 foi em sua maior parte (embora admita expulsões pontuais) um produto da guerra. Masalha contesta esta conclusão que “divide a culpa” entre israelenses (judeus) e palestinos. Segundo o historiador palestino, houve um plano de expulsão e limpeza étnica. Mesmo quando, em anos mais recentes, Morris chegou a concordar que houve um esforço coordenado de limpeza étnica, passou a justificar este ato²¹.

Se para os “sionistas liberais” o “pecado original” do sionismo dataria da guerra de 1967, a maioria dos “novos historiadores” o localiza em 1948. Masalha, no entanto, segundo o próprio autor, desvelou por meio de arquivos israelenses em hebraico meio século de planos e esforços sionistas para limpar etnicamente a Palestina, os quais teriam culminado com a *Nakba* em 1948.

Apesar de citar no início a influência dos estudos pós-coloniais sobre os “novos historiadores”, Masalha utiliza-se da autora Ella Shohat para afirmar que os intelectuais israelenses nunca de fato abraçaram obras fundamentais dos estudos pós-coloniais como Aimé Césaire (1913-2008), Albert Memmi (1920-) e Frantz Fanon

²¹ Nos anos 2000 Benny Morris evoluiu a sua posição para aceitar que houve uma política deliberada de transferência de palestinos pelo nascente Estado de Israel. Desde então o seu discurso tem evoluído para justificar e até exaltar a opção do exército israelense. Em suas palavras: “se a opção é entre limpeza étnica e genocídio... eu prefiro limpeza étnica” (MASALHA, 2001, p.1). Tradução nossa. Além disso, Morris tem demonstrado simpatia por expulsar os palestinos remanescentes de dentro da linha verde e mesmo da Cisjordânia e de Gaza. Por este posicionamento Masalha o categoriza como um neossionista e neo-colonialista.

(1925- 1961). A academia israelense manteve-se essencialmente orientalista, estudando os palestinos tendo em vista questões de segurança nacional. Masalha também aponta um certo desprezo dos “novos historiadores” pela experiência e o sofrimento dos palestinos. Ancorados em ideais como “positivismo” e “neutralidade” eles tendem a ignorar a história oral e o testemunho de palestinos. Apenas Ilan Pappé é identificado por Masalha como pós-sionista, embora em outro trecho do artigo Masalha o defina como um anti-sionista (denominação que neste caso tem uma conotação positiva).

Os assim chamados “sionistas liberais”, apesar das críticas ao sionismo, negam, de forma geral, aos palestinos refugiados de 1948 o direito ao retorno, o que prova a sua adesão ao núcleo do sionismo, que seria antes de tudo visto como uma necessidade para os judeus, independente da sorte dos palestinos. Em resumo, para a maioria dos “novos historiadores” o sionismo não é um movimento colonial brutal (perspectiva esta que Masalha abraça) e sim antes de mais nada um movimento de libertação nacional²².

Em 2013 a psicanalista e estudiosa do judismo Élisabeth Roudinesco apontava, muitos anos depois de Ram, para a encruzilhada em que se encontrava a sociedade israelense. Sobressai em sua obra (que analisa as origens intelectuais do anti-semitismo) em relação às demais obras aqui elencadas, a perspectiva de que o projeto neossionista seria um projeto racista. Roudinesco destaca a figura do intelectual neossionista Yoram Hazony (1964-), pesadamente influenciado pelo rabino ortodoxo Meir David HaKohen Kahane (19932-1990) que chegou a ser eleito para o Knesset em 1984 e que promovia uma agenda racista prevendo, entre outros, a ideia da “Grande Israel” e a expulsão dos cidadãos palestinos remanescentes em Israel durante a década de 1980. Sobre Hazony, Roudinesco disserta:

No final dos anos 2000- no momento da Segunda Intifada- ele publicou uma obra muito anti-diaspórica na qual reinterpreto a história do sionismo desde Theodor Herzl com vistas a promover uma radical re-judaicização do Estado de Israel: a educação deveria focar de novo em valores judaicos, deveria haver a promoção de patriotismo judaico, a Haskalá e o Iluminismo deveriam

²² Segundo Moore-Gilbert (2016), entre o final dos anos 1940 e o final dos anos 1960, Israel conseguiu persuadir boa parte do mundo de que o sionismo se tratava de um projeto anti-colonial. É preciso lembrar que o que faz esta percepção ter sentido é a luta inclusive armada das milícias sionistas contra o Mandato Britânico na Palestina (1923-1948), sendo sua ação mais famosa, provavelmente, o atentado do Irgun ao Hotel King David em Jerusalém em 1946 (onde se localizava a burocracia britânica).

cair em esquecimento e grande ênfase deveria ser colocada nas características próprias do povo judeu e na “alma judaica”. (ROUDINESCO, 2013, sem página, tradução nossa)

A palavra democracia tornou-se para Hazony e seus seguidores em uma ameaça tendo em vista dois perigos iminentes: os “judeus desjudaizados” e os árabes.

Como indica o título da presente tese, alinho-me à perspectiva pós-marxista de Uri Ram que repousa, como já foi dito, no fato de que o sionismo clássico já foi superado e que hoje Israel encontra-se diante da dicotomia entre pós e neossionismo, um processo, no entanto, não inequívoco nem linear. Além disso, dentre as duas vertentes, considero o pós-sionismo uma saída mais justa para com a população palestina que vive dentro das fronteiras de Israel de 1967, bem como para com aqueles que vivem na Palestina sob ocupação israelense. Destaque-se ainda que o pós-sionismo aponta também para formas mais livres e diversas de se viver o judaísmo, seja em Israel ou na diáspora.

No entanto, incorporo algumas das críticas de Kaplan como o fato de a (necessária) reversão dos assentamentos judaicos ilegais da Cisjordânia só poder ser viabilizada por meio de uma remodelação da política econômica (neossionista), qual seja, restaurar o Estado de bem-estar social dentro da linha verde e anular incentivos econômicos para judeus em territórios palestinos. A crítica de Nur Masalha é relevante na medida em que lembra que mesmo os preceitos pós-sionistas podem estar aquém das demandas palestinas - simbólicas e concretas.

3. O conflito israelense-palestino em meio a uma etnografia sobre ulpanim

Embora o conflito israelense-palestino esteja longe de configurar o foco desta tese, considero relevante trazer elementos vivenciados em campo, destacando que em Tel Aviv, e sobretudo entre meus interlocutores, o conflito não constitui um tema privilegiado de discussão: se Israel está imerso conflito, ele pode ser um tema distante ou francamente externo para muitos israelenses. Uma boa analogia pode ser construída com a realidade brasileira: somos um país *imerso* na violência, mas parcelas significativas da população vivem seu cotidiano como algo externo. Dependendo

do bairro em que se viva, a violência policial é, quando muito, tema de jornais televisivos.

Com amigos israelenses com os quais eu tinha mais intimidade mais de uma vez me senti bastante confortável para debater questões sobre o conflito, da mesma forma que não me furtei a conversas sobre o tema com palestinos transcorridas em 2017, quando visitei Ramallah e Belém na Cisjordânia. Observo que trazer tais conversas para um diálogo imaginário com meus interlocutores israelenses não tem como intuito sugerir que haja uma simetria no que concerne à etnografia destes dois contextos, sobretudo tendo em vista que não realizei etnografia na Cisjordânia, onde estive apenas por 4 dias. Por mais intensos que tenham sido os contatos com palestinos esta experiência não se equipara aos meses de pesquisa de campo em Tel Aviv. Entremear posições sobre o conflito - ora de judeus israelenses, ora de palestinos - busca oferecer apenas um vislumbre do quão irreconciliáveis parecem ser, por vezes, estas posições.

Antes de seguir adiante creio importante explicitar que estou consciente de que os contextos nos quais trabalhei em Tel Aviv não são os que devem ser privilegiados se o propósito é o de enfrentar justamente as relações entre palestinos e judeus na atualidade. Ou seja: num ulpan, alunos e professores não se encontram numa situação em que *devem* refletir sobre o conflito. Meus interlocutores o fizeram porque foram por mim interpelados, e suas observações não tem outro propósito que o de complexificar o *meu* universo de pesquisa, que é composto, também, por minhas questões que não são necessariamente as deles. Assim, o que trago aqui são apenas afirmações de um certo senso comum que pode se expressar entre aqueles que nem sempre estão muito interessados no assunto. Se as conversas tivessem sido realizadas junto a profissionais de alguma ONG ou num curso de História de uma instituição de ensino superior, as afirmações seriam certamente bastante diferentes.

Ao querer discutir o conflito com israelenses não muito próximos os senti bastante reativos. E, como já destaquei, o contexto do ulpan não parecia ser o mais adequado para debates sobre o conflito. Era comum, ao serem indagados sobre o conflito, que meus interlocutores fora do ulpan revidassem com frases ao estilo “você acha que estamos felizes com a situação? Você acha que gostamos de mandar nossos filhos para a guerra?”. Subentendi que o conflito era frequentemente creditado ao “outro lado” e ouvi algumas pessoas dizendo que “Israel só quer paz”.

Senti os ecos do conflito no relato de algumas pessoas sobre a sua presença como judias israelenses no exterior. Alguns sentiam-se hostilizados no exterior (não vendo, para tanto, nenhuma justificativa, mas creditando, muitas vezes, esta hostilidade a antissemitismo). Lívia, uma aluna do ulpan, contou-me que seu noivo, israelense, tinha vergonha de contar sua nacionalidade no exterior. Neste caso, um israelense sentia-se genuinamente envergonhado do papel de Israel como força de ocupação da Palestina e isto se tornava pungente no exterior. Mesmo assim, e considerando viver em qualquer lugar do mundo onde encontrassem trabalho, o casal decidiu ficar em Israel.

Tive a oportunidade de conversar com dois amigos israelenses sobre questões críticas acerca do passado de Israel, e que ainda produzem efeitos narrativos no presente: Yaron e Yogev. Yaron era arquiteto, filho de pai holandês não judeu e mãe judia de origem iraquiana. Yogev tinha três de seus avós ashkenazitas e um sefardita. Contava que era descendente de sobreviventes do Holocausto. Havia passado a infância na Califórnia e procurava trabalho como físico. Ambos consideravam legítima a posse dos judeus daquelas terras - hoje Israel - porque supostamente teriam sido “legalmente compradas”. O historiador Martin Gilbert (2014) embora mostre como a compra de terras fora importante para o projeto sionista, também aponta como a parcela de terras efetivamente comprada era pequena em relação ao total de terras palestinas incorporado por Israel com a Guerra de Independência. Kimmerling (2008) dá dados precisos sobre o tema.

Eu também descobri que de 1882 a 1948 todas as companhias judaicas e indivíduos privados na Palestina, incluindo o Fundo Nacional Judaico, um órgão da Organização Sionista Mundial, conseguiu comprar apenas 7% da terra da Palestina do Mandato Britânico. Todo o resto foi conquistado por meio da espada e nacionalizado durante a Guerra de 1948 e depois. (KIMMERLING, 2008, p.XI, tradução nossa)

Na conversa com Yaron ele sustentou que os palestinos fugiram voluntariamente das terras conquistadas na Guerra de Independência (Primeira Guerra Israelo-árabe). “Meu avô me contou”, disse ele.²³ Esta é uma questão premente na historiografia israelense desde pelo menos o lançamento do livro de Benny Morris em 1988, *The Birth of the Palestinian Refugee Problem*, onde se argumenta que, embora não houvesse um esforço coordenado de expulsão de palestinos por israelenses, houve várias táticas de expulsão. Mas, mesmo na hipótese não de expulsão, mas de saída “voluntária”, leia-se, por medo da violência, a expectativa dessas pessoas era de retornar, o que nunca aconteceu. Os palestinos, tanto da diáspora e da Palestina sob ocupação israelense, ainda clamam pelo “direito de retorno” daqueles que foram expulsos em 1948.

Em Ramallah tive a oportunidade de conversar com Ibrahim, um médico que já havia morado nos Estados Unidos e, portanto, falava um excelente inglês. O primeiro contato com Ibrahim foi um tanto tenso. Eu havia sido instruída por meu amigo judeu israelense, Eran,²⁴ a não contar na Palestina que eu tinha amigos em Tel Aviv. Segundo ele, isto poderia gerar animosidades. Conteí a Ibrahim apenas que eu pesquisava Israel. Ele me perguntou: o que você acha dos israelenses?²⁵ Eu tomei o cuidado de não fazer uma afirmação genérica e disse apenas: “comigo eles foram legais”. Ibrahim reagiu dizendo, em um tom grave: “e eles são legais quando tentam nos matar?”. Procurei deixar claro que eu estava interessada na Palestina e justamente por isso tinha ido até lá. Felizmente a tensão no ar foi se dissipando à medida que eu mostrava o meu interesse pelos palestinos e Ibrahim tomava gosto em revelar-se diante da antropóloga estrangeira, muito imbuído pelo orgulho de ser palestino.

Contou-me que seus avós haviam sido expulsos de Yafo (Jaffa em árabe), hoje uma vizinhança nobre e charmosa em Tel Aviv, onde se preserva a beleza da arquitetura árabe pré-Estado de Israel. Contou-me pesaroso: “meu avô era pescador e hoje eu não posso ver o mar”.

²³ Segundo Nur Masalha (2001, p.11) as atrocidades cometidas por judeus israelenses contra palestinos em 1948 eram de amplo conhecimento público nos anos 1950. Em seguida foram suprimidas e se tornaram desconhecidas da vasta maioria do público judeu israelense.

²⁴ Eran é físico formado pela renomada divisão de elite do exército israelense chamada Talpiot. Também descendente de sobreviventes do Holocausto, Eran gostava de falar que “era polonês”, devido à sua perspectiva taciturna da vida. Eran está em vias de requerer a cidadania polonesa à qual tem direito.

²⁵ Ibrahim estava interessado naquilo que havia “do outro lado do muro”. Qual era a opinião dos israelenses sobre os palestinos? Não discorri muito sobre isso dado que me encontrava em uma situação de tensão e não gostaria de acirrar ainda mais os ânimos.

Yogev contou-me em 2015 que os palestinos nem existem. Em 2017 ele me mostrou um vídeo em que integrantes do Hamas²⁶ supostamente (é isto que dizia a legenda em inglês), querem tocar o coração dos egípcios para que eles os ajudem financeiramente. A justificativa é que os palestinos são na verdade egípcios, que egípcios e palestinos são um só. Em 2015 Yogev me falou que estes palestinos que reivindicam Israel são na verdade imigrantes de outros países árabes, especialmente jordanianos, que são manipulados para dizerem que habitavam Israel antes da chegada dos judeus.

Yogev também representava um lugar comum no discurso israelense, o de que Israel seria “a única democracia do Oriente Médio”. Ele exemplificava este lugar comum por meio da seguinte situação: enquanto os palestinos podem vir a Israel, ele, se for à Palestina, por ser judeu, seria certamente morto. Trata-se, no entanto, de uma falsa simetria, já que os palestinos estão sob ocupação israelense, sofrem esta ocupação diariamente e tampouco podem entrar e sair livremente de Israel (ou das fronteiras de 67 de Israel).

Em uma outra noite em Ramallah fui convidada por Ibrahim e seu amigo Majdi a jantar no iftar²⁷. Tivemos longas discussões sobre assuntos relacionados a religiosidade, feminismo, relação ocidente-oriente entre outros. Sempre que o assunto Palestina vinha à tona Ibrahim e Majdi se ufanavam de seu país. Segundo Ibrahim, mesmo em uma Palestina precarizada pela ocupação israelense não havia mendigos nem gente sem casa dado que “a caridade muçulmana funciona muito bem”. Os dois amigos estavam convictos de que os valores da sociedade palestina eram tão bons que uma vez que se livrassem da ocupação israelense “prosperariam a perder de vista”. Majdi disse que a Palestina histórica é de uma beleza ímpar e que não havia nada tão charmoso quanto fazer um passeio para percorrer as oliveiras plantadas pelos seus antepassados, deixando claro assim o seu vínculo ancestral com aquelas terras.

Eli, um *oleh* nascido na Ucrânia que trabalhava no setor de tecnologia, apresentou para mim a opinião mais à direita, mais nacionalista e xenófoba com a qual tive contato. Defendeu que crianças palestinas fossem encarceradas por autoridades

²⁶ Hamas é uma organização social e militar que desde 2007 assumiu o controle da Faixa de Gaza. Envolveu-se em algumas guerras com Israel e é considerado uma organização terrorista por Israel, Estados Unidos e União Européia.

²⁷ Refeição à noite na qual se quebra o jejum do dia durante o mês de Ramadã, período marcado pela caridade, vivência familiar e fraternidade. O Ramadã figura como um dos cinco pilares do Islã.

israelenses “porque era bom para elas”. Segundo Eli, as crianças deliberadamente cometiam crimes contra o exército israelense já que que no cárcere israelense estariam bem alimentadas e teriam acesso a educação, coisa que não ocorreria caso estivessem soltas. Eli era também favorável à expulsão dos palestinos remanescentes de Israel já que estes “não pertencem a este lugar”.

Ibrahim e Majdi pronunciaram-se ainda a respeito do muro construído para separar a Cisjordânia de Israel²⁸. Consideravam-no abjeto. Segundo meus convivas palestinos o muro tinha como intenção separar as comunidades judaicas próximas à Cisjordânia dos Palestinos. No nível interpessoal, argumentavam, judeus e palestinos podem se entender e construir algo juntos. O muro serviria para que isso não acontecesse.

Ruth, sobre a qual me deterei mais à frente no capítulo II, contou-me uma história que corporifica um lema que é um senso comum em Israel, o de que o exército israelense seria “o mais moral do mundo”. Uma série de refugiados sudaneses estavam atravessando o deserto rumo a Israel, fugindo de uma guerra. Foram então detidos pelo exército israelense em estado deplorável. O exército teria lhes perguntado o que desejavam comer e lhes dado abrigo. Segundo Ruth, os sudaneses ficaram perplexos, pois esperavam ser massacrados pelo exército israelense. Esta história traz ecos do que outros judeus israelenses me contaram: que em países muçulmanos era comum haver uma demonização de Israel que “as crianças mamariam no leite”.

Estas situações tratam de uma amostra de como foi abordar questões sobre Israel e “seus inimigos” durante o tempo de campo. Demonstrem por um lado uma vulnerabilidade percebida pelos judeus israelenses (a certeza de ser morto na Cisjordânia), como mostram também um endosso às narrativas de superioridade moral judaico-israelense (o “exército mais moral do mundo”, a não expulsão dos palestinos durante 1948). Por último, Eli representa a percepção de superioridade judaico-israelense pura e simples. Os palestinos definitivamente não se reconhecem como “egípcios ou jordanianos” como apontado por Yogevev, mas demonstram grande ligação tanto com a terra de Israel dentro dos limites de 1967 (Ibrahim) quanto da atual Cisjordânia (Majdi). As narrativas do judeu Yaron e do palestino Ibrahim sobre a ausência

²⁸ O Muro começou a ser construído em 2000 durante a Segunda Intifada. A razão alegada por autoridades israelenses para a sua construção é o bloqueio de atentados terroristas de palestinos alvejando judeus israelenses. Os palestinos consideram-no “o muro do apartheid”.

de milhares de palestinos nos territórios do Estado israelense são diametralmente opostas. Yaron diz que eles fugiram, Ibrahim diz que eles foram expulsos.

CAPÍTULO II – INCURSÃO ETNOGRÁFICA E OS OLIM

Neste capítulo apresento narrativas coletadas durante a etnografia fora do espaço do ulpan em 2015. Discuto vivências ligadas a migrações bem como especificidades de se viver em um Estado judeu, do *brit milá* aos restaurantes *cashier*, da paisagem religiosa às eleições. Por vezes, migrações e questões religiosas judaicas se sobrepõem. Apresento a personagem Ruth Ouazana, por sua significância para com as questões que concernem aos imigrantes.

1. Ruth Ouazana

Ruth é francesa, filha de pais judeus *mizrahi*, sua mãe nasceu na Tunísia enquanto seu pai nasceu no Marrocos. A respeito da nomenclatura *mizrahi* é interessante notar que, embora seja academicamente mais acurada, em Israel fui informada de que se usa o termo sefaradita para se referir aos judeus não-ashkenazitas, mesmo que eles não tenham exatamente origens ibéricas como o nome sefaradita sugere (*Sfarad* quer dizer península Ibérica em hebraico). Ambos os pais de Ruth constituem parte de uma diáspora criada com a expulsão dos judeus de países de maioria muçulmana depois da criação do Estado de Israel. A maior parte destes judeus expulsos decidiu emigrar para o recém fundado Estado de Israel. Um contingente menor preferiu a França²⁹. A França tem capítulos pouco elogiosos de sua história que estão relacionados ao antissemitismo. Além do clássico caso Dreyfus³⁰, houve a colaboração

²⁹ De acordo com estatísticas árabes oficiais, 850 mil judeus deixaram os países muçulmanos nas décadas que se seguiram à criação do Estado de Israel, dos quais aproximadamente 600 mil foram absorvidos por Israel. <<https://www.haaretz.com/1.4975313>>. Consultado em 10.04.19.

³⁰ O caso Dreyfus foi um escândalo político que dividiu a França entre 1894 e 1906. Em 1894 o capitão de origem judaica Alfred Dreyfus foi injustamente acusado de repassar segredos militares aos alemães. A opinião pública - massivamente antissemita- assim como a imprensa, tiveram grande papel em continuar a condenação de Dreyfus, até que em 1906 Dreyfus foi reincorporado ao exército francês.

com os nazistas pelo regime de Vichy, o que significou o quase extermínio da comunidade judaica francesa. Ainda assim, os aspectos que minha anfitriã sublinhou para decisão de suas famílias respectivamente materna e paterna para emigrarem para a França eram o trabalho, ou melhor, a missão civilizatória da Aliança Israelita Universal³¹, como me explicou segurando um livro dedicado à história da Aliança Israelita Universal. Seus antepassados habitavam a região do Magreb desde a destruição do Primeiro Templo (a maior parte da diáspora judaica é formada por pessoas vindas depois da destruição do Segundo Templo)³². Ainda sobre as origens, ela gostava de frisar a miscigenação com a população local, embora tenha me escapado que ela falasse em população árabe; o que ela mencionava reiteradamente era a sua descendência berbere e que ela teria antepassados ruivos.

Os seus pais conheceram-se no movimento escoteiro (na sua sessão judaica) do qual ela também participou desde a infância até o momento presente. Em julho de 2015 ela chegou a passar duas semanas no Japão em um acampamento *jamboree*. Revirando os olhos ela entregou o que esperava deste evento: uma série de crianças e adolescentes perguntando a ela, e agora ela modulava a voz para imitar uma criança petulante, “o que é um judeu? O que é um judeu?”.

O pai dela é médico psiquiatra em Paris e havia trabalhado na empresa Renault, tanto que conhecia a cidade de Curitiba, onde vivo, de ouvir falar (uma planta da empresa encontra-se nesta cidade). Sua mãe estudou letras russas e acabou se dedicando à criação dos três filhos. Foi na volta de um passeio que o seu pai me disse que sua esposa tinha escolhido letras russas “pelo amor à língua”, quando interpelei se havia alguma relação com a União Soviética.

Os dois irmãos mais novos são casados, cada um com uma filha. O mais velho é engenheiro enquanto o mais novo é arquiteto, ambos atuando na França. Durante uma reunião de amigos em nossa casa presenciei a cena que narro a seguir. A esposa do irmão caçula é de origem ashkenazita. Os demais amigos, todos judeus

³¹A Aliança Israelita Universal foi fundada em 1860 em Paris por Adolphe Crémieux com o intuito de salvar os direitos de judeus ao redor do mundo. Atuou principalmente na construção de escolas em países árabes e na região que viria a ser o Estado de Israel ao longo do século XIX e começo do século XX.

³² O Primeiro Templo, também conhecido como templo de Salomão, existiu em Jerusalém dos anos 1000 a 586 aEC. Foi destruído por Nabucodonosor II. Foi substituído em 516 aEC pelo Segundo Templo, que por sua vez foi destruído em 70 EC pelos romanos. Cada uma destas destruições gerou uma leva de exilados judeus.

franceses, disseram a ela que ela era a única judia ashkenazita que eles conheciam. Eles sequer sabiam onde ficava uma sinagoga ashkenazita (em Paris).

Ruth tem uma tia avó doente que está em um ancionato em uma cidade vizinha a Tel Aviv, Petah Tikva³³, e que ela visita frequentemente. Ela voltava abalada deste ancionato dado que sua tia avó sofria de alzheimer e não a reconhecia. A tia avó havia emigrado para Israel antes de Ruth o fazer. Certa vez Ruth foi a cidade israelense de Safed³⁴ com a família visitar os túmulos de seus antepassados. Ela contou-me com orgulho que há séculos parentes seus eram enterrados lá. O orgulho devia-se, provavelmente, ao fato de que os túmulos testemunham um vínculo histórico de longo prazo de sua família com a terra de Israel.

Religiosidade

Em Israel minha anfitriã é uma das líderes da Sinagoga de nome Sinai. Embora ela não seja rabina, por vezes toma a palavra e conduz parte do serviço religioso. Trata-se de uma sinagoga progressista localizada próximo ao centro comercial Dizengoff. Ela gentilmente me convidou para participar de um serviço de *shabbat*. O público dessa Sinagoga era inteiro de imigrantes e alguns poucos estrangeiros que estavam de passagem. Não notei a presença de um israelense sequer. O serviço, porém, foi realizado em hebraico. Depois, quando fomos degustar os pratos trazidos por cada um dos membros, ouvi quase exclusivamente pessoas falando em francês, com algumas falando inglês. Eu alternei entre meu francês sofrível e o inglês sofrível de outros convidados. Havia um número particularmente significativo de mulheres jovens na faixa etária dela. Perguntei a ela se essa sinagoga era pioneira em juntar membros tanto da comunidade *mizrahi* quanto da comunidade ashkenazita em Israel e ela confirmou essa impressão.

O rabino da comunidade é homossexual, espanhol e que aprendeu a língua hebraica, da qual era muito entusiasta, já na idade adulta. Seu esposo acompanhava o serviço atentamente. Tive oportunidade de conversar com eles em um momento de festa no começo da minha estadia. O rabino demonstrou-se também muito entusiasta da comunidade sefaradita. Disse-me ele que o problema contra a homossexualidade era uma característica das comunidades ashkenazitas e que ele não havia sofrido de

³³ Petah Tikva localiza-se na parte central de Israel a 23 quilômetros de Tel Aviv.

³⁴ Safed é considerada na tradição judaica uma das quatro cidades sagradas do judaísmo.

qualquer problema relacionado a esse tema. Seu companheiro é argentino e logo me vi, na condição de brasileira, aliada a ele provocando de maneira jocosa e piadística o rabino por sua origem metropolitana, de uma potência colonial que explorara a América Latina.

Ruth tinha uma *menoráh* em seu apartamento, que acendia aos sábados. Um dia eu tive a honra de acender uma das velas. Ruth estava migrando para uma perspectiva religiosa mais tradicional. Era regra da casa que eu não poderia cozinhar presunto ou derivados de porco ou outros alimentos proscritos. Em estado cru ou já cozidos seriam tolerados. Eu não me atrevi mesmo assim e comprei apenas apresuntados feitos a partir de outras bases que não o porco, que são os mais amplamente vendidos nos arredores. Para assegurar que tudo iria bem com a harmonia da casa fiz questão de mostrar a ela que meus apresuntados eram *cashier*. Ela tinha um livro de orações organizado por Ahad Ha'am em sua sala, cuja epígrafe dizia uma de suas frases canônicas: "mais do que os judeus preservaram o *shabbat*, o *shabbat* preservou os judeus." Seu sonho era ter uma cozinha estritamente *cashier*. Algumas regras eu já tive de seguir, como utilizar facas específicas para derivados de leite, carnes e alimentos neutros. Curiosamente os hóspedes que muitas vezes vinham passar apenas alguns poucos dias não eram instruídos a este respeito, de maneira que apenas eu estava sujeita a estas regras. As panelas e frigideiras também deveriam ser separadas por categorias. Ela me controlava para saber se eu estava usando os utensílios de forma adequada.

Ruth, Israel e o Sionismo

Embora Ruth tenha expressado incômodos em relação à vida como judia na França, ela destacava como mote principal de sua decisão para fazer *aliyah*, a sua experiência durante um dos *jamborees*. Ela esperava organizar as atividades dos grupos formados por judeus de vários países em conjunto com o grupo israelense. Para seu grande choque e frustração os israelenses se negaram a fazer um grupo conjunto e fizeram questão de se identificar como um grupo nacional separado. Ruth liga essa experiência ao que ela temerosamente identifica como assimilação judaica dentro do

Estado de Israel, uma concepção em si mesmo interessante³⁵. O desejo de migrar parece vir da convergência entre o crescente incômodo sentido em seu país natal na condição de judia e o seu sentimento que eu considero missionário ou proselitista. Um dos objetivos de sua vida senão o maior de todos é prevenir a “assimilação” do povo judeu em Israel.

Não surpreende que ela um dia tenha chegado esbaforida e contrariada de uma viagem de táxi. Ela relatou uma conversa com o motorista que havia emigrado da Rússia. Houve nesta conversa um estranhamento mútuo. O taxista surpreendeu-se que ela tenha decidido imigrar para Israel mesmo em posse de um passaporte europeu. Este senhor disse que em seu lugar jamais teria escolhido vir para Israel. Ele deixou bem claro que o motivo para a sua saída da Rússia era de ordem política e econômica. Israel foi a única opção que se apresentou. Ruth por sua vez viu mais uma declaração de como as coisas em Israel não andavam do jeito que ela gostaria. “As pessoas não pensam que você pode imigrar devido a motivações sionistas”, ela disse. Sentimento de judeidade e comprometimento como a causa sionista eram fundamentais para ela. Ruth tinha uma biblioteca em casa e a maior parte dos livros era dedicada a personalidades judias francesas, tais como o cantor e artista Serge Gainsbourg (1928-1991), a cantora Barbara (1930-1997) e o quadrinista Joann Sfar (1971-).

Uma história parece ser central na narrativa que ela constrói sobre sua trajetória, dado que me foi contada algumas vezes. Durante as aulas de história, a professora em seu colégio na França falava de maneira entusiástica sobre um rei francês que entrou para a história como um rei bom e benevolente. Esse mesmo rei, no entanto, havia demonstrado uma postura intolerante e odiosa em relação à comunidade judaica. Ruth não conseguia admitir que um julgamento tão positivo pudesse ser feito de um líder que fora sádico com uma comunidade judaica. E sua voz tremulava de mágoa. Ela morou em uma localidade na França onde havia muito poucos judeus. De maneira que muitos de seus amigos e conhecidos jamais haviam tido contato com um judeu e construíram as suas fantasias sobre esse grupo com base em informações muitas vezes estereotipadas. Um deles teria falado: os judeus são gananciosos. Ao que ela respondeu que ela era judia e em seguida perguntou a ele se ele a considerava gananciosa. Ainda sobre a França, ela acha que é um absurdo que bandeiras da

³⁵O conceito assimilação foi utilizado pela própria Ruth. Trata-se de os israelenses judeus progressivamente se conceberem antes como israelenses do que judeus, abdicando de suas características e identidade judaicas.

Palestina sejam hasteadas na França em protestos relacionados a direitos sociais nacionais. Tal demonstração é vista por ela como anti-Israel. Para Ruth, Tel Aviv é “uma certa mistura entre Rio e New York”.

Ruth contou-me um dia mais diretamente a sua visão sobre o sionismo. Ela invocou aquelas que podem ser consideradas as figuras mais centrais deste movimento nacionalista. Segundo ela, Herzl seria o visionário cosmopolita, Ahad Ha'am seria o pai espiritual do sionismo, enquanto o expoente do revisionismo, Ze'ev Jabotinsky (1880-1940) seria aquele que teria garantido a viabilidade prática/militar do projeto. Ruth demonstrou frustração em seu semblante quando afirmou que o que Herzl não tinha esperado era que sua solução para acabar com o antissemitismo teria redundado meramente na conversão do tradicional antissemitismo para um novo, direcionado ao Estado de Israel. A oposição que Israel muitas vezes enfrenta no cenário internacional era, portanto, vista por ela como possível expressão de antissemitismo.

A vida como Imigrante

Assim como muitos *olim*, Ruth trabalhou como garçonne e em outros empregos precários. Além disso, havia trabalhado como professora de francês em uma escola árabe cristã em Jaffa, uma antiga cidade palestina hoje quase que um bairro de Tel Aviv. Ela alugava os quartos de seu apartamento por meio da empresa Airbnb. Contava com uma ajuda adicional dos pais. Trabalhava em um emprego que considerava ser muito abaixo da sua qualificação. Tratava-se de uma empresa de casino *online* que atuava no exterior, porém era sediada em Israel, pois o jogo em casinos é proibido neste país. Ruth formou-se como advogada na França e atuou em sua área onde, segundo ela, tinha um salário mais satisfatório e um estilo de vida mais elevado. Ruth é o contrário do taxista, para ela sacrifícios materiais e financeiros se justificam em nome de um sentimento sionista.

Durante o tempo em que estive em seu apartamento, Ruth não frequentou nenhum curso de hebraico. Porém, havia feito os módulos *alef* e *beit*. Um ano depois, em 2016, entrei em contato com ela e ela me disse ter feito o último nível, *gimmel*, e ter tirado o certificado de proficiência. Daquilo que pude verificar em um contato quase diário de um semestre, o círculo de amizades dessa recém emigrada se restringia a outros imigrantes, e pelo que me lembre, quase exclusivamente falantes de francês. Houve apenas uma situação em que eu ouvi pessoas falando em hebraico, durante

uma festa em nossa casa. E mesmo assim eram poucas as pessoas, pois a festa de aniversário de Ruth tinha como convidados majoritariamente imigrantes de origem francesa.

Ainda sobre as eleições, ela disse que nenhum projeto de fato a entusiasmou. Ela chegou a ir a uma reunião do partido de Netanyahu (1949-)³⁶, o Likud, e criticou o evento por sua falta de reflexão e por um entusiasmo cego com o premiê. “Nós temos Bibi (Benjamin Netanyahu)” teria sido o centro da mensagem. Ruth reclamou na época em sua conta no Facebook que nos locais de votação havia as línguas árabe, hebraico e russo mas não havia francês. Ela foi repreendida/esclarecida nos comentários, já que os falantes de russo eram muito mais numerosos do que os falantes de francês.

Além de jamais ter mencionado a ocupação (não tocamos no tema, provavelmente porque eu não queria me indispor com ela, nem ela comigo), ela afirmou que os judeus ortodoxos sionistas não eram como os muçulmanos fanáticos, eram só excêntricos, e só se preocupavam em viver sua vida diferenciada. Outro hóspede, Vicente, espanhol não judeu e que esteve presente no momento da fala de Ruth, me confidenciou que considerava esta afirmação absurda, pois afinal um ultra-ortodoxo sionista havia assassinado o premiê Yitzhak Rabin (1922-1995) em 1995 em pleno processo de paz.

Ruth tinha um projeto pessoal de divulgação e esclarecimento sobre judaísmo, o que ela praticou comigo, embora de forma comedida. Havia sobre a sua mesa da sala um livro intitulado “*Judaïsme pour les nules*”. Nele estão contidas várias ideias que Ruth me transmitira. Por exemplo: que o significado de ser o povo escolhido era mais um dever do que um privilégio, que judeus podem ser religiosos e não acreditar em deus, que não se trata de a mulher judia estar barrada de praticar os ritos praticados pelos homens, ela seria, isso sim, eximida. Aparentemente sua concepção de judaísmo vangloriava a apreciação de outros elementos culturais, exteriores, embora na sua biblioteca propriamente isto não transparecesse. Ela havia cantado em um coral de Bach, praticava aikido, duas referências não judaicas.

Em “*A very short Introduction to the Israeli Palestinian Conflict*” (2013), Martin Bunton me iluminou para o fato de as *aliyot* (plural de *aliyah*) terem preferido as cidades costeiras do que os sítios de fato sagrados no início da colonização judaica

³⁶ Netanyahu foi eleito premiê de Israel pela quarta vez em 2015. Em 2019 tornou-se o premiê com mais tempo de cargo, superando o fundador do Estado de Israel, David Ben-Gurion (1886-1973).

na Palestina³⁷. Ruth é uma destas tantas pessoas que, apesar de religiosa, prefere ficar próxima ao mar do que próxima a sítios sagrados. Lembro-me dela e da família voltando tanto da praia quanto da sinagoga. Para a família, que banca parte de sua subsistência, faz sentido ter uma filha lá para poder usufruir da praia.

Ruth tinha sua própria visão sobre qual deveria ser a relação entre judeus e não judeus (*goim*). Por um lado, ela temia a “assimilação”, por outro lado, achava positivos os casamentos mistos, pois via com bons olhos uma criança ter dois referenciais. Há ainda outros aspectos que matizam a visão missionária de Ruth. Ela por um lado quer salvar os judeus da assimilação, por outro lado ficou indignada quando o premiê Benjamin Netanyahu foi à principal sinagoga de Paris em 2015 e convidou todos os judeus a fazerem *aliyah*. Ela acha que a decisão cabe a cada um individualmente, sem interferência política. Se a “assimilação interna” de Israel é um problema, ela parece não ver problemas no judaísmo diaspórico.

2. Vivências em Israel: migrações

Migrações

Recebemos certa vez em nossa casa um judeu emigrado de Israel, Eliezer. Ele havia passado pela França e morava, naquela altura, na Alemanha, onde era casado e professor de dança. Em conversa com Ruth ele defendeu a emigração (*yeridah*) alegando que Israel costumava ser um país barato, mas que tinha se tornado um país caro, com poucas oportunidades profissionais, para além de os salários serem baixos. Destacou ainda o que percebia como “características insuportáveis dos israelenses” (sic), como o fato de os motoristas serem “irresponsáveis” no trânsito se comparados aos alemães. Políticas do Estado de Israel também foram objeto de crítica, especificamente a de conceder uma ajuda mensal mais o voucher para o ulpan no primeiro ano de *aliyah*, o que sobrecarregaria, segundo Eliezer, os cofres públicos. Ruth, em contraposição, defendeu o auxílio, lembrando que, em seu caso específico, tinha feito toda a diferença.

³⁷ Tel Aviv, que também têm o epíteto de “primeira cidade hebraica” fica na costa, enquanto que Jerusalém, sede dos sítios mais sagrados do judaísmo, fica no interior. Outros sítios sagrados, como Hebron, ficam além da Linha Verde (Israel de 1967), na Cisjordânia, e atraem colonos judeus que sentem um vínculo histórico com aquela terra.

Judeus Russos

Eyal, amigo de Ruth e dono de uma pequena editora, defendeu em uma de nossas conversas que seu país, Israel, era liberal e aberto para receber novos imigrantes, característica que ele admirava. Eyal disse que o Estado israelense tinha consciência de que a maioria dos postulantes russos à cidadania israelense não era formada por judeus. Segundo ele, havia consciência de que papéis haviam sido fraudados, que pessoas escavaram um antepassado judeu, etc. Mesmo assim “nós os aceitamos todos”, segundo Eyal.

Ruth, que como já se viu anteriormente, estava preocupada com a “assimilação interna de Israel”, via a situação de maneira diferente. Segundo ela, o resultado direto da assim chamada “Grande Imigração” russa, iniciada no final da década de 1980, fora o florescimento de Igrejas Ortodoxas nas esquinas das cidades israelenses. Para nossa interlocutora, este registro arquitetônico e urbanista materializava um problema para Israel, no sentido de que não se deveria convidar para imigrar quem não tivesse uma postura sionista.

Imigração para Tel Aviv e Jerusalém

Meu amigo norte-americano Jon, e tantos outros que conheci, não gostavam de visitar Jerusalém, percebida como cidade mais religiosa e mais conservadora. Seguindo este mesmo tom, muitos me falaram de Tel Aviv como uma “cidade-Estado”, com valores diferentes do resto do país. A maior parada gay do Oriente Médio, por exemplo, ocorre em Tel Aviv: parada festiva e tranquila, celebrada pelo seu entorno, muito diferente daquela que se organiza em Jerusalém, objeto de rejeição, inclusive violenta, por parte de religiosos. Em 2015, ano da minha primeira etnografia, a imprensa noticiou o esfaqueamento de duas pessoas por um religioso judeu durante a parada gay de Jerusalém. Shmoel, amigo de Ruth, que morava em Jerusalém, foi uma voz dissonante em meio às outras e me instou a visitar Israel para além de Tel Aviv.

Já de volta ao Brasil, utilizei um grupo de Facebook, chamado *Secret Tel Aviv*, para fazer uma pergunta. Este grupo congrega em sua maioria imigrantes judeus e algumas vezes de outras procedências e tem como objetivo auxiliar na vida dos recém chegados em Tel Aviv. Perguntei então se os *olim* se sentiam bem acolhidos

em Israel e se os nativos estavam entusiasmados com sua vinda. A resposta que mais “joinhas” ganhou dos meus interlocutores tinha o seguinte conteúdo: “Em Tel Aviv as pessoas não poderiam se importar menos com o fato de você ser imigrante. Alguns perguntam incrédulos porque você decidiu imigrar, já que eles mesmos gostariam de emigrar. Em Jerusalém te dão os parabéns, dizem que você tomou a decisão certa e te dão boas vindas”.

Ditados populares e a imigração

Em conversa informal na sinagoga Sinai com jovens mulheres o tema das relações afetivas com israelenses voltou ao centro das atenções, como com amigas de Ruth que frequentavam sua casa, em mais de uma ocasião. O tom geral era o de ceticismo com relação ao possível namoro com israelenses, considerados “grosseiros” e pouco desejáveis como parceiros. Isto levou-me a perguntar se elas “gostavam de Israel, mas não gostavam dos israelenses”. Algumas concordaram. Este tópico me lembrou das conversas que tive no ulpan e de alunos que relataram a resistência dos israelenses em receber e integrar imigrantes (mesmo judeus). Não me recordo onde ouvi este ditado, mas que parece significativo para a questão que aqui se coloca: “Israel gosta de imigração, mas não gosta de imigrantes”, ditado que revela certa fricção entre nativos e *olim*.

3. Aspectos de Tel Aviv

O Brit Milá

Foi em minha primeira estadia, em 2015, que tive a oportunidade de ir a uma festa de *Brit Milá*, cerimônia na qual um rabino corta o prepúcio de um bebê do sexo masculino. A cerimônia tem múltiplos sentidos, sobretudo o de, do ponto de vista religioso, afirmar, no corpo, a aliança de Deus com o povo de Israel. Yonathan, o bebê, era filho de Eyal, amigo de Ruth. A mãe chamava-se Dafna. Em uma configuração que pode ser considerada notoriamente ligada à liberdade de costumes da cidade de Tel Aviv, Eyal e Dafna não formavam um casal no sentido amoroso. Havia sido namorados há muito tempo e resolveram juntos ter um filho, sem que isto implicasse

uma relação. Eyal contou-me que faria o *brit* (como é carinhosamente chamado) apenas para atender pressões sociais.

Durante a festa uma senhora de meia idade engatou uma conversa comigo, de teor mais corriqueiro. Perguntei a ela o que achava da cerimônia do *brit*. “Uma cerimônia primitiva, uma selvageria”, disse ela. Perguntei se ela era mãe. Ela era mãe de dois meninos. “E eles fizeram o *brit*?”, perguntei. Contou-me que sim, ao que perguntei por qual motivo? Um pouco constrangida ela suspirou; “porque todo mundo faz”.

O rabino veio acompanhado de uma maleta cujo conteúdo eram textos sagrados e os instrumentos de corte. O bebê foi sedado com vinho e o corte foi feito diante de olhos do público, além de câmeras, embora algumas pessoas se recusassem a olhar. O rabino esqueceu o nome da mãe, o que a enfureceu um pouco. Esta experiência em uma festa de *brit milá* atesta para a força da tradição de um dos pilares do judaísmo. Mesmo que os costumes sejam liberais (pais não casados), e possa haver contestações à cerimônia por parte de alguns participantes, o bebê passa pelo processo de circuncisão. Tratava-se, enfim, de um dia de festa, quando amigos e parentes reafirmam laços sociais e afetivos.

Restaurantes casher e imediações da Gordon Beach

Nas redondezas da rua Ben Yehuda, onde morei em 2015, aproximadamente 1/3 dos restaurantes era *casher*. Chamou minha atenção que, na semana de *pessach*³⁸, muitos passaram a ser *casher* especificamente para a data. Certa vez eu estava em um restaurante, durante o *pessach*, e duas amigas vieram para comer e perguntaram se o restaurante era *casher*. A garçonete disse: sim, estamos servindo *casher*, mas nós abrimos aos sábados em geral. Para aquelas mulheres isto não era *casher* suficiente e elas foram embora sem consumir.

Yogev, um amigo que morara naquela região uma década antes, disse-me que a quantidade de restaurantes *casher* havia aumentado muito. *Hiloni*, ou seja, “secular”, este meu amigo não via a proliferação com bons olhos, mas sim como um sinal de que a sociedade se tornava mais religiosa. É possível também, especulou, que

³⁸ Pessach, muitas vezes chamado equivocadamente de “páscoa judaica” é a data que celebra a libertação dos judeus da escravidão no Egito em 1446 A.E.C.

aqueles restaurantes atendessem aos turistas judeus franceses que acorriam às praias próximas ao Ulpan Gordon como a Gordon Beach.

Além dos restaurantes *casher*, Tel Aviv exhibe, como costuma ocorrer em uma cidade cosmopolita, elementos diversos de religiosidade. Ao entardecer era comum ver homens trajados em roupas tradicionais pretas (judaicas) passeando pela praia. Famílias de ortodoxos passeavam no final da tarde pela orla, muitas faziam piquenique. Ouvi reprimendas de amigos meus, para quem era um absurdo que o Estado custeasse as famílias religiosas (os homens religiosos recebem um subsídio do governo para estudar textos judaicos), onerando os cofres públicos e os demais contribuintes seculares.

Observei algumas meninas religiosas pesadamente trajadas para o verão, com o corpo todo coberto. Certo dia, andando pela praia, me deparei com uma cena curiosa. Diante de uma boate, na região de Gordon Beach, havia em suas escadarias dezenas de mulheres trajadas como ortodoxas rezando fervorosamente na escadaria do estabelecimento. Mesmo em Tel Aviv há, portanto, oposição de religiosos ao estilo de vida mundano e liberal que marca a cidade.

Em certos bairros é possível ouvir mesquitas entoando rezas por alto-falantes no meio da madrugada. O único contato que eu tive com a população palestino-israelense foi no supermercado, onde é comum encontrar palestinos trabalhando em funções como caixa³⁹.

Eleições

Em 2015 cheguei a Israel poucos dias depois das eleições nacionais. Meus convivas contaram-me que amizades de longa data haviam sido desfeitas por conta de posições políticas conflitantes. Em momentos posteriores a este pude sentir o desgosto de eleitores com os resultados, sendo que eleitores de espectros conflitantes se mostravam frustrados. Não conheci uma pessoa que se mostrasse satisfeita com o resultado - o que certamente revela o caráter marcado do meu círculo de relações. Eu

³⁹ Estes trabalhadores palestinos em Tel Aviv podem fazer parte a) da população palestina de cidadania israelense, que gira em torno de 20% da população de Israel dentro da fronteira de 1967 ou b) trabalhadores palestinos que atravessam a fronteira com a Cisjordânia por meio de checkpoints e têm uma permissão para entrar em Israel. Palestinos de Gaza tem acesso a Israel quase que exclusivamente por razões médicas. Em outras localidades do país, como a cidade de Haifa, a população palestino-israelense é mais prevalente do que em Tel Aviv.

imediatamente associei a polarização e politização das eleições ao contexto brasileiro e compartilhei minha experiência. Um de meus convivas, um senhor gentil e cheio de vida, o sr. Tau, me convidou para acompanhar seu passeio pelo café, onde, dispersos, se encontravam seus amigos.

Para minha grande surpresa, encontramos no café o escritor Uri Avnery (1923 - 2018). Conversei com ele, uma criatura doce e solícita que, apesar da idade avançada, interessou-se pela minha pesquisa. Contei-lhe que conhecia textos seus e que o admirava. Ele sugeriu-me assinar sua *newsletter*, onde constantemente publicava artigos. Não quis mais importunar seu momento em uma roda de amigos.

A personagem Uri Avnery merece uma atenção mais detida. O historiador israelense Tom Segev afirmou sobre ele quando de sua morte: “Ele era uma pessoa odiada e uma pessoa amada. Eu acredito que se criássemos uma lista das dez pessoas que moldaram a israelidade, ele certamente estaria entre elas”⁴⁰. Avnery nasceu na Alemanha e com a ascensão do nazismo imigrou para a Palestina do Mandato Britânico em 1933, aos 10 anos de idade. Aos 15 anos juntou-se à milícia judaica Irgun, que combatia concomitantemente palestinos e britânicos em busca de assegurar a fundação do Estado Judeu. Posteriormente desencantou-se com a ideologia e os métodos do Irgun.

Lutou na Guerra de Independência de Israel, quando foi ferido, e sua percepção sobre o conflito mudou radicalmente. Passou a acreditar que existia um povo palestino com o qual era necessário fazer a paz⁴¹. Nas suas palavras: “Eu não acredito que naquele tempo havia 10 pessoas que pensavam assim. Hoje é um consenso mundial”⁴². Na década de 1950 passou a editar o periódico *HaOlam HaZe* (“Este Mundo”), um jornal independente em uma época em que os jornais de partido eram a norma.

Avnery foi eleito para o Knesset, o parlamento israelense, em 1965, ocupando uma cadeira por uma década. Entre seus feitos, destaca-se o encontro com o líder da Organização da Libertação Palestina Yasser Arafat (1929- 2004) em 1982, no auge da Primeira Guerra do Líbano que Israel travou dentro das fronteiras deste

⁴⁰ <<https://www.nytimes.com/2018/08/20/obituaries/uri-avnery-dead.html>> Acesso em 01.10.2019.

⁴¹ Durante o mandato britânico da Palestina todos os cidadãos eram chamados de palestinos, sendo classificados entre “judeus” e “árabes”. Quando houve a Nakba em 1948, os habitantes fugidos/expulso foram tratados pelas autoridades israelenses como “árabes”. Apenas quando a Organização da Libertação da Palestina foi fundada em 1964, o termo “palestino” para se referir a esta população ganhou o vocabulário internacional e paulatinamente entrou no discurso israelense. Avnery é, portanto, um precursor desta percepção em Israel. <<https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-what-israelis-call-palestinians-and-why-it-matters-1.5424214>> Acesso em 06.10.2019

⁴² <<https://www.nytimes.com/2018/08/20/obituaries/uri-avnery-dead.html>> Acesso em 01.10.2019.

país⁴⁴. Naquele momento Arafat era visto por israelenses judeus apenas como um grande terrorista⁴⁵. A mãe de Avnery o deserdou por conta do encontro. Em 1993 fundou o *Gush Shalom*, traduzido como Bloco da Paz. Nas décadas seguintes Avnery foi ficando mais isolado à medida que Israel adotava uma postura mais à direita.

Em sua última coluna escrita em vida, em 7 de agosto de 2018, para o jornal Haaretz⁴⁶, Avnery recordou-se de uma discussão amigável que havia tido com Ariel Sharon (1928-2014)⁴⁷. Enquanto Sharon se considerava “primeiro um judeu, depois um israelense”, Avnery adotava a fórmula oposta, privilegiando sua identidade israelense. Em uma entrevista ao jornal Haaretz, Avnery afirmou: “Fui eu que inventei o termo pós-sionista”⁴⁸, afirmando ainda que o sionismo já havia atingido o seu objetivo. Na mesma entrevista afirmou que deixava sua herança para a causa da paz que incluía alterar a bandeira e o hino nacional de Israel.⁴⁹

Ainda no café, passamos por mais um amigo do Sr. Tau. A conversa seguiu o seu rumo até chegar na espinhosa questão das eleições recentes. Então os amigos trocaram alguns desagravos. Nos retiramos do local depois que o amigo disse, em hebraico- “Netanyahu é o premiê do povo israelense! Do povo!”, frisou, dando a entender que outros candidatos atenderiam a grupos elitizados.

Nestas eleições Benjamin Netanyahu elegeu-se mais uma vez premiê de Israel encabeçando o partido de direita Likud. Algum furor foi causado porque esse político disse que os árabes estariam se dirigindo para a votação “em manadas”, o que foi visto como pejorativo em relação à população árabe. A cidade de Tel Aviv na verdade vota de maneira diferente do resto do país. Uma cidade mais rica, mais liberal,

⁴⁴ Conhecida no Líbano como “a invasão”, a Primeira Guerra do Líbano de 1982 foi causada pelos constantes atritos entre a Organização da Libertação da Palestina (OLP), que se abrigava no sul do Líbano, e o exército israelense. Um dos resultados da invasão israelense ao sul do Líbano foi o deslocamento da OLP para Trípoli na Líbia.

⁴⁵ Arafat liderou a OLP, organização paramilitar palestina fundada em 1964, que tinha como alvos principalmente civis e militares israelenses. A OLP foi considerada por Israel e os Estados Unidos como uma organização terrorista até a Conferência de Madrid em 1991. Após reconhecer o direito de Israel de existir em 1993, a OLP foi reconhecida por Israel como a organização representante do povo palestino.

⁴⁶ <<https://www.haaretz.com/opinion/.premium-jews-arabs-it-s-time-we-decided-who-we-are-1.6406242>> Acesso em 01.10.2019.

⁴⁷ Sharon foi um político e militar israelense. Como ministro da defesa liderou a Guerra do Líbano em 1982. Foi premiê de Israel entre 2001 e 2006.

⁴⁸ <<https://www.haaretz.com/.premium-still-leftist-after-all-these-years-1.5246069>> Acesso em 01.10.2019.

⁴⁹ Tanto a bandeira de Israel quanto o hino nacional são por vezes alvo de críticas dado que ostentam, respectivamente, um símbolo judaico e um texto judaico, contemplando, portanto, apenas a população judaica residente no Estado.

considera-se mais esclarecida e tende a votar para o espectro de esquerda do Knesset. É provavelmente a esta característica que o senhor sentado no café, eleitor do Likud, se referia quando dizia que seu candidato, Netanyahu, era “do povo israelense”.

Conversei com o médico Adi durante uma festa. Ele disse que os médicos israelenses estão fortemente organizados para proteger os seus interesses. Contou como funciona o sistema de saúde israelense. Uma parte muito alta do imposto sobre o salário vai para a saúde. Isto por si só deveria garantir bom atendimento a todos, dizia. Porém, constatava Adi, quando o paciente precisa fazer uma operação, o hospital faz de tudo para dissuadi-lo, impondo que ele recorra ao sistema particular. As consultas obedecem a uma lógica parecida, segundo ele: são superrápidas, mas no sistema público já indicam alguém na rede privada para a assistência completa. Segundo Adi, o hospital público ganha pouco por operação e precisa comprar tudo do mais barato, ridiculamente barato, de qualidade às vezes risível. Conforme Adi, os israelenses estão pagando duplicadamente por sua saúde. Foi feita uma enquete rápida na festa. Em cerca de 20 pessoas aproximadamente, 6 tinham um plano de saúde particular. Ele é a favor de fortalecer o sistema público de saúde israelense, e não os planos. Ainda falou que a estratégia dos planos de saúde para atrair clientes é criar medo em relação ao sistema público. Aliás, medo é a palavra de ordem de um certo candidato, disse ele, e eu subentendi que se tratava de Benjamin Netanyahu. Porém, desde 2015, filiar-se a um plano de saúde tornou-se compulsório no país. Falamos sobre os médicos cubanos no Brasil. A opinião dele é que são ótimos médicos, treinados pelos médicos da antiga URSS. Adi demonstrava em seu discurso ser favorável à presença do Estado nos assuntos sociais bem como ser simpático às causas da esquerda.

Ainda sobre as eleições, conversei durante a festa com Michael, que é francês, *oleh hadash*, e fala muito bem espanhol, língua na qual nos comunicamos. Ele é cientista político e me contou que estava frustrado com o resultado das eleições, que votara no partido de esquerda Campo Sionista. Disse, porém, que gostou de ver os dois líderes do seu partido, Isaac Herzog e Tzipi Livni, indo à casa das pessoas para falar com elas, em audiências de 15 a 20 pessoas.

4. Pessoas

Menahem Tau

Após a cerimônia de *brit milá* fui convidada para um café pelo senhor Tau, um senhor israelense que me contou durante a festividade estar ainda de luto devido ao falecimento do seu pai. Antes de chegar à experiência no café, alongo-me na narrativa deste senhor, ela merece uma digressão. De acordo com o seu relato, seu pai havia lutado na Segunda Guerra Mundial pelo exército vermelho em dois fronts: Rússia e Manchúria. Logo em seguida lutou na Guerra de Independência de Israel. Comentei então: “são muitos anos de guerra!” Ele concordou pesaroso. Contamos 5 anos no total. Segundo o sr. Tau, o seu pai lutou em um front que não fazia sentido para ele. Perguntou-se: “por que devo matar um oriental? Que mal ele me fez?” Por isso foi para Israel: para finalmente lutar por algo que fazia sentido. O Sr. Tau, no entanto, mostrou desapontamento por esta decisão, ou talvez, mais especificamente, com o seu resultado. No Oriente Médio a vida não faz sentido para ele. Mostrou consternação em relação a Israel. É, pelo que inferi, uma guerra sem sentido esta que se trava contra os palestinos. “Ah, os cafés da Europa sim! Os museus e teatros da Europa, sim!” Contou-me que morou na Alemanha na década de 60, que teve uma namorada alemã. Trabalhava na construção civil e tinha colegas turcos, com quem se dava muito bem. Falou muito bem da organização e eficiência alemãs. Parecia saudoso. Conte-lhe sobre minha pesquisa. Foi um ensejo para que ele me contasse que a língua dos judeus em Israel ser o hebraico não fazia o menor sentido do seu ponto de vista. Que não tinha ligação com quem os judeus eram.

Li muita literatura sobre o conflito identitário dos judeus e em especial judeus alemães antes da Segunda Guerra Mundial para o meu mestrado (WEISS:2012). A admiração de alguns pelos feitos dos alemães, o desejo de participar daquela cultura, de serem aceitos como iguais naquela sociedade passa a fazer parte da vida de boa parte dos judeus de língua alemã pelo menos desde o iluminismo; em nada se antecipava a magnitude avassaladora do Holocausto. O historiador Michael Brenner (2002), em sua análise sobre o princípio do sionismo, sublinha quão identificadas com suas culturas nacionais europeias estavam muitas das figuras proeminentes do movimento, sendo que em muitos casos o movimento era pensado para *os outros* judeus, os desprovidos do leste, sendo que líderes da Europa central não tinham a intenção séria de abandonar suas vidas europeias. Sobre o próprio fundador do sionismo político, Theodor Herzl, Brenner afirma que tudo que ele queria era “apreciar um bom

Apfelstrudel à beira do Mediterrâneo”, querendo dizer com isto que não tinha a intenção de se desprender da sua cultura europeia. Ainda assim, houve, já em terras palestinas, por parte de sionistas durante as primeiras *aliyot*, intentos de aproximação à população árabe-palestina, emulando suas vestimentas, seu modo de vida e até mesmo aprendendo árabe.

Quão europeus ou quão asiáticos se sentem os judeus israelenses (de origem ashquenazita) é uma questão complexa e aberta. Mas o sr. Tau deixa entrever ecos da forte identificação de alguns judeus ashkenazitas em terras israelenses com a civilização europeia.

Shmoel

Conheci Shmoel na casa de Ruth. Ele imigrou há mais de 20 anos, hoje tem 40 e poucos anos. Chamava-se Stéfane na França, nome do qual abdicou quando chegou em Israel. Ficou só com o seu segundo nome, Samuel, que hebraizou. Para ele, quando se faz *aliyah*, ganha-se "uma nova identidade". Falou sobre *oleh*, aquele que sobe, ascende, a palavra para imigrante em Israel. Para ele faz sentido, há uma ascensão espiritual. Ele disse que sim, muitos quando vem a Israel sentem que podem ser menos religiosos, porque agora já não precisam mais proteger o seu judaísmo. Com ele foi o contrário, tornou-se mais religioso. É psicólogo e também dá aulas de história. Trabalha com parentes de falecidos recentes nas guerras de Israel. Perguntei se escolhera a sua área de atuação. Ele disse que foi direcionado pelo estágio para esta área e decidiu ficar lá. Hoje é psicólogo particular. Eu disse que isto deve ser muito difícil... ao que respondeu afirmativamente. Mas ele acredita que lá no fundo do ser humano há “o bem”. Shmoel mora em Jerusalém e vai a Tel Aviv para nadar no mar, coisa que fazia quando criança na França. Perguntei se sentia falta da comida francesa e ele disse que não, que se acostumou com a comida de Israel e gosta. Foi o pioneiro de sua família na vinda para Israel. Depois dele, quase todos os seus parentes o seguiram e estão aqui. Shmoel me incitou a conhecer Israel para além de Tel Aviv.

Shmoel disse que sabe falar hebraico muito melhor do que francês agora. Ele fez o ulpan universitário em Jerusalém, que era bem puxado, disse, “muito mais do que o normal”. Disse que fala francês com Ruth porque ela não fala bem hebraico. Relatou sonhar em hebraico e disse que estes dias leu um texto de Freud em francês,

e aquele texto era estranho, ele não conseguia chegar perto do texto. Observei que quando for velho, provavelmente voltará a pensar mais em francês. Retrucou que sim, que é o que se observa nos asilos. Contou também que uma das melhores traduções de Freud já feitas é para o hebraico, pois há um projeto de tradução da universidade de Tel Aviv que traz professores alemães para discutir os termos.

Tuvit

Conheci Tuvit enquanto ela esteve hospedada na casa de Ruth. Tuvit foi abandonada pelo noivo israelense com o casamento marcado. Ela disse que eles haviam discutido todos os preparativos. Ela mora em Jerusalém com um gato. O pai, israelense, foi para a Holanda quando conheceu a mãe, holandesa. Tuvit é uma homenagem ao avô dela, Tobias. É um nome inventado, incomum. Tuvit se tornou religiosa e, segundo Ruth, ainda está se excedendo nos cuidados da *cashrut* (a lei dietária judaica). Ela tem três cozinhas: uma para carne, outra para leite, outra *parve* (neutra). Ruth já disse que isto não é necessário. Mas Tuvit não quer errar e prefere pecar pelo excesso. Eu cozinhei um ovo no *shabbat* e perguntei se ela queria, e ela me respondeu: “Eu não poderia ter cozido este ovo. Eu não poderia ter pedido para você cozinhar este ovo, mas como você ofereceu o ovo cozido espontaneamente, eu vou aceitar”.⁵⁰ Tanto Shmoel quanto Tuvit não usam o computador, não acendem nem apagam a luz ou qualquer utensílio elétrico no *shabbat*, conforme prescreve a *halachá*, lei religiosa judaica.

Quando pessoas religiosas estavam na casa durante o *shabbat* eu era instruída a deixar as luzes do corredor acesas, para que eles não tivessem de acendê-las nem ficassem no escuro (já que segundo a *halachá*, lei religiosa judaica, não é permitido acender quaisquer objetos no sábado).

Tuvit perguntou-me se poderia perguntar-me se eu era judia⁵¹. Disse que, na Holanda, seria falta de respeito. Segundo ela, isto remonta ao fato de que não

⁵⁰ É proscrito aos judeus praticantes cozinhareem durante o *shabbat*.

⁵¹ Se em alguns países, como na Índia, é comum perguntar em um primeiro contato qual a religião de uma pessoa (ver: PEIRANO, 1988), em países como o Brasil isto é incomum. No Brasil, no entanto, é comum perguntar sobre a origem étnico-nacional. O judaísmo apresenta esta ambiguidade, de ser uma comunidade religiosa, mas também étnica. Do ponto de vista dos israelenses (incluindo imigrantes), faz sentido distinguir entre judeus e não judeus. A presença de judeus em Israel é vista como auto-explicativa, enquanto a presença de não judeus (e o seu interesse pelo país) requer explicações.

poucos holandeses entregaram os judeus aos nazistas sem titubear, porque "achavam que era certo fazer o que as autoridades mandavam". Ela disse que mesmo hoje dentro da comunidade judaica só pessoas com intimidade podem saber o seu endereço. E "um judeu não deve sair por aí revelando o seu endereço".

Falamos sobre o paralelo das diferenças entre Israel/Holanda e Brasil/Alemanha⁵² e chegamos a conclusão que nós duas desenvolvemos o mesmo jogo de cintura e sabemos do que a outra está falando. Ela argumentou que as pessoas são muito queridas em Israel, mas meio esculhambadas e diretas demais. Ao admirar a palmeira da frente da sacada balançar na tempestade ficamos especulando sobre palmeiras, solo arenoso, latitudes, etc., tudo sem consultar o Google, porque era proscrito para ela. Alguns anos depois, por meio de redes sociais, soube que Tuvit encontrou um novo noivo em 2016 e casou-se por volta de meados de 2017.

Noemi

Noemi ficou hospedada na casa de Ruth por algumas semanas. Belga, trabalhava com ópera e teatro em seu país. Noemi estava em Israel com dois propósitos. Um primeiro de coletar depoimentos da então juventude da Guerra de 1948 (também chamada de Primeira Guerra Árabe-Israelense pela historiografia que se quer mais neutra ou chamada de Guerra da Independência em Israel) para um documentário sobre o tema e para o qual também estava captando recursos. Em segundo lugar, procurava um parceiro amoroso israelense.

Em seus últimos meses na Bélgica havia encenado sua peça de teatro em Antuérpia, baseada em diários de prisioneiros da Segunda Guerra Mundial. Sua peça fora um fracasso, embora ela a considerasse boa, porque os atores "não compraram realmente a ideia". Além disso, a peça teria sofrido um boicote do público devido ao fato de Noemi, a diretora, ter pedido a cidadania israelense. Esta foi uma experiência muito frustrante para Noemi, creditada por ela ao antissemitismo que grassaria na Bélgica.

Em 2017 ela casou-se, e no ano seguinte teve sua primeira filha.

Zaneta

⁵² Assim como Tuvit já havia morado na Holanda e em Israel eu já havia morado no Brasil e na Alemanha.

Tcheca de nascimento, Zaneta tem muitas histórias fantásticas para contar e se sentia muito à vontade para fazê-lo no corredor onde ficávamos no intervalo no ulpan. Sua história familiar é uma história de negligência beirando o abuso. Lembro-me de um intervalo quando contou como sua mãe perguntara se ela sentia saudade da família, ao que respondeu que não sentia nenhuma. As duas conversavam pelo telefone, a mãe na República Tcheca, a filha em Israel. Zaneta contou-nos que várias vezes durante a infância havia passado fome. Que havia pedido a sua mãe para que fossem ao supermercado para comprar ovos e pães para que pudesse dormir jantada. Embora considere sua experiência familiar triste, ela buscou explicar o contexto do seu nascimento e do porquê foi tão menosprezada pela mãe. A mãe teve uma menina como primogênita, mas sempre quisera um filho. Esse segundo filho nasceu, porém antes de completar um ano acabou falecendo, nos braços da mãe. Segundo o relato de Zaneta, a enfermeira havia aplicado uma injeção mortífera na criança por saber que a criança não suportaria, porém não contou nada a mãe. Depois desse filho homem tão desejado nasceu Zaneta, que acredita que para ter sido mais amada deveria ter nascido menino.

Ela contou que sua irmã vivia um estilo de vida formidável que era sustentado pelo tráfico de drogas organizado pelo marido. O esquema foi descoberto, o marido foi preso, e agora a irmã vai visitá-lo na cadeia com o bebê deles. Zaneta lê essa situação como proveniente da falta de estrutura familiar e educação que recebeu em casa. Adela, nossa colega de classe e também tcheca, contou-me que os pais de Zaneta eram alcoólatras. Na República Tcheca Zaneta trabalhou como atendente da Vodafone, emprego do qual se orgulha e que dizia dar um retorno bom financeiro. Soube apenas ao final de minha estadia que ela havia namorado um rapaz árabe que a traiu e pelo qual ela nutre grande mágoa. Zaneta parece transferir a realidade que vivenciou em sua vida, de um homem árabe irresponsável e abusivo por um lado, e um homem judeu responsável e “família” por outro, para todo o mundo. Em outras palavras, ela desgosta de árabes. Infelizmente eu não estava no dia em que, segundo me contaram Jon (nosso colega de classe norte-americano) e Adela, separadamente, Zaneta teria dito em sala de aula que os árabes eram terroristas, o que, segundo minhas duas fontes, causou consternação na sala de aula, com alunos acusando-a de ser racista. Em outra ocasião já havia observado um aluno, Iosi, acusando-a de racismo e acusando o noivo dela de implantar tais ideias em sua cabeça.

Zaneta e o noivo israelense conheceram-se em Ibiza, onde ela estava trabalhando e ele estava passando férias. Segundo ela, no último dia ela ficou terrivelmente doente. Ele ficou cuidando dela, sendo que pouco se conheciam. Ele disse a ela que, se ela não melhorasse, ele cancelaria o voo para continuar cuidando dela. Essa foi provavelmente a segurança que ela nunca antes havia sentido na vida.

A família de Oren, o seu marido, é religiosa. Entendo que a família nuclear é o que se poderia chamar de tradicional ou *masorti*. E pelo menos parte da família estendida deve ser ortodoxa, mas não ultra-ortodoxa. Concluo isso pelas descrições que ela faz da família. Segundo Zaneta, a família do noivo valoriza que ela se vista de maneira “modesta”, o que quer dizer com pouca pele à vista. É inadmissível visitar alguns dos parentes com alguma manga mais curta, que não cubra os cotovelos. Zaneta frequentemente denunciava o que entendia como hipocrisia da família do seu marido bem como da família estendida. Para ela a palavra “modéstia” não se aplicava ao estilo de vida luxuoso e aos vestidos absurdamente caros que a família estendida consumia.

Ela é uma filha de pais proletários de um ex-país comunista, é crítica ao comunismo, à mentalidade dos seus pais, que porém possivelmente ainda comunga de muitos dos seus valores. A conversão ao judaísmo, imposta pela família do noivo para antes que os dois tenham filhos (para que os filhos possam nascer judeus do ventre de mãe judia e assim serem judeus), faz menos do que nenhum sentido para ela.

Já a ouvi contando aspectos positivos da família do noivo, basicamente quão “família” são, aspecto esse que ela contrasta com a própria família tcheca. Porém jamais a ouvi tecendo algum comentário positivo a respeito da religião. A “hipocrisia” (nas suas palavras) religiosa de seu próprio noivo a incomoda muito. Houve um dia no qual ele a impediu de comer um sanduíche de presunto (proscrito pela *halachá*). Ela ficou indignada com essa história já que ela “ainda não é judia”. Segundo a interpretação do noivo já é hora de parar de comer presunto. Ela, porém, denuncia que ele só a controla, pois transgride as leis religiosas quando é do seu interesse - por exemplo, dirigir de carro pela cidade durante o sábado (também proscrito pela *halachá*).

Certo dia, no corredor, durante o intervalo do ulpan, Zaneta e Clara conversavam. Zaneta provavelmente fazia o que faz de costume: extravasava a sua frustração com as imposições do judaísmo com as quais agora têm que lidar em sua nova vida de pessoa em processo de conversão. Clara afirmou que a avó dela, francesa

católica praticante, respeitava o judaísmo porque afinal, depois da vinda dos netos, como Clara, era “o sangue dela”. A mesma avó, segundo o relato de Clara, que neste trecho ganhou um tom de piada, assustou-se com o genro porque este “era árabe e ainda por cima judeu”⁵³. Clara estava convencendo Zaneta de que o judaísmo é legal. Ela resumiu: para você ser judia você tem que acreditar em deus e admitir que o rabino sabe mais do que você.

Quando organizamos um piquenique na praça da Independência, próxima ao Ulpan Gordon, todo mundo levou algo. Zaneta esmerou-se e fez doces. Nesta ocasião Zaneta deu a entender que acha os judeus prepotentes e com um senso de superioridade. Isto pode estar ligado ao fato de ela ter entrado em uma família judia em uma posição subordinada.

Certa vez organizei um encontro em casa onde Zaneta mais uma vez ventitou suas frustrações em relação à conversão. Lívia, outra colega de classe, brasileira, que tem uma sogra convertida da qual ela gosta muito, ouviu as histórias de Zaneta e apoiou-a, mostrando-se contrariada quando Zaneta trazia à tona aspectos menos li-sonjeiros do processo.

Encontramo-nos, Zaneta e eu, em 2017 para comer panquecas. Zaneta vestia roupas modestas- uma saia bem comprida. Ela falou várias vezes que se sente “horrrível” nestas roupas, mas que o namorado a apoia, dizendo que ela está linda, e que sem ele ela jamais conseguiria passar pela conversão. Contou que a família dele disse: “ainda bem que temos uma nora que está se convertendo” pois supostamente ela explica para eles o significado daquilo que eles apenas reproduzem automaticamente. A origem da família do marido é marroquina. Eles casaram-se na República Tcheca pois isto facilita o processo de conversão. Ela mostrou-me as fotos.

Diferente das reclamações que Zaneta tinha no começo da conversão, quando o namorado não permitia que ela comesse presunto mas andava de carro durante o sábado, ele passou a seguir à risca os preceitos religiosos, inclusive rezando todos os dias de manhã.

Zaneta e Rina (uma colega de classe da Geórgia) começaram uma amizade no ulpan. Zaneta foi ao casamento de Rina. Segundo Zaneta, Rina mudou totalmente o estilo depois de casar. Passou a se vestir de maneira chique. Rina, que é religiosa, disse a Zaneta que um dia todo o processo de conversão vai fazer sentido

⁵³ O pai de Clara tinha origem magrebina, percebida pela avó francesa do “árabe”.

e ela vai encontrar deus. Zaneta me disse: “eu sei que sou uma boa pessoa”. “Se o terceiro ser humano, Caim, matou Abel, eu nunca matei ninguém, não precisa de muito para ser uma boa pessoa.”

CAPÍTULO III - A HISTÓRIA DO HEBRAICO E DOS ULPANIM

1. Renascimento do hebraico

O renascimento do hebraico e o planejamento linguístico a ele associado inserem-se no conjunto mais amplo de fenômenos linguísticos ligados a minorias étnicas, populações em processo de descolonização e movimentos nacionalistas que buscam revitalizar suas línguas percebidas como originárias como forma de assegurar suas identidades étnicas ou nacionais. Desde pelo menos a Revolução Francesa as línguas faladas e línguas de ensino de populações inteiras têm sido objeto de políticas de Estado ou políticas identitárias. No que concerne a questão nacional, segundo Nic Craith:

Com o Movimento Romântico a língua foi primeiro evocada como base para a construção de um senso de nacionalidade particularmente entre classes médias alemãs e italianas. Na primeira metade do século XIX a língua provia o argumento central para a construção de novas comunidades imaginadas. (NIC CRAITH, 2003, p. 71, tradução nossa)

A percepção da língua como base para uma comunidade imaginada levou algumas populações que não se identificavam (mais) com a língua que haviam, total ou parcialmente, adquirido ao longo do tempo em virtude de processos históricos (como a colonização, mas não apenas) a buscarem revitalizar/ renascer suas línguas originárias sendo que:

O renascimento com o objetivo de planificar uma língua (ou torná-la literária) refere-se ao esforço de restaurar uma língua com poucos ou nenhum falante para ser usada como meio de comunicação normal na comunidade. (HORNBERGER, 1994, p.79, tradução nossa)

Dentre as comunidades que buscaram e ainda buscam reviver suas línguas encontram-se maoris, irlandeses, galeses, catalães, bretões e bascos⁵⁴ entre outros. Do ponto de vista dos linguistas, o hebraico é constantemente citado como o único caso de sucesso inequívoco neste tipo de empreitada. (NAHIR:1977:111)

Historicamente a revitalização da língua hebraica, chamada por seus apoietas de “renascimento”, teve um papel fundamental na modernização da identidade judaica. Esta “invenção da tradição” (HOBBSAWM, 1997) por excelência colaborou para que a nação judaica tal como proposta pelo moderno sionismo imaginasse-se como “redescoberta”, “reelaboração” de uma antiga nação judaica situada em Eretz Israel, nome judaico para a Palestina.

Quando da minha estadia em Tel Aviv em 2015 muitas pessoas me perguntavam o que eu estava fazendo ali e eram informadas, para a surpresa dos meus interlocutores, que o meu mestrado havia sido sobre a “Guerra das Línguas” entre, principalmente, o hebraico e o ídiche no contexto do movimento sionista antes da fundação do Estado de Israel (o período pesquisado em meu mestrado foi de 1897 a 1914 enquanto a fundação do Estado data de 1948). A reação de um senhor, com quem eu conversei em um café em Tel Aviv é significativa para a reação de muitos outros interlocutores. A respeito da Guerra das Línguas o senhor disse: “é óbvio que a língua do futuro Estado judeu seria hebraico”. Pude perceber em muitos este anacronismo. Se fosse óbvia a escolha do hebraico não teria havido a Guerra das Línguas. O senhor complementou: “só por meio do hebraico se entenderiam todas as diásporas inclusive aquelas provenientes do Oriente Médio”. De fato, a aposta no hebraico se mostrou valiosa quando houve o influxo de várias diásporas que no início não estavam tão na conta dos sionistas, como os *mizrahi* (provenientes de países árabes e muçulmanos). Este argumento foi inclusive utilizado por sionistas defensores do campo hebraísta, como Ahad Ha’Am. Mas a surpresa dos meus interlocutores provém de um anacronismo que não considera quão pesadamente europeu e ashkenazita era o movimento sionista em seus anos primeiros de formação, por volta do Primeiro Congresso Sionista em Basiléia em 1897, nem que até o final do século XIX 90% por cento dos judeus era de europeus (KARADY, 2000, 17), sendo eles majoritariamente ashkenazitas.

⁵⁴ A promoção linguística do *euskera*, idioma originário do país basco, é analisada por VILLALÓN (2011).

Durante o período da diáspora, antes do surgimento do movimento sionista, as comunidades judaicas atendiam ao padrão de fala triglóssico.

Essencialmente, na maior parte das suas diásporas, judeus foram plurilíngues, usando três principais classes de língua para propósitos diferentes e tendo graus de proficiência diferentes em cada uma delas. A primeira era hebraico (ou, mais precisamente, hebraico-e-aramaico, ou *leshon-hakodesh* - a língua da santidade) como as línguas para a vida religiosa, estudo e literamento. A segunda era uma variedade de língua judaica (como judeo-grego, laaz, ídiche, judeo-arábico, ladino, judeo-tat, para mencionar apenas algumas) para a vida cotidiana na comunidade judaica. A terceira era uma língua gentia para o contato com o mundo não judeu ao redor deles. (SPOLSKY and SHOHAMY, 1999, p.10, tradução nossa)

Com a *Haskalá*, a ilustração judaica, o hebraico ganha vida como língua culta e não só como língua religiosa. Além disso, figuras como Moses Mendelssohn (1729-1786) passam a advogar que os judeus adotem a língua gentia ou o hebraico como língua dominante, descartando o ídiche, que passa por um processo de desvalorização e até mesmo de vilipendiamiento. O ídiche, no entanto, ainda é a língua materna de milhões de judeus ashkenazitas.

Quando surge o sionismo político, no final do século XIX, a questão da língua da futura nação judaica revivida ainda está em aberto. Embora já no Primeiro Congresso Sionista haja um discurso do Rabino Ehrenpreis a favor do hebraico (WEISS: 2012), o líder do sionismo, Theodor Herzl, ainda acredita que seria impossível comprar um bilhete de trem na língua que, até então, só cumpriu, seja na sua versão religiosa ou laica, uma função erudita. Ele teria preferido alemão, inglês ou francês, ou uma “solução suíça” multilíngue. Já no leste europeu, tendo Odessa como epicentro, aumentava o público leitor de jornais publicados em hebraico. As massas judias europeias, no entanto, falavam esmagadoramente a língua ídiche.

Neste contexto atua o herói nacional quase mítico Eliezer Ben Yehuda (1858-1922), que dá nome a ruas importantes em Jerusalém e Tel Aviv, esta última próxima ao Ulpan Gordon, objeto de minha pesquisa. Nascido Eliezer Perelman, Ben Yehuda imigrou em 1881 para Jerusalém, onde passou a fazer da sua vida um manifesto pró-hebraico, falando somente essa língua com os judeus ao seu redor e criando

o seu filho para ser a primeira criança a ter o hebraico como língua materna em milênios. Em 1884 começou a publicar o seu semanário em hebraico, *Ha-Zvi*. Talvez Ben Yehuda seja mais famoso pelo dicionário que compilou, abarcando todos os períodos da história do hebraico e incluindo neologismos criados por ele. Embora o papel de Ben Yehuda seja objeto de debate na academia (ver: Ron Kuzar: 2001), sua posição como ícone nacional persiste, vide o teste de admissão ao *ulpan* que transcrevo no capítulo IV.

Adiantando-se ao Congresso Sionista, uma leva de imigrantes provinda do leste europeu, conhecida como a Primeira *Aliyah* (1882-1903), já ensaiava o “renascimento” do hebraico nas escolas e jardins-da-infância. Para Benjamin Harshav (1993) foi na fundação da cidade de Tel Aviv, produto da Segunda *Aliyah* (1904-1914) que se deu a troca das línguas anteriores, notadamente o ídiche, para o hebraico.

Na imprensa sionista, bem como nos congressos sionistas, eclode uma “Guerra das Línguas”, constituída de um virulento debate sobre qual deveria ser a língua da nação judaica revigorada: o ídiche ou o hebraico. Com a guinada hebraísta, as vozes a favor do ídiche são silenciadas e o hebraico passa a ter a primazia (WEISS: 2012). A língua hebraica passa, nas primeiras décadas do século XX, a estar identificada com o heroísmo pioneiro sionista, enquanto o ídiche passa a estar identificado, da ótica sionista, com a passividade e anomalia da vida judaica na diáspora. A partir de então a língua hebraica passa a estar identificada com o próprio projeto sionista (enquanto o ídiche passa a ser identificado principalmente com o projeto bundista, o socialismo autonomista judaico).

Declarações de que a língua é ao mesmo tempo antiga e flexivelmente moderna são tidas como prova de que a comunidade judaica na Palestina é a continuação legítima de uma nação antiga. (KALEKIN-FISHMAN, 2004, p. 65, tradução nossa)

Para o escritor palestino-israelense Anton Shammas, que escreve em hebraico, a imposição da língua hebraica como língua corrente em Israel teria sido “o único triunfo do sionismo”. Triunfo este que faria pessoas como o pai de Shammas, um falante de árabe, se tornarem estranhos em sua própria terra por não conseguirem navegar o ambiente linguístico (SHAMMAS, apud SILBERSTEIN, 1999, p.137).

Com a fundação do Estado de Israel, em 1948, este toma a frente da elaboração do sionismo, apoiado por diversas instituições transnacionais, nacionais e locais, dentre as quais se destaca a Agência Judaica, responsável até os dias de hoje pela promoção da imigração a Israel e pela absorção dos imigrantes. Institui-se, em 1950, a Lei do Retorno, que assegura a qualquer judeu (a ser legitimado como tal por instâncias rabínicas) e posteriormente também filhos, netos e cônjuges de judeus a cidadania israelense. Aposta-se então no sonho de que um dia todos os judeus farão a *aliyah*.

Se Anderson (1983) atribui a “imaginação da nação” no século XIX em grande parte aos romances escritos, que apresentavam uma “paisagem sociológica” da (futura) nação aos leitores, em Israel no século XX o sistema escolar universal implantado a partir de 1948, bem como os *ulpanim* de diversos tipos, tomam a frente deste processo, capitaneado pelo Estado. Apesar de, em tese, haver autonomia para cada professor: “A maioria dos professores enxerga sua tarefa como incluindo motivação sionista além de língua hebraica” (SPOLSKY e SHOHAMY, 1999, p.102) Tradução nossa.

A língua hebraica, um século depois, continua ocupando um importante lugar simbólico para a nação e os que ingressam nela. Referindo-se aos membros do Knesset, o parlamento israelense, na década de 2000, Kalekin-Fishman asserta:

Aprender a língua hebraica é repetidamente mencionado como a chave para uma absorção de sucesso. Também é presumido que se as pessoas entenderem a língua quando imigram estão muito menos sujeitas a deixar o país. (KALEKIN-FISHMAN, 2004, p.108, tradução nossa).

2. Situação linguística hoje: árabe, russo, ídiche, francês

Durante minhas estadias em Tel Aviv, várias pessoas tentaram falar russo comigo, fosse no supermercado ou na rua, provavelmente tomando meu fenótipo por russo. Quando da minha visita à Palestina em 2017, tive a oportunidade de percorrer a Jerusalém Oriental, onde se ouvia o árabe palestino nas ruas. Ainda em São Paulo, no bairro dos Jardins, tive a oportunidade de ouvir judeus ultra-ortodoxos falando ídiche, fenômeno que se replica nestas comunidades em Israel.

Segundo o *Bureau Central de Estatística de Israel*, em 31 de dezembro de 2018 a população do país contava com 8.972 milhões de habitantes sendo 74,3% deles judeus, 20,9% palestinos e 4,8% classificados como “outros”. (http://www.cbs.gov.il/reader/newhodaot/hodaa_template_eng.html?hoda=201811394). Consultado em 12.03.2018).

Dentre os judeus a língua predominante é a hebraica, embora muitos imigrantes da onda migratória que começou em final dos anos 1980 ainda falem russo e ainda haja senhores e senhoras de mais idade que falam árabe (pois trata-se de imigrantes judeus de países de língua árabe). O amárico é presente na comunidade etíope e o francês na comunidade sefaradita do Norte da África - e certamente entre os franceses que hoje se dirigem a Israel. Nas comunidades ultra-ortodoxas é comum o uso de ídiche como língua cotidiana, e não são poucos os grupos que se expressam em castelhano com forte sotaque argentino.

Na paisagem linguística de Tel Aviv observa-se que as ruas têm nomes em três línguas, as línguas dominantes do país, hebraico (em letras maiores), árabe e inglês. O antropólogo Leonardo Schiocchet chamou-me a atenção em um grupo de trabalho da 30ª RBA em João Pessoa que os nomes das localidades não estão escritos em árabe mas são transcrições do hebraico para o árabe, como acontece com Jerusalém, que não é representada nas placas como Al-Quds, seu nome árabe, sendo uma transcrição de Yerushalaim: Jerusalém em hebraico.

Embora árabe e hebraico sejam línguas oficiais em Israel, isto não se dá de maneira simétrica. Nem sempre as decisões do Knesset são traduzidas para o árabe, ou então isto ocorre de maneira vagarosa. Enquanto nas escolas de maioria judaica a segunda língua obrigatória é o inglês, sendo árabe apenas uma eletiva, nas escolas de maioria árabe a segunda língua obrigatória é o hebraico. Embora os deputados árabes do Knesset possam usar árabe como língua na tribuna poucos escolhem fazê-lo.

Além disso, o inglês tem se tornado uma língua cada vez mais relevante, por permitir que Israel tome parte no processo de globalização, por manter o avanço científico (a instrução no Instituto Weizmann, por exemplo, é nesta língua) e também como forma de manter contato com a diáspora (SAFRAN, 2005).

3. História do ulpan

Com as levas de imigrantes que não tinham ideologia sionista antes de aportar em Israel, durante e após a fundação do Estado em 1948, tornou-se premente a questão do ensino de línguas via ulpan para concretizar os ideais sionistas do “*melting pot*” (mistura de exílios). Isto acarretou que gerações nascidas de pais muitas vezes políglotas foram tornadas monolíngues: falantes única e exclusivamente de hebraico.

O primeiro tipo de ulpan foi o residencial, com aproximadamente 25 alunos em cada classe. Tornou-se padrão o módulo ser de 5 meses, ainda prevalente hoje. O exército foi fundamental na difusão do hebraico no período próximo da Guerra da Independência (1948), entre 1947 e 1949. Problemas comunicativos entre os recrutados recém-imigrados levaram à obrigatoriedade de aulas de hebraico para este grupo. Aproximadamente 200 mulheres, em geral soldadas, eram responsáveis por lecionar hebraico aos recrutas (FISHLER, 1990). Depois vieram os ulpanim em kibbutz, sendo o primeiro deles implantado em 1951 no Kibbutz Ein Hashofet. Em 1970 havia 100 programas de kibbutz ulpan, que ensinavam hebraico a aproximadamente 20 mil imigrantes e turistas (SPOLSKY E SHOHAMY, 1999, p.101). Também as universidades israelenses adotaram o ulpan como método, oferecendo cursos para turistas e imigrantes. Em julho de 1995 havia aproximadamente 1000 salas de aula de ulpan sob a supervisão do ministério da educação.

Em um artigo dedicado em primeiro plano ao sentimento de “traição” percebido pelas mulheres polonesas e iraquianas em relação aos kibbutzim na década de 1950, que não forneceram a elas a educação superior que esperavam, Aziza Khazoom discorre sobre a frustração destas mulheres em relação ao ulpan dos kibbutzim. Enquanto havia a promessa dos emissários sionistas de que outros tópicos seriam estudados, apenas aulas de hebraico foram administradas, e ainda de um hebraico não culto, contrariando a expectativa destas mulheres. (Khazoom, 2014)

No princípio da década de 1980, P. Katz realizou uma pesquisa análoga à minha em quatro ulpanim distintos (KATZ, 1982), onde o autor não encontrou discrepâncias nos ambientes por ele etnografados e, portanto, não discrimina entre eles. Neste contexto o autor apresenta os ulpanim como agentes de aculturação e homogeneização dos imigrantes, onde é proeminente a “mistura dos exílios” (*ingathering of*

exiles) sob a égide da ideologia sionista. É útil destacar que neste momento da história israelense, mais especificamente segundo dados de 1976, quase noventa por cento da população judaica israelense é formada por imigrantes ou filhos de imigrantes, muitos deles com passagem pelo ulpan. O autor refere-se a uma “transformação étnica” direcionada pelo ulpan, segundo a qual os imigrantes deveriam aprender a ideologia sionista, desenvolver um comprometimento em relação ao sionismo e identificar-se como israelenses. Segundo o autor:

Apesar de os ulpanim serem descritos como exclusivamente classes de língua, o conteúdo cultural da língua e da sociedade israelense era explicitamente transmitido aos alunos. O conteúdo de aula era orientado a educar os imigrantes sobre a história do povo judeu, a justificação religiosa e histórica do Estado de Israel, o significado nacional e religioso dos feriados e os valores dos israelenses na sociedade israelense. O conteúdo do currículo enfatizava símbolos de união nacional, como feriados nacionais, história nacional, heróis nacionais e canções nacionais. (KATZ, 1982, tradução nossa)

Se na diáspora o feriado de *hanucá* comemora um milagre acontecido durante a reinauguração do templo no século II A. E. C., no ulpan transformou-se em uma cerimônia na qual cada aluno com uma vela simbolizava um soldado do moderno exército israelense. Uma vela era para o ministro da defesa, Moshe Dayan (1915-1981), outra vela simbolizava um soldado recentemente morto num atentado terrorista, enquanto outra simbolizava o herói sionista do pré-Estado, Josef Trumpeldor (1880-1920). Personalidades caras ao sionismo, como as mencionadas anteriormente, não podiam ser postas em questão. Quando um aluno questionou porque Eliezer Ben Yehuda obrigava a sua família a falar hebraico quando quase ninguém falava hebraico, se esta seria a melhor atitude para se ter, recebeu como resposta “nós estávamos construindo um Estado e recriando uma língua”. No ulpan os imigrantes eram encorajados a deixar de lado seus antigos nomes e a adotar nomes em hebraico. Evitava-se falar do passado dos imigrantes. Sob os auspícios do professor de hebraico os alunos transformavam a aula por vezes em um fórum de como resolver os seus problemas de uma maneira israelense.

Daniel Lefkowitz oferece um depoimento que possibilita entrever questões caras ao presente trabalho. O linguista estadunidense relata uma situação vivida em

um ulpan universitário na década de 1990, quando houve “a grande imigração” (SIEGEL, 1998) de judeus provindos da extinta URSS. Ele tomou parte numa sala de jovens do ensino médio e da universidade que buscavam o ulpan para melhorar seu hebraico e ingressar na universidade.

Lefkowitz disserta:

Eu achava que a instrução naquelas aulas era incrível mas muitos dos meus colegas de classe não compartilhavam deste sentimento. A fricção entre os professores israelenses veteranos e os imigrantes russos refletia uma luta por identidade subjacente.

O currículo do ulpan incluía pesadas doses de lições sobre identidade israelense e judaica. Os estudantes eram levados em viagens de campo a bases militares e ao edifício do parlamento, por exemplo. Os imigrantes russos eram festejados nas bases militares, preparando-os para o serviço militar que muitos dos garotos iriam logo iniciar e que o Estado queria que todos desejassem. Os estudantes voltavam excitados destas apresentações ao exército e muitos mostraram-me contentes fotos suas tiradas segurando uma arma ou andando num tanque. No final do meu trabalho de campo muitos dos homens da minha classe já tinham ingressado no exército.

Uma outra excursão levou os alunos do ulpan a Jerusalém para visitar o Knesset (o parlamento israelense) e o Yad Vashem, o museu israelense do Holocausto. Estas visitas refletiam o desejo do ulpan de ensinar aos novatos russos valores israelenses de democracia e identidade judaica. O Knesset simboliza para os israelenses a tradição de governo democrático que os israelenses usam para construir sua identidade em oposição às formas de governo autocráticas no entorno do Oriente Médio. Os israelenses sentiam que os imigrantes russos, vindos de um contexto comunista, também precisavam ser educados com ideais democráticos. Estes sentimentos apareceram em sala de aula, quando professores frequentemente se engajavam em acalorados debates com os estudantes sobre o significado da democracia, do capitalismo e outros conceitos que os professores israelenses julgavam ser unicamente israelenses.

A visita ao Yad Vashem pretendia imbuir os imigrantes russos de uma orientação adequada de herança judaica. Os professores sentiam que estes imigrantes tinham vindo a Israel sem uma noção suficiente de identidade judaica. A intensidade da mensagem de socialização do ulpan foi revelada a mim um dia em sala de aula quando a professora ficou brava com Marina, uma aluna particularmente atenta. Marina deixou a professora irada ao dizer que ela já tinha um senso de herança judaica.

Professores e alunos expunham a sua frustração. Os alunos sentiam-se frustrados porque não se ensinava vocabulário para o seu exame de admissão. Os professores estavam frustrados porque os alunos russos aparentavam rejeitar a estrutura pedagógica de imersão na língua. Os estudantes conversavam em russo ao longo dos períodos de aula e frequentemente interrompiam exercícios de língua para conferir entre si (em russo) e chegar à resposta correta. Eles também demonstravam grande interesse em discutir tópicos que os instrutores israelenses achavam inadmissíveis. Rússia, língua russa e serviço militar russo. De fato, a única vez que os alunos russos se engajavam em conversação em hebraico era quando conversavam comigo nos intervalos - eles e eu não compartilhávamos de nenhuma outra língua em comum. (LEFKOWITZ, 2004, p.139-140, tradução nossa)

O relato acima nos permite assinalar que, durante a década de 1990, os ulpanim não são apenas escolas de língua, mas também de nacionalização, ou seja, de israelização. No caso dos imigrantes russos, considerados pelas autoridades israelenses, pela mídia e público em geral “muito pouco judeus” (ver Siegel, 1998), as escolas tornam-se espaço de evidente judaificação (na sua versão israelense).⁵⁵

O valor da identidade judaica diaspórica, por exemplo, é colocado em xeque pelas atividades “nacionalizadoras”. Esta perspectiva ainda se encontra dentro do paradigma sionista, ou, então já pertence ao paradigma neossionista. O autor - que está lá de maneira transitória, para fazer uma etnografia e, portanto, não sente que está “sendo nacionalizado”, considera as aulas sensacionais, enquanto aqueles que estão sendo apresentados a um modelo do que se espera deles, não compartilham da mesma opinião. Embora, do ponto de vista puramente pedagógico, talvez as aulas sejam incríveis, como diz o autor americano, o jogo de identidades produzido naquele ambiente afeta a percepção que se tem delas.

Também durante um trabalho de campo feito nos anos 1990, Golden observou as interações entre *olim* russos e sua professora de ulpan, conforme relatado no trabalho de Maybaum (2008). O trabalho de Golden enfocou o papel da transmissão cultural por meio da linguagem, bem como a reação dos alunos a estas aulas carregadas de ideologia. A autora postula que o método da professora se baseava em um paradigma adulto-criança. Segue o relato de Maybaum, contendo parte da etnografia de Golden:

⁵⁵ Meu orientador, Omar Ribeiro Thomaz, contou-me de uma senhora de origem georgiana que chocou-se ao chegar em Israel em 1990: “esperava encontrar judeus, mas encontrei israelenses”.

A instrutora do ulpan via seu próprio papel como o de uma mãe em relação ao seu filho: “Eu sentia que eu estou aqui (para ajudá-los) a começar a andar.” (Golden 2001, 57). Os novos imigrantes, no entanto, não sempre aceitavam a posição de receptáculo passivo para a imersão cultural, mas de fato jogavam um papel ativo no processo de sociabilização. Frequentemente, os imigrantes admitiam serem posicionados como a “criança” da relação (por exemplo, quando aprendiam canções infantis, participavam em atividades tipicamente infantis relacionadas a festivais, etc.) e estavam certamente ansiosos para aprender como “as coisas funcionam” em sua nova sociedade. Eles, no entanto, também se rebelavam contra este enfoque, especialmente quando a professora fechava as possibilidades de debate aberto quando o *background* e a ideologia dos imigrantes conflitava com mensagens que a professora estava tentando promover. Golden (2001, 64) narra a luta por agência entre Adina, a instrutora israelense, e Vadim, um estudante imigrante da classe: em uma sessão, em resposta a uma série de comentários cínicos da parte de Vadim sobre o *establishment* político e religioso de Israel, Adina olhou para mim com um olhar de desespero divertido e fez comentários sobre o cinismo incorrigível de Vadim. Ela então sugeriu, como que por remédio, que cantássemos uma música: “Agora chega de política — estou vetando isto — vamos apenas cantar. Eu decidi que vocês têm que aprender canções israelenses”. A primeira canção que ela escolheu, chamada “azul e branco”, descreve as cores da bandeira israelense. Vadim, infatigável, protestou: “Há política em toda palavra. Por que não azul, branco e vermelho?” Aqui podemos ver que Adina quer controlar a discussão sobre política israelense e tenta cortar os comentários cínicos de Vadim. Explorando o seu papel de autoridade como “transmissora de cultura” ela tenta mudar o foco da classe para longe da política durante a atividade (supostamente) puramente cultural de cantar. Vadim, no entanto, não aceita esta mudança, e impõe a sua agência ao reintroduzir a questão política, forçando Adina a examinar suas próprias convicções sobre sociedade. Em outro momento, Golden (2001, 65) relata suas observações sobre as atividades do Dia da Lembrança (Remembrance Day): no dia 6 de maio de 1992 a aula caiu no mesmo dia que o Dia da Lembrança às vítimas que morreram nas guerras de Israel. Adina, além de adotar uma postura inusualmente pessoal, ao lembrar suas próprias memórias infantis da guerra de 1967, conduziu os alunos ao parque local. Lá a sala parou em frente a uma placa comemorativa que descrevia a batalha e listava os nomes dos soldados judeus mortos. Ela leu a placa em voz alta e com esforço explicou o hebraico um tanto erudito aos alunos. Nós todos sentamos em um banco próximo e Adina leu um breve trecho sobre as origens da bandeira israelense.

Então ela apresentou o texto do poema “A bandeja de prata” do poeta israelense Nathan Alterman. Ela apresentou o poema dizendo “toda criança aprende este poema no jardim-da-infância— é sobre um menino e uma menina que são “a bandeja de prata” —o sacrifício— sobre a qual o Estado foi entregue ao povo judeu.” Ela então leu o poema em voz alta. Até este ponto, o posicionamento de Adina como “adulta” e de seus pupilos como “crianças” nesta interação parece ser uma ordenação social aceitável para os imigrantes: ela os leva para um passeio no parque, conta contos de sua própria infância e explica o significado histórico e cultural daquele dia. Adina então lê um poema em voz alta, que ela explicitamente diz aos seus alunos imigrantes que as crianças israelenses aprendem no jardim-da-infância. Quando ela terminou a leitura, depois de uma pausa, David disse: “como podem os pais viverem com isto? (perder uma criança na guerra). Adina disse que havia “um consenso na sociedade israelense relacionado à necessidade de defender o Estado. Vadim falou sobre as implicações da guerra ao educar crianças e perguntou “por que eles ensinam as crianças a serem contra os árabes? O que o futuro reserva?”. Adina disse que ela não queria conversar sobre isto. “Por que não”, perguntou Vadim, enquanto um dos alunos, David, parte de um papel infantil ao refletir sobre a experiência dos pais que perdem crianças na guerra. Vadim então faz uma pergunta politicamente carregada, que Adina tenta silenciar ao reivindicar seu papel de “adulta”. Como vimos no exemplo anterior, Vadim não aceita ser relegado ao papel de criança, uma posição na qual não pode expressar suas visões em pé de igualdade com Adina. Além da rebelião dos alunos contra as tentativas de sua instrutora de definir estreitamente seus papéis sociais como “adulta/mãe” e “crianças”, Golden (2001) observa que “marcadamente ausentes na sala de aula estavam as discussões sobre o passado dos imigrantes” (58). Esta falta de reconhecimento da vida passada dos alunos durante o tempo de aula avança mais na imposição da interpretação da professora de seus papéis sociais. Ao formarem suas identidades israelenses, portanto, outras identidades são ignoradas. O único aspecto válido de suas auto-definições anteriores que eles podem trazer consigo é a sua identidade judaica, e mesmo isto é redefinido na imagem que a instrutora de ulpan está tentando construir. (MAYBAUM, 2008, p.10, tradução nossa)

A tônica dos eventos relatados por Golden não desvia muito daqueles apresentados por Lefkowitz, com exceção do comportamento e programa pedagógico claramente infantilizador da professora Adina. Na parte de meu trabalho dedicada à apresentação de análise de meus dados etnográficos trarei minha (nossa) experiência com

o “*Remembrance Day*” mencionado no texto, ou Yom Hazikaron em hebraico, o “Dia do Lembrança”.

Ainda no tocante à relação com os árabes-palestinos, levantado pelo aluno Vadim na etnografia de Golden, Daniel Brecher (2005) afirma que, novato em Israel, ele foi instruído por diversas pessoas (e mesmo no ulpan onde esteve) no sentido de perceber o árabe-palestino como “inimigo público”. Isto levanta a questão de como a guerra israelo-árabe é tratada (ou silenciada) ao longo do curso intensivo de hebraico para imigrantes e coopera para saber até que ponto Israel vive e se representa a partir de uma perspectiva pós-sionista.

Alguns autores defendem que, com a “grande imigração” das repúblicas da ex-URSS, finalmente foi deixado de lado o paradigma de forte característica sionista, que exigia dos imigrantes o abandono de seu universo cultural anterior, incluindo aí sua língua, e assumissem o hebraico na vida pública e privada e adotassem o judaísmo na sua versão israelense (ver TOPEL, 2008). Ou seja, um certo multiculturalismo adotado de distintas formas e com maior ou menor intensidade nos anos 1960 e 1970 em países como Inglaterra, Canadá e Austrália teria finalmente vingado em Israel, em especial no seu sistema escolar para imigrantes. Como vemos nos relatos de Lefkowitz e Golden, no entanto, este processo, se de fato em curso, não era, ao menos na década de 1990, de todo unívoco.

Nas décadas de 2000 e 2010, com o fim da “Grande Imigração”, muda o perfil dos alunos do ulpan. Embora algumas instituições judaicas insistam na sionização da diáspora, visando inclusive captar judeus para fazer *aliyah*, muitas passam agora a reorientar-se, em algum grau, considerando que, dada a pouca disposição de emigração para Israel, aprender a língua hebraica passa a ser um imperativo para manter o vínculo com o Estado de Israel, na maioria dos casos em estágios nos ulpanim de Israel. Os potenciais *olim* situam-se agora em países onde, de maneira geral, há estabilidade econômica, bom entrosamento com a população local e um decréscimo do antissemitismo. O exemplo mais proeminente é a comunidade judaica estadunidense que, ao lado de Israel, tornou-se no século XX o maior pólo do judaísmo no mundo.

Ainda assim, continua um influxo ao país, principalmente de jovens adultos, por intermédio de instituições transnacionais, nacionais e locais, desejosos de cumprir o ideal sionista de “retornar” a Israel. Muitos alunos não judeus passaram a integrar

as escolas, em sua maioria trabalhadores vistos como temporários pelo Estado, mas que desejam regularizar sua situação.

A etnografia proposta nesta tese busca verificar como o jogo de identidades entre diferentes agentes se produz no lócus do ulpan e até que ponto os professores sentem que não há uma identidade judaica suficientemente elaborada por parte dos alunos. Busco descrever a dinâmica de aula, e o que ela tem a dizer sobre o debate acerca de a sociedade israelense já se encontrar num paradigma pós-sionista, ou então neossionista, bem como quais as formas de imaginar a nação israelense e a judaidade tal como se confrontam neste espaço.

4. Os ulpanim hoje

No sítio do ministério da aliyah e da integração o ulpan é definido da maneira como se segue: “Ulpan is a framework for learning the Hebrew language”, ou seja, o ulpan é uma estrutura para se aprender a língua hebraica. Do ponto de vista institucional, contemporaneamente, são deixados de fora os aspectos de potencial assimilação ou aprendizado de israelidade. A formulação do ministério é a mais neutra e menos comprometedora possível.

O sítio também informa que o ulpan é uma ação conjunta do ministério da aliyah e integração, ministério da educação e Agência Judaica. Estes três órgãos oferecem o ulpan gratuito do Estado para os olim hadashim por 500 horas. Após estas horas quem quiser prosseguir com os estudos ganha polpidos descontos nos próximos níveis. Também existe a possibilidade de se pedir vouchers para estudar em ulpanim particulares.

A tabela abaixo representa a ajuda de custos mensal fornecida pelo ministério da aliyah e da integração para famílias imigrantes com chefes de família de até 55 anos por um ano. Na coluna à direita encontra-se o valor convertido em reais no dia 22.10.2018. NIS é o New Israeli Shekel, a moeda de Israel.

FAMÍLIA	VALOR (NIS)	VALOR (REAL)
Solteiro	1,524 NIS	1535,82 Reais
Casal	2,179 NIS	2200 Reais

casal + criança	2,491 NIS	2510 Reais
casal + 2 ou + crianças	2,839 NIS	2860 Reais
Pai ou mãe + 1 criança	2,179 NIS	2200 Reais
Pai ou mãe + 2 crianças	2,491 NIS	2510 Reais
Pai ou mãe + 3 ou + crianças	2,839 NIS	2860 Reais

5. Tipos de ulpan

Além do ulpan urbano, meu universo de pesquisa, existem ulpanim no contexto de alojamentos, o ulpan médico (que enfatiza o ensino de terminologia médica), os ulpanim do exército, e os ulpanim universitários. O ulpan médico e o ulpan universitário serão tematizados nas entrevistas apresentadas no capítulo IV. Além disso, existe um ulpan de conversão religiosa, que compreende 10 meses de curso e onde se ensina conteúdo judaico ao lado de língua hebraica (KRAVEL-TOVI, 2017).

6. A tese de Maybaum

A pesquisadora Rebecca Maybaum, quem eu conheci pessoalmente em 2017, trabalhou com um ulpan kibbutz. A diferença principal entre as condições que ela encontrou ali e aquelas encontradas por mim foram, por um lado, um escopo etário menor (enquanto na realidade por ela pesquisada os alunos de ulpan tinham entre 17 e 27 anos, nos ulpanim que eu pesquisei havia também senhores e senhoras na faixa dos 50-60 anos). Por outro lado, embora houvesse pessoas em minha classe no Ulpan Gordon que, apesar de ter cumprido o processo de *aliyah*, estavam apenas de passagem pelo país, estes eram minoritários e a maioria cursava o ulpan com a intenção de se radicar em Israel. Na realidade pesquisada por Maybaum havia muito mais incerteza quanto a ficar ou partir e a ideia primeira de muitos alunos era, a princípio, apenas passar um tempo em Israel. Ainda a estrutura do kibbutz provia os participantes dos meios de vida necessários, casa, comida e trabalho, enquanto os alunos que pesquisei mantinham-se de outra forma, seja com trabalhos que tinham ao lado do ulpan, seja pela ajuda de custo dada aos *olim* pelo governo, ou algum tipo de ajuda familiar.

Diferente de mim, que privilegiei os embates identitários e os usos do sionismo em sala de aula, Maybaum deu atenção ao significado do aprendizado da língua hebraica para as identidades dos imigrantes. Nas palavras da autora:

De um ponto de vista prático, no entanto, há um grande obstáculo no caminho da integração de sucesso pelo ulpan de identidades judaica e israelense tal como ligadas pela língua hebraica: os próprios alunos. A teoria de que o ulpan pode integrar a identidade judaica dos imigrantes na identidade nacional israelense supõe que os neófitos vão, de fato, estar abertos a uma interpretação do hebraico como elemento central de ambas as identidades. Se o ulpan não consegue convencer os imigrantes judeus de que o hebraico é central tanto para a sua identidade judaica quanto para a identidade nacional de Israel, então a tentativa de apresentar a israelidade como uma extensão natural da judeidade fracassa. A dificuldade, da perspectiva do ulpan (e mais abrangentemente, da perspectiva do governo israelense), é que, na realidade, os imigrantes trazem consigo de seus países de origem suas próprias conceptualizações do que significa ser judeu e o que significa ser israelense. As ideias dos imigrantes nem sempre coadunam com a perspectiva israelense no tocante àquilo que define as identidades judaica e israelense. (MAYBAUM, 2008, p.06, tradução nossa)

Para Maybaum, na ótica do Estado israelense, saber hebraico deve passar parte da identidade judaica dos alunos.

Ao fazer isto, o ulpan elabora a identidade religiosa dos imigrantes judeus (hebraico como a língua da Torah), enquanto a enquadra como central para a identidade nacional israelense (hebraico como língua de interação no dia-a-dia). (MAYBAUM, 2008, p.13, tradução nossa)

CAPÍTULO IV - ETNOGRAFIA DOS ULPANIM

1. Ulpan Gordon – 2015

Minha primeira interação com a escola foi o teste classificatório, que iria determinar em qual nível e em qual sala me encaixariam. Durante a entrevista que se

seguiu ao teste escrito deixei claro que gostaria de frequentar o curso mais intensivo possível, juntamente com os imigrantes, e explicitiei minhas intenções de pesquisa junto à diretora, Guila. Como já relatado na introdução, eu cheguei a frequentar duas aulas na sala que eles mesmos denominam como “de turistas”. Além de não ser congruente com minhas aspirações de pesquisa, nem com meu nível de hebraico, estas aulas, ministradas pela professora Ora, transmitiram-me a impressão de uma relação infantilizadora com os alunos, o que me inquietou.

Tendo a carta da minha supervisora de estágio doutoral, Marcy Brink-Danan, em mãos, dirigi-me à diretora Guila, expliquei-lhe meu projeto de pesquisa e ganhei seu aval para frequentar a turma que me interessava. Sob uma condição: que eu fosse discreta, não incomodasse ninguém e “não causasse confusão”. Aceitei estas condições.

Durante o transcurso do semestre cheguei a conversar mais detalhadamente sobre minha pesquisa com dois alunos, Jon e Ricardo, que me fizeram perguntas mais detidas. No mais, sempre me apresentei como antropóloga, interessada nas questões de língua e nacionalidade, fazendo observação participante, com uma supervisora de estágio doutoral na universidade de Jerusalém. Perguntei-me algumas vezes se Guila havia informado minha professora, Ayelet, das minhas intenções de pesquisa. Já no final do curso cheguei à conclusão de que este não havia sido o caso, dada a insistência da professora em perguntar-me se eu estava fazendo *aliyah*.

O Ulpan Gordon situa-se em uma área valorizada de Tel Aviv, a duas quadras da *Gordon Beach*, que é conhecida pelo seu nome em inglês. Nesta praia badalada, de público jovem, é comum ver pessoas jogando vôlei na areia. A *Gordon Beach* é ligada às praias vizinhas pelo *tayelet*, ou calçadão em hebraico. Caminhando ao longo dele é possível se chegar a Yafo (ou Jaffa em árabe) ao sul, a antiga cidade palestina com arquitetura centenária característica. Ao norte é possível caminhar até o mercado municipal onde há refinados restaurantes e uma multiplicidade de opções de lazer. Ao passear à noite pela *Gordon Beach* pode-se ver uma espécie de pequeno altar, iluminado com velas e decorado por fotos, de um antigo frequentador da praia, um jogador de volêi que faleceu em uma das guerras de Israel contra Gaza.

Uma quadra adiante do ulpan encontra-se a avenida Ben Yehuda, que está repleta de bares e restaurantes, margeando edifícios residenciais baixos, de no máximo cinco andares. Seguindo essa rua e caminhando em direção ao centro encontra-

se o conjunto arquitetônico bauhaus conhecido como “cidade branca”, reconhecido em 2003 como patrimônio histórico pela UNESCO.

Na entrada do edifício da escola há um grande pátio com algumas cadeiras onde os alunos relaxam principalmente durante o intervalo. No gramado há algumas esculturas cujo significado já foi alvo de especulação minha com outros colegas. Contígua à porta de entrada, há uma biblioteca mantida pelo município, muito pouco frequentada, em geral com livros mais velhos e que não parece se adequar às necessidades da maioria dos estudantes (alguns deles sequer perceberam a existência da biblioteca até que os interpelei especificamente sobre isto).

Logo dentro do edifício, mais cadeiras e uma cafeteria formada apenas por máquinas automáticas. Ao lado direito, encontra-se a secretaria e, ao lado esquerdo, pode-se acessar os três lances de escada que levam aos andares superiores. Nas paredes do hall de entrada encontram-se quadros antigos de líderes sionistas e alguns de Jerusalém. Embaixo de um deles lê-se: “Jerusalém: capital indivisível⁵⁶”. Naquela que seria nossa sala de aula, na parede dos fundos, havia frutas e legumes retratados com os seus respectivos nomes em hebraico descritos abaixo. Na parede, ao lado da lousa, havia um mapa físico de Israel e imediações, sem discriminar, portanto, as fronteiras políticas controversas. Cheguei a entrar em outras salas e, embora os cartazes que estavam afixados ao fundo e acima do quadro variassem, o mapa físico estava presente em todas elas.

A dinâmica das aulas me pareceu bastante familiar e tradicional. Assim como a vivência de sala de aula também não me surpreendeu muito. Muitos aspectos da experiência ecoaram em mim vivências passadas de sala de aula. O fato de haver graus diferenciados de comprometimento com o andamento do curso por parte dos alunos; a espacialidade da sala de aula (mesas e cadeiras enfileiradas em linhas), o fato de alguns alunos sentarem sempre nas mesmas cadeiras, enquanto outros (em

⁵⁶ Jerusalém Oriental pode ser considerada a “joia” dentre os territórios conquistados por Israel na guerra de 1967. Em 1948 a Jordânia havia anexado a Cisjordânia, incluindo Jerusalém oriental. A política da Jordânia foi de negar o acesso de israelenses a estas áreas, que incluíam, em Jerusalém, os sítios mais sagrados do judaísmo: o Monte do Templo e o Muro Ocidental (Western Wall em inglês, Kotel em hebraico). A partir de 1967, Israel adotou a política contrária a de seu predecessor e garantiu o acesso de muçulmanos e cristãos aos seus respectivos sítios sagrados. O anseio (neo)sionista pós-67 era de que Jerusalém fosse para sempre uma cidade unificada sob a soberania israelense. Isto estava em flagrante contraste com a expectativa palestina de fazer de Jerusalém (oriental) a sua capital. Este anseio só foi abalado em 2000 em Camp David, quando, durante negociações de paz, Israel cogitou dividir Jerusalém entre uma parte palestina (oriental) e uma parte judaica (ocidental) (KLEIN: 2005). No entanto, Camp David fracassou e a cidade continua segregada segundo etnia/nacionalidade/religião, porém sob a soberania de Israel.

menor número) variavam o lugar de sentar; as afinidades que foram se criando em virtude da configuração espacial, ou que foram se projetando nela. Da mesma maneira, encarei com familiaridade as tentativas da professora de pôr ordem na sala e suas repetidas requisições de silêncio. Não foi estranho que alguns alunos, e em especial Adela, causassem mais transtorno, nem me causou surpresa quando, no limite das forças, Ayelet gritou para Adela: “*I’ll kill you!*” (a única surpresa neste caso foi pelo fato de a exclamação ter se dado em inglês, e não em hebraico, o que li como um agravante).

Parte da dinâmica, no entanto, refletia a experiência internacional ali construída e era, portanto, inédita para mim. Dois grandes grupos se constituíram espacialmente. De um lado, os franco-parlantes, de outro, os russo-parlantes. Como o conceito do ulpan é dar aulas de hebraico em hebraico, estes grupos ajudavam-se entre eles. Muitas vezes a professora introduzia um determinado verbo ou palavra e explicava-o apenas em hebraico. Imediatamente havia movimentação na sala de pessoas assegurando-se do que se tratava. Outras vezes a professora emendava sua explicação com a tradução em inglês. Mais uma vez havia movimentação, ligando aqueles que dominavam a palavra em inglês e os que não a dominavam, bem como o grande grupo que dominava o inglês apenas medianamente. De maneira geral, pessoas com proficiência em mais línguas ajudavam aqueles mais limitados linguisticamente.

Havia ainda a situação em que a professora não se recordava da palavra em inglês, e assim alguém em sala perguntava se se tratava de fato daquele conceito, em inglês. O domínio de inglês da professora não era ótimo. Lembro-me, por exemplo, que ela não soube diferenciar *worse* e *worst*. Mas o seu domínio passivo era bom. A confirmação da tradução de uma nova palavra podia também muitas vezes ser feita em russo, cujo vocabulário ela dominava de forma passiva, conseguindo confirmar palavras. Perguntei a ela durante o curso onde havia aprendido russo. Ela respondeu que foi no próprio ulpan, ao longo de anos dando aulas para turmas de maioria russo-parlante.

Contávamos com um livro de exercícios apenas, figurando frases simples e desconexas que eram propostas para que completássemos preposições, conjunções, verbos e afins. Este livro geralmente era nossa tarefa de casa, que a professora Ayelet corrigia antes de tudo pela manhã do dia seguinte. No mais, a “alma” do semestre foi a folha de verbos que elaboramos seguindo o modelo que ela nos apresentou. Os verbos em hebraico pertencem a certos “edifícios” gramaticais: “*binyamim*”,

cada qual conjugado à sua maneira. À medida que aprendíamos verbos ou suas conjugações, preençíamos as citadas folhas. Uma dinâmica de aula bastante comum dava-se quando, em poder de uma nova palavra ou uma nova conjugação, a professora requeria que todos os alunos, por ordem de lugar, formassem uma frase original com o recém aprendido. Muitas vezes alunos eram aleatoriamente requisitados para a tarefa.

À parte de alguns exercícios de oralidade, não trabalhamos com músicas ou outros materiais de áudio. A aula da professora Ayelet era fortemente centrada na gramática. É relevante notar que, em conversas que tive com colegas durante o semestre e também durante a estadia de 2017, ficou claro que o ulpan não tem uma estrutura pedagógica unificada. A cada professor é dada a liberdade de conduzir sua aula. Neste sentido torna-se importante afirmar que, aquilo que vivi durante minha etnografia corresponde a um universo singular e não é possível expandir esta vivência para todas as classes do ulpan. A presente etnografia, portanto, diz respeito àquilo que *pode acontecer* em uma sala do Ulpan Gordon, e não daquilo que necessariamente *acontece* em todas as circunstâncias.

Os alunos

Nossa sala no Ulpan Gordon abrigava aproximadamente de 23 a 33 alunos (em sua lotação máxima). Embora alguns alunos tenham sido (re) alfabetizados desde o princípio do curso e tenham chegado a prestar a prova de conclusão, percorrendo, portanto, todo o semestre, tratava-se da minoria. A escola trabalha com testes de nivelamento frequentes, sendo que a cada par de semanas podíamos receber alunos novos. Muitos alunos judeus já vêm com rudimentos de língua hebraica de seus países de origem, muitas vezes por terem frequentado, ainda que em tempo limitado, escolas judaicas. Outros alunos, que começaram desde o princípio ou próximo dele, foram deixando a sala por motivos diversos, sendo que algumas vezes não conseguiam, ou acreditavam que não conseguiam, acompanhar as aulas. Tratava-se, portanto, de um ambiente de muita circulação. A sala apenas atingiu uma configuração mais estável perto do último mês de aula. Em minha etnografia trato os alunos que ficaram por algum tempo conosco, embora nem sempre por todo tempo, tendo partido antes do término ou tendo chegado em meio às atividades.

Por meio de exercícios de aula, conversas diretas ou a respeito de terceiros, pude mapear aproximadamente qual era o status dos alunos de nosso curso. A maioria havia imigrado, sendo a maior parte de judeus fazendo *aliyah*, e ao menos duas alunas não judias (Alona e Galina) que estavam imigrando por conta de seus maridos que, auto-identificando-se ou não como judeus, devem ter alguma ancestralidade judaica, que é o que permite candidatar-se para a imigração de acordo com a Lei do Retorno. Zaneta era, a princípio, não judia, mas estava em processo de conversão, devido à exigência da família do noivo israelense. Um aluno não-judeu e inglês, Phillip, havia imigrado há anos por conta de sua esposa israelense e só agora passava a frequentar o ulpan.

Além disso havia judeus desejosos de fazer um estágio em Israel, como o alemão David, que participava do programa MASA⁵⁷ e cuidava de crianças no bairro de Neve Tzedek e que contou-me estar em Israel para conhecer melhor e averiguar a opção de eventualmente emigrar. Jon e Yaelle tinham empregos em Israel e aparentemente mudaram-se por causa deles, embora contemplassem a eventualidade de uma imigração. Por último, um grupo de não judeus como Adela, Kota e eu, presentes pelos motivos mais diversos. Kota, japonês, trabalhava fazendo pontes entre empresas do Japão e de Israel. Os motivos de Adela eram mais difusos, mas em conversas particulares me pareceu sobretudo que ela queria “fugir” da terra natal, a República Tcheca.

Dentre o grupo de judeus que haviam imigrado, incluindo aí Jon, que contemplava a possibilidade, muitas vezes relações familiares eram aventadas como parte da razão para imigrar, embora alguns poucos alunos, como Vlada ou os casais Ilya e Alona e Galina e seu marido (a quem não conheci, por frequentar o curso noturno), aparentemente vieram sem redes familiares.

Dentre aqueles que imigraram não houve como saber quais o teriam feito por necessidade mais do que por opção. Tínhamos ao menos três alunos, dois que vieram com o status de judeu e uma aluna que não, que provinham do leste da Ucrânia em uma época em que as investidas de Putin nesta região eram capa de noticiário -

⁵⁷ Segundo o sítio da Agência Judaica em inglês (<<http://archive.jewishagency.org/experience-israel/program/7663>>, acesso em 13.07.2019), o MASA Israel Journey trata-se de um programa de intercâmbios do governo israelense para jovens judeus do mundo inteiro com o intuito de levá-los a Israel por um período que varia de 4 a 10 meses. Ainda segundo o sítio, desde 2004, ano de sua fundação, o programa já engajou 130 mil jovens. Pode-se considerar este programa adepto do neossionismo, por promover a sionização da diáspora.

bem como o aumento do antissemitismo na região. Em nenhum momento, porém, algum deles classificou-se como refugiado e a guerra foi tematizada em conversa informal comigo por apenas uma aluna.

A questão sobre a origem ashkenazita ou sefaradita (ou ainda, mizrahi) dos judeus é clássica na sociologia e antropologia israelense (ver: YONAH, 2018). No entanto, quase nenhuma oportunidade para discutir estas questões foi levantada em sala de aula. Conversei com 6 alunos a respeito de sua ancestralidade judaica, sendo que 3 tinham origem ashkenazita, um tinha origem mista⁵⁸ (alemã e iraquiana) e dois tinham origem sefaradita. É possível estimar sem exatidão como se compunha a sala, devido à característica demográfica judaica dos países de origem dos alunos. De maneira aproximada, um terço dos alunos provinha da França, um terço dos alunos provinha da antiga ex-União Soviética e um terço de variados países. Atualmente a França conta com uma comunidade majoritariamente sefaradita, composta em especial por judeus de países de maioria muçulmana que foram expulsos após a criação do Estado de Israel. Historicamente a população judaica da ex-União Soviética é de maioria ashkenazita. De maneira que, mesmo não sendo possível estimar um a um a ancestralidade dos alunos do ulpan, pode-se dizer que havia um certo equilíbrio no que toca às suas origens.

Faz-se necessário dizer que, em pelo menos dois casos em que eu tive acesso às histórias familiares dos alunos, apenas os pais eram judeus, não as mães. Questão esta repetida com dois dos meus colegas de moradia que, tendo obtido a cidadania israelense, também tinham apenas pais judeus. Em todos os casos parecia haver um forte senso de judeidade, apesar da herança múltipla.

A maioria dos alunos chegava ao ulpan por carro ou meio de transporte público. Kalman vinha pedalando a sua bicicleta desde Petah Tikva, uma cidade vizinha. Céline vinha de ônibus de Bat Yam, outra cidade vizinha. Alguns dos alunos percorriam grandes distâncias para ir à aula. Poucos alunos estacionavam seus carros próximo ao ulpan.

No transcorrer do semestre e da etnografia surgiram algumas questões que abordo abaixo, ligadas de maneira mais direta ou indireta à questão do sionismo no ulpan e entre os imigrantes dos anos 2010. Quando as questões abordadas abaixo envolvem exercícios de sala de aula, trata-se de discussões feitas em hebraico fácil,

⁵⁸ O uso do termo misto (*mixed*) é êmico e recorrente nas conversas com *olim*.

por vezes com tempo para algum esclarecimento de uma ou outra palavra em inglês. Quando outras línguas são mobilizadas eu aponto este fato.

Quem não é judeu?

Ao se fazer *aliyah*, uma das grandes mudanças para um judeu é da condição de ser historicamente uma minoria para fazer parte de uma maioria. Ao menos até onde pude observar, não houve em minha sala do ulpan uma tentativa de mapeamento por parte dos alunos judeus a respeito de quem seria ou não judeu. Uma exceção me foi relatada por Adela. Segundo ela o aluno Loren, judeu francês, interessou-se avidamente sobre a sua herança judaica, perguntando seguidamente a ela se ela era judia. Adela, que era tcheca, contou-me que tinha alguma ancestralidade judaica por parte de pai. Por outro lado, os alunos não judeus, agora a minoria, pareciam dar valor a saber quem mais não era judeu em classe. Kota, que era japonês e estava em Israel por interesses comerciais, perguntou-me se eu era judia. Ao ouvir minha negativa ele acrescentou que Adela também não o era. Perguntou-me então se *losi* era judeu. Respondi-lhe que sim, havia nascido na Turquia e era judeu.

Kota foi objeto de duas brincadeiras tratando o fato de que, por ter aparência asiática, não poderia, segundo o senso comum, ser judeu. Em uma delas um aluno judeu virou-se para trás, onde estava Kota, e disse: “O que você está fazendo aqui? Você não pertence aqui!”. Trata-se de uma brincadeira que flerta com o *bullying*. Nem eu, nem Adela fomos objeto deste tipo de brincadeira. Talvez porque não fôssemos do sexo masculino e esta brincadeira de tom potencialmente agressivo estivesse restrita à sociabilidade masculina. Talvez porque não fôssemos asiáticas e, portanto, não tivéssemos estampados em nossos rostos a presumida impossibilidade de sermos judias. A segunda brincadeira teve um tom bem diferente, já que o alvo da piada não era ser asiático ou não ser judeu, mas o ser judeu. A professora pediu a Kota algumas folhas de caderno emprestadas. Jocosamente ele respondeu que cada uma custaria 30 shekels. A professora então perguntou se ele era judeu, e a turma riu. É de se imaginar que tal brincadeira fosse lida como de mal gosto, como a aplicação do estereótipo do judeu dinheirista e ganancioso em um contexto onde judeus fossem a minoria. No entanto, em um contexto onde judeus são a maioria, a piada foi bem recebida pelos alunos, que a aprovaram rindo. Subliminarmente, porém, a graça da piada é retirada da suposta impossibilidade de Kota ser judeu.

Havia no ulpan, em outras classes, algumas moças asiáticas que andavam acompanhadas de seus namorados judeus israelenses. Adela, que por vezes se prestou a ser minha informante, e que detinha um bom conhecimento de hebraico, provavelmente o melhor da classe, contou-me que certa vez estava na secretaria, onde um dos namorados das moças asiáticas tratava de assuntos burocráticos com a secretária. A secretária teria censurado o rapaz por namorar uma asiática – e, portanto, “claramente” uma não judia. Ela teria exortado o moço a namorar uma judia e constituir uma família judaica.

Dinâmica da aula, competência da professora e excelência do ulpan

A ideia original do ulpan, concebido para ensinar levas de imigrantes sem uma língua comum era o ensino do hebraico em hebraico. O que observei foi uma tentativa aproximada de conduzir a aula desta forma. Na maioria das vezes a professora explicava uma palavra ou um conceito em hebraico, mas geralmente traduzia para o inglês depois. Os alunos russo-parlantes confirmavam tal palavra ou conceito em russo com ela, já que ela tinha o domínio passivo da língua, obtido no ulpan após muitos anos dando aulas para turmas dominadas por russo-parlantes. Imediatamente após esta tradução, acionavam-se redes no interior da sala para aqueles alunos que não eram nem anglófonos nem russo-parlantes. Os alunos bilíngues cumpriam um papel mediador fundamental para traduzir as palavras ou conceitos, em especial para os francófonos. A composição espacial da sala foi auto-organizada para tal procedimento ocorresse. Os alunos sentavam-se agrupados por afinidades linguísticas com os alunos bilíngues ou trilingues como “pontes” entre os grupos. Observa-se, portanto, que apenas a explicação de hebraico em hebraico não era suficiente.

O que é possível afirmar sobre o afinco dos alunos em aprender hebraico, língua esta que lhes abriria as portas para a sociabilidade e o mercado de trabalho, mas que não era um requisito para a estadia no país? Estariam satisfeitos com como a aula era conduzida?

Certo dia Iosi e Adela ficaram reclamando que a professora não seria culta como eles gostariam. Acredito que foi ele que incitou a conversa. Adela e Iosi ambos têm curso superior e falam várias línguas. Queriam “viajar”, queriam fazer relações, queriam divagar. Inclusive Adela travava um pouco o andamento da aula, perguntando

para além do que estava sendo discutido. Aparentemente a professora tinha uma metodologia clara e não queria discutir etimologia. Este comportamento de Adela rendeu-lhe algumas inimizades, principalmente de Clara, que gostaria que não houvesse interferência no curso programado pela professora. É possível que a professora não tivesse um domínio de inglês bom o suficiente para destrinchar detalhes percebidos como intransigências por parte de alguns alunos. Aliás, ela falava com bastante sotaque. Outra hipótese seria que entrar em pormenores a respeito da gramática em inglês seria interessante apenas para quem domina inglês deixando vários alunos excluídos. Portanto, ficava a recusa de uns e a frustração de outros.

Depois de alguns dias reclamando, Adela notou que todas as palavras que foram dadas no final da aula passada haviam sido recuperadas com o exercício do dia seguinte e ficou superexcitada, achou o máximo e elogiou a professora. Talvez ela e losi estivessem subestimando o método da professora.

Enquanto isto, havia várias pessoas “perdidas” em sala. Uma aluna de meia idade, Sveta, tinha muitas dificuldades. Ela me perguntava algo, eu explicava em inglês e ela pedia para uma outra menina traduzir para o russo. Notei que ela preenchia os cadernos com letras cirílicas, certamente por suas limitações na escrita do hebraico. Sveta desistiu antes do término do semestre. Stanislaw apresentava dificuldades visíveis, embora sentasse bem na frente, e faltasse às vezes. Também desistiu antes do término do semestre.

Dentre os vários alunos que desistiram por não conseguir acompanhar (outros desistiram por questões profissionais) lembro-me também de Olga, que fazia propaganda de seu estúdio de pilates para as francesas, gostava de conversar sobre assuntos quotidianos como meus protetores solares, mas deixava a desejar em termos de rendimento. Adam faltava repetidas vezes e quando voltava fazia perguntas impertinentes típicas de quem está deslocado na matéria. A professora geralmente se negava a responder. Soube por Adela que Zaneta, que não ia muito bem, estudava quatro horas por dia em casa. Uma aluna que, sem curso superior, esforçava-se muito para acompanhar.

A professora Ayelet muitas vezes chegava mais tarde e demorava mais para retornar à sala. Assim que começava o intervalo, a professora desaparecia da sala. Uma conversa extra-oficial, exatamente aquela na qual muitos alunos poderiam divagar sem atrapalhar o transcorrer da aula, parecia impossível. Durante a ausência da professora, Immanuelle por vezes ia à frente da sala de aula e fingia que estava

dando aula. É possível que esta fosse uma crítica bem-humorada à professora, que demorava tanto.

Fizemos algumas poucas provas que tinham um valor apenas simbólico antes da prova de final de ano, esta sim para obter um diploma. Diante da primeira prova uma aluna de meia-idade ficou muito nervosa e disse algumas vezes: “esta é a primeira prova que vou fazer em 10 anos!” Tivemos duas alunas em sala, Irina e Rina, que tiraram nota máxima nesta primeira prova. Havia os alunos compenetrados, que não faltavam e iam bem.

Quão competente é o ulpan?

Ao longo do semestre questioneei alguns colegas sobre a sua satisfação em relação à qualidade do ulpan e da professora. Em geral os alunos diziam estar satisfeitos. Não foi o mesmo que ocorreu com Jamie, uma nova-iorquina de outra classe que veio a Israel por causa do noivo. Certa vez ela estava sozinha no intervalo e conversamos. Antropóloga, ela se interessou pela minha pesquisa. Perguntei se ela estava satisfeita com a sua aula. Ela disse que não e inclusive alguns alunos de sua classe já haviam ido reclamar na direção. Eu perguntei se a direção fora receptiva às críticas. Ela disse que ainda não sabia do resultado das críticas. Eram dois professores na sala dela. Segundo o relato de Jamie, além de não combinarem bem o programa (deixando “furos”), usariam metodologias diferentes (um dava ênfase na escrita, outro na fala). Esta configuração não me pareceu necessariamente ruim, mas não agradou a Jamie.

Em outra ocasião, Jamie e eu conversamos sobre as aulas de hebraico e ela expressou que considerava o professor dela “*not culturally sensitive*”, pois faria desastrados estereótipos de alunos de diversas procedências na sala dela. Ela também comentou que compartilhou com os amigos israelenses que não estava gostando do ulpan. A reação deles foi de relativa descrença; eles afirmaram que o ulpan tinha que ser bom. Jamie me falou: “pois é, supostamente eles (os israelenses) são conhecidos por este método de sucesso do ulpan. Supostamente o ulpan é um método revolucionário e especial.” Depois ela deu a entender que neste e em outros contextos sentia os israelenses “esnobes”. O ufanismo israelense, que pude perceber em muitos momentos durante a minha estadia, aplica-se, segundo o relato de Jamie, também à

excelência do ulpan, esta instituição tão nativa e tão presente no desenvolvimento nacional.

Engajamento para falar hebraico e integração das diásporas

Historicamente o ulpan serviu de lócus para o *melting pot* das levas de imigrantes, ao menos idealmente. Nos anos 2010, no ulpan Gordon, era possível observar que durante o intervalo os imigrantes agrupavam-se entre os seus, falando as suas línguas nativas, ou menos frequentemente, falando inglês entre membros de países diferentes.

Presenciei uma notável exceção. Eu havia conversado com Victoria, ucraniana de uma turma nível *beit* (B) que me contara que já tinha feito ulpan em seu país natal e que tivera dificuldades de se matricular no Ulpan Gordon por falta de vagas. Enquanto eu conversava no pátio em inglês com Jamie, Victoria interveio e assumiu para si uma espécie de papel de polícia do hebraico. Ela disse em tom reprobatório: por que vocês não estão falando hebraico? Direcionando-se a mim emendou: ainda estes dias você falava hebraico comigo! Jamie e eu continuamos falando inglês o que teve como resultado uma nova investida policialesca de Victoria.

Certa vez eu conversava com Martine, uma senhora francesa da nossa classe que já era avó, sobre o fato de os *olim* franceses estarem sempre entre eles. Comentei que ela parecia ser a exceção. Ela criticou o comportamento dos conterrâneos. Disse que a tendência deles seria de prosseguir a vida em Israel isolados do entorno. Ela dizia ter pretensões diferentes: integrar-se à vida israelense. Martine era ótima aluna.

Por que os alunos vieram a Israel?

Durante um dos exercícios de sala de aula a professora perguntou aos alunos por qual motivo tinham emigrado para Israel. O interessante é que os motivos alegados oficialmente durante o exercício nem sempre se coadunavam com aquilo que eu havia ouvido dos alunos em conversas particulares, ou mesmo conversas que eu observei com terceiros.

Diante da sala, a Irina ucraniana (pois havia uma Irina russa, aquela que tirou 100 na prova) disse que veio por causa da guerra. E depois emendou: “mais ou

menos...”, mas não concluiu o raciocínio. Irina, por volta dos 50 anos, ficava bastante isolada do convívio com o resto da turma. Eu me esforcei para criar uma relação com ela, estritamente em hebraico, já que não tínhamos outra língua em comum. Em conversa particular ela me contou que viera por causa dos *Jews for Jesus*⁵⁹ (nome que ela pronunciou em inglês). O seu marido era pastor. Ela contou-me que tinha uma filha e eu perguntei um tanto aflita se a filha tinha vindo junto. Mas Irina contou-me que ela preferiu ficar. Tinha o apartamento, o carro e os amigos na Ucrânia e não pensava em sair, ainda que num contexto perigosamente convergindo para a guerra. O que a teria levado a dar duas versões diferentes de sua vinda, uma em público e outra para mim em particular? É possível especular que a aceitação de uma maioria judaica não fosse boa diante da corrente messiânica *Jews for Jesus*, que pretende converter judeus ao cristianismo.

Em outra conversa estritamente em hebraico, conversei com Galina, que não era judia e havia imigrado com o marido para Israel. Ela havia imigrado de Kazan, na Rússia. Tinha o hábito de circundar o ulpan a pé durante os intervalos, fruindo da beleza das flores e borboletas dos jardins da vizinhança. Contava-me sorrindo: “*ani morá babait*” (eu sou professora em casa). O marido dela trabalhava durante o dia e frequentava o ulpan à noite. Ela por vezes o ajudava com suas dificuldades em adquirir a língua hebraica. Considerava-se uma refugiada do clima. Reclamou que na sua cidade natal naquela época do ano (mês de maio) ainda havia neve pela rua e era muito frio. Diante da sala, porém, Galina afirmou que o motivo de sua vinda “era porque o povo judeu era o mais legal do mundo.” De maneira similar ao que ocorrera com Irina, Galina escolheu uma outra versão para apresentar publicamente aos seus colegas.

Como eu pude constatar em outras ocasiões, já que sentamos lado a lado por um bom tempo e fizemos alguns exercícios juntas, Galina desconhecia aspectos da tradição judaica como, por exemplo, o que era a alimentação *casher*. É relevante pontuar este desconhecimento na medida em que revela ao leitor desta tese que beneficiários da Lei do Retorno por vezes têm um engajamento mínimo com questões judaicas e ainda mais sionistas.

Clara, mãe de dois filhos, filha de um pai judeu e uma mãe católica, disse durante o exercício que queria um lugar melhor (do que a França, seu país de origem) para educar as crianças.

⁵⁹ Para maiores informações sobre o “*Jews for Jesus*” sugiro a tese de LEONEL FERREIRA (2010).

Ricardo, brasileiro carioca, pai de duas filhas, contou que veio por causa da esposa, que seria muito sionista. Em outras ocasiões ele definiu a si próprio como sionista. Embora todo o contexto da *aliyah* em função da Lei do Retorno seja um contexto sionista, era raro ouvir alguém auto-proclamando-se sionista, como aliás sugeria o livro didático, onde por vezes uma personagem dos exercícios se declarava sionista. A amizade com Ricardo evoluiu e em 2017 fui convidada para jantar na casa do casal. Ricardo foi uma das poucas pessoas com quem compartilhei detalhes da minha pesquisa. Atento a isto ele disse que “o que eu precisaria estudar” eram as várias organizações sionistas (no Brasil e em outros países), dando a entender que por influência delas o casal havia se tornado sionista e alimentado durante décadas o sonho de emigrar para Israel.

Kalman, que sentava no fundo da sala e tinha alguma dificuldade com as aulas, e estava sempre de *kipá* (ou solidéu), disse durante o exercício que “Obama o convenceu a deixar o país”⁶⁰, os Estados Unidos. Em outro momento, não relacionado ao tema da imigração, mencionou que nos Estados Unidos, ao menos na cidade onde morava, tinha dificuldade em conduzir sua vida religiosa. Enquanto lá muitas vezes não se conseguia angariar homens o suficiente para constituir um *minyam*, o quórum mínimo para dar seguimento a uma cerimônia religiosa no judaísmo, em Israel isto nunca era um problema. A respeito de Kalman, Ricardo comentou algumas vezes comigo, em tom de admiração, que o nosso colega religioso “havia largado a docência em uma faculdade de direito (a faculdade La Sale), uma posição de prestígio, para começar tudo do zero em Israel”. Da maneira como Ricardo conversava sobre o assunto era perceptível que para ele a *aliyah* para Israel tinha um quê de aventura e desprendimento.

Filippo, um estudante suíço não judeu que esteve pouco tempo entre nós, mas estava conosco durante o exercício sobre o porquê da *aliyah*, ao ouvir Kalman

⁶⁰ Embora eu não tenha conversado com Kalman sobre o porquê Obama o convenceu a deixar os Estados Unidos, é fato que a política para o Oriente Médio do ex-presidente desagradou muitos conservadores, em particular conservadores judeus. Segundo Gilboa (2009), Netanyahu e uma parcela significativa dos israelenses não viam (assim como ainda não vêem) a questão palestina como o principal problema geopolítico a ser enfrentado por Israel. Como alguns dos meus interlocutores israelenses deixaram claro, a principal ameaça percebida é o Irã, com sua retórica reiterada de destruição de Israel e seus intentos de fabricar armas nucleares. Enquanto Obama trabalhava em favor de um congelamento dos assentamentos judaicos na Cisjordânia e a favor de um tratado com o Irã, aqueles que se alinhavam a Netanyahu temiam que grupos palestinos financiados pelo Irã tomassem conta da Cisjordânia (em Gaza, eles advogam, este já é o caso). Além disso, consideravam que o tratado que Obama propôs ao Irã não seria efetivo, esperando por medidas mais duras.

falando sobre Obama, virou-se para Ricardo e disse: “E no seu caso foi a Dilma” ⁶¹. Não tenho conhecimento se eles conversaram sobre tema, ou se Filippo apenas deduziu. É certo, porém, que Ricardo andava descontente com os rumos do Brasil, como havia me confidenciado em outros momentos.

Jonathan, que gostava de ser chamado por seu apelido, Jon, contou-me em particular que veio a Israel somente porque o salário dele lá é maior do que nos EUA. Jon chegou a visitar-me em minha casa e tínhamos muitos assuntos em comum, dado que ambos nos situamos no espectro político progressista. Durante nossas conversas Jon mostrou-se reiteradamente preocupado com a ascensão do antissemitismo nos Estados Unidos, ainda que não tenha explicitamente ligado este fenômeno à sua estadia em Israel. Perspicaz, Jon vaticinou já em 2015 que Donald Trump venceria a presidência nos Estados Unidos e com isto o antissemitismo já latente assumiria contornos mais fortes. Dos quatro irmãos de Jon, dois já haviam feito *aliyah*. Tive a oportunidade de jantar na casa do irmão dele no transcorrer do semestre. Esta breve experiência merece algumas palavras. Embora nunca tenha saído da boca de Jon algo parecido com ser sionista, o irmão dele e sua esposa nos receberam em um apartamento todo decorado com uma temática que poderia chamar de sionista. Havia espalhadas pelo apartamento imagens icônicas de Theodor Herzl, bem como de outros líderes sionistas como David Ben Gurion e Golda Meir. Junto à porta, um retrato do casal de onde se conheceram: no exército israelense, abraçados, trajados em uniforme.

Rina vinha da Geórgia. Certa vez eu disse para ela: “dizem que é um país muito bonito”. Ela sorriu um sorriso largo e concordou. Vestia-se com indumentária “modesta”, o que quer dizer o código de vestimenta apropriado para mulheres judias religiosas, saia abaixo do joelho e manga comprida. Ouvi-a falando com Kota. “Um dia eu tive um sonho e, quando acordei, decidi: vou para Israel. Convenci minha família a ir comigo. Foi assim: um dia acordei assim.” Diante da sala, porém, Rina optou por uma narrativa menos romântica para a sua *aliyah*. Disse que boa parte da família já estava em Israel e veio juntar-se a ela. Quando conversávamos nos corredores do Ulpan Gordon, Rina dizia querer estudar biologia em Israel. Soube que ela casou-se em 2016 com um rapaz da colônia georgiana e não sei como andam os seus planos para se tornar bióloga.

⁶¹ Dilma Rousseff (1947-). Ex-presidenta do Brasil que foi impedida em 2016 durante o seu segundo mandato.

Saline é francesa. Contou-me que consome alimentos apenas *casher*. No entanto, em contraste com Rina, vestia-se de maneira liberal até para padrões brasileiros. É possível notar, portanto, que a adesão à religiosidade não se dá de maneira uniforme. Diante da sala disse que veio a Israel por conta do noivo, que é israelense. Ele é o único elemento familiar que ela possui em Israel. Em uma conversa particular, no entanto, apesar de falar do noivo, também ligou a sua vinda ao episódio do atentado ao supermercado Hyper Casher, em janeiro de 2015⁶². Saline era uma frequentadora do supermercado na época do incidente, o que a expôs ao antissemitismo assassino do fundamentalismo islâmico na França.

Não conversei com Sara, uma senhora de aproximados 60 anos, detidamente. No entanto, aquilo que ela teve para falar diante da sala para o exercício é uma das assertivas mais reveladoras. Diante da pergunta de por que tinha decidido emigrar para Israel (deixando para trás os seus cachorros, que ela temia não sobrevivessem à viagem e sobre os quais estava sempre comentando), Sara disse que “o destino de todo povo judeu é emigrar para Israel. Aqui é o lugar do povo judeu”. Não houve na sala uma grande comoção como reação a esta fala, fazendo supor que nem todos pensam assim. Mas não houve também nenhum embate. A professora sorriu, mas não complementou, ou rechaçou, ou endossou nada. Vi apenas Ricardo concordando com a frase de Sara. Na época do exercício o aluno Loren ainda não estava conosco. Mas em outra ocasião ele expressou opinião correlata. Disse que “o futuro do povo judeu está em Israel”, ao que Sara se virou para ele e exprimiu: “eu também penso assim”.

Marion era pouco acessível e faltava muito. Porém estava presente no dia do exercício e disse sucintamente que era “mais fácil ser judeu em Israel”, sem discurrir mais demoradamente a respeito do significado do que dizia.

Em uma conversa particular perguntei a Ariel (que ainda não estava conosco à época do exercício) o que o levava a fazer *aliyah*. Ele disse que veio por causa do livro *Start up Nation*. A leitura do livro o teria inspirado a mudar-se para Israel. Ariel trazia o livro a tiracolo, mostrou-o para mim e me incentivou a folheá-lo⁶³.

⁶² No dia 7 de janeiro de 2015 houve um ataque terrorista de motivação fundamentalista islâmica ao jornal satírico francês Charlie Hebdo em Paris. No dia seguinte o mesmo grupo almejou o supermercado *casher* Hyper Casher. Juntos os dois episódios somaram 13 mortos. <<https://www.haaretz.com/jewish/french-jews-to-gather-for-hyper-casher-killings-anniversary-1.5381087>> Acesso em 23.08.2019

⁶³ Segundo resenha do Wall Street Journal (<<https://www.wsj.com/articles/SB10001424052748704779704574553884271802474>> Acesso em 13.10.19) o livro oferece uma explicação para Israel ser um polo tecnológico de liderança mundial. A linha argumentativa mestra é

Dentre os não judeus, Kota era um entusiasta do setor de tecnologia israelense. Segundo o aluno, até os anos 1980 o Japão estava na vanguarda da tecnologia, mas depois havia se acomodado. Ele acreditava que as empresas japonesas se beneficiariam do contato com as empresas israelenses e havia vindo ao país para construir esta ponte.

Adela estava sobretudo decepcionada com os prospectos amorosos na República Tcheca e cultivava uma imagem positiva do homem israelense, pois, segundo ela, ele não estaria apenas interessado em beber cerveja (como supostamente os homens tchecos) mas sim em construir família, e não teria o impulso de trair a esposa (algo que, do ponto de vista dela, seria reprovado pela sociedade israelense).

Durante a aula em que a professora estava ensinando o subjuntivo, perguntou a Yaelle o que ela estaria fazendo se não tivesse imigrado para Israel. A aluna respondeu que teria ido trabalhar na Alemanha. A *morá* perguntou: “por quê”? E ela respondeu: “porque é meu sonho trabalhar na Alemanha, de verdade”. A *morá* ficou um pouco espantada, mas com bom humor e disse: “bom, tem uma diferença aí entre Israel e Alemanha...” A sala não reagiu ruidosamente, sem expressar rechaço ou endosso. A respeito de Yaelle, é interessante notar que, certa vez conversando comigo, ela descartou totalmente o antissemitismo francês como um motivo para vir para Israel. Disse estar entediada com a sua cidade, Nantes, e ter poucos amigos lá, para além de já ter esgotado as possibilidades da cidade. Sua vinda para Israel lembra um querer mudar de ares como qualquer outro, nada ligado a aspirações sionistas. Ela disse que em um ano de Israel já tinha mais amigos do que fizera anteriormente em sua cidade.

À parte das histórias mais individuais, muitos alunos citaram a praia e o bom clima como fator para ter feito *aliyah*. A professora Ayelet repetiu diversas vezes a seguinte reação: “Mas há praia e tempo bom em outros países. México, Tailândia”. Esta reação da professora pode indicar que ela estaria em busca de razões tidas por ela como mais substanciais, dotadas possivelmente de conteúdo judaico ou sionista.

Todos judeus devem morar em Israel?

que os jovens fazem o serviço militar (de três anos para homens) antes de entrar na faculdade e lá são treinados para lidar com tecnologia. Além disso, a área militar de Israel está perfeitamente integrada aos outros pilares da economia.

Enquanto o exercício sobre o porquê da vinda dos alunos fora mais próximo do começo do semestre, o exercício que descrevo a seguir deu-se mais para o final, em um dia em que a sala estava com poucos alunos. A professora escreveu três frases na lousa para discutirmos se concordávamos ou não. A primeira frase era sobre a mulher ter mais dificuldade de avançar no trabalho. A terceira frase era “é muito mais divertido ser criança.”

A segunda frase é a de maior relevância. A *morá* escreveu que “todos os judeus deveriam morar em Israel.” Não foi possível saber se esta frase representa o pensamento da professora ou se se tratava de uma provocação. A contribuição mais longa veio de Martine, que afirmou peremptoriamente que não, dado que Israel “precisava da ajuda da diáspora”. Um aluno, não me recordo quem, disse que isso não era possível, pois o país era muito pequeno e “não cabia tanta gente”. Ricardo afirmou que sim, todos os judeus deveriam morar em Israel. Dos sionistas mais notórios Sara já não estava mais na sala conosco e Loren havia faltado. A presença deles provavelmente mudaria o seguimento do debate.

Testando a realidade

A *morá* Ayelet parecia menos preocupada em inculcar símbolos israelenses ou sionistas do que em testar o senso de realidade dos seus alunos. No dia em que aprendemos a palavra muralha ela perguntou para a turma onde havia muralhas. Esperou pacientemente a manifestação. Alguns falaram: na China, em Jerusalém, em Akko... Nenhum dos alunos falou que entre Israel e a Cisjordânia havia um muro. Depois de um tempo depois ela disse: também existe o muro entre Israel e Palestina.

Em outra aula a *morá* já havia testado a noção de preço dos alunos. A pergunta desta vez era se dava para comprar um apartamento por 1 milhão shekels em Tel Aviv. Alguns alunos sabiam a resposta, outros não. Em outra ocasião ela perguntou para uma das alunas francesas, Immanuelle, se ela poderia comprar um apartamento em Tel Aviv, ao que ela respondeu que sim. Mais uma vez tornou a repetir a pergunta, desta vez para Daniela, que por sua vez reiterou: “*no problem*” comprar um apartamento em Tel Aviv.

Montefiori

A professora passou-nos um texto cujo tema era a filantropia de Moses Montefiore (1784-1885), entendido por alguns autores como um proto-sionista. Na Jerusalém do século XIX, dizia o texto, os judeus viviam enfermos, em parte miseráveis e em condições precárias. Neste contexto Montefiore doou terras aos judeus da cidade. No dia seguinte à leitura do texto, a professora pediu como exercício que escrevêssemos uma carta agradecendo ao filantropo. Sem levantar qualquer questionamento os alunos puseram mãos à obra.

Retomando um tom zombeteiro que ela já havia usado com Kota, na piadinha em que perguntava se ele era judeu, a professora contou que as famílias que ganharam terras em Jerusalém de Montefiori logo revenderam tudo de novo e emendou: “sabe como é, judeu...”, dando a entender que os beneficiários da filantropia se interessavam mais por dinheiro do que por melhorias. O estereótipo de ganancioso e dinheirista do judeu, a princípio negativo, é alvo de piadas da professora. Entendi a reação da turma como neutra, nem condenatória, nem francamente entusiasta do humor da professora.

Sochnut

Sochnut é o nome em hebraico da Agência Judaica (*Jewish Agency*), responsável pelo processo de *aliyah* no país de origem dos imigrantes. Irina, moscovita, possivelmente a melhor aluna em sala, conversava sobre este tema com Iosi durante um intervalo, em inglês, e eu acompanhei a conversa. Ela e ele reclamaram muito. Ela disse que parecia que estavam lhe fazendo um favor em Moscou. Eu perguntei se havia apenas funcionários israelenses. Iosi disse que sim, Irina disse que em Moscou havia muitos moscovitas. Iosi disse que os funcionários são esnobes e puramente burocráticos, não podem ser despedidos nunca e se acomodam.

Iosi discorreu bastante sobre a burocracia, como um ente que se auto-sustenta e perde contato com o seu fim. Sobre como a estabilidade acomoda, como é burocrático. Ele também disse que em Israel tudo é na base do emprego em troca da proteção. Eu falei: uma vassalagem burocrática? Ele adorou o termo. Iosi era da opinião segundo a qual em Israel não se avaliava a necessidade/ capacidade do funcionário, apenas encaixavam-no de qualquer jeito. Ele disse que a Sochnut era uma enorme estrutura vazia. Irina concordou. Perguntei se era o governo israelense que financiava a Sochnut. Eles disseram que sim, e também patronos internacionais. Iosi

contou que na Itália fora mal tratado e tivera que dizer que era doutor para se fazer respeitar.

A Sochnut, ou Agência Judaica, merece algumas palavras. Foi estabelecida em 1922, durante o Mandato Britânico da Palestina, como parte da Organização Sionista Mundial. Tornou-se independente desta última em 1929 (Gilbert, 2014, 568). Atuou como governo dos judeus sionistas na Palestina antes da proclamação do Estado de Israel em 1948. Quando isso aconteceu, os departamentos da Agência Judaica (educação, segurança e governo) foram absorvidos pelo governo do Estado recém-criado. A agência, tornada independente do Estado, passou a controlar apenas o antigo departamento de *aliyah*. David Ben Gurion, que havia sido o presidente da Agência Judaica desde 1936, trabalhou pela independência desta em relação ao Estado por três motivos. Primeiro, não gostaria que a agência interferisse nas decisões políticas do nascente Estado. Segundo, gostaria que, ao trabalhar com a assistência a refugiados judeus a agência recebesse isenção de impostos nos países onde iria atuar. Em terceiro lugar, Ben Gurion percebera que o nascente governo não estava à altura de realocar os refugiados judeus, especialmente os sobreviventes da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. Ao encarregar a Agência Judaica desta tarefa, distribuiria este peso com a diáspora (Tucker, 2008, 547).

Nas décadas subsequentes a Agência Judaica teve um papel fundamental em pelo menos três grandes ondas de imigração para Israel: o êxodo dos judeus de países islâmicos entre 1948 a 1980, o êxodo de judeus etíopes de 1979 a 1985 e a chamada “grande imigração” dos países da antiga URSS (1989-2006). Hoje atua principalmente promovendo a *aliyah*, subsidiando e organizando viagens de jovens judeus da diáspora a Israel e enviando emissários de Israel para divulgarem o país em comunidades judaicas no exterior.

Em seu sítio lê-se qual é o seu propósito: “Nós fomos instrumentais em fundar e construir o Estado de Israel e continuamos a servir como o principal elo de ligação entre o Estado judeu e os judeus em toda parte. Esta parceria global possibilitou-nos endereçar os maiores desafios do povo judeu em cada geração. Hoje nós nos conectamos com a família judaica global, trazendo judeus para Israel, ao prover com um significativo engajamento com Israel e facilitando a *aliyah*. Nós construímos uma sociedade melhor em Israel - e além - energizando jovens israelenses e seus pares internacionais a redescobrir o sentido coletivo de um propósito judaico. A Agência Judaica continua a ser a primeira responsável judaica, preparada para responder

a emergências em Israel e a resgatar judeus em países onde estejam em risco.”⁶⁴
Tradução nossa.

Observa-se que a Agência Judaica corporifica a antítese da independência entre diáspora judaica e Israel tal como advogada, no que se pretende uma proposta pós-sionista, por Uri Avnery (vide capítulo II). Anshel Pfeffer, correspondente do jornal Haaretz, acredita que a Agência Judaica vive uma crise de propósito. Segundo ele:

A maior organização judaica do mundo - com o maior orçamento - fracassou em articular uma missão principal para si e perdeu qualquer real relevância para a vida judaica em Israel ou no exterior. (Os judeus da diáspora) não estão esperando por uma grande organização para contar-lhes como devem relacionar-se com Israel ou com o sionismo⁶⁵. (Tradução nossa)

Palavras-chave na vida de olim

Certo dia aprendemos a palavra *ezrá*, que significa ajuda. A professora perguntou se o governo dava uma ajuda grande ou pequena aos *olim hadashim*. Muitos foram bem convictos em afirmar que a ajuda do governo era grande (conforme tabela citada no capítulo III). Em outra aula a professora perguntou se alguém sabia o que era a palavra *tzedaká*, caridade. Eu, embora soubesse, não quis interferir no curso da aula. Acompanhei de perto o caso de Clara, que estava sentada à minha frente, e perguntou aos colegas mesmo depois da resposta da professora em inglês qual era o significado da palavra.

Em outra aula aprendemos o significado da palavra *aliyah*, que tem um sentido de ascensão. A professora explicou, tal qual eu havia aprendido em livros, que *aliyah* refere-se apenas à imigração para Israel, por se conceber que Israel é um lugar (espiritualmente) mais elevado. As palavras *oleh* e *olah* (e os seus plurais, *olim* e *olot*) são da mesma raiz que *aliyah*.

Houve certo alvoroço quando o senso de superioridade (espiritual, na verdade, pelo menos a princípio) ficou claro pela expressão. Embora ninguém tenha trazido sua angústia publicamente para a professora, o intenso burburinho testemunhava

⁶⁴ <<http://archive.jewishagency.org/inside-jewish-agency/content/4916>> Acesso em 30.10.2019

⁶⁵ <<https://www.haaretz.com/israel-news/premium-the-jewish-agency-s-crisis-is-too-deep-for-isaac-herzog-to-solve-1.6200709>> Acesso em 2. 11. 2019

que a distinção linguística entre Israel e outros países não foi vista como natural, mas com estranhamento.

Em outra ocasião estávamos aprendendo palavras relacionadas à descida, *yeridah*. Desta vez a professora falou apenas da acepção mais corriqueira da palavra. Na fileira atrás da minha, no entanto, o colega Max explicou aos outros alunos a acepção segundo a qual *yeridah* é a contraparte de *aliyah*, ou seja, emigrar de Israel. Max usou um tom que dava a entender que os outros alunos já deveriam saber do que se tratava e emendou: “aquilo que nós não devemos fazer”. Por décadas a saída de Israel para viver em outro país foi considerada vergonhosa e este era o mesmo sentido dado por Max⁶⁶.

Trocar a Alemanha por Israel, ou Israel pela Alemanha?

Milky é um pudinzinho que é vendido em Israel e na Alemanha e é o produto laticínio mais popular do primeiro país. Tornou-se o símbolo de uma onda de migração de Israel para a Alemanha, notadamente para Berlim, depois que se constatou que na Alemanha era vendido a uma fração do preço praticado em Israel. Em 2014 um jovem telavivense chamado Naor Narkis exortou os jovens a mudarem de Israel para a Alemanha em virtude do alto custo de vida em Israel⁶⁷. David, cuja mãe é alemã e o pai é um judeu de Recife, conversava comigo sobre a polêmica do Milky, já que ele vive na Alemanha e cogita migrar para Israel. Em meio à conversa ele listou vantagens da Alemanha, como ensino superior de qualidade e gratuitos bem como um custo de vida baixo se comparado com Israel⁶⁸. Ele não mencionou que na Alemanha não há guerra nem ocupação⁶⁹ assim como tampouco conversamos sobre os eventuais ataques antissemitas que ocorrem na Alemanha, como aquele que deixou dois mortos na cidade

⁶⁶ Lustick (2011, p.34) comenta: “Desde os anos 1920, década na qual a emigração de Israel excedeu a imigração para Israel, o movimento sionista tem sido extremamente sensível à emigração do país. *Yeridah* era uma traição ideológica à comunidade daqueles que o então primeiro ministro Yizhak Rabin denominou de ‘restolho dos fracos’”. Tradução nossa.

⁶⁷ <<https://www.haaretz.com/milky-protest-founder-comes-clean-1.5317016>>. Consultado em 2 de dezembro de 2018.

⁶⁸ Em conversa com o meu amigo judeu israelense Eran Oren, que morou na Alemanha e no momento buscava um retornar para lá, concluímos que a melhor situação em termos econômicos foi aquela vivida por ele: ser empregado de uma empresa de tecnologia israelense, que oferece os salários mais altos, enquanto se vive na Alemanha, onde o custo de vida é mais baixo.

⁶⁹ Eu já mencionei em um momento anterior da tese que muitos israelenses compartilham da percepção de que o conflito Israel-Palestina não é essencial para como percebem seus cotidianos e seu país. O mesmo pode ser dito sobre muitos *olim*.

de Halle durante o Yom Kippur do ano de 2019⁷⁰. David veio a Tel Aviv por um programa chamado MASA⁷¹ e voluntaria com crianças no bairro de Neve Tzedek, enquanto considera a *aliyah*.

Perspectiva sionista do museu da diáspora

Certo dia Vlada veio toda saltitante me perguntar se eu havia ido ao Museu da Diáspora, onde ela estagiava. Eu disse que sim (fui com Ionatan, *oleh* de nossa sala com origem no Peru). Então ela me perguntou se eu gostei, ao que eu respondi que fiquei um pouco decepcionada. Ela disse que entendia, e acrescentou que o museu fora criado na década de 1970, com uma perspectiva claramente sionista. Segundo Vlada, porém, a proposta do museu estaria mudando de perspectiva.

Eu comentei que havia muito da diáspora de milênios atrás, o que francamente não me interessava muito. Ela fez uma expressão de empolgação concordante. Citei, então, uma seção do museu que me impressionara muito. Nela havia um painel da história judaica recente que era interativo: você pode escolher alternativas dentro da história judaica. O painel está desenhado de tal forma que sempre que você não escolhe se tornar sionista e lutar pelo Estado de Israel na Palestina você sucumbe aos fatos históricos... e morre. Ela concordou que o painel era problemático. Ponderei que não havia na exposição permanente artefatos originais, novamente ela concordou. Mas ela pareceu gostar muito da exposição sobre misticismo, que contava com artefatos originais, assim como da exposição temporária sobre a cantora Amy Winehouse (1983- 2011, judia inglesa de origem lituana), que eu também visitei.

Israel, uma teocracia?

Certo dia fazíamos exercícios sobre opinião. Eu escrevi e li alto para a classe uma frase dizendo que eu não achava bom que os ônibus não circulavam aos

⁷⁰ <<https://www.dw.com/en/germany-halle-suspect-confesses-to-yom-kippur-shooting/a-50791324>> Acesso em 15.10.2019. Embora os ataques antisemitas na Alemanha não sejam frequentes há sempre a expectativa de que possam ocorrer, motivo pelo qual instituições judaicas costumam ser fortemente guardadas pela polícia.

⁷¹ O MASA Israel Journey é um programa do governo israelense fundado em 2004 e destinado a jovens de 18 a 30 anos ansiosos por fazer um estágio em Israel, seja a estudos ou voluntariando. <<https://www.masaisrael.org/>> Acesso em 17. 07. 2019.

sábados em Tel Aviv. Vale notar que os ônibus não circulavam em Tel Aviv aos sábados por questões de interferência religiosa na gestão pública: um judeu religioso também não deve, segundo os preceitos do judaísmo conservador, andar em veículo motorizado no dia santo.

Rina, que se veste de forma muito “modesta”, testemunhando pela sua conduta religiosa, fez um gesto de concordância com a minha opinião. Um aluno recém-chegado à sala, Loren, porém, contestou minha opinião veementemente. Ele disse que “Israel é uma teocracia”, “que as pessoas são religiosas aqui” e que “se você vai para Arábia Saudita tem que seguir as regras de lá, e em Israel é a mesma coisa”. Eu julguei por bem não continuar a polêmica, mas era tarde demais e ela se alastrou entre as francesas, Clara, Martine e Yaelle. Clara disse que “é a mesma coisa que na França: os ônibus não circulam no domingo, nem as lojas abrem”. Martine opinou enfaticamente que não era assim. Alguém mencionou que o metrô funcionava aos domingos. Houve um acalorado bate-boca que descambou para o francês e Martine disse que ela conhecia as regras de funcionamento das lojas, “pois ela tinha tido uma loja”. Loren emendou: “sim, mas Tel Aviv não tem metrô”. Não entendi exatamente o ponto de sua arguição já que segundo a halachá (lei judaica) não haveria diferença entre os veículos motorizados: todos estariam proscritos no sábado.

Mais tarde, durante o intervalo, Iosi, que veio para ser professor em uma faculdade de Tel Aviv, contou a um grupo de alunos que havia escrito um artigo para o jornal Jerusalem Post falando sobre a polêmica que se abatera sobre a classe. Afinal, “o Estado é laico? É étnico? É teocrático?” Segundo a sua opinião, Israel não poderia sequer ser um Estado étnico. Adela e eu estávamos interessadas, mas ninguém mais que sobrou na sala durante o intervalo. Iosi contou que o jornal perguntou se era isto mesmo que ele queria escrever, porque “estava forte”. Ele disse que sim. Deu um exemplo interessante de como impérios se tornam nações. Vão expulsando uma etnia, tolhendo outra, matando outra, até que sobram só, por exemplo, muçulmanos. E concluiu: “o resultado do processo é que esses se matam entre xiitas e sunitas”.

O debate em sala de aula descrito acima merece algumas considerações. Ele remete ao livro “Israel Terra em Transe: democracia ou teocracia” (FLINT & SORJ, 2000), no qual as autoras investigam a questão da interferência religiosa no Estado Judeu por meio de 16 entrevistas com sujeitos que se posicionam de maneira diversa em relação a ela, embora nenhum dos entrevistados seja ultra-ortodoxo ou extremista religioso. O pano de fundo é o temor de setores seculares ou tradicionais frente à

crescente importância demográfica e política de setores religiosos radicais no começo dos anos 2000 (alguns entrevistados contestam esta “ameaça” ou consideram-na exagerada). Na introdução as autoras lembram que Israel carece de uma constituição porque grupos religiosos opuseram-se a esta por advogarem que Israel não deveria ter nenhuma lei que não a halachá.

O entrevistado Uri Avnery detém-se mais sobre a relação criada entre David Ben Gurion, “o pai do Estado de Israel” e os religiosos tal como se desenrolou nas primeiras décadas desde a sua fundação. Segundo Avnery, Ben Gurion, um homem ateu que não colocava a kipá nem para funerais, fez concessões a grupos religiosos no momento da fundação do Estado que ele não teria feito caso tivesse vislumbrado seus desdobramentos no futuro. Para Ben Gurion, fazer concessões aos grupos religiosos era um mal menor já que sua perspectiva era de que a religião era um fenómeno em vias de desaparecimento. Dentre as concessões feitas por Ben Gurion aos religiosos (e que permanecem até hoje) figuram: a proibição do transporte público no shabbat⁷², a realização de casamentos e divórcios apenas por autoridades rabínicas, a introdução de comida casher no exército, a formação de um setor religioso nas forças armadas, além da liberação dos estudantes de yeshivá⁷³ do serviço militar obrigatório.

Muitos dos entrevistados apontam como uma necessidade para Israel fazer a separação entre Estado e religião. Isto equivaleria a tornar a nacionalidade israelense baseada em critérios cívicos, uma ideia afim com o conceito de pós-sionismo. Alunos do ulpan como Rina e Iosi expressaram, no contexto do nosso exercício em sala de aula, serem a favor desta perspectiva. O aluno Loren, no entanto, defendeu a interferência da religião judaica no Estado.

O que desagrada em Israel?

Em uma determinada aula, a professora Ayelet propôs como exercício que os alunos discorressem sobre o que lhes desagradava em Israel. Os alunos foram

⁷² Em uma iniciativa inédita, a prefeitura de Tel Aviv começou a fazer um experimento de deixar circular cinco linhas de ônibus gratuitas durante o shabbat a partir de outubro de 2019. Pesquisas de opinião apontam que a maioria dos israelenses é a favor da circulação de ônibus no shabbat. <<https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-on-the-road-to-a-revolution-tel-aviv-to-fund-buses-on-shabbat-1.7965239>> Acesso em 20. 10.2019

⁷³ Escola religiosa judaica que não segue o currículo nacional e, em seu lugar, ensina textos religiosos.

bastante eloquentes ao expressarem-se sobre um tópico que também comparece nas conversas cotidianas dos *olim*. André, um francês de cerca 60 anos disse que não gostava que não havia cardápios em francês. Irina, a ucraniana, disse que incomoda a sujeira. Loren disse que os israelenses são mal-educados⁷⁴. Marion reclamou que os preços são mais altos para clientes franceses. Zaneta reclamou que há muitos árabes, para a indignação de Iosi. Ele disse "daqui a pouco vão dizer que há muitos judeus aqui." E emendou: "o seu noivo anda ensinando você a ser racista". Rina não entendeu a analogia entre minorias árabes e minorias judaicas e perguntou: "como assim muitos judeus em Israel?"

Alona, que é russa, reclamou do calor. Kota, de maneira jocosa como costumava ser, falou que havia muitos *arse*. Recorri posteriormente a um israelense para me explicar quem seriam os *arse*. Segundo a explicação seriam pessoas que ouvem um tipo de funk oriental, supostamente gente de maus modos e incorretos com as mulheres, quiçá jovens de classe baixa revoltados que fumam narguile na beira da praia. Alguns alunos entenderam que *arse* era africano, e houve grande bochicho na sala de novo até que por fim o mal-entendido parece ter sido resolvido. Ricardo disse que havia muita burocracia e Galina fez graça: "não como na Rússia". Polina reclamou que as crianças fazem muito barulho e Irina que os muçulmanos rezam às quatro da manhã. Aparentemente ela mora perto de uma mesquita.

Ben Yehuda

Quando a professora nos apresentou à palavra "transformação", deu o exemplo da língua hebraica. Ben Yehuda *transformara*, segundo ela, a língua antiga numa língua moderna. Em outra ocasião a professora corrigiu Lívia. Lívia não se convenceu da correção da professora e levou a questão ao seu noivo, um israelense com curso superior em filosofia. O noivo teria dito que a correção da professora expressava um hebraico arcaico que ninguém mais usava. Lívia então interpelou a professora e disse que não gostaria de aprender uma linguagem que ninguém mais usa. Ao que a professora respondeu que este era o correto e que ela (Lívia) deveria ser uma "Ben Yehuda moderna".

⁷⁴ O fato de os israelenses serem mal educados é um senso comum que eu ouvi de brasileiros e de *olim*. Pessoalmente, fui muito bem tratada e não posso endossar esta percepção que, por outro lado, corresponde a um esteriótipo, que, como outros, têm pouco interesse.

Nomes no contexto da aliyah

Quando imigram para Israel, os *olim* podem mudar de nome o que equivale a dizer que podem adotar um nome de aspecto mais judaico ou mais hebraicizado. Isto foi explorado pela professora durante um exercício em sala de aula, no qual foi perguntado quem haveria mudado de nome. Embora a maioria tivesse optado por permanecer com os seus nomes originais, três alunos contaram que mudaram para nomes hebraicos/judeus. Quando Rina contou sobre a mudança de seu nome, perguntaram-lhe qual era seu nome de nascimento. Os comentários na sala foram no sentido de considerar bonito o seu nome original. Sara era anteriormente Antonella e o Kalman anteriormente Kenneth. Curiosamente eu tinha o contato destes dois últimos alunos no Facebook e eles optaram por permanecer com os seus nomes pré-imigração na rede social.

Nenhum dos alunos que tinham nomes judeus, porém “diaspóricos”, decidiu por fazer a mudança de nome. David é marcadamente diaspórico, Ionatan é ambíguo (podendo ser diaspórico ou israelense), assim como Ariel. Yaelle tem uma forma diaspórica, afrancesada, em Israel a corrente é Yael.

Clara já deu nomes hebraicizados para seus filhos, que nasceram antes de sua imigração para Israel. Mas ela não mudou seu. Ela expressou, porém, o desejo de mudar seu sobrenome para Gigi - o do marido.

A mudança de nome para um nome “hebreu” ou “judeu” pode testemunhar por uma aderência a preceitos do sionismo clássico segundo os quais há um corte mais abrupto entre a existência diaspórica e a nova identidade assumida depois da *aliyah*. Esta foi a perspectiva narrada por Shmuel, amigo de Ruth, no capítulo II. A baixa adesão a este rito de passagem poderia indicar que a maioria dos alunos sente-se confortável em conciliar aspectos de sua história pré-*aliyah* com a sua vinda a Israel.

Theodor Herzl e o início do sionismo

No dia 08 de junho começamos a ler um texto sobre Herzl em sala de aula. Reproduzo e em seguida traduzo o texto abaixo.

בנימין זאב הרצל

בנימין זאב הרצל היה מנהיג יהודי חשוב מאוד. הרצל נולד בשנת 1860 בהונגריה, ולמד שם בבית הספר היהודי. לאחר מספר שנים עברה המשפחה לווינה, ושם למר הרצל באוניברסיטה. בשנים 1885-1891 עבד הרצל כעיתונאי בפריז. בצרפת הייתה אז אנטישמיות. אנשים צענו ברחוב: "מוות ליהודים". זה השפיע על הרצל מאוד, והוא הבין שיש רק פיתרון אחד לבעיית האנטישמיות: צריך להקים (לבנות) מדינה עצמאית ליהודים. הרצל כתב ספר בשם "מדינת היהודים", בספר יש רעיונות והצעות איך להקים את המדינה. הרצל נפגש עם מנהיגים חשובים באירופה, ובקש מהם לעזור ליהודים להקים מדינה, אבל רוב המנהיגים התנגדו לרעיון. הרצל נפגש גם עם יהודים מפורסמים, להסביר להם את הרעיונות שלו ולשכנע אותם שהרעיונות חשובים. יהודים רבים בעולם לא הסכימו איתו, רק מעטים שמחו לשמוע אותו - במיוחד היהודים שהיו בארץ ישראל. כאשר הגיע הרצל לביקור בארץ, הם קיבלו אותו בשמחה גדולה. בשנה 1897 הזמין הרצל מנהיגים יהודים רבים להשתתף "בקונגרס הציוני" הראשון בעיר בזל בשווייץ. בקונגרס קם הרצל ואמר: " אם תרצו - אין לה אגדה", כלומר: צריך להאמין, ואז תהיה מדינה יהודית בארץ ישראל. ובאצת כ- 50 שנים אחר-כך, ב- 1948, קמו מדינת ישראל. ב 3 ביולי 1904 (כי בחודש תמוז תרס"ד) מת הרצל, והוא היה רק בן 44.

"Benjamim Zeev Herzl

Benjamim Zeev Herzl foi um líder judeu muito importante. Herzl nasceu no ano de 1860 na Hungria e lá frequentou a escola judaica. Depois de alguns anos, a família mudou-se para Viena e lá Herzl frequentou a universidade. Nos anos 1885-1891 Herzl trabalhou como jornalista em Paris. Na França havia então antissemitismo. As pessoas gritavam na rua "morte aos judeus". Isto influenciou muito Herzl, que compreendeu que só havia uma solução para o antissemitismo: é preciso erigir (construir) um país independente para os judeus. Herzl escreveu um livro de nome "O Estado judeu", no livro há ideias e sugestões de como erigir o Estado. Herzl se encontrou com líderes importantes da Europa e pediu a eles que ajudassem os judeus a construírem um Estado, mas a maior parte deles se opôs à ideia. Herzl encontrou-se também com judeus famosos para explicar-lhes sobre suas ideias e convencê-los de que eram importantes. Muitos judeus do mundo não concordaram com ele, apenas poucos ficaram felizes em ouvi-lo - em especial os judeus que se encontravam em Eretz Israel. Quando chegou a visita de Herzl à Terra (de Israel, nota minha), eles o receberam com grande felicidade. No ano de 1897 Herzl convidou muitos líderes judeus a participarem do Primeiro "Congresso Sionista" em Basileia, na Suíça. No congresso, Herzl levantou-se e disse: "se vocês quiserem, não é fábula", querendo dizer: é preciso acreditar e assim haverá um país judeu em Eretz Israel. E tão rápido quanto 50 anos depois,

em 1948, ergueu-se o Estado de Israel. Em 3 de julho de 1904 (em mês de tamuz⁷⁵ de 1904) morreu Herzl e ele tinha apenas 44 anos.” (Tradução nossa)

Hagadá. Ayelet tentou explicar em hebraico por algum tempo do que se tratava a palavra, que aqui traduzi por fábula. Como por algum tempo ninguém adivinhou a palavra, infiro que ninguém conhecia a citação original de Herzl, nem fez a associação com um elemento relativamente importante da cultura religiosa judaica, a *hagadá* de pêsach, ou “narração” de pêsach, texto que contém as bênçãos a serem recitadas e a ordem ritual a ser seguida no pêsach. Minha hipótese confirmou-se quando, vendo que ninguém adivinhava a palavra, falei “tale” (fábula, em inglês), ao que Ayelet confirmou com um gesto, e boa parte da sala pareceu desorientada, tendo entendido “tail” (cauda em inglês), que pode ter uma pronúncia similar, mas não se encaixa no contexto.

Durante o intervalo permaneci na sala e presenciei a conversa entre Andrea e Iosi, ambos judeus. Andrea era uma aluna francesa, mãe, na casa dos 25 anos. Iosi era um senhor possivelmente de 60 e poucos anos, turco de nascimento, com passagem por vários países, e professor de economia política em nível universitário. Andrea dirigiu-se a ele inquieta. “O Estado de Israel não é de 1948? O que 1897 tem a ver?” Iosi começou uma longa explicação. Como percebi que ele errava algumas datas, datas estas que eu havia memorizado, dado que minha dissertação de mestrado contemplava o período do Primeiro Congresso Sionista, tentei intrometer-me na conversa. Não houve espaço para mim, porém. Suponho que Andrea estava muito mais interessada na autoridade de um senhor professor universitário do que de uma mulher de idade próxima a dela. Passei a abster-me, portanto, e a apenas observar como Andrea absorvia atenta as explicações dadas por Iosi sobre sionismo pré-Estado de Israel.

Excursão ao Yad Vashem e a Jerusalém

Embora sejam comuns excursões variadas nos ulpanim, a viagem a Jerusalém aparentemente é obrigatória. Teve baixa adesão por parte da minha turma,

⁷⁵ Tamuz é um dos meses do calendário lunar judaico.

apesar de os custos da viagem serem baixos e representarem significativamente menos do que ir por conta própria. Mais pessoas do nível *beit* (B), também do Ulpan Gordon, foram e parece que estavam realmente interessadas em falar hebraico.

O horário marcado foi às 7:30 e saímos atrasados. Ainda estávamos esperando o ônibus quando eu chamei a atenção para o nome da rua: Ferdinand Lassale. Eu falei: “era um anarquista famoso, não?” Kalman respondeu que sim. E ele disse que sempre lembra porque a instituição onde estudou se chamava La Sale (instituição católica da Philadelphia). Alguém perguntou se a escola de direito tinha o nome de um anarquista e ele e eu rimos e ele esclareceu que era só uma coincidência. Então Irina, a moscovita, disse: “ele era um judeu, mas não fez nada pelo povo judeu. Ganhou um nome de uma rua só por ser judeu.” Li esta intervenção de Irina como de conteúdo sionista. Apenas se tivesse feito algo pelo seu povo, possivelmente nos moldes sionistas, Lassale teria o mérito da homenagem.

Pela manhã eu havia discutido nosso futuro itinerário com minha anfitriã, Ruth Ouazana. Ela havia me dito: “que estranho começar por aí”, ou seja, pelo museu do Holocausto, o Yad Vashem. Eu também tive um estranhamento quando soube do programa, porque julguei que a experiência no Yad Vashem seria pesada, e isso justo já no começo do dia.

Durante a viagem e posteriormente no museu e na cidade antiga de Jerusalém tivemos um guia contratado que nos falava em *ivrit kalá* (hebraico fácil). Durante o trajeto de ônibus ele perguntou aos alunos qual era a capital de Israel. Não houve muitas manifestações e ele mesmo respondeu: “Jerusalém é a capital eterna de Israel”.

Quando chegamos ao Yad Vashem, os alunos em geral da turma ostentavam um comportamento um tanto blasé. O panorama foi mudando ao longo da visita e uma aluna aparentando ter 50 anos da outra sala aparentou estar não se sentindo bem - soube que ela vinha da Suécia. Uma moça, que não era do ulpan, desmaiou numa sala do museu. Mais tarde perguntei à Irina moscovita se ela achava que a menina tinha ficado muito impressionada (a pergunta era retórica, ensejo para interação). Irina disse que sim, e que também se sentiu mal quando viu a lista com os nomes das pessoas elaboradas pelos alemães para irem para execução e pensou nos avós dela naquela lista. Ficou subentendido que os avós dela foram assassinados durante o Holocausto. Eu havia conversando com ela no ônibus, sentamos lado a lado. Escolhi

conscientemente este lugar para sentar, dado que Irina me parecia uma aluna interessante a qual eu tinha pouco acesso.

Eu acabei comentando algo como "vocês (os russos) são famosos por serem bons matemáticos" e ela orgulhosa disse: "sim, nós somos" e deu-se que ela se formara em matemática e atuara na área de *high tech* em Moscou. Perguntei-lhe se ela pretendia trabalhar nesta mesma área em Israel, ao que retrucou afirmativamente, mas que estava tirando um pouco de férias porque o ritmo em Israel é muito exigente. "Eles trabalham 10 horas por dia nesta área", disse, lembrando que em Moscou as férias são maiores. Eu tentei fazer uma comparação na qual Moscou parecia mais a Europa e Israel mais com os EUA. Ela então contou que trabalhara com alguns noruegueses e que eles tinham um ritmo de trabalho bem ameno, saíam para almoçar por duas horas, não trabalhavam muito. Eu não fazia ideia que os trabalhadores que sustentam este sonho do *silicon valley* israelense tinham condições de trabalho tão ruins.

Perguntei à Irina sobre a Criméia e ela então me perguntou se eu havia estudado política. Eu disse que havia estudado antropologia e que estava com uma bolsa de estudos do governo brasileiro em Israel. Ela comentou que esta era "uma oportunidade incrível". Sobre a Criméia, disse: "algo muito ruim está para acontecer lá." E que assim que começou (a anexação da Criméia pela Rússia) ela teria falado para a sua mãe: "a Rússia acabou, vamos embora". Ela veio com o namorado e eu perguntei se ela queria casar. Ela disse que não, que "na idade dela não faz mais sentido". Em algum momento da conversa, perguntei "por que Israel?". Segundo Irina, muitos judeus russos emigravam para Europa e EUA. Eu falei: como por exemplo para a Alemanha. Esta interferência se deu, no entanto, antes de eu saber sobre seus avós. Ela disse: "eu acho incrível as pessoas mudando para lá com toda esta história..." ao que eu intervi dizendo que a Alemanha tinha um índice de antissemitismo mais baixo que a França. Sua reação foi: "ah, é por causa dos árabes".

Em um certo momento comentei sobre a paisagem, que não tinha deste jeito no Brasil. Ela argumentou: "mas aqui estamos na mesma latitude de lá, porém inversa, não?". Eu respondi que não, que Israel fica na latitude de Viena, ao que ela reagiu com uma expressão de descrença. Depois falou que então era quente por causa do deserto. Eu disse que sim, e por causa do Mediterrâneo. "Talvez você esteja certa", ponderou com desconfiança. Passamos então a falar das árvores e eu acabei falando da campanha sionista para arrecadar fundos vendendo árvores na Terra Santa (evento sobre o qual li quando analisava jornais do início do sionismo para o

mestrado). Irina nunca tinha ouvido falar nisto e também não pareceu acreditar muito. Acrescentou: “os árabes transformaram isto aqui em rochas. Exauriram o solo. Deixaram as cabras comerem tudo. Não têm cuidado. Aqui é um país pequeno, temos que cuidar de cada centímetro⁷⁶. Talvez seja uma coisa dos países pequenos.” Ela traçou uma comparação com a terra na Rússia. “Que desperdício era aquilo. Os russos só conseguem extrair o que já está pronto lá, como o petróleo”, disse. E emendou: “Se você visse como os assentamentos (judaicos em terras palestinas) são bonitos, você entenderia porque eles não querem sair de lá.”

Perguntei se ela achava que o antissemitismo era forte na Rússia de hoje, ao que respondeu que achava que “aqueles bêbados desempregados odeiam tudo o que não é eles”. Perguntei se ela esteve na marcha do oponente de Putin e ela disse que sim. Que naquele lugar ela “era um deles”. Que aquilo foi impressionante e que todas as pessoas cultas e escolarizadas estavam lá. Minha colega de classe considerava imbecil anexar a Criméia mesmo que haja uma população russa lá, bem como considera que não trará nenhum benefício econômico. Irina acredita que é tudo uma forma de propaganda política para manobrar as massas e que o líder ucraniano e Putin são a mesma coisa, apesar de inimigos. “É um país de escravos”, disse sobre a Rússia.

Falamos sobre o ensino de história, eu comentei sobre como era nos EUA e no Brasil e ela acrescentou que na Rússia era como nos EUA: só constava no currículo história da Rússia, quase nada de história mundial. Ainda conversamos sobre o tamanho da comunidade judaica em Moscou e minha interlocutora ponderou que não havia como saber, pois muitos não eram religiosos, outros mudaram de nome para ter posições melhores, como na universidade, etc. Eu perguntei qual ela achava que era a ordem de grandeza da comunidade e ela disse “uns 100 mil”. Em algum momento chegamos a comentar sobre o estudo da língua hebraica. Eu notei que ela era uma

⁷⁶ Esta passagem do discurso de Irina demonstra que ela internalizou alguns preceitos do sionismo clássico. Em seu livro “Paisagens Sagradas” (2002) Meron Benveniste se pergunta: “quem tem o direito de julgar este atraso?” (tradução nossa), referindo-se ao suposto atraso dos modos de vida e da paisagem dos palestinos antes da expulsão da maioria deles durante a Guerra de 1948. Segundo o autor, na propaganda israelense muitas vezes se contrastam fotos de pequenos vilarejos palestinos do pré-guerra com as fotos de subúrbios charmosos de habitantes judeus dos dias atuais. Esta seria uma comparação desleal porque aquelas comunidades rurais palestinas também poderiam desenvolver-se para tornarem-se modernas. E, ademais, a existência naqueles vilarejos poderia ser mais confortável do que é a existência urbana em Israel hoje. A outro conceito sionista – fortemente introjetado por tantos – de que os palestinos abandonariam suas terras aos elementos naturais como a erosão, enquanto os israelenses judeus fariam “o deserto florescer”, Benveniste contrapõe dados históricos que mostram que nas muitas aldeias palestinas destruídas pelos sionistas foram arrancadas as oliveiras antigas para dar lugar a pasto de gado, numa inversão do que propõe a interlocutora Irina.

excelente aluna. Minha colega de classe russa explicou que estudava utilizando a lógica e também recursos além daqueles dados em sala de aula. Na opinião de Irina, a moscovita⁷⁷, trata-se de uma língua “fácil”. Comentou que segundo lhe contaram conhecidos seus, também *olim* russos, a língua não chega a ficar difícil nem em níveis mais avançados. “É uma língua muito simples por ser uma língua muito nova”, comentou.

Desde o ônibus tivemos um guia, um senhor grisalho com uma dicção muito boa. Ele falava pausadamente em hebraico e perguntava às vezes se alguém queria uma explicação em inglês. Deu algumas explicações no caminho. No Yad Vashem passamos uma hora e meia. Primeiro de tudo passamos pelo Jardim dos Justos, onde há árvores plantadas em homenagem àqueles não judeus que arriscaram suas vidas para salvar vidas judias. O guia contou durante o passeio no Jardim dos Justos que a família dele também era sobrevivente do Holocausto. Já no interior do museu, quando observávamos as maquetes de Auschwitz, o guia perguntou porque os aliados não bombardearam Auschwitz (para evitar a continuação da política de extermínio de Hitler). Ele disse: “esta é uma questão difícil” e eu inferi que havia frustração e mágoa também em relação aos aliados por não terem tomado a atitude que seria esperada do ponto de vista humanitário.

Nossa professora, Ayelet, parecia estar de férias, descontraída, sem falar muito. Já a professora da outra turma parecia mais engajada, assim como seus alunos. Havia algumas moças aparentemente russas bem sem preocupações, tirando fotos e não se interessando muito. Porém havia uma, imagino que por volta dos 20 anos, muitíssimo séria e interessada. No ônibus poucas pessoas falando. No Kotel (muro das lamentações) havia muito sol e eu me abriguei na única sombra disponível. Neste momento Jon e eu ficamos conversando. Como era de costume nos meus encontros com Jon, falamos sobre racismo e feminismo. Então na entrada do Kotel deram-me um pano para me cobrir para adentrar o sítio sagrado. Jon fez uma observação bem-humorada: “olha que legal, você ganhou uma capa do patriarcado!”

Algumas alunas da minha sala vieram prevenidas com os joelhos cobertos para entrar no Kotel. Kalman e a professora da outra turma notaram que eu estava de

⁷⁷ A facilidade da Irina moscovita, bem como a simplicidade por ela atribuída à língua hebraica não era compartilhada, por exemplo, com a Irina ucraniana. Quando comentei com esta última que a faculdade que ela havia cursado (engenharia hidráulica) era difícil, ela me respondeu que era muito mais fácil do que ter aulas de hebraico.

joelhos de fora e que isto poderia me causar problemas. No final só me deram “a capa” e não houve problema com meus joelhos, mas também não entrei no sítio propriamente dito. Jon observou a mesma coisa que eu e demais visitantes do Kotel: as mulheres têm direito a só um terço do muro e o lado delas está bem mais cheio (as seções masculina e feminina são separadas por um tapume).

Não era sempre fácil entender o guia, ora por falta de vocabulário, ora porque a turma que mais acompanhava o que ele dizia era uma turma mais avançada. Duas intervenções do guia, no entanto, foram marcantes. Na cidade antiga de Jerusalém ele perguntou aos alunos: “quantas vezes o Corão cita Jerusalém? E respondeu: “apenas uma”. Inferi que esta colocação buscava legitimar a presença judaica em Jerusalém e deslegitimar a presença palestina/árabe na mesma. Já ao final da excursão ele contou em tom de seriedade uma anedota: “quando Golda Meir foi aos EUA falar com estudantes universitários eles perguntaram a ela como um país pequeno como Israel derrotou tantos inimigos em 6 dias (referindo-se à Guerra dos Seis Dias de 1967). Ela disse que os israelenses tinham uma arma secreta. “A arma secreta é que não temos outro país e viemos para ficar”. O guia disse: “Em 50 anos, Israel ainda estará aqui”. Esta afirmação merece alguma consideração. Não se escuta, por exemplo, no Brasil, que “o Brasil ainda estará aqui em 50 anos”. Por maiores que sejam os nossos problemas, ninguém duvida que isto vá acontecer. A assertiva do guia, portanto, revela uma fragilidade e uma insegurança: um medo existencial. Sem ele é difícil entender os israelenses e Israel.

2. Ulpan Neve Tzedek - 2017

Entrada em sala de aula

Vendo frustrada minha intenção de re-ingressar ao Ulpan Gordon em 2017, procurei o segundo ulpan mais popular da cidade, Neve Tzedek. Fiz o exame classificatório, que consistia de uma prova de gramática, uma prova de interpretação de texto e uma entrevista. A prova de interpretação de texto abordava a história da personagem Ben Yehuda, o herói nacional do ressurgimento do hebraico. Fotografei o texto, reproduzo-o e analiso-o abaixo. Classificaram-me com o nível *beit* (B), correspondente àquilo que fazia sentido dada a minha trajetória. Fui encaminhada para a

sala da professora Rachel. No Ulpan Neve Tzedek não se faz distinção entre salas de turistas e salas de imigrantes, e no final, todos os alunos de minha sala eram imigrantes.

Quando fui fazer a matrícula levei comigo uma nova carta da professora Marcy Brink-Danan, que foi muito gentil em atender minha solicitação, dado que ela não tinha mais vínculo institucional nenhum comigo. Conversei com a secretária, expliquei-lhe que eu já havia feito etnografia no Ulpan Gordon e que trazia comigo uma carta. Ela não se interessou em ler a carta e então falou: “ok, as mesmas regras que valem para você no ulpan Gordon, siga-as aqui”.

O Ulpan Neve Tzedek

O Ulpan Neve Tzedek é uma estrutura mais velha do que o Ulpan Gordon, composta por longos corredores, no sul de Tel Aviv, relativamente longe do mar. O corredor externo, onde os alunos fumantes se encontram nos intervalos, tem quatro bancos de madeira, um muro não pintado de concreto aparente, repleto de cabos e canos. O muro oposto é forrado por uma parede viva, quer dizer, uma parede cheia de plantas com pequenas flores azuis e brancas. A vizinhança conta majoritariamente com casarões antigos, alguns deles do início do século XX. Na entrada do corredor externo há duas placas indicando o ulpan. Assim que se abre a porta central, localizada no meio do corredor externo, dizeres com “bem-vindos” escritos em hebraico recebem os alunos. Abaixo há um espelho, e três grandes bandeiras de Israel, murchas sobre suas hastes, enfeitam o canto direito. Do lado esquerdo do espelho se concentram as máquinas de refrigerantes e café e o bebedouro. Ao longo do corredor há fileiras de bandeirinhas de Israel afixadas nos cantos superiores das paredes, ornamentando o teto, como se fosse sempre Dia da Independência (a cidade se enche delas na semana da independência do Estado de Israel).

O corredor central interno leva às salas e, em sua extremidade, aos banheiros. O banheiro lembra algo da estética kibbutznik, com uma entrada única para homens e mulheres e seis compartimentos com vasos sanitários, vazados em cima e embaixo, defronte a diversas pias. No batente de cada porta que leva a uma das 8 salas há uma mezuzá ou umbral. Havia uma grande menorá de pedra, de aproximadamente um metro de altura, na escadaria que leva ao segundo andar. Na sala de aula onde nós tínhamos nossas aulas havia um piano e, atrás dele, um decalque

enorme do tamanho da parede figurando a estrutura física do *kotel*, ou muro das lamentações. Quando eu chegava mais cedo havia um grupo ensaiando músicas em hebraico ao som do piano. Afixado na parede, um mapa físico de Israel, igual àquele afixado no Ulpan Gordon. Com a diferença, porém, de que alguém traçou com caneta hidrográfica algumas fronteiras, não muito exatas, mas com a aparência de delimitarem a Cisjordânia (parte da Palestina).

A sala de aula

O Ulpan Neve Tzedek distingue-se do Ulpan Gordon por contar com turmas menores. Conversei com dois egressos do Ulpan Gordon que haviam preferido ir ao ulpan Neve Tzedek por considerarem as aulas melhores neste último. Acredito que a quantidade de alunos por sala deva ter uma relação com isto. Em nossa lotação máxima tínhamos 17 alunos, quase metade dos 33 no ulpan Gordon.

Também aqui a dinâmica de aula não me surpreendeu sobremaneira. A professora Rachel reservava aproximadamente a primeira hora de nossa aula para conversas que poderiam ser mais banais (como foi o seu final de semana? o seu feriado?) ou temáticas mais intensas. Rachel tinha por hábito trazer temas de discussões relacionadas a atualidades presentes nos meios de comunicação, ou então discorria um pouco sobre feriados e dias festivos judaicos que não necessariamente constituíam feriados. Seu inglês era melhor do que o da professora Ayelet. De maneira similar ao que acontecia no Ulpan Gordon, palavras novas eram geralmente explicadas primeiro em hebraico, e apenas depois elucidadas em inglês, quando julgado necessário. Por outro lado, a professora Raquel não tinha conhecimento de russo, o que muitas vezes deixava os alunos russo-parlantes perdidos, quando não detinham certo termo em inglês. Muitas vezes eles procuravam o termo em inglês em seus celulares.

Depois da primeira aula de conversação, onde as opiniões dos alunos eram muitas vezes requisitadas, começava a parte de gramática. A professora nos pediu para comprarmos um livro que tratava principalmente de verbos e trabalhávamos nele quase todas as aulas. Afora isto, por vezes nos dava material complementar na forma de jornais de distribuição gratuita ou folhas soltas. Talvez mesmo pelo nível mais avançado, as aulas eram menos focadas em construções gramaticais do que na experiência anterior.

Os alunos

Talvez porque passei menos tempo no Ulpan Neve Tzedek, a turma me pareceu mais estável do que no Ulpan Gordon. Duas alunas, no entanto, saíram no transcorrer de minha estadia. Na fileira da frente, com quatro cadeiras apenas, sentavam quatro senhoras francesas. Soube, mais tarde, que uma delas não era judia, mas era casada com um judeu francês, a família fez *aliyah*. Durante o percurso das aulas a professora resolveu dissolver o grupo por “ouvir francês demais e o tempo todo”. Repetindo a tendência do Ulpan Gordon, havia mais alunas do que alunos em sala. Havia três jovens alunos russos, uma bielorrussa, uma aluna grega, uma aluna e um aluno estadunidenses, uma aluna tcheca, uma aluna turca, uma jovem francesa e um jovem francês e uma belga-canadense, de maneira que o maior grupo era francês.

A respeito da origem sefaradita ou ashkenazita, vale o mesmo raciocínio apresentado anteriormente para se especular sobre a origem dos alunos, especulação esta que às vezes encontra ressonância na aparência física dos alunos (os ashkenazitas tendem, em geral, a ser mais claros que os sefaraditas). Sendo que as populações de Turquia e Grécia são tradicionalmente sefaraditas. No caso dos alunos estadunidenses, embora haja maioria ashkenazita, também há uma minoria sefaradita, o que torna mais difícil especular. Não consegui ter um acesso mais amplo à religiosidade dos alunos. Apenas um aluno russo disse-me em conversa informal ser ateu, a jovem grega expressou o mesmo em sala de aula. Além disso, uma das senhoras francesas demonstrava ser bastante religiosa, tanto pela maneira de vestir-se, inclusive com um lenço na cabeça, quanto por beijar a mezuzá no batente da porta cada vez que entrava em sala de aula.

Observei que a maioria dos alunos chegava ao ulpan de transporte público ou bicicleta, de outras partes de Tel Aviv.

Ben Yehuda

Reproduzo o texto de meu exame classificatório aqui, por tratar de tema relevante à temática do sionismo, em específico do sionismo linguístico.

אליעזר בן יהודה (טוף א+)

אליעזר בן יהודה (פרלמן) נולד בו'לנה בשנת 1858. הוא בא לישראל ביחד עם האישה שלו דבורה בשנת 1881. בתקופה הזאת, השפה העברית לא הייתה שפה חיה. אנשים המשיכו לקרוא את התנ"ך ואת המשנה בעברית אבל לא הרבה יהודים דיברו עברית מחוץ לבית הכנסת. אליעזר בן יהודה חשב שכל היהודים צריכים לחזור לארץ ישראל ולדבר עברית. אנשים אחרים חשבו שאי אפשר לדבר עברית בעולם המודרני כי אין מספיק מילים בשפה העתיקה הזאת.

אליעזר בן יהודה לא רצה לשמוע שום דבר והמשיך בדרך שלו. היו עוד אנשים שהלכו איתו בדרך הזאת. פרופסורים, מורים, סופרים, עיתונאים, רופאים ואינטלקטואלים אחרים חיפשו מילים חדשות לחיי היומיום. בן יהודה היה גם עיתונאי. בערב הוא כתב מילים עבריות חדשות בעיתון ובבוקר האנשים קראו ולמדו את המילים האלה והתהיל לומר ברחוב ובבית. בן יהודה כתב מילון היסטורי גדול וחשוב. במילון זה יש מילים מתקופת התנ"ך ועד המאה העשרים. היום, כמו בזמן התנ"ך, העברית היא שפה חיה ואנשים בכל הארץ מדברים עברית.

“Eliezer Ben Yehuda nasceu em Vilna no ano de 1858. Ele veio a Israel com sua esposa Devorah no ano de 1881. Naquela época a língua hebraica não era uma língua viva. As pessoas continuavam a ler o Tanach e a Mishná em hebraico mas não muitos judeus falavam hebraico fora da sinagoga. Eliezer Ben Yehuda achava que todos os judeus precisavam retornar a Eretz Israel e falar hebraico. Outras pessoas achavam que era impossível falar hebraico no mundo moderno pois não havia palavras suficientes nesta língua.

Eliezer Ben Yehuda não queria ouvir nada disso e continuou o seu caminho. Houve outras pessoas que foram com ele por este caminho. Professores universitários, professores, escritores, jornalistas, médicos e intelectuais e outros procuraram palavras novas vivas dia a dia. Ben Yehuda foi também jornalista. À noite ele escrevia palavras hebraicas novas no jornal e pela manhã as pessoas liam e aprendiam estas palavras e começavam a contá-las na rua e em casa. Ben Yehuda escrevia um dicionário histórico grande e importante. Neste dicionário há palavras desde o Tanach até o século XX. Hoje, como no tempo do Tanach, o hebraico é uma língua viva e pessoas por todo o país falam hebraico”. (Tradução nossa)

O Ulpan Neve Tzedek aproveita o ensejo do teste de nivelamento para oferecer um momento pedagógico de cunho sionista. Ben Yehuda é um herói sionista

clássico, cuja importância no ressurgimento da língua hebraica é relativizada/ contestada pela historiografia recente⁷⁸. O texto, no entanto, traça uma linha direta entre sua vida e obra e o ressurgimento do hebraico.

Segundo Turno com Le Pen na França

No dia 7 de maio fizemos uma atividade envolvendo um cartoon. A professora nos deu uma folha com um desenho e deixou em branco os balões. Nela figurava a candidata da extrema-direita francesa Marine Le Pen em uma situação hipotética como vencedora do pleito para a presidência que estava ocorrendo no mesmo dia de minha aula introdutória. Ao lado dela havia duas personagens, um homem trajado em roupas que foram lidas como sendo árabes e um homem de kipá (portanto uma indumentária judaica). Ao longo do exercício os alunos usavam a palavra árabe e muçulmano intercambiavelmente, sem nenhuma interferência da professora. Nossa tarefa era preencher os balões com alguma frase. Ao menos um aluno leu o texto que havia ao lado, e que não era apropriado para o nosso nível. Desentendimentos quanto a como realizar uma tarefa são comuns. Eu preenchi meus balões da seguinte maneira. O homem árabe pergunta: “esta é nossa nova presidente? Eu estou preocupado”. O homem judeu responde: “eu também estou”.

Ao final do exercício a professora nos contou o que havia no quadrinho original. Originalmente o homem judeu dizia: “acho que vou me mudar para Natania” (cidade israelense). Ao que o homem árabe responde: “posso ir com você?” A professora perguntou por que a cidade de Natania havia sido mencionada. Os alunos foram rápidos em apontar que Natania está repleta de franceses. A professora disse: “aqui também, estes dias eu fui ao Ikea (de Natania) e só havia franceses!” Entre a proposição da tarefa e a revelação do conteúdo original, com os alunos contando como haviam preenchido os seus balões, houve considerações interessantes. Eu tinha dificuldades para entender os exercícios quando falados pelos alunos, porque havia timidez e a postação de voz não costumava ser muito assertiva, porque havia os sotaques, e porque às vezes havia palavras que eu não compreendia.

Entendi, no entanto, o exercício de um aluno que preencheu os balões com um dos personagens falando “acho que vou voltar para casa” e o outro respondendo

⁷⁸ Ver: Kuzar (2001).

“eu também”. Houve um burburinho sobre qual seria o significado de voltar a casa. Aparentemente, alguns alunos consideraram que a França, não Israel, seria a casa deles. A professora contou uma história sobre uma conhecida: quando o presidente argentino Carlos Menem (1930-) capturou o dinheiro durante os anos 1990 na Argentina e sua conhecida decidiu emigrar a Israel por questões econômicas, também se referiu a emigrar para Israel como voltar para casa.

A professora perguntou quantos judeus versus quantos muçulmanos existiam na França, ao que Adam, o jovem francês, respondeu que havia 400 mil judeus e 5 milhões de muçulmanos. Alguém interferiu e disse que eram 10 milhões de muçulmanos, caso se contassem os imigrantes indocumentados (o que revela uma clara islamofobia que na atualidade percorre a Europa, em que o número de imigrantes em geral, muçulmanos em particular, é constantemente inflado pela imprensa e por líderes políticos conservadores). Houve uma certa polêmica, mas parece que este último número prevaleceu. A professora perguntou se havia judeus a favor de Le Pen. Adam respondeu que havia. “Sim”, outras pessoas interviram, “ela é contra o terror e a favor da segurança nacional”. “Mas, e na sala?”, perguntou Rachel. Na sala não havia ninguém favorável a ela. “Ela é contra a circuncisão”, alguém exclamou. “Ela é contra o passaporte duplo”, outra pessoa interviu. A professora disse: “ela é contra a religião, como na União Soviética, um estado ateu, sem religião”. Alguém retrucou que não se tratava de um Estado sem religião, e sim “de uma religião só, o cristianismo”. A professora perguntou à sala o que achava. Alguém disse: “ela quer um Estado só para pessoas loiras”. A professora respondeu: “os franceses não são loiros!” Ao final prevaleceu a opinião segundo a qual Le Pen queria uma França apenas cristã. “Ao menos ela não é o Trump”, disse o jovem americano sentado à esquerda.

A proposta do cartoon trazido pela professora sugere uma solidariedade entre árabes (ou muçulmanos) e judeus no contexto da França em um segundo turno com a candidata Marine Le Pen. No entanto, o prosseguimento da aula, com a questão de quantos muçulmanos existem na França versus quantos judeus remete a uma realidade apresentada também no Ulpan Gordon, de dificuldade ou percepção de dificuldade que os judeus têm devido à presença da população muçulmana no país, o que às vezes é citado como motivo para imigração para Israel. No romance distópico de Michel Houellebecq *Submissão* (2015), a família judia da trama emigra para Israel antes que a França seja politicamente dominada por um partido islâmico. Este tema foi tratado, acredito eu, porém de maneira subliminar em nossa aula. Outro indício é

a observação da professora de que só haveria franceses. O influxo de franceses tem se acentuado nos últimos anos e é, portanto, muito anterior à ameaça Le Pen, sendo, portanto, mais próximo à percebida “ameaça muçulmana”.

Seguiu-se uma discussão sobre a natureza da extrema-direita francesa. O aluno que considerou que Le Pen propunha um Estado só para “pessoas loiras” sublinhou o aspecto étnico-racial da plataforma. Rachel defendeu uma semelhança com as ditaduras de esquerda e, por último, prevaleceu a opinião segundo a qual Le Pen estaria interessada em um país unicamente de cristãos.

*Shavuot*⁷⁹

Depois de uma parte dedicada a um filme que havíamos assistido, a professora disse “acho que todos sabem o que é shavuot”. Ninguém se pronunciou dizendo que não sabia. Ela começou a explicar mesmo assim. O que fazemos em shavuot? Perguntou. “Comemos cheesecake”, respondeu Elodi, a moça belgo-canadense. Marie respondeu que “se come leite”. “Por quê?”, perguntou a professora. “Porque o leite é branco”, respondeu Marie. “Não há nada mais puro do que o leite”, disse a professora. Raquel contou que antigamente só se fazia cheesecake, e hoje fazem todo tipo de prato com leite, até nhoque. Contou que shavuot eram 7 semanas a contar desde o pêsach. Explicou que se faz uma cerimônia com dinheiro quando o primeiro bebê é homem durante a festividade, e ela perguntou a Marie se o seu primeiro filho era homem, mas não era. A professora trouxe um cheesecake enorme e distribuiu em sala. Mais tarde passou a receita em hebraico no quadro. Ela passou o seu celular no qual mostrou a foto do neto dela com uma cesta, com algo que provavelmente fosse colheita dentro, e vestindo algo que eu relaciono a um cocar de palmeiras. Alina, a moça grega, disse para Victoria e para mim que o bolo não era casher porque misturava leite com chocolate. Victoria fez uma expressão incrédula e disse “não, não pode misturar leite com carne”. “Ah é”, disse Alina.

Durante o intervalo falei com Michel, um jovem russo. Perguntei a ele se ele come cheesecake em shavuot. Ele disse que não. Que a família dele era secular, de médicos, que não seguia ritos religiosos e que todos os seus amigos eram ateus.

⁷⁹ Shavuot é um feriado com um duplo significado. Primeiro, significa a festa da colheita do trigo em Israel antigo. Segundo, significa a ocasião em que foi dada a Torah, o livro sagrado do judaísmo, ao povo judeu.

Esta resposta veio da minha pergunta se seus amigos eram cristãos ou judeus em sua cidade natal. Note-se que ele usou um termo religioso, não étnico, para definir os amigos. Perguntei para Ella, a jovem bielorrussa, que é uma pessoa difícil de acessar, pois está sempre de fone de ouvido, se ela sabia o que era shavuot, e ela disse que não tinha a menor idéia, e que sua família não comemorava ritos também. Interessantemente esta moça usa um pingente de estrela de David no pescoço. Certa vez a interpelei sobre isto, e ela disse que tinha o pingente há muitos anos. Infiro que ela o use como uma forma de expressão de identidade étnica. Perguntei também a Alina sobre seus hábitos de comer leite em shavuot quando voltamos para sala, ao que me respondeu que só comemoravam em casa Yom Kippur, Rosh Hashaná e Pêssach. Minha interlocutora sequer sabia da existência de shavuot antes daquela aula.

Aparentemente comer leite e derivados durante shavuot, bem como os demais ritos aos quais a professora se referiu, é costume em Israel muito mais do que na diáspora. Nenhum dos alunos optou por tornar público o seu desconhecimento dos ritos do feriado (ou do próprio feriado), embora em privado não fizessem segredo de seu desconhecimento. A professora, que dá aula há muitos anos, provavelmente sabe disto e segue as explicações mesmo que apenas alunos a par dos usos se manifestem. Ao trazer o cheesecake de sua própria confecção para os alunos, a professora mostra um engajamento pessoal com o aprendizado e o envolvimento dos alunos, muito além da língua hebraica. Outra maneira de demonstrar engajamento pessoal é por meio de fotos pessoais do seu celular. Diferente do que se pôde verificar nos relatos de Lefkowitz e Golden (no capítulo anterior), neste caso a transferência de conhecimento local, uma certa “assimilação”, transcorre de maneira suave e sem oposição.

A professora me perguntou se na casa do meu amigo israelense se faziam alimentos com leite, eu disse que na família dele não eram religiosos. Ela me disse que não existe conexão entre ser religioso e fazer tudo com leite em shavuot.

Erdogan e Putin

Conversei com Seda, a moça turca. Ela está com o irmão e os pais aqui. O irmão foi o primeiro a vir. Contou-me que a cidade de Istambul está caótica, que já está há 6 anos em Israel. Este estaria sendo o ano mais difícil da sua vida, já que ela

estava tendo que deixar um apartamento no qual viveu por 4 anos e estava se desfazendo de muita coisa numa venda de garagem neste final de semana. Contou que não gosta do presidente turco Recep Erdogan (1954-) e que não pode gostar de ninguém que o apoia. Que a população que o apoia é pobre e não pensa em democracia ou direitos humanos. Que quem pensa nisto não o apoiaria. Falei que o mundo inteiro estava mal e Seda reagiu dizendo que Netanyahu não é muito melhor. Perguntei em quem havia votado nas últimas eleições ao que ela respondeu ter sido no *Avoda* (Trabalho). Depois ela se corrigiu, dizendo que isto fora nas outras eleições. Havia esquecido o nome do partido no qual votou. Eu perguntei se era o *Meretz*⁸⁰ e ela confirmou.

Em um dado intervalo conversei com alunos russos também de outras salas. Perguntei o que achavam do presidente russo, Vladimir Putin (1952-). Disseram-me que ninguém que estava lá gostava dele. Michel reprovou a anexação da Criméia por Putin.

O hino nacional israelense

Após duas aulas em que a professora Rachel faltou por dor de garganta, voltamos à aula. A primeira parte da aula como sempre foi dedicada a falar sobre amenidades ou contemporaneidades. “Com a ajuda de *Hashem* (deus) Trump vem a Israel amanhã”, disse a professora. Introduziu uma polêmica sobre a qual eu nunca tinha ouvido falar, que uma universidade em Israel anunciou que não vai tocar o hino nacional *Hatikva* quando ele chegar. A professora explicou que, na proclamação do Estado Ben Gurion escreveu “um país de todos os cidadãos, não só dos judeus”. Ela comentou sobre outros momentos em que cantar *Hatikva* não se aplica. Pois há alunos árabes e a *Hatikva* diz “*nefesh yehudi*”, a alma judia. Uma aluna, Marie, insistiu bastante que não compreendia isto, já que na França todos os imigrantes estariam felizes em cantar o hino francês. Eu tentei dizer a ela que o hino da França não faz referência aos católicos, por exemplo, e que todos os imigrantes podem se tornar franceses, ao passo que em Israel nem todos podem ou querem se tornar judeus. Talvez por deficiência do meu hebraico, meu comentário foi em vão, e Marie continuou a não entender a recusa em tocar o hino.

⁸⁰ Além do *Avoda*, o *Meretz* é outro partido de esquerda.

Passou-se a falar sobre os árabes, seu status no país. A professora disse que eles não servem o exército pois “são inimigos”. A moça belga, Elodi, perguntou: “mesmo que eles queiram eles não podem servir?”. A professora falou então do problema dos espiões. Citou o nome de Mordechai Vanunu⁸¹, que era judeu. Ele era *shoma*, uma vergonha para a sua família. Ela disse que o espião não se arrependeu, daí aprendemos a palavra “arrependimento”. Ela perguntou a Nir, o americano, se ele se arrepende de algo e ele disse de não ter servido o exército. Aqui ou nos EUA, ela perguntou. “Aqui e lá, mas mais aqui”, ele respondeu. A professora contou que a melhor experiência de sua vida foi servir ao exército, como investigadora. Aprendemos a palavra “experiência”, e como distingui-la da palavra “experiência” expressando tempo de trabalho. Teceram-se elogios ao exército e a professora disse que hoje há um problema grande com drogas dentro do exército. “Mas é proibido!”, alguém exclamou. “Sim, mesmo assim”, ela disse. A conversa foi parar nos programas especiais que o exército tem para a população usuária de drogas, síndrome de down e asperger.

O dia 22 de maio

Contrariando o uso de tópicos para tratar a etnografia, apresento o dia 22 de maio como um exemplo do transcorrer da aula, que tem como característica a abordagem de vários assuntos, a maioria sem maior aprofundamento.

Victoria, francesa, faltou no dia anterior pois esteve na Noruega. A professora perguntou se ela visitou os fiordes. Só a capital mesmo, respondeu. A aluna trouxe chocolates belgas para a turma. A aluna Simha, que tinha por hábito beijar a mezuzá no batente da porta e trajava roupas modestas, inclusive com a cabeça coberta, ficou verificando se a caixa de chocolates trazia algum certificado casher. Mas não tinha, então não se serviu de nenhum. A professora comentou: mas é só chocolate! Mas Simha disse que o chocolate levava leite, e o leite tinha que ser casher. A professora então contou que o marido dela só entrava para comer onde fosse casher, incluindo só um cafezinho. Na sala lembrou-se que há duas grandes cadeias de café casher em Israel: Cofix e Aroma.

⁸¹ O ativista pacifista Mordechai Vanunu era um técnico da planta nuclear israelense em Dimona quando na década de 1980 decidiu revelar o que sabia sobre o programa nuclear israelense à imprensa britânica. Vanunu foi sequestrado pelo serviço secreto israelense em Roma, levado de volta a Israel e sentenciado a 18 anos de prisão por traição e espionagem. (Ver: Day, 1992)

A professora começou a falar sobre Oren Hazan, o deputado que tirou uma selfie com Donald Trump. Trata-se, disse, do mesmo deputado que foi para cassinos na Bulgária onde havia muitas mulheres (segundo eu havia lido no *Haaretz* trata-se de um incidente envolvendo inclusive menores de idade). Rachel disse: como aquele que costumava ser o primeiro ministro da Itália, como era o nome dele? Alguém falou Berlusconi. Ela também lembrou de uma deputada que havia sido atriz pornográfica, que segundo a professora nasceu na Itália e era deputada na Hungria. Precisamos escrever sobre as notícias do dia em uma folha destacável e entregá-la. A morá corrigiu um pouco e leu um pouco de algumas. Eu escrevi que houve um acidente em Tel Aviv e os jornalistas acreditaram até uma certa altura que poderia ser um atentado terrorista. Alla chegou atrasada e disse que não lia notícias. Eu disse a ela que ela podia ler agora, enquanto escrevíamos. Estava com um semblante cansado como sempre. A professora disse que o país estava de parabéns por organizar tão bem a polícia e o exército.

A professora também disse que havia na sala dois níveis e perguntou se as três senhoras francesas não gostariam de ir para o *alef plus plus* (ou seja, retroceder de nível), pois ela desejava apertar o passo. Nenhuma das três senhoras quis ir. Eu não via um grande desnível. Para mim era difícil acompanhar alguns momentos da aula também. A professora também falou que os textos que tratávamos em aula não eram difíceis.

Quando estávamos tratando da preposição *el* ela falou de *eli*, perguntou quem conhecia uma música *Eli eli* sobre o Holocausto que foi cantada na cerimônia do dia do Holocausto. Cantou um pedaço e ninguém conhecia, com exceção da moça húngara, Gabriela.

Havia um exemplo de um kibbutz no livro de exercícios e ela contou qual kibbutz tinha dado origem a quais personalidades famosas, qual era o kibbutz de Ben Gurion, no Negev, e quem tinha vindo do kibbutz Degania, incluindo uma poetisa Rachel Shapira (1945-) e também a compositora da canção *Yerushalaim shel Zahav*, Naomi Shemer (1930-2004).

Zero motivation

Certo dia fomos perguntados se gostaríamos de ver um filme e a resposta foi positiva. Fomos para a sala do nível *beit plus plus* onde o som era ruim e a sala

muito iluminada para passar um filme. A professora deles interrompeu o filme algumas vezes para se certificar de que todos estavam entendendo, mas o nível deles era avançado demais, eu entendi muito pouco. Trata-se do filme: *Zero motivation*, que por sorte eu já havia visto no Brasil, com legendas. Vi algumas pessoas dormindo, outras realmente interessadas. Rachel, nossa professora, também nos acompanhou, mas pouco entrevistou.

Uma colega de apartamento francesa, ainda em 2015, havia comentado o filme: “vi e tive que reconhecer que, se se faz um filme assim em Israel, é porque Israel é uma democracia”. O filme, que flerta com a comédia, mostra aspectos pouco elogiosos do exército israelense, uma instituição que goza de grande prestígio na sociedade israelense, inclusive invocado em classe em outras ocasiões. Má vontade e insubordinação são a tônica entre as soldadas retratadas. Uma personagem, por exemplo, é uma infiltrada se passando por soldada de uma unidade que comete suicídio em virtude de uma desilusão amorosa. Em outra cena há a tentativa de estupro de uma soldada por um soldado.

No dia seguinte a professora afirmou que ficou apreensiva em nos mandar ver o filme, mas a recepção da sala foi positiva. A professora traduziu o título em hebraico para “zero relações sociais”. Um amigo israelense preferiu a tradução “zero habilidades sociais”. Conversei com Elodi e Victoria e elas disseram que gostaram muito. Os mesmos elogios foram repetidos em sala. A professora explicou algum vocabulário utilizado no filme, incluindo algumas *slangs* (gírias), nome que ela usou em inglês mesmo.

Depreende-se pela ampla recepção positiva da sala que os *olim* em geral não esperam que o ulpan lhes transmita imagens idealizadas de Israel. A instituição, por outro lado, vem ao encontro das expectativas dos estudantes, oferecendo conteúdo midiático atual e crítico.

Uma reedição da discussão no Ulpan Gordon

Tivemos no Ulpan Neve Tzedek a reedição de duas discussões travadas anteriormente no Ulpan Gordon. Quando a professora Rachel perguntou aos alunos porque tinham vindo ao país e quais as vantagens que viam no país, muitos responderam “praias”, “verão” e “calor”, ao que a professora teve atitude idêntica a da professora Ayelet, dizendo: “mas na Tailândia também há praias e calor”.

Por outro lado, foi aberto espaço para que os alunos desabafassem sobre suas críticas e insatisfações com o país. Mais uma vez os franceses reclamaram que os israelenses não gostam de *olim* franceses, os exploram, pedem mais dinheiro deles pelo mesmo produto. A diferença é que Rachel interveio para dizer que isto não era verdade. Ayelet não havia emitido opinião.

A aluna belga Elodi disse que uma senhora disse a ela: “*zot lo há medina shelach!*” (esta não é a sua terra). A professora interveio novamente e disse que o país era de todos os judeus no país. Os alunos reclamaram do trânsito, da sujeira das ruas. Mais uma vez a professora não concordou: “onde estão as ruas sujas? Onde há lixo nas ruas?” Os alunos então citaram ruas. Elodi contou, em tom de reclamação, que levou uma multa. Estava de bicicleta no *tayelet* (calçadão), como tantos outros, mas foi a única a ser multada. Argumentou para a fiscalização que havia várias pessoas, que não havia placa de proibido, que era imigrante nova, que não sabia, tudo em vão. A professora perguntou de quanto foi a multa. Elodi disse que não era pelo valor da multa, e sim pelo princípio.

Durante o tempo que acompanhei os *olim* pude perceber que reclamar e criticar é um esporte do qual muitos gostam e praticam. Mesmo dentre os alunos que se poderiam classificar como mais convictamente sionistas sobra energia para criticar o país, afastando a ideia de que sua convicção pudesse induzi-los a ter uma visão romantizada do quadro geral.

Liberdade de expressão

No dia anterior à aula em que discutimos liberdade de expressão houve a parada gay em Tel Aviv. Aprendemos algum vocabulário relacionado a ela. Duas alunas contaram que foram, assim como eu. Parece que todos estavam tão preocupados com a parada gay que nem se deram conta da feira de livros. A professora então introduziu o assunto. Contou que um escritor árabe⁸² supostamente contra Israel recebe, mesmo assim, financiamento do Estado. Gabriella disse que nasceu em um país socialista, a República Tcheca, e que sabe “como é duro ter vedada a liberdade de expressão”. Aprendemos a expressão “liberdade de expressão”, *hofesh dibur*. Elodi disse que achava errado ser financiado pelo Estado e ser contra o mesmo.

⁸² Provavelmente trata-se de um escritor palestino-israelense. A palavra árabe foi uma escolha da professora.

A professora perguntou “e se ele fosse judeu estaria tudo bem ele escrever o que escreve?”. Uma provocação interessante, mas que não ensejou uma reação explícita dos alunos.

Em outra aula posterior o objeto foi também a discussão de liberdade de expressão. A professora trouxe que o ministro da educação Naftali Bennett (1972-) queria interditar os professores universitários de expressarem suas posições políticas e disse em sala de aula que ele (o ministro) era religioso, em um tom um pouco reprovatório. Perguntou o que achávamos disso. Os alunos disseram novamente que se trata de uma democracia, “mas mesmo assim a democracia tem limites”, objetou a professora. Eu mencionei que o presidente Rivlin contradisse Bennett nesta questão. Mais uma vez, como em 2015, ler jornais todos os dias revelou-se precioso.

Em um outro dia a professora Rachel já tinha falado de um professor universitário árabe, e que justamente em função da posição que ocupava ela esperava mais dele, mas que ele expressou, segundo ela mesma: “a opinião de um árabe qualquer, uma posição radical contra Israel”. Aprendemos a expressão “lavagem cerebral” em hebraico e a professora falou que o que “eles” fazem em sala é às vezes lavagem cerebral, citando os *lubavitcher*⁸³. Ela perguntou quem era a favor de Netanyahu e Marie disse que era. Victoria disse que os pais dela também eram, mas que ela não sabia. Eu falei de Paulo Freire, para quem todo professor, bom ou mau, sempre influencia seus alunos. “E se eu ficar em silêncio, como é que eu influencio os meus alunos?”, disse Rachel. Eu quis dizer que a omissão também influencia, mas me faltaram as palavras.

A professora contou que tinha 3 filhos em casa, e cada um deles tinha uma posição política, um de esquerda, um de direita e um de centro. “De qual posição política eu sou então?”, ela perguntou, talvez ainda em resposta à minha intervenção sobre Paulo Freire. (Era meu penúltimo dia, eu podia abandonar o meu *low profile*). Elodi comentou que em outra aula a professora havia falado sobre si que era muito transparente. “Você é de direita”, apontou então. A professora disse: “parece que eu não sou tão transparente”. Rachel não chegou a se classificar, mas não se identificou como alguém de direita e emendou: “a direita em Israel é a favor de uma Israel do Mediterrâneo ao Jordão”. Alguém disse: “mas o seu marido não é religioso? Ele é de

⁸³ Os *lubavitcher*, também conhecidos como Chabad, são um grupo judeu ultra-ortodoxo que pratica o proselitismo apenas entre judeus (nascidos de uma mãe judia). Esta característica os distingue dos demais grupos ultra-ortodoxos, que tendem a ficar reclusos em suas vizinhanças (BERMAN, 2009).

direita então?”. A professora falou: “ele é religioso, mas tem a mente aberta, é uma pessoa de esquerda”. Alguém perguntou: “por que os árabes não gostam dos judeus? Desenrolou-se mais falatório, falas sobrepostas, impossíveis de acompanhar. Eu perguntei primeiro se era por conta da ocupação, *kibush*, e depois se era por causa do antissemitismo. Da primeira vez ela respondeu: “não, antes da Guerra dos Seis Dias eles também nos odiavam. Tudo aconteceu com Isaac e Ismael”. “Como se diz Ismael em inglês?”, alguém perguntou. Victoria ficou em dúvida por alguns instantes mas acabou traduziu como Ismael.

Judeu ou árabe?

Certo dia Victoria aproveitou um momento dedicado a uma discussão genérica para abordar um tema que não tinha relação com o que se discutia, mas estava provavelmente pensando em seu coração. Sem se apegar a um contexto para a sua fala ela disse sentir-se incomodada porque a discussão em Israel sempre era em torno de árabes *versus* judeus, coisa que ela não compreendia, sendo que “árabe é um povo e judeu é uma religião”. Ela disse: “meus avós são do Marrocos e da Argélia e falam árabe até hoje. Por que eu não sou árabe? Não tem árabes cristãos e muçulmanos? Por que não árabes judeus?⁸⁴”. A discussão se desenrolou com a professora apontando que ser judeu era diferente. Victoria perguntou e respondeu a sua própria pergunta: “você sabe qual a definição de árabe? É alguém cujos pais falam árabe”.

⁸⁴ Segundo Levy (2017), a pesquisadora israelense de origem iraquiana Ella Shohat trouxe o termo “judeu árabe” de volta à cena pública na década de 1990. Shohat apresenta a si mesma como judia árabe e por este termo trata aqueles com histórias semelhantes à sua. Em um vídeo disponível na internet (<<https://vimeo.com/61087229>>, acesso em 19.03.19) a pesquisadora se pergunta se a imigração para Israel não é apenas um novo exílio. Ela descreve a vergonha de se falar árabe, uma língua desprezada e mal-vista, com a família durante os anos formativos do Estado de Israel, nomeadamente a década de 1960. Ella descreve também o sentimento de identidade nascido entre sua mãe e um vendedor palestino por ambos falarem variantes árabes (sentimento esse visto como subversivo pelo ethos sionista). Em outro vídeo (<<https://www.youtube.com/watch?v=N52vkK9o98>>, acesso em 19.03.19), Shohat menciona explicitamente o processo de des-arabização dos “judeus árabes” levado à cabo pelo Estado sionista. A denominação corrente para os imigrantes judeus vindos ao Estado de Israel de países árabes é *mizrahi*. A situação hoje em Israel é tal que a grande maioria dos *mizrahi* rejeita ser identificado como judeu árabe, à parte de algumas exceções, que ostensivamente desafiam o discurso sionista (SHIMONY,2013). Klein (2014) demonstra como existia algo como uma identidade “judeo-árabe” na Palestina até os anos 1930, que se não era explicitamente mencionada, era ao menos vivida. Para tanto, Klein relembra que não havia segregação espacial entre árabes e judeus na Palestina de então, sendo que árabes e judeus eram vizinhos e se comunicavam majoritariamente em árabe. É precisamente esta segregação espacial que segundo Shenhav (2011) se tornou a tônica do Estado de Israel, que temia identificação entre as populações palestina e “árabe-judaicas”.

Alina, uma moça grega, juntou-se à discussão, parecendo tomar partido no questionamento de Victoria.

Em um dado momento a professora disse: “*don't insult anyone!*” Em inglês, o que parece mostrar que a discussão estava mesmo fervendo. Victoria disse: “mas porque isto seria um insulto?”. “Em todo lugar os judeus vão casar com um rabino debaixo da *chupã*”, disse a professora. Um rabino não deixaria um judeu e um árabe casarem. Alina emendou uma questão: “eu sou grega, ou judia? Eu não sou religiosa!”. A professora reiterou que nada tinha a ver com religião aquilo. “E se eu for uma grega sem religião, eu não sou só grega?”, emendou. A professora perguntou: “por que você veio para cá, em vez de ir para a Inglaterra ou os EUA?” Alina respondeu: “porque para mim é mais fácil, porque eu aqui tenho a cidadania”. A professora perguntou: “e como você se sente aqui?” Alina respondeu que gosta de Israel, pois sente que “há uma afinidade de pensamento”. Com um sorriso triunfante a professora disse: “é isto. É uma questão de cultura”. “Os judeus por todas as partes são sempre judeus”, e deu a discussão por encerrada. Georgina estava sentada do meu lado e sussurrou: “você não é judia, é?” Eu disse que não. Ela disse: “só nós duas!!” Ela pareceu querer dizer que só nós duas estávamos ali, perdidas em meio a assuntos judaicos, como se nós duas não realmente participássemos da discussão.

Sangue árabe, sangue judeu

A professora trouxe uma história que eu já havia lido, pois saíra em muitas manchetes do mundo inteiro. Os pais de um bebê palestino estavam acidentados, a mãe estava impossibilitada de amamentar. Então uma enfermeira judia israelense, que havia há pouco tido um filho, passou a amamentar o bebê. A professora perguntou qual a opinião dos alunos a respeito. Todos tiveram opiniões favoráveis, com exceção de Marie, que disse que isto era errado. Disse duas coisas. Reiterou várias vezes a frase: “sempre os judeus são humanistas, e os palestinos só querem nos matar”. Também falou que “isto é errado, isto é como trocar sangue”. A sala, a deduzir por caretas e burburinhos, voltou-se contra ela. Victoria a confrontou oralmente, em francês: “você já teve que pedir transfusão de sangue na França?” Ao que Marie respondeu afirmativamente: “sim, já”. Então Victoria falou: “e você escreveu na sua ficha médica: ‘não aceito sangue árabe?’” Ao que Marie calou. Depois que a aula terminou ouvi um burburinho entre Victoria e algumas interlocutoras. Victoria disse: “incríveis as opiniões

dela!”, referindo-se a Marie. “Ainda bem que ela não estava aqui na semana passada!” (referindo-se à aula em que levantou a polêmica sobre por quê não poder ser árabe e judia).

3. Tinau

Tinau é o acrônimo de “*This Is Not An Ulpan*”. Um ulpan particular, não financiado pelo Estado, e de linha mais crítica onde eu frequentei o curso “Mitos de Israel” em hebraico fácil (*ivrit kalá*). Há outros ulpanim particulares em Israel, que são credenciados com o ministério da educação e onde se pode (ao invés da gratuidade do sistema público), obter subsídio como *oleh hadash*. A proposta do TINAU, no entanto, é diferente. Em sua página na internet (<https://www.thisisnotanulpan.com/our-story>) conta-se que a ideia de um ulpan alternativo surgiu em meio aos protestos de 2011 que varreram o país (em geral contra o alto custo de vida). Alunos e professores desiludidos com o sistema tradicional de ulpan inspiraram-se na pedagogia de Paulo Freire para propor algo inovador. O slogan do TINAU é: “*nós não aprendemos hebraico, nós aprendemos em hebraico*”.

Outro diferencial do TINAU é oferecer o curso de língua árabe palestina. Tive a oportunidade de conhecer a professora de árabe, uma palestina, e ter uma breve conversa com ela, na qual ela me contou que havia crescido em um meio palestino e estava cansada de orbitar apenas em torno dele. A professora estava satisfeita com o prospecto de ensinar árabe palestino a judeus israelenses, o que via como um diálogo importante. O TINAU é gerenciado por israelenses judeus, palestinos e também por “*newcomers*” (novatos). Compareci no dia dedicado à apresentação das atividades do TINAU e lá havia também uma professora de alemão oferecendo cursos. Havia uma gama de cursos não tradicionais em hebraico: ginástica em hebraico no parque, teatro em hebraico, filmes e músicas em hebraico. Eu optei pelo curso “Mitos de Israel”, em oito módulos, a ser ministrado pelo professor Matan.

Por não haver subsídio do ministério da educação a maioria do público, ao menos em minha experiência, acaba sendo de não judeus, embora haja também *olim hadashim*. As aulas davam-se no bairro boêmio de Florentine, um lugar também conhecido por sua população de imigrantes (judeus e não- judeus).

Uma aula no TINAU

Relato em seguida uma aula que ocorreu em maio de 2017. No dia 04 de maio fui ao TINAU, com cerca de dez participantes, sendo um deles Augustin, um mexicano não judeu que só fala inglês em um kibbutz, e outras nove mulheres. Quando cheguei Augustin estava conversando com Tamara, eu dirigi-me a eles em inglês e eles logo disseram: “*RAK be ivrit* (SÓ em hebraico)”. Assim conversamos um pouco, Tamara contou que é do Canadá e Augustin contou que não havia ao menos cinco participantes que pagaram o curso até o final, o que seria o mínimo requerido. Mesmo assim, por esta aula o professor deu prosseguimento.

O professor falou da “Santa Trindade” desenvolvida por Ben Gurion. Como em uma revelação mística, Ben Gurion diz que só se interessou pelo Tanach (também conhecido por Bíblia hebraica, coleção de textos canônicos judaicos escritos em hebraico e aramaico e fonte do Antigo Testamento na tradição cristã) na terra de Israel. Antes, na diáspora, o Tanach não fazia sentido, pois só fazia sentido religioso. A Santa Trindade de Ben Gurion era: “a terra, o povo e o Tanach”. O Tanach, lido como história, e deixando Deus de lado, seria a ligação entre a terra e o povo.

Depois começou uma discussão sobre a representação do não judeu no Tanach. Matan, o professor, havia nos pedidos que trouxéssemos uma passagem do Tanach. Uma moça alemã trouxe a história do profeta Ido, que foi comido por Deus. Esta história não foi aproveitada pelo professor. A outra história foi trazida por Tamara, que falou sobre a história de Ruth. Ruth, uma personagem bíblica convertida ao judaísmo⁸⁵, ficou ao lado de Noemi mesmo depois que seu marido judeu Boaz morreu. Matan disse que esta história era boa pois era uma representação de um *goi* (não judeu) que serve aos interesses de representação da perspectiva da escrita de uma história judaica.

Em um dado momento, Matan falou sobre o romance escrito por Jabotinski, *Simsom*, e também sobre como o elemento *goi* feminino era visto como hiperssexualizado, como tentador. “Para os israelenses?”, alguém perguntou. Tamara disse: “não, para o mundo judeu inteiro” e resumiu numa palavra: “*shiksa*” (palavra pejorativa que quer dizer a mulher não judia tentadora que é vista com desprezo pelos judeus). Alguém perguntou se o estereótipo era do judeu forte no romance de Jabotinski, e Matan

⁸⁵ Ruth Ouazana citou algumas vezes com orgulho que o seu nome vinha de uma personagem convertida ao judaísmo. Isto revelava a sua abertura quanto aos convertidos.

disse que sim. Parece-me que Matan trouxe o romance porque ele é uma alegoria do destino do povo judeu. Alguém perguntou se os homens também eram uma ameaça sedutora para as mulheres.

Também perguntaram o que as mulheres judias achavam disto tudo e Matan disse que não tinha como saber, pois a história era escrita por homens judeus, não por mulheres judias. Matan levantou a questão sobre o fato do filho de uma mulher ser judeu, mas o filho do homem não necessariamente. Isto fez Nora falar que embora isto fosse verdade, no seu ulpan ela só encontrou namoradas não judias de judeus e nunca viu o contrário. Matan disse que conhecia vários casais que eram o contrário (com a mulher do casal sendo judia e o homem não).

Depois desta polêmica sobreveio outra, sobre o sentido da palavra *goi*. Eu disse que *goi* é “como nativo”, ao que ninguém, nem mesmo Matan concordou. Apenas Sara disse que em grego *goi* é nativo, e que fazia sentido chamar os não judeus de nativos quando estes estivessem na diáspora. Aliás, a polêmica envolvendo *goi* surgiu porque aprendemos a palavra estrangeiro pro Tanach, e alguém, erroneamente, sugeriu *goi*, palavra que, como Matan explicou, é mais tardia. Segundo ele, tende a ter uma conotação negativa. A polêmica envolvendo gêneros e relações entre judeus e não judeus foi uma extrapolação.

Matan voltou ao ponto que queria demonstrar. Que na Israel dos anos 2010 deus estava de volta na equação envolvendo terra, povo e Tanach. Ele nos mostrou um programa que vai ao ar no Dia da Independência, em que se faz um concurso sobre o Tanach e crianças disputam seus conhecimentos. A prova é difícil e todo ano tem um tema. Em virtude das últimas resoluções da ONU, a prova foi sobre Jerusalém em 2017. Matan mostrou uma passagem em que o ministro da educação, Naftali Bennett (1972-), fala sobre como deus pôs os judeus na terra prometida. Naquele tempo eu lia constantemente no jornal *Haaretz* sobre como Bennett queria fortalecer o conteúdo judaico ministrado na escola. Matan disse: eu e todos os israelenses tivemos Tanach na escola.

De alguma maneira a questão sobre a constituição veio à tona. Matan disse que os religiosos se opunham a uma constituição pois seria uma lei que não é a divina. Nádia, uma filósofa russa, ficou indignada, pois disse que não havia legitimidade na jurisdição por conta disto, mas foi desdita por Matan. Ele também disse que havia esboços de constituição. Sara lembrou várias vezes que na Inglaterra também não

havia constituição. Augustin disse várias vezes que achava estranho a Bíblia com a ausência de deus (como preconizado por Ben Gurion).

Matan voltou ao vídeo e mostrou que pessoas de vários países acendiam 12 tochas. Perguntou porque doze e eu disse que era por causa das doze tribos, o que ele confirmou. Matan pediu que um aluno lesse um papel, no qual estava escrito um modelo do que diziam as pessoas que acendiam a tocha na cerimônia. Ao invés de doze tribos, cada participante contava de onde era, Marrocos, Etiópia, etc., todos *olim*. Polina, que estava sentada ao meu lado, disse que fizeram exatamente esta mesma cerimônia no Ulpan Gordon, mas para *Hanucá*⁸⁶.

Embora no Ulpan Neve Tzedek a professora trouxesse temas contemporâneos para debate, o que permitia por vezes que alunos expressassem opiniões críticas, a proposta do TINAU era diferente. Apesar de haver também a proposta do debate, o professor Matan tinha um plano de aula, ou seja, uma aula expositiva. Esta aula tinha como objetivo apresentar alguma questão relacionada a Israel de maneira crítica. Na aula relatada acima, o intuito de Matan era expor o contraste entre a laicidade do pai fundador do Estado de Israel, David Ben Gurion, e o “surgimento” de deus na cena pública israelense nos tempos atuais.

4. Entrevistas

As entrevistas realizadas em 2017 tiveram como propósito elaborar em profundidade temas concernentes aos agentes envolvidos nos ulpanim: um ex-coordenador de ulpan (Kobi), uma aluna do mesmo ulpan que frequentei, o ulpan Neve Tzedek (Elodi), duas ex-alunas de ulpanim em Raanana⁸⁷ (Daniela e Cláudia) e uma aluna do ulpan alternativo TINAU, mas que conta com experiências no Ulpan Gordon, Neve Tzedek e ulpan universitário da universidade de Tel Aviv (Nora). No caso das alunas ou ex-alunas foram desenvolvidas conversas nas quais foram abordados temas como: quais foram os motivos para imigrar para Israel, as experiências com a migração, as experiências no ulpan e o significado da palavra sionismo para as minhas interlocutoras (dado que os conceitos de pós- e neossionismo costumam ser correntes apenas

⁸⁶ A festa de Hanucá comemora a inauguração do Segundo Templo em Jerusalém à época da Revolta dos Macabeus. Também conhecida como festival das luzes a festa dura oito dias nos quais são acesas oito luzes de um candelabro chamado hanukkiá.

⁸⁷ Raanana é uma cidade de 74 mil habitantes a 20 quilômetros de Tel Aviv.

na academia). Com Kobi as questões tratadas foram similares, mas do ponto de vista de um ex-coordenador de ulpan. As entrevistas foram conduzidas em inglês.

Kobi

Conheci Kobi em 2017 por intermédio de sua namorada, Polina, que era minha colega no curso do TINAU. Polina e Kobi haviam se conhecido na Geórgia e se apaixonado. Ela era uma dramaturga russa não judia que estava em Israel aprendendo hebraico em função da sua relação amorosa. Eu costumava comentar sobre minha pesquisa com as minhas colegas de TINAU, entre elas Polina, quando saímos para jantar e via de regra acabávamos experimentando algum drink feito de arak. Polina comentou que Kobi havia sido coordenador de ulpan e eu perguntei se ele não estaria disposto a uma entrevista.

Kobi sugeriu para a entrevista um simpático café. Lá pedimos hummus e cerveja e engatamos em uma animada conversa. Ele me contou sobre suas próprias atividades acadêmicas. O seu doutorado havia sido sobre a reação de jovens alemães ao saberem das atrocidades do Holocausto. Por conta do seu tema de pesquisa havia morado anos em Berlim e aprendido alemão. Ao saber que eu era brasileira descendente de alemães⁸⁸ me propôs uma entrevista simétrica: eu o entrevistaria e ele me entrevistaria. Considerei esta uma proposta excelente. Desta maneira havia dois gravadores em cima da mesa, um meu, outro dele.

Kobi foi coordenador de um ulpan em uma faculdade de Beer Sheva⁸⁹ por alguns anos, onde eles recebiam turmas de americanos e turmas de falantes de alemão. Segundo ele, por uma questão de idade mais avançada e objetivos mais específicos, mas talvez também por conta da mentalidade, o grupo de falantes de alemão era mais fácil de coordenar que o grupo de americanos. A sua ideia era não tratar os alunos do ulpan como crianças, mas mesmo assim ele dava conselhos, como por exemplo não ir a Gaza ou a Hebron⁹⁰. Sobre Hebron, disse que o problema não eram os palestinos, mas os assentados judeus, que podem vir a ser mais violentos.

⁸⁸ Em minha dissertação de mestrado (WEISS: 2012) eu elaboro a questão de como me aproximei da temática do Holocausto como descendente de alemães.

⁸⁹ Beer Sheva é a maior cidade localizada no deserto do Negev, ao sul de Israel, com aproximados 200 mil habitantes.

⁹⁰ Na cidade de Hebron (na Cisjordânia) o conflito israelo-palestino se revela agudo. A Faixa de Gaza está, simplesmente, encerrada.

O perfil do ulpan que ele coordenou era diferente dos ulpanim tradicionais que eu frequentei (Gordon e Neve Tzedek), já que a minoria apenas dos alunos pensava em se estabelecer em Israel. Dentre os alunos falantes de alemão ele estima que não mais de 25% eram judeus.

Kobi contou-me que, no âmbito da universidade, havia muita preocupação com segurança por causa de um incidente violento que houve em outra universidade certa vez. Assim, quando eles faziam excursões levavam sempre pessoal de segurança consigo (o que não ocorreu conosco durante a excursão do Ulpan Gordon). Da mesma maneira, todos os alunos tinham que ter seguro de saúde caso se acidentassem em uma das excursões. Os lugares para os quais houve excursões incluíam lugares no deserto como Sde Boker e Sde Ramon⁹¹, além do Mar Morto⁹². No Mar Morto eles eram subdivididos em dois grupos: um ia para Masada⁹³ e o outro para Ein Gedi⁹⁴, viagens para as quais contratavam guias. Pedi a Kobi que me falasse mais sobre isso, já que eu tinha tido a experiência de um guia sionista na viagem do Ulpan Gordon para Jerusalém. Kobi era responsável por contratar os guias e os palestrantes e segundo ele, procurava contratar gente “de todos os lados”. Portanto, Kobi chegou a contratar guias que considerava muito sionistas e, em suas próprias palavras, potencialmente problemáticos. Mas ele gostaria que os alunos se confrontassem também com isso. Da mesma forma, foram também contratados guias que, segundo Kobi, se situavam à esquerda e que “tentavam olhar a coisa por diferentes ângulos”.

Contei a Kobi que nosso guia para Jerusalém disse que a “capital eterna do povo judeu era Jerusalém”, assim como a professora Rachel do Ulpan Neve Tzedek. Kobi contou então que havia um guia que ele conhecia muito bem, Jackie Feldmann, que teria feito “meta-excursões”, já que o seu tema de estudo eram as excursões em Israel. Uma das excursões que fizeram com ele foi ao Monte Herzl⁹⁵, onde não se tratava de uma excursão tradicional mas uma em que se discutisse o que o Estado de Israel esperava que as pessoas conhecessem naquele lugar e por quê.

⁹¹ Trata-se de um kibbutzim no deserto do Negev, ao sul de Israel.

⁹² O Mar Morto é um lago salgado localizado entre Israel, a Cisjordânia e a Jordânia. Trata-se de uma atração turística que atrai turistas do mundo todo. Estive lá em 2017. A característica peculiar do Mar Morto é que, devido à grande quantidade de sal, não é possível afundar em suas águas.

⁹³ Masada é uma fortificação da era pré-cristã situada ao sul de Israel. Trata-se de uma das principais atrações turísticas do país.

⁹⁴ Ein Gedi é um oásis e uma reserva natural em Israel, localizado próximo ao Mar Morto.

⁹⁵ O Monte Herzl é o cemitério nacional de Israel, situado a oeste de Jerusalém.

Diferentemente do que ocorreu com a minha excursão a Jerusalém, quando o guia falou em *ivrit kalá* (hebraico fácil), a proposta do programa de Kobi era que os alunos aprendessem hebraico mas as atividades extra-curriculares seriam conduzidas na língua de origem dos alunos, inglês ou alemão.

O preço dos dormitórios, as palestras e excursões estava já incluso no preço do programa. A não ser que alguém optasse por não usar os dormitórios, então pagava mais barato (o que acontecia, por exemplo, quando alguém já tinha um parceiro amoroso no país e desejava morar com ele). Embora muitos alunos pagassem o preço particular, muitos recebiam bolsas de universidades.

Kobi contou-me que certa vez, na qual ele não pôde estar presente, um grupo de alunos foi para o museu de Sde Boker e para a casa onde Ben Gurion morou. Lá foi passado um filme que girava em torno de “como se tornar um líder”. Os alunos alemães contaram que para um alemão era impossível assistir a este filme. Eles vêm com todas aquelas imagens da época do nazismo na cabeça. Eles odiaram a experiência. Ele recebeu muito *feedback* negativo dos alemães, mas não dos americanos. “Porque você sabe”, diz Kobi, “na Alemanha não é permitido ser um líder, ainda mais usando este nome”. “Você tem que ser o líder resistindo à liderança”.

Segundo Kobi, todos os anos havia os “*anti-Deutsche Deutsche*” (alemães anti-alemães), análogos germânicos do “*self-hating Jew*”. Muitas vezes estes “*anti-Deutsche*” expressariam um amor cego por Israel, e teriam, portanto, afinidades com o sionismo. Kobi, que se entendia em primeira instância como um pesquisador, via-se compelido a oferecer a estas pessoas uma contra-narrativa. Avaliou que em círculos da esquerda alemã este sentimento “*anti-Deutsch*” era muito difundido, embora nem todo “*anti-Deutsch*” fosse de esquerda. Comentei que ser de esquerda não seria compatível com ser inequivocamente a favor de Israel. Ele reagiu dizendo que é fato que não é possível ser de esquerda e apoiar Israel incondicionalmente.

Meu entrevistado expressou a vontade não necessariamente de combater o sentimento “*anti-Deutsch*” mas de não tomar partido. Às vezes era necessário contrabalançar algumas convicções, já que, como ele notou, os ulpanim tem o potencial de se tornar extremamente sionistas. Aproveitando esta deixa, contei-lhe de um trecho do livro didático que tínhamos no Ulpan Neve Tzedek. Neste trecho os primeiros imigrantes judeus a irem para a cidade de Petah Tikva traziam um médico judeu grego para saber se naquelas condições era possível “um ser humano viver lá” (principalmente por causa da insalubridade e da malária). O médico respondeu que não havia

condições, mas em um trecho anterior do material didático era mencionada a presença de moradores árabes na mesma área. Kobi captou a ironia: “os árabes não são seres humanos”, observou.

O ex-coordenador de ulpan notou que havia uma contradição no início do sionismo. Tinha-se por certo que aquelas terras (Eretz Israel ou Palestina) estavam vazias, mas ao se deparar com pessoas vivendo lá continuava-se a portar-se como se estivessem vazias. “É uma ideia muito ocidental ou europeia”, disse Kobi, “você vem a um lugar ermo para fazer algo a partir do nada, como um deus ou um semi-deus, é a própria ideia da fronteira”.

Conversamos sobre o livro “*My promised Land*” de Ari Shavit. Contei-lhe que neste livro o autor se perguntava como o seu avô, um pioneiro sionista, poderia não ter se dado conta de que já havia habitantes no país. A resposta era que ele simplesmente não era capaz. Kobi engatou: “ele não se permitia”, porém lembrou que alguns pioneiros tiveram uma atitude diferente e pensaram que deveriam ter nos nativos um modelo de comportamento: trabalhar como eles, ter a pele bronzeada de sol como eles. Chamou a atenção para o fato de que alguns deles aprenderam árabe e tornaram-se amigos dos nativos.

Comentei com o meu entrevistado que ele havia mencionado antes de nossa entrevista que muitos professores querem ser sionistas. Ele lembrou-se de uma professora, “uma pessoa maravilhosa”, “mas que de fato era muito sionista”. Mudando de assunto, Kobi lembrou-se de uma aluna muito sionista que fora se queixar dele para a direção do programa. Acrescentou que ela era muito consciente de sua judeidade.

O ex-coordenador de ulpan havia certa vez chamado um professor, que no meio tempo morrera em um atentado terrorista em Sarona, para dar uma palestra sobre assentados judeus (*settlers*). A aluna em questão fez uma série de perguntas inconvenientes (“você está de acordo que os árabes peguem nossas terras, etc”) e Kobi instruiu o professor a não precisar responder aquilo que estivesse fora do seu tópico de discussão. Ela descreveu o professor como sendo completamente tendencioso, algo que, segundo Kobi, não poderia ser verdade. Houve mais incidentes com a mesma aluna.

Kobi me perguntou se eu estava a par de que nos últimos anos houve acusações de que professores de extrema esquerda estariam conduzindo lavagem cerebral em seus alunos nas universidades. Confirmei estar a par. Ele emendou que, se

um professor for de um sionismo mais descarado e fanático, isto não é tido como político, mas se um professor é de esquerda sim; o sionismo é algo com o qual “todos supostamente concordamos”. Meu entrevistado contou que um tema recorrente das palestras que ele organizava para o ulpan era o conflito Israel- Palestina, pois havia muita demanda por parte dos alunos. Reagi dizendo que “Holocausto”, “palestinos” e “assentados (*settlers*)” foram três palavras que eu não ouvira em minha experiência de ulpan em qualquer língua. Ele ficou surpreso que eu não tivesse ouvido a palavra Holocausto.

Contou-me como o fundador da sua universidade, Mark, sabendo que Kobi pesquisava temas relacionados ao Holocausto, o instruíra a não fazer muitas atividades sobre o tema, já que não queria que Israel ficasse demasiadamente identificada com ele. Mark, seu supervisor, foi retratado como “um homem maravilhoso, muito religioso, com a cabeça muito aberta”. Certa vez ele havia convidado assentados de Hebron para falarem em frente às turmas, o que enraiveceu o meu entrevistado a princípio, mas depois ele acabou achando importante que pessoas de tão diferentes origens fossem chamadas. Havia professores árabes na universidade, e beduínos dos arredores também eram chamados às vezes para palestrar. Certa vez uma professora que dava aula em uma classe avançada de ulpan ficou indignada porque numa excursão supostamente a visão transmitida aos alunos era “toda favorável aos árabes”. Quando Kobi foi conferir que textos ela apresentava aos alunos em sala de aula, descobriu que eram pesadamente sionistas.

Tentamos entender se os livros- texto usados pelos alunos do ex-coordenador de ulpan eram os mesmos que eu havia usado, sem porém chegar a uma conclusão. Kobi contou que mediante as reclamações por parte dos alunos em relação a professores ou palestrantes iria investigar, mas que basicamente deixava tudo como estava. Na verdade acabava fazendo o contrário: alertando os alunos destes professores muito sionistas de que deveriam se manter críticos diante dos textos a eles fornecidos.

Pedi então ao meu entrevistado que definisse sionismo, ao que ele disse que sionismo não é uma boa palavra. “Você poderia ser sionista e eu poderia não ter nenhum problema com você; embora não seja minha visão de mundo não teria problema com você”. Kobi continuou: “há muitos tipos de sionismo, sempre houve. Alguns são de mente muito aberta, alguns deles são insanos”. O tipo de sionismo que Kobi não gosta é o que apresenta as coisas “exatamente como são”, que apresenta Israel

como uma eterna vítima e que presume que tudo que Israel está fazendo é sempre correto. Lembrei a ele um lugar comum que escutei muitas vezes quando estive em Israel, que o exército israelense seria “o mais moral do mundo”, ao que ele reagiu: “exatamente este tipo de besteira”, “tudo o que convence os outros do quão maravilhosos somos e de quão terríveis são os outros”.

Kobi ponderou que todo nacionalismo irrefletido se torna chauvinista. Em Israel porém o chauvinismo estaria conectado com o vitimismo, o que o fazia parecer o contrário do chauvinismo. Em geral apresenta uma imagem em preto e branco. “Eles querem nos matar, não sabemos por quê, talvez seja a sua religião, seja a sua cultura, seja quem eles são, na verdade sempre os ajudamos”.

Interpelei o meu entrevistado com outro lugar comum que ouvi várias vezes em Israel: de que os palestinos querem matar os judeus justamente porque estes últimos são tão incríveis. Eles querem matar os judeus porque têm inveja deles. Lembrei que, embora alguns tenham me dito isto explicitamente, muitas vezes está apenas implícito no discurso dos judeus israelenses. Ele então contou que há uma antiga expressão em hebraico: “*iorim vebuchim*”, o que quer dizer “atirando e chorando”. Perguntou-me se eu já ouvira esta expressão. Eu nunca ouvira, mas fazia sentido. Ele notou que embora já tenha se tornado uma piada, a lógica da expressão continuava a mesma. “Nós os matamos, mas somos tão moralmente elevados que choramos pelo mal que eles nos fizeram fazer a eles”. No começo, disse, a expressão queria dizer algo como um entendimento de que as coisas não são exatamente como se pensava. Meu entrevistado deu então o exemplo de um soldado judeu israelense que é obrigado a atirar na população civil (palestina). Ele percebe aquilo como errado, mas tenta justificar. De maneira que Kobi acredita que o sentido original da expressão era sério e o fenômeno ainda existe.

Contou-me que fora soldado e que amigos seus haviam sido soldados e que se viram diante de situações difíceis. Afinal, entendiam-se como boas pessoas, só queriam servir ao seu país, mas acabaram fazendo coisas que não esperariam. E viam-se diante da tarefa de “limpar” as coisas ruins que aconteceram. Kobi sugeriu que eu visse o documentário “*To see if I’m smiling*”, de 2004. “Há coisas mais difíceis de se ver”, disse ao lembrar que estudava assuntos relacionados ao Holocausto e que havia visto e lido coisas realmente terríveis. Mesmo assim, este documentário o impactou muito.

Após todo curso o então coordenador de ulpan fazia um *survey* para avaliar o seu programa. Geralmente ele recebia muito *feedback* positivo. Alguns alunos voltavam três, quatro vezes, o que o deixava muito feliz. Ele ainda nutria uma relação de amizade com muitos alunos e os encontrava em Israel ou na Alemanha. Geralmente alguma palestra também ficava a par de Kobi, o que possibilitava aos alunos ver a sua própria perspectiva; palestras estas sobre o seu tema de pesquisa.

Meu entrevistado rejeitou ser chamado por mim de “diplomata”. Ele disse que dando aulas ou palestras gostava de tornar as pessoas inseguras sobre aquilo que sabem. Então quando estava ministrando aulas sobre o Holocausto, sempre gostava de confrontar as pessoas com aquilo que sabem, ou pensam que sabem.

Também contou que sabia por quê não gostava das designações mediador ou diplomata: o mediador teria em mente dois lados claramente definidos. Quando estava na Alemanha, percebendo o seu sotaque, as pessoas lhe perguntavam imediatamente de onde era e perguntavam se ele era judeu. Kobi se recusava a dar uma resposta pronta, mas acabava cedendo. Ele não gostava que as pessoas automaticamente deduzissem que por ele ser judeu ele se interessava por estudos do Holocausto. Quando começou a estudar não queria fazer estudos judaicos (optando por estudos do Oriente Médio). “Judeus, judeus, vítimas, vítimas, eu odiava isto”. Kobi se lembrava com carinho do primeiro *paper* que havia escrito sobre um comunista iraquiano de metade do século XX, Michel Aflak. Naquele momento sentiu que estava vendo a realidade. Não exatamente Israel cercado por... eu complementei: “inimigos”. Ele diz sim, inimigos.

O ex-coordenador de ulpan contou que se identificou completamente com o seu objeto de estudo: um homem tentando fazer a coisa certa, tentando criar um mundo como comunista e fazendo coisas que não eram do interesse de Israel. Meu entrevistado jamais tinha tido acesso a esta perspectiva antes. Eu comentei que eu começava a achar que ele é um antropólogo, ao que ele respondeu “é claro que eu sou”. Acrescentou que se alguém nasceu na Alemanha ele tenta não descrever esta pessoa como um alemão. Ele também dizia aos seus alunos para seguirem esta diretriz. É difícil, segundo Kobi, escrever de uma maneira que abarque a complexidade das coisas. Escrever em si já é um processo de redução, mas temos que tentar. Fez um elogio a mim e diz que gostou de conversar comigo.

Kobi elaborou então um pouco sobre a sua identidade. Disse não se considerar nem falar que é judeu. Muito embora houvesse nascido de uma mãe judia e de

um pai judeu, embora tenha passado pela sua cerimônia de *brit milá*. Meu entrevistado deu como motivo para não se identificar como judeu o conflito Israel-Palestina e esta divisão entre judeus e não judeus. “Não seria mais fácil se todos nós fôssemos israelenses apenas?”, perguntou. Aproveitando o ensejo introduzi a questão da Lei do Retorno. Ele disse que concordava que fosse permitido o “regresso” de judeus e seus descendentes contanto que estivessem enfrentando dificuldades (*distress*) em seus países de origem. Caso contrário ele não via motivo para a aplicação da cidadania automática para judeus, seus cônjuges e descendentes.

Elodi

Elodi foi minha colega de turma em 2017 no Ulpan Neve Tzedek. Era uma aluna aplicada, que comparecia sempre às aulas e interagia bastante com a professora e com a turma. Vinha de bicicleta para a escola e era grande entusiasta de produtos naturais e terapias alternativas. Depois que eu já havia me desligado da escola perguntei por Facebook a alguns colegas se eles se dispunham a realizar uma entrevista comigo e ela foi a única que demonstrou interesse. O lugar conveniente para a realização da entrevista seria, segundo ela, o próprio pátio do Ulpan Neve Tzedek. Sentamo-nos nos bancos da escola, próximo às trepadeiras floridas e nos pusemos a conversar.

Ela me contou que veio para Israel há seis meses do Canadá pois precisava “mudar a sua vida”. Disse que sempre amou estar em Israel e há 12 anos, quando tinha 18, viera para um kibbutz. Seu pai morara em Israel quando criança e por meio dele fora possível retirar a cidadania. Ela disse que por alguma razão ama estar em Israel. Ela é judia por ambas as partes da família. Se fosse só pelo lado de mãe ela ainda poderia pedir para fazer *aliyah*, mas por meio do seu pai foi “um passo mais fácil”.

Elodi afirmou novamente que sempre se sentiu em casa em Israel “por algum motivo”, embora ela nunca tenha frequentado uma escola judaica ou vivido em meio a uma comunidade judaica. Elodi nasceu na Bélgica e se mudou para o Canadá aos 18 anos depois da experiência do kibbutz. Segundo ela, preferiu ir ao Canadá pois nunca se sentiu integrada na Bélgica, seja na comunidade judaica, seja na comunidade mais ampla, onde frequentou a escola pública.

Elodi creditava a sua boa integração em Israel ao fato de “haver pessoas de todos os lugares e todos compartilhando desta experiência de fazer *aliyah*, de frequentar o ulpan, todos os passos da imigração, é um elemento de ligação”. Ela também citou ter muitos familiares aqui, diferente do Canadá, onde só tinha a prima do seu pai.

Durante a época em que esteve no Canadá tinha um namorado, “uma história muito complexa”. Supostamente eles iriam mudar para algum lugar para mudarem suas vidas. Ao final “muitas coisas ruins aconteceram”, eles passaram por um período muito difícil juntos.

Há elementos relacionados a Israel ser o Estado judeu dos quais Elodi gosta. Embora ela não tenha nem crescido em um lar judaico religioso (os pais se consideram judeus mas não religiosos) o fato de as lojas fecharem aos sábados traz para ela um sentimento de tradição e pertencimento. Elodi descreveu da seguinte maneira a condição de sua família em relação ao judaísmo: nos principais feriados há um pouco mais de esforço que se coloca nas refeições, mas no Yom Kippur, feriado no qual segundo a prática religiosa se jejua, na família dela ninguém jejua, pois ninguém acredita.

Desde a sua vinda para Israel Elodi não se tornou nem mais nem menos ligada às tradições judaicas. Embora ela apreciasse as tradições, não as praticava ela mesma. Embora ela tenha dito que não segue as orientações para o shabbat, em seguida disse que com o seu ex-namorado aos sábados preferia ficar em casa ou convidar amigos ao invés de sair. “Por algum motivo” (que parece ser sua expressão favorita), ela gosta disso.

Comentei que fiz uma entrevista com uma Nora da Hungria e Elodi especulou que talvez conhecesse Nora da sua experiência do kibbutz. Esta especulação, no entanto, não se confirmou. Elodi comentou que havia uma boa atmosfera em sala de aula. Que as pessoas se ajudavam e que havia um sentimento de ligação (*bond*) entre os colegas. Seu entusiasmo com as professoras não pareceu grande. Ela acrescentou que depende do professor e da sala.

Ao considerar se ela mudaria alguma coisa na dinâmica de sala de aula ela disse que talvez focaria menos na gramática. Ela aprovou as discussões que tínhamos durante a primeira porção da aula e disse que pessoalmente gostava de ter muito vocabulário, que era elaborado durante essas discussões. Mencionou que a nossa

professora, Rachel, explorava eventos da atualidade mas não era politicamente neutra. No entanto Elodi acredita que é positivo que questões políticas sejam abordadas em sala de aula já que ela pessoalmente não vai atrás de questões políticas e isto a obriga a ficar em dia com as questões.

Sua professora anterior era diferente, era menos política. Elodi contou porém que este não foi o motivo de ela mudar para a professora Rachel, e sim porque ela queria progredir mais rápido. Elodi imagina que um dia terá um hebraico excelente mas que isto só virá depois do ulpan, pois o ulpan é muito focado em gramática. Ela pretendia fazer os níveis *gimmel* e *dalet* do ulpan.

Para a minha entrevistada sionismo seria a conexão que sente em relação a Israel e conhecer a história do país. Ela classificou o ulpan como sionista: “a idéia do ulpan é sionista, já que é financiado pelo *misrad haclitá* (ministério da imigração). São 500 horas-aula que você ganha quando imigra, o que é um belo incentivo”. Elodi não acreditava que isto por si só bastasse como incentivo para fazer *aliyah*, mas seria um belo incentivo e fomentaria a integração.

Elodi hesitou um pouco ao se entender como sionista. Acabou por fazê-lo e acrescentou que sentia isto quando Israel era tratado de maneira tendenciosa pela mídia internacional. Ela agregou que no Canadá é menos assim, mas que na Bélgica é possível dizer que a mídia é anti-Israel e isto afeta a população (belga) inteira. Ela não chegaria ao ponto de afirmar que se trata de uma lavagem cerebral, mas segundo ela os fatos são sempre apresentados com uma distorção.

Na visão de Elodi o viés da mídia belga é especialmente anti-sionista, mas ela terminou com uma consideração: onde está a fronteira (entre anti-sionismo e antissemitismo)? Ela disse que na crítica anti-sionista se sente que às vezes na verdade se trata de um antissemitismo sutil, o que a incomoda muito.

No final de nossa conversa Elodi perguntou-me sobre o que era a minha pesquisa, o que eu expliquei a ela em termos não acadêmicos. Conteí a ela sobre o TINAU, e ela chegou à conclusão de que valia a pena testar uma aula deles.

Nora

Conheci Nora no TINAU. Ela andava com o notebook cheio de adesivos com palavras traduzidas para o hebraico. Disse-me certa vez: “se um professor que aprendeu hebraico de adulto está dando aula na faculdade de Tel Aviv isto ainda me

dá uma esperança.” Também contou uma anedota de porque ela imigrou para Israel: certa vez estava vendo um show em Israel e conseguiu enxergar mesmo estando atrás. “Aqui é meu lugar”, concluiu, “já que as pessoas são baixas como eu.” Repetidamente contou-me como os israelenses sempre esperavam que ela citasse o antissemitismo como um motivo para ter emigrado para Israel. A entrevistada falou disso muitas vezes e que antissemitismo não era um dos componentes para sua escolha.

Eu contei à minha entrevistada em termos não acadêmicos sobre as minhas intenções de pesquisa. Nora perguntou-me sobre o que era a entrevista. Contei que era sobre suas experiências nos ulpanim, mas que gostaria que ela começasse dando informações mais genéricas sobre si. Ela então contou que originalmente vinha da Hungria e que crescera em movimentos sionistas, que a fizeram sempre querer vir para Israel. Contou que primeiro era uma pessoa muito sionista, o que ocorreu por volta de quando tinha 17 anos, e depois se tornou uma pessoa muito não sionista.

Quando veio a Israel pela primeira vez tinha na cabeça a imagem de algo perfeito. Acrescentou que se algo é perfeito na imaginação, nunca pode ser tão bom assim na realidade. Em uma viagem para um kibbutz com o Habonim Dror⁹⁶, um grupo juvenil sionista de esquerda, eles estavam em um hostel, era shabbat, e havia diferentes organizações: Bnei Akiva⁹⁷, Habonim Dror, entre outros, de diferentes países e diferentes orientações religiosas (judaicas). Ela julgava que todos fossem fazer algo em conjunto, pois era o que ela esperava tendo em vista a sua experiência na Hungria. Mas ao invés disso todos ficaram separados, cada um tentando gritar mais alto que o outro, o que foi um choque para ela. Tratou-se, disse, de um deslocamento de uma sensação de “somos todos irmãos” para “aqui também é um país normal, com os seus problemas”. Além disso, concluiu que em Israel as pessoas não olhavam umas pelas outras como os judeus faziam na diáspora.

Nora contou que se judeus se encontram em um aeroporto, vão sorrir uns para os outros, a não ser que seja um voo para Tel Aviv, porque afinal, são tantos judeus neste caso, quem se importa? A irmã dela fez *aliyah*, e ela estava tentando ser diferente da irmã, então foi para outros países, como a Alemanha, a Holanda e a Inglaterra. Ela gostou da experiência na Europa ocidental, principalmente da mentalidade nestes países. Mas então chegou à conclusão que gostaria que os seus filhos pertencessem a um país, e este país seria Israel, pois preferia que seus filhos fossem

⁹⁶ O Habonim Dror é um movimento cultural da juventude judaica socialista e sionista.

⁹⁷ Bnei Akiva é o maior movimento juvenil religioso sionista do mundo.

israelenses do que americanos ou britânicos. Também porque encontrou um trabalho do qual ela realmente gosta em Israel, então decidiu dar uma volta de 180 graus e fazer *aliyah*.

A partir de então Nora começou a contar as suas experiências no ulpan. O primeiro ulpan que frequentou foi o Ulpan Gordon, 3 dias por semana; não era, portanto, uma classe para *olim*. Segundo Nora, o perfil da classe era composto de 1) namoradas de israelenses, 2) avós, em geral russos, de pessoas que haviam imigrado e agora estavam vindo atrás dos parentes 3) adolescentes francesas cujas famílias estavam se mudando para Israel e às vezes conseguiam algum tipo de bolsa para elas. A respeito destas últimas, Nora afirmou que não se interessavam em estudar, estando mais interessadas em ir para a praia. Nora resumiu esta sua experiência como de muito baixa qualidade. Ela até fez alguns poucos amigos lá, mas em geral era difícil de se entrosar.

Enquanto ela não levou tão a sério o Ulpan Gordon, já que se encontrava lá antes de fazer *aliyah*, a coisa mudou de figura após a *aliyah* e em seu próximo ulpan, Neve Tzedek, onde ela se aplicou nos estudos. Neste ulpan ela também tinha três aulas semanais e novamente havia somente mulheres em sua sala. Segundo Nora, 90% das mulheres em sua sala havia vindo por conta de seus namorados. Nora considerou que o ulpan para imigrantes fosse diferente, mas ela não o frequentou por querer trabalhar.

A terceira experiência de Nora foi no ulpan da universidade de Tel Aviv, uma experiência que ela categorizou como “um choque”. Segundo ela, o público alvo eram estudantes americanos que passariam em geral um semestre na universidade. Qualquer um pode se matricular neste ulpan, mas ele é muito caro para pessoas que não estão ligadas à universidade. Ela havia passado do nível *alef plus* no ulpan Neve Tzedek para o nível *gimmel* no ulpan da universidade, o que caracterizava que se usavam parâmetros diferentes. A característica que distingue o ulpan da universidade é que este objetiva abertamente incentivar os alunos, que têm em geral entre 18 e 19 anos e estão nos primeiros anos da faculdade a fazer *aliyah*. Estes alunos em geral têm outra coisa em comum: seus pais ou avós são israelenses, ou eles têm algum tipo de vínculo com Israel.

Em sala de aula os alunos foram requisitados a fazer uma apresentação de cinco minutos. Nesta apresentação falaram de como seus pais ou avós lutaram em alguma das guerras de Israel, se mudaram para os Estados Unidos e como eles, seus

descendentes, estavam prontos para voltar a Israel para cumprir o serviço militar. Nora deu uma larga risada quando disse que o ulpan todo era muito sionista. Segundo ela, nunca tinha visto coisa assim. Os exemplos dos livros didáticos giravam em torno de fazer *aliyah*, alistar-se no exército e coisas do tipo. Nora chamou a atenção para o fato de se tratar de um ulpan universitário, e não um ulpan financiado pelo Estado como Gordon ou Neve Tzedek (onde, seguindo a sua lógica, poderia se esperar uma abordagem mais sionista).

Nora disse que nos ulpanim anteriores os seus professores eram jovens e ela gostava do estilo deles. No ulpan universitário ela teve aula com duas senhoras que, segundo ela, tinham métodos antiquados de ensino. Tudo girava em torno da prova: no começo da semana o que cairia na prova, depois a prova. Nora detestava este estilo de ensino antiquado. Ela acredita que aprendeu mais gramática, mas não é do que ela gosta mais. Já no TINAU ela adorava o que estávamos aprendendo.

Recordando suas experiências anteriores, Nora diz que não gostou do Ulpan Gordon, onde se sentiu infantilizada e onde a puseram em um nível mais baixo do que a sua real competência em hebraico. Ela adorou o Ulpan Neve Tzedek onde ela finalmente, com ajuda do professor, se sentiu encorajada para começar a falar. Embora a maioria dos seus colegas tivesse a mesma impressão, outros abandonaram o curso por não gostar dele. Alguns alunos julgaram o método agressivo já que o professor fazia troça do aluno se ele não se saísse bem. Porém havia algo que ela havia gostado mais no Ulpan Gordon do que no Neve Tzedek. No primeiro era combinado que só se falaria hebraico, o que era positivo já que havia muitos alunos que não dominavam inglês. Já no segundo as traduções eram recorrentes, sendo que o professor não sabia falar bem inglês e nem alguns alunos. Na universidade de Tel Aviv uma das suas professoras “certamente daria uma boa avó, mas não dava uma boa professora”.

Nora esperava mais do ulpan da universidade de Tel Aviv. Ela contou que se você não é da universidade, o intensivo de quatro semanas custa 1500 dólares. Se você tem um vínculo com a universidade custa 1300 shekels⁹⁸. Ela e o chefe combinaram que para ela seria gratuito. Caso tivesse que pagar, disse Nora, ficaria furiosa. Havia no ulpan universitário em geral em sala um perfil de estudantes americanos

⁹⁸ Cada dólar equivale a aproximadamente 4 shekels.

com alguma origem israelense, mas alguns alunos destoavam, como uma mulher chinesa que havia casado com um israelense e se convertido e alguns alemães. Segundo Nora, estas pessoas não eram tratadas de maneira justa. Ela descreveu a atitude como sendo esta: “oh, você não é judeu? Tudo bem, ainda assim gostamos de você”. Segundo Nora, os não judeus não expressavam o seu descontentamento com o tratamento, mas ainda assim o sentiam.

Nora acredita que a maioria dos alunos já vinha ao ulpan com a perspectiva de fazer *aliyah* e que o ulpan era somente um local onde se podia vocalizar isso. Nora sentiu, no entanto, que expressar-se no sentido de não querer fazer *aliyah* não seria bem-vindo. Neste contexto, conta que às vezes eram requisitados a escrever “besteiras bonitas” (*beautiful bullshit*) sobre Israel. Em geral os alunos escreviam coisas ao estilo “este é o melhor lugar onde já estive”, enquanto ela escrevia coisas engraçadas sobre Israel, e a colega alemã escrevia linhas mais críticas. Nora não se sentia confortável de ler suas redações naquele ambiente.

Relembrei que durante os ataques ao supermercado Hiper Kasher na França em 2015 o premiê israelense Benjamin Netanyahu foi à principal sinagoga da França exortar os judeus franceses a fazer *aliyah*. Nora reagiu dizendo que a situação tem estado assim há muito tempo. Ela contou que se confrontava há bastante tempo com isto quando as pessoas perguntavam por que ela havia feito *aliyah*, supondo que haja antissemitismo na Hungria. Nora disse que considerava uma verdade válida dizer que se você lê as notícias de Israel na Europa, haverá uma impressão de que as coisas são piores do que na verdade são, assim como acontece com quem lê as notícias sobre a Europa em Israel. Nora disse que há um aspecto positivo e um negativo nesta situação. Há o lado positivo de alguém te convidar para se sentir em casa em Israel, mas o lado negativo de uma certa pressão de que você não deveria se sentir em casa em outro lugar. Em geral ela não aprovava esta pressão, pois acreditava que os judeus deveriam poder viver em qualquer lugar, por outro lado, ela disse, é bom ter Israel.

Nora comentou o que significava para ela ter feito *aliyah*. Pela primeira vez ela foi convidada para uma cerimônia na universidade durante um feriado. Na Hungria, por exemplo, ela havia sido convidada para um jantar de gala, que caía no mesmo dia do Yom Kippur. Em Israel finalmente os feriados eram os mesmos e ela disse ver alguma beleza nisto. Eu disse a ela que certa vez ela me contou que os pais dela não são religiosos, mas que comemoravam o Yom Kippur, por exemplo. Nora disse que o

que estava prestes a me contar provavelmente era uma tendência das últimas gerações no Leste europeu. Os avós destas pessoas sobreviveram ao Holocausto e “decidiram que não havia mais deus”, e que se ele existe “não queremos nada com ele”. Neste momento eles renegaram a religião, mas mantiveram sua identidade judaica como etnicidade. Depois disto eles viveram sob o comunismo e todas as religiões eram quase que proscritas. A mãe de Nora sabia que era judia, que isto significava algo, mas ela não sabia bem o que era. Um dia chegou na casa dos pais e perguntou o que era Hanukkah⁹⁹. A geração de Nora tentou reviver algumas tradições. Aos 12 anos ela tentou guardar o Yom Kippur, enquanto a avó dela cozinhava só para atormentá-la¹⁰⁰. Mas afinal seus parentes aceitaram a escolha de Nora. Ela não se considera religiosa, mas sim tradicional. Ela vê as cerimônias mais pelo seu aspecto cultural. Nora disse que isto era especialmente importante quando ela fazia parte de uma minoria. Hoje, não importa o que faça, haverá alguém mantendo a religião dela. Naquela época prévia ela sentia que se ela não mantivesse a religião não haveria nada que sobrasse para os seus filhos.

Quanto a se sentir mais ou menos tradicional depois da sua vinda a Israel ela considerou que esta é uma questão difícil. Disse que gostava de bancar o advogado do diabo e fazer o contrário do que os outros estão fazendo e seus amigos estavam ficando mais religiosos depois de fazer *aliyah*. Disse que a questão é que estas pessoas sempre tiveram uma comunidade e em Israel não há mais esta comunidade. Ela mesma sempre se sentiu judia e chegando a Israel começou a se sentir húngara. Ela trabalha em um laboratório cheio de israelenses e não se sente integrada. Acredita que a integração se dará em alguns anos, mas agora sente-se isolada. Segundo ela existe a questão “a que(m) se voltar” e a religião parece uma resposta fácil. “Isto é algo que eu conheço, conheço da minha família, algo que sinto a que eu pertencço, então vou fazê-lo”. Então ela acredita que está um pouco mais religiosa do que costumava, mas não foi a extremos. Ela contou que foi a uma sinagoga no *shabbat*, e em um contexto em que conhecia poucas pessoas sentia que pertencia a algo.

Nora conheceu o TINAU por intermédio de sua irmã, que fizera um curso lá e mora na mesma rua do prédio deles. Além disso acredita que ela e a irmã estavam em busca de pessoas estrangeiras “*like-minded*” (com afinidade de pensamento). Ao

⁹⁹ Hanukkah ou Festa das Luzes é uma festividade judaica que comemora a reedificação do Segundo Templo em Jerusalém na época da revolta dos macabeus contra o Império Selêucida.

¹⁰⁰ Segundo a tradição religiosa judaica o *Yom Kippur* é um dia de jejum.

tentar definir o que para ela é sionismo hesitou e disse “é uma questão difícil”. Chegou à conclusão então que sionismo para ela é uma questão mais física: apoiar a existência do Estado de Israel, não importando quais sejam as condições políticas do momento. Trata-se, segundo Nora, do significado antigo de sionismo: “não aceite o seu destino. O ambiente está tentando matar você, não aceite que você tenha que fazer isto ou aquilo, tome uma postura mais pró-ativa para ser judeu, então eu vou decidir por mim mesmo, eu vou mudar as coisas se elas não me agradam; são 5 mil anos de tradição e você ainda pode mudar as coisas”.

Nora se questionou se seria sionista e acabou concluindo que sim - afinal, tinha feito *aliyah*. Notou, porém, que o seu sionismo divergia do sionismo praticado no ulpan universitário. Considerou excelente o sionismo, contanto que viesse “de dentro de você e não dissesse aos outros o que fazer. Isto é uma verdade para qualquer forma de ideologia”, ponderou. Ela não gostava que dissessem a ela que não há outro lugar para os judeus no mundo ou que você deveria ser sionista, isto era demais para ela.

Contei a ela que manter-se afastado da política cotidiana é o contrário do que víamos no Ulpan Neve Tzedek, onde a professora Rachel todo dia trazia assuntos da ordem do dia. Vendo sua surpresa, contei que tivemos de escrever um pequeno texto sobre o atentado terrorista em Manchester, por exemplo. Ela perguntou se se tratavam de questões envolvendo Israel ou o mundo todo. Disse a ela que eram principalmente notícias relacionadas a Israel, como quando Trump veio a Israel. Embora a questão do atentado em Manchester seja uma notícia internacional, acredito que é cara aos israelenses por se tratar de ataque terrorista. Nora contou que da sua experiência em Neve Tzedek, as questões eram postas de maneira genérica para não causar tumulto entre a classe. Quando Trump ganhou as eleições, por exemplo, ninguém questionou os assentamentos ilegais. Reagi dizendo a ela que minha impressão era a mesma e que eu sequer sabia nome hebraico para assentamento já que isto nunca fora trazido para sala de aula. “Isto é uma grande verdade!”, ela exclamou.

Disse também que no TINAU, embora ela concordasse com a visão do professor, tinha uma crítica no sentido de que ele não abria muito espaço para opiniões contrárias às dele. Ela acrescentou que não acreditava que alguém que não seja de esquerda se inscreveria em um curso do TINAU, que é obviamente uma organização de esquerda. Nora acabou por descrever-se como uma sionista de esquerda mas disse que se sentia envergonhada por não conseguir acompanhar a política local

como gostaria. Sentia-se “esquisita” votando em Israel. “Quando se faz *aliyah* automaticamente se ganha o direito ao voto, o que é muito cedo”, ponderou.

Nora disse ler basicamente notícias online, que não teria tempo de outra maneira. Mas ela acredita que o material que recebe é diversificado, já que ela já participou de uma conferência muçulmano-judaica internacional na Alemanha. Nesta ocasião juntaram-se 50 muçulmanos e 50 judeus do mundo inteiro e obviamente havia gente com opiniões divergentes. Havia alguns palestinos, alguns israelenses e por causa deles ela via notícias que não veria de outra forma. Ela via notícias sobre eventos que se passam na Cisjordânia que ela não veria na mídia israelense. E ela tinha contato com os extremos, pessoas que se tornaram extremamente sionistas ou anti-sionistas.

Nora acredita que o ulpan universitário não deveria ter a abordagem “extremamente sionista” que ela constatou. Segundo ela, deveria ser mais neutro, já que não é uma instituição financiada pelo Estado, mas que ela acredita que é assim por se tratarem de alunos bem específicos. No caso dos ulpanim financiados pelo Estado, ela aceitou que possam ser sionistas, afinal, eles dão aulas gratuitas e, portanto, “podem fazer lavagem cerebral com você”. Mas na universidade acredita que deveriam ser mais inclusivos, pois há alunos internacionais que nada tem a ver com judaísmo, estes deveriam ser mais bem-vindos. Nora considerou que talvez isto incomodasse mais a ela do que aos alunos internacionais, já que ela já foi parte de uma minoria e sabe como isto pode ser delicado. Nora terminou a entrevista dizendo que foi interessante ser entrevistada, já que em geral ninguém se interessa pela sua vivência nos ulpanim. Antes que terminássemos, porém, pediu para traçar mais algumas considerações. Minha entrevistada avaliou que a motivação mesma para ser professor de ulpan era interessante. Ela disse que muitos professores eram *olim* eles mesmos e que ela acreditava que eles eram muito motivados. Nora já aprendeu línguas antes, como inglês e alemão, e seus professores de hebraico eram os mais motivados. Na universidade, por exemplo, “apesar de reclamar que está sofrendo lavagem cerebral”, Nora achava bonito que o que a professora estava fazendo não era instrução de nenhum livro, ela acreditava naquilo. Então depois de trazer tantas coisas negativas, Nora apontou esta questão positiva: as professoras estavam fazendo aquilo de coração.

Tive contato com Cláudia e Daniela por um grupo no Facebook (*Olim in Israel*) onde perguntei se alguém com vivência em ulpan gostaria de dar uma entrevista. Falei com Daniela, que me propôs que nos encontrássemos em uma filial da loja de móveis sueca Ikea. Locomovi-me até lá de *sherut*¹⁰¹. Encontramo-nos no restaurante da loja e Daniela estava acompanhada de sua amiga, Cláudia. Elas estavam carregadas de sacolas com compras. Haviam acabado de almoçar e eu me juntei para o café.

Elas se interessaram por minha pesquisa e eu busquei explicar a elas do que se tratava em termos não acadêmicos. Daniela contou que era gerente de hotel. Cláudia disse estar na área médica. Daniela contou que tinha 36 anos e que viera há três anos com o seu marido do Chile. Ambos gostariam de educar uma família judaica. No Chile, contou, há aproximadamente 20 mil judeus. Segundo ela, há muito antissemitismo por lá. O Chile seria o lar de meio milhão de palestinos. Segundo Daniela, as crianças têm que ser protegidas para serem enviadas a uma escola judaica. “Eles vão matar você, vão matar os seus filhos, você tem que contratar um guarda-costas, esta é a situação no Chile”. Ela e seu marido não queriam aquilo. Queriam “uma vida”. Eles não queriam viver o medo a toda hora. Não se tratava, reiterou, de delinquência comum, era uma questão de ser um alvo.

Passamos ao assunto ulpan. Ela contou-me que frequentou um ulpan em Raanana por cinco meses. No começo ela não havia gostado do ulpan, porque não havia frequentado a escola judaica no Chile e não conhecia o alfabeto nem os números. Sua professora só sabia hebraico e russo e não conseguia dar uma explicação em inglês. Daniela repetiu algumas vezes que foi muito difícil. Observou, porém, que está muito mais confortável com a língua agora: encontra-se no nível *gimmel*. Todo este avanço foi conseguido em Raanana apenas. Daniela comentou que fala seis línguas e eu a parabenizei pelo seu talento.

Daniela expressou sua vontade de aprender mais, de revisar verbos do passado e do futuro. Contou ainda que como *olim hadashim* é normal se achar um emprego em um braço internacional da economia, onde se pode expressar-se em uma língua que já se conhece, ficando assim sem o contato do hebraico. Naquele momento

¹⁰¹ Os *sherutim* são vans de transporte público comuns em Tel Aviv. Ao contrário do que acontece com as linhas de ônibus tradicionais, os *sherutim* também operam aos sábados, quando por lei os ônibus não podem circular devido a circulação de veículos ser proscrita pela lei religiosa judaica.

Daniela não estava trabalhando mas em seu último emprego conversava no escritório, não sobre assuntos de trabalho, mas sobre assuntos banais em hebraico.

Daniela teve a mesma professora ao longo de todo o percurso. Apesar do começo difícil, as aulas foram se tornando mais fáceis em função dos colegas de classe dela, sendo que havia alunos de Cuba, Brasil, Estados Unidos e Itália, entre outros, todos se ajudando.

Daniela percebia todos os tópicos abordados no ulpan como sendo legais e não políticos (subentende-se que tópicos políticos não seriam legais). Ela contou que se discutiu no ulpan a morte do premiê Yitzhak Rabin porém “não de uma maneira política”. Daniela sentiu que é importante saber para onde se está vindo e que a abordagem foi mais histórica do que política. “Se há uma praça em Tel Aviv com o seu nome, qual o por quê disto, coisas assim aprendíamos”. Emendou que é importante conhecer poemas e canções e como o Estado foi criado. Contou que foram ao museu de Raanana e para Jerusalém e para “diferentes lugares onde era possível sentir o espírito de *olim hadashim*”. Daniela frisou que não só aprenderam hebraico mas também adentraram a cultura.

Passamos a conversar sobre sionismo, que ela definiu como “sentir que você pertence a um lugar, um lugar onde você será livre, onde você será você mesmo”. Daniela acredita que “todo mundo” terá a liberdade de vir para Israel e viver em Israel e respeitando os outros mas vivendo em paz. Daniela definiu-se então como sionista. No Chile, no entanto, consideraram-na louca por querer emigrar. O seu próprio rabino lhe disse que ela estava louca.

Daniela relatou que sua família veio três dias antes da última guerra, que ela disse ter sido terrível. A família não conhecia o alarme soado na guerra. Eles não tinham televisão, portanto não sabiam o que estava acontecendo. Mesmo se tivessem uma televisão, disse, tudo seria em hebraico e mesmo assim não saberiam o que se passava. Eles consideraram retornar ao Chile. No ulpan a guerra foi discutida algumas vezes. Porém os professores de lá adotavam uma postura que dava a entender: “estamos em Raanana, nada vai acontecer aqui”.

Neste momento me voltei para a acompanhante de Daniela, Cláudia. Cláudia me contou que viera da Colômbia. Frequentou o ulpan em 2013 em Raanana, é cristã e casou-se com um israelense e assim decidiu imigrar para Israel. Agradou-lhe a maneira como o conteúdo judaico era transmitido no ulpan, já que ela nunca tivera contato com ele. Ela também teve apenas uma professora, mas como ela vem da área

médica, classificaram-na como *alef plus* (infelizmente, para ela) e ela ainda sentia que tinha “buracos” na sua formação do hebraico. Apesar disso ela decidiu não voltar ao ulpan. Cláudia contou-me que ela e Daniela se conheceram no veterinário.

Cláudia esteve ouvindo as elaborações a respeito do sionismo de Daniela mas ela mesma não conseguiu opinar, “é muito complicado”. Ela não saberia dizer também se seu marido israelense teria uma consideração a respeito. Diferente da professora russo-parlante de Daniela, a professora de ulpan de Cláudia era argentina. Comentei que ela teve sorte, mas ela me contradisse, já que o método do ulpan é não fazer traduções. No começo, disse ela, este método é incômodo, mas depois se torna bom. Ela opinou que é um processo que precisa ser rápido mesmo para uma língua tão complicada: “os sons do hebraico, tudo é novo e é um processo que você precisa cumprir para se tornar alguém funcional na sociedade”.

A professora de Cláudia só excepcionalmente dizia uma palavra em espanhol. Depois de um tempo, disse, “você se acostuma, você descobre as letras, os sons, em duas ou três semanas você sabe o que eles estão dizendo”. Ela contou que, infelizmente, fala inglês com o seu marido. Cláudia disse que os seus conhecimentos de hebraico não são avançados. Elogia Daniela, que é “super” em hebraico. Cláudia contou que consegue pedir uma cópia ou outra coisa, manter uma pequena conversa, que consegue entender muito mas utilizar pouco hebraico e que não avançou tão rápido quanto gostaria. Ela disse que, “honestamente”, tem proficiência básica.

Contou que ama história, que já esteve por todo canto em Israel. Disse que se trata de um país incrível com gente incrível: “toda a inovação, a criatividade, por exemplo na área médica, são incríveis”. Considerou Israel um país bonito e disse adorar ir a locais históricos como Masada. Já esteve lá três vezes mas menos vezes do que gostaria de ter ido. Ela gostaria de ter visto todos os detalhes. Com o ulpan propriamente não visitou nenhum lugar pois não era *olah hadashah*. Observei que eu não era *olah hadashah* e mesmo assim saí em uma excursão com o meu ulpan. Ela não se lembra porque não foi. Daniela interferiu e disse que a excursão à Jerusalém é mandatória. Cláudia disse que não se lembrava de ser mandatório.

Cláudia elogiou o ulpan, mas considerou que eles poderiam ter um foco em pessoas como ela, já que ela “pagou bastante dinheiro”. Ponderei que sei bem, já que eu havia pago também. Ela reiterou que se tratava de bastante dinheiro e que o ulpan médico não valeu a pena. O processo seria muito acelerado. Ela acredita que poderia haver alguém para dar uma mão a uma pessoa na condição dela, que não tem o status

de imigrante. Disse que os imigrantes recebem bastante ajuda. Contou que está com a carteira de identidade apenas há seis meses, que passou anos com o passaporte e não tinha a quem perguntar sobre isso. Daniela complementou que ela (Cláudia) era falante de espanhol, não era imigrante e não foi colocada num ulpan comum antes de ir direto para o ulpan médico. Cláudia especulou que talvez esta fosse a maneira “deles” de lidar com quem é do sistema médico: conseguir as licenças médicas o mais rápido possível. Agregou que não foi fácil para ela, já que trabalhou no laboratório médico e se trata da única carreira que você não pode seguir em inglês, tem que ser em hebraico. Ela passou todos os exames com o *misrad labriut* (ministério da saúde) mas não pôde trabalhar.

Cláudia se perguntou se voltaria ao ulpan mas acabou por concluir que não. Ela pensava em frequentar a universidade, porque eles estão mudando o sistema. Ela vinha aprendendo lá em intensivos de verão que são “para pessoas como ela”. Constatou que possivelmente o ulpan não foi a opção apropriada para ela. Mesmo concluindo os exames com êxito Cláudia teria preferido uma alternativa ao ulpan médico. Ela teria gostado que houvesse alguém que acompanhasse casos como os dela, de pessoas que não vão para o Technion¹⁰² ou para a universidade. Mas, invariavelmente, disse ela, se você não é *olah hadashah* você tem que pagar.

Teço algumas considerações sobre três aspectos fundamentais das entrevistas: a experiência da *aliyah* no caso das entrevistadas judias que passaram pelo processo, as vivências no ulpan seja do ponto de vista das alunas ou do ex-coordenador Kobi e as elaborações quanto ao que seria o sionismo na visão dos entrevistados.

Experiência da aliyah

Dentre as três entrevistadas judias que fizeram *aliyah* (Nora, Daniela e Elodi), apenas Daniela citou como decisivo para tomar o passo de imigrar para Israel o antissemitismo que, segundo ela, grassa no Chile. Elodi citou o antissionismo da imprensa belga, que no entanto não foi um fator decisivo para a sua escolha. Já Nora

¹⁰² O Technion é o instituto israelense de tecnologia, situado na cidade de Haifa no norte do país.

reiterou o que havia me contado previamente: ela constantemente frustrava a expectativa de seus interlocutores israelenses que esperavam que ela mencionasse o antissemitismo como um propulsor para a decisão de fazer *aliyah*.

Tanto Nora quanto Elodi contaram da beleza que viam em viver em um país onde o calendário oficial e as atividades públicas coincidiam com a religião judaica que ambas não seguiam estritamente, mas tratavam como uma tradição a ser preservada. Elodi reiteradamente declarou o seu amor por Israel, enquanto Nora citou também um motivo pragmático para imigrar: ter tido acesso a um emprego satisfatório. Elodi ressaltou o seu senso de pertencimento à comunidade de *olim*, segundo ela o processo de fazer *aliyah* cria um elemento de conexão. Nora observou que no laboratório onde trabalha juntamente com outros israelenses não se sente integrada.

Experiências no ulpan

Daniela tinha a expectativa que o ulpan lhe transmitisse noções de Israel de uma maneira histórica, “não política”. Esta expectativa se cumpriu. Em um momento quando a sua família estava angustiada por experienciar a sua primeira guerra, o ulpan foi um lugar onde se pode discutir a guerra, com um efeito tranquilizador “estamos em Raanana, nada vai acontecer aqui”. Já Cláudia, que era cristã, gostou de entrar em contato com “conteúdo judaico” no ulpan. Elodi aprovou as discussões sobre temas contemporâneos, incluindo aí temas políticos, que desenvolvemos sob os auspícios da professora Rachel no ulpan Neve Tzedek. Para Elodi era uma forma de adquirir mais vocabulário e se manter em contato com questões atuais.

Nora tinha a expectativa de que, quando Trump foi eleito, se discutisse no Ulpan Neve Tzedek sobre os assentamentos ilegais na Cisjordânia, o que não ocorreu. As discussões eram feitas de modo a não levantar polêmica. Embora considerasse a si mesma como sionista (de esquerda) Nora condenou o enfoque demasiadamente sionista do ulpan da universidade de Tel Aviv.

Kobi contou que realizava muitas atividades sobre o conflito Israel-Palestina, já que esta era uma demanda dos alunos. Alunos estes que, é relevante notar, eram judeus apenas em sua minoria e provinham majoritariamente dos Estados Unidos e da Alemanha. Para as palestras que acompanhavam o curso do ulpan Kobi buscava chamar pessoas de orientações políticas diversas. Ele teve alguma dificuldade com uma aluna e uma professora que se consideravam sionistas e não estava

de acordo com como ele desenvolvia as atividades do ulpan. Buscava alertar os alunos a serem críticos em relação às convicções sionistas de alguns professores. Ao final do ulpan os alunos do ulpan que Kobi coordenava lhe entregavam um *survey* e a reação dos alunos era de maneira geral muito positiva.

Os sentidos do sionismo

Para Elodi sionismo é a conexão com Israel e conhecer a história do país. Para ela o ulpan é evidentemente um lugar sionista. Elodi conseguia se reconhecer com mais facilidade como sionista quando percebia que, por exemplo, na mídia belga se tratava Israel de maneira injusta. Daniela definiu-se como sionista e ligou o sionismo à liberdade, a pertencimento e a “ser você mesmo”.

Tanto Kobi quanto Nora operaram com a polissemia da palavra sionismo. Enquanto havia para Kobi um sionismo que ele não rejeitava (chegando a dizer que uma professora sionista era “uma pessoa maravilhosa”) e que “você poderia ser sionista e eu poderia não ter nenhum problema com você; embora não seja minha visão de mundo não teria problema com você”, por outro procurava despertar o olhar crítico de seus alunos para narrativas sionistas apresentadas por professores do ulpan que coordenou. O sionismo que Kobi rejeita é aquele que “apresenta uma imagem em preto e branco. Eles querem nos matar, não sabemos por quê, talvez seja a sua religião, seja a sua cultura, seja quem eles são, na verdade sempre os ajudamos”. Tanto a sua opção por preferir se entender como israelense ao invés de judeu quanto a sua percepção daquele sionismo que ele rejeita estão ancoradas em uma leitura que põe em primeiro plano o conflito israelo-palestino. A preferência por entender-se como israelense ao invés de judeu pode ser lida como uma expressão de uma postura pós-sionista.

Depois de hesitar por um momento Nora descreveu-se como sionista. O sionismo ao qual ela adere está ligado à sobrevivência física dos judeus e do Estado de Israel: “não aceite o seu destino. O ambiente está tentando matar você, não aceite que você tenha que fazer isto ou aquilo, tome uma postura mais pró-ativa para ser judeu (...)”. Fazer *aliyah* também compõe para Nora uma expressão de um dado tipo de sionismo. No entanto, Nora descreveu como um “choque” deparar-se com o tipo de sionismo praticado no ulpan universitário. Este sionismo envolvia uma

idealização de Israel (o que fazia com que ela se sentisse constrangida em compartilhar os seus textos que não faziam apologia de Israel), bem como uma diretriz única a respeito dos judeus da diáspora: como se a única opção válida fosse imigrar para Israel. Como se viu no primeiro capítulo, atribuir um valor igual de viver o judaísmo seja em Israel ou na diáspora indicaria uma postura pós-sionista, enquanto manter que só em Israel o judaísmo pode florescer indica uma postura neossionista. A personagem Nora é fascinante na medida em que revela que é possível abraçar princípios do sionismo clássico ao mesmo tempo que se rejeita princípios do neossionismo. Nora, que é judia e se entende como sionista, ficava bem à vontade em meio às aulas do TINAU, que primavam por sua análise crítica de Israel.

CAPÍTULO V - YOM HASHOAH, YOM HAZIKARON E YOM HAATZMAUT

Em Israel, em um espaço temporal de 8 dias, são mobilizados os sentimentos nacionais em torno de três cerimônias que personificam a religião civil do país. Criações dos primeiros anos do Estado de Israel, estas datas estruturam a narrativa sionista desde a catástrofe do povo judeu, passando pelo sacrifício dos soldados sionistas e tendo como clímax a redenção do povo judeu nas terras de Israel. O resultado desta estruturação ritual é um forte envolvimento emocional com esta narrativa. A primeira cerimônia é o Yom Hashoah, ou Dia do Holocausto, dia em que se relembram os estimados 6 milhões de judeus assassinados por forças nazistas e seus colaboradores durante a Segunda Guerra Mundial. A segunda cerimônia, a contar uma semana depois de Yom Hashoah, é Yom Hazikaron, o dia dedicado aos soldados caídos durante as guerras que Israel travou. No dia seguinte ao Yom Hazikaron acontece o Yom Haatzmaut, o Dia da Independência.

No dia do Yom Hashoah de 2015 eu ainda não havia entrado no ulpan, vivenciando assim a data em meio à sociedade. O mesmo se deu em 2017. Para o Yom Hazikaron de 2015 houve uma solenidade no Ulpan Gordon, sobre a qual me detenho adiante. Os dias de Yom Haatzmaut não ensejaram nenhuma atividade nos

ulpanim frequentados em 2015 e 2017, sendo que também vivenciei estes dias em meio à sociedade de forma geral.

1. Yom Hashoah

O Yom Hashoah foi desenhado para ser um dia de compenetração. A regulação de transmissão de TV proíbe a veiculação de comerciais durante esta data (bem como em Yom Hazikaron e em Tish'a B'av¹⁰³). A proibição legal de funcionamento de teatros, cinemas e restaurantes durante a data limita as opções recreativas dos israelenses e estimula a participação dos mesmos nas cerimônias que ocorrem no espaço público ou são transmitidas pela televisão. Além disso, são transmitidos pela televisão e pelo rádio programas relacionados ao Holocausto por todo o dia. Os jornais lançam suplementos especiais relacionados ao tema. O dia é marcado por uma cerimônia que ocorre todo ano no Museu do Holocausto, o Yad Vashem. A bandeira israelense é então hasteada a meio mastro, o presidente e o primeiro ministro discursam para a ocasião, e sobreviventes do Holocausto acendem seis tochas representando os estimados seis milhões de judeus que foram assassinados durante o Holocausto. Depois disso são colocadas coroas aos pés das seis tochas por dirigentes e representantes de sobreviventes ou instituições que zelam pelos sobreviventes.

Além disso, às 10 da manhã, sirenes podem ser ouvidas por todo o território nacional por dois minutos. Neste momento é requerido dos israelenses que eles parem de realizar suas atividades onde quer que estejam para se dedicar a estes dois minutos de compenetração. São famosas as imagens que circulam nas redes sociais de rodovias inteiras nas quais os motoristas dos carros param os seus veículos e saem deles para, cabisbaixos, honrar em silêncio as vítimas do Holocausto.

Em outros locais também são organizadas cerimônias para as vítimas, tais quais o Kibbutz dos Lutadores do Gueto e o Kibbutz Mordechai (nomeado em homenagem a Mordechai Anielewicz, o líder do levante do Gueto de Varsóvia). Bases militares, prefeituras, escolas e locais de trabalho também organizam comemorações. Na Europa, jovens judeus israelenses e jovens judeus do mundo todo participam da Marcha dos Vivos (*March of the Living*), quando caminham em silêncio de Auschwitz a

¹⁰³ Tish'a B'av é considerado o dia mais triste do calendário judaico religioso. Comemora a destruição do templo de Salomão e a destruição do Segundo Templo.

Birkenau, o maior complexo de campos de concentração e extermínio construídos durante a Segunda Guerra Mundial.

Estive em Tel Aviv tanto em 2015 quanto em 2017 durante o Yom Hashoah. Tanto em 2015 quanto em 2017 eu ainda não havia entrado para o ulpan por ocasião do Yom Hashoah. Em 2015 fui para a rua para presenciar a atitude das pessoas. Sabia que a sirene soaria às 10 da manhã. No café a garçonete me perguntou: “você é turista aqui?” Eu disse: “sim”. Ela disse: “você sabe que vai tocar uma sirene, né? É que alguns turistas entram em pânico”. Eu disse que sim. Então a sirene tocou. Alguns pararam com formalidade. Abaixaram suas cabeças em compenetração. Dois moços negros andavam normalmente pela rua¹⁰⁴.

Senti uma mobilização para comparecer aos variados eventos que tomavam conta da cidade na noite daquele dia. É comum que pessoas se reúnam em torno de sobreviventes do Holocausto, que dão o seu testemunho em casas e apartamentos. Muitos destes eventos são organizados pelo Facebook. Em 2015 eu estava pronta para ir a um apartamento para ouvir o testemunho de uma sobrevivente, mas o evento foi cancelado. Noemi, que iria comigo, creditou o cancelamento ao fato de a sobrevivente, já idosa, ter passado mal com a perspectiva de rememorar aqueles tristes eventos.

Em 2017 saí pelo centro da cidade para ver quais eventos se apresentavam. Encontrei um jovem casal que me acompanhou a um evento em um instituto. Como o hebraico falado durante a cerimônia era muito avançado para mim, pedi que me traduzissem a ideia geral dos oradores. Segundo eles, falou-se que não era o caso de pedir vingança pelo Holocausto - lembrando que reparações não eram o mesmo que vingança - mas de construir uma cultura de paz onde eventos como o Holocausto não fossem mais possíveis. O jovem casal parecia satisfeito com as falas da instituição.

Em 2017 meu amigo Yogev, que de costume remixava suas músicas em alto volume, pôs um fone de ouvido em respeito a quem guardava o dia do Holocausto. Embora ele mesmo não estivesse guardando dia, respeitava quem o fizesse. No grupo

¹⁰⁴ Soube no TINAU que judeus etíopes boicotam as solenidades do Yom Hashoah em virtude do fato de que o governo israelense, supostamente, não teria mostrado empenho em resgatar de Gaza um judeu etíope que, por portar problemas mentais, fora voluntariamente para lá. Segundo os etíopes, a reação teria sido diferente caso não se tratasse de um judeu etíope. No entanto é provável que os homens percorrendo as ruas durante a sirene de Yom Hashoah fossem imigrantes não judeus, provavelmente trabalhadores-imigrante ou mesmo refugiados.

de Facebook intitulado Secret Tel Aviv, que congrega imigrantes e telavivenses, uma moça fez uma pergunta que se demonstrou infeliz. Ela perguntou onde poderia ir a uma festa na noite do Yom Hashoah. O comentário mais votado por aquela comunidade virtual foi “Vá para Ramallah” (cidade palestina). Depreendo da popularidade deste comentário que não observar o Yom Hashoah era tido como algo não israelense. Estando em Israel, diziam aqueles internautas, necessariamente você tem de participar na comoção social formada em torno da solenidade.

O nome completo do Yom Hashoah é Yom Hashoah Vehagevurah, o que quer dizer dia do Holocausto e do Heroísmo. Após a fundação do Estado de Israel aqueles sobreviventes que haviam participado de grupos subterrâneos de resistência queriam que a data comemorativa caísse no 15 de mês do calendário judaico de Nisan, o primeiro dia do Levante do Gueto de Varsóvia, coincidindo com a primeira noite de Pêssach. Após esta data ter sido rejeitada, os lutadores da resistência fizeram *lobby* para que fosse escolhida uma data mais próxima possível do início do Levante. Isto também foi rejeitado por judeus ortodoxos em Israel, que não gostariam que a data caísse no mês de Nisan como um todo, já que este mês segundo a tradição judaica é um mês de alegria no qual o enlutamento é proscrito. Como forma de achar um meio termo, chegou-se a data de 27 do mês de Nisan, data esta que não atendia a reivindicação de nenhum dos grupos (ROSENBLOOM, 2011, 9). O Yom Hashoah cai, portanto, no mesmo mês de Pêssach e não na data sugerida pelos ortodoxos: o feriado religioso dedicado ao luto, Tisha Be'av, sublinhando assim o caráter secular da data, bem como sua proximidade com Yom Hazikaron e Yom Haatzmaut.

A título de comparação, é interessante perceber que em 2005 as Nações Unidas proclamaram o dia 27 de janeiro como sendo o Dia Internacional de Relembração do Holocausto (*International Holocaust Remembrance Day*). De forma muito diferente de Israel, a data escolhida refere-se à libertação de Auschwitz-Birkenau pelo Exército Vermelho da extinta União Soviética. Como lembra Idith Zertal:

Desde o momento em abril de 1951 quando foi primeiro proposto no Knesset que um dia do “Levante do Holocausto e do Gueto” foi declarado, até quando em 1959 o dia de comemoração do Holocausto e do Heroísmo foi aprovado, o propósito maior era exaltar o heroísmo dos lutadores e rebeldes que tinham pego em armas, oposto a, e mesmo excluindo, todas as outras formas de resistência e sobrevivência judaicas. (ZERTAL, 2005, p.39, tradução nossa)

As transformações do significado do Yom Hashoah refletem transformações no interior do sionismo. Até pelo menos duas décadas depois do estabelecimento do Estado de Israel (em 1948) o sionismo encontrava-se em negação em relação ao Holocausto. Não negação de que ele tivesse ocorrido, mas negação de que foram relativamente poucos os que lutaram - no entender sionista - ativamente contra seus opressores. A riqueza da vida da diáspora não podia ser devidamente contemplada dada que a existência por si só da diáspora não tinha valor para os sionistas, que emigraram a Palestina (Eretz Israel) não só para terminar a vida da diáspora mas para criar o “Novo Judeu”. Era comum naquela época a imagem de que seis milhões de judeus haviam “ido como carneirinhos ao matadouro”, reforçando assim o entendimento sionista de que a vida na diáspora era passiva, enquanto a vida em Israel era uma vida de luta pela subsistência. Os seis milhões de judeus mortos eram motivo de vergonha para os pioneiros sionistas. Daí o enaltecimento dos lutadores do Gueto de Varsóvia. A respeito do museu Yad Vashem, construído em 1953, ainda hoje é possível dizer:

O museu é dividido em cinco seções, três das quais são devotadas ao “heroísmo”. O objetivo do museu inteiro é relacionar resistência armada com a luta por um lar nacional judaico e apresentar o Estado de Israel como a única resposta significativa ao Holocausto. (WOLLASTON, 1993, p.97, tradução nossa)

No entanto, com as guerras de 1967 e principalmente 1973 operaram-se modificações na percepção sionista em relação às vítimas do Holocausto. Enquanto a guerra de 1948 podia ser justificada por necessidade, era fonte de angústia pensar em por quê o Estado de Israel ainda tinha que provar sua existência 25 anos depois. A vitória em 1973 foi bem mais difícil, borrando a linha entre vítimas e lutadores. A cada guerra era renovado o temor de ser aniquilado pelos árabes, criando, portanto, mais empatia com as vítimas “passivas” de Hitler.

Deu-se desta maneira uma mudança de sensibilidades. É provável que os dirigentes israelenses tenham intuído que tanto no cenário nacional como no cenário internacional ganhariam muito mais aproximando-se das vítimas do Holocausto. Foi neste contexto renovado que começaram, na década de 1980, as marchas de jovens para Auschwitz- Birkenau. Nos anos 2010, na minha experiência, não vi referências

ao heroísmo, mas uma identificação muito maior com as vítimas. Para muitos israelenses, as ameaças do Irã, que muitas vezes giram em torno de “exterminar” Israel, e que são evocadas regularmente pelo premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, tornam o paralelo entre Holocausto e condições atuais ainda mais vivo.

Correndo o risco de ser por demais subjetiva, já que para esta tese não foram feitas incursões específicas para avaliar esta questão, proponho que nos tempos atuais a ideia de vitimização, tão execrada nos primeiros anos do Estado, tenha sido apropriada pela população judia israelense. Tomo por base a aula sobre o Holocausto e sociedade israelense que frequentei no TINAU, onde o professor Matan por vezes reiterou a palavra *korban* (vítima), em sua aula na qual procurava elaborar os sentimentos da sociedade israelense em relação ao Holocausto. De uma maneira adjacente, é possível lembrar a entrevista dada por Kobi e transcrita no capítulo IV, na qual ele sublinha que “Em Israel (porém) o chauvinismo está conectado com o vitimismo, o que faz ele parecer o contrário do chauvinismo.” Seja como for, este parágrafo serve como uma sugestão a ser aprofundada talvez em pesquisas posteriores.

2. Yom Hazikaron

Yom Hazikaron ocorre exatamente uma semana depois de Yom Hashoah. Para esta ocasião, as ruas das cidades se inundam com velas acesas em vários pontos em homenagem àqueles que perderam suas vidas lutando pelo Estado de Israel. Passeando por Tel Aviv durante o ano é possível verificar que não é só nesta data que as vítimas são lembradas. Em parques e praças há monumentos de pedra com os nomes das vítimas inscritas neles. Vi certa vez no grupo do Facebook Secret Tel Aviv um resumo dos sentimentos israelenses durante estes sete dias que transcorrem entre uma celebração e a outra. A postagem, muito bem votada, dizia “Yom Hashoah nos lembra o preço de não termos um Estado. Yom Hazikaron nos lembra o preço de termos um Estado”.

No dia do Yom Hazikaron uma sirene toca duas vezes. Uma na noite da data (seguindo o calendário judaico, no qual o dia começa com o pôr do sol) e uma vez às 11 da manhã do que no calendário ocidental seria o dia seguinte. Segue-se um ritual similar àquele observado no Yom Hashoah: as pessoas param o que estão fazendo, muitas saem às ruas onde ficam imóveis e compenetradas, homenageando as

vítimas, embora eu não tenha notícias das rodovias parando como acontece no Yom Hashoah.

Como o meu objetivo é chegar à minha experiência do ulpan (que não deixa de ser uma escola), apresento alguns elementos do Yom Hazikaron nas escolas em geral no país.

Desta forma o formato básico das cerimônias do Dia Memorial no sistema escolar foi definido nos anos 1950. Apesar de todas as mudanças na sociedade israelense, o formato continuou o mesmo nos anos 1990: vestimentas de feriado, descer a bandeira a meio mastro, a sirene, o discurso do ministro, a presença de pais enlutados na cerimônia, recitação dos nomes dos mortos próximo a monumentos e o cantar do hino Hatikva como conclusão. (BEN-AMOS et ali, 1999, p.29, tradução nossa)

Em 2017 eu havia recém-chegado ao país para o Yom Hazikaron e ainda não havia entrado no Ulpan Neve Tzedek. Eu estava hospedada na casa de meu amigo Eran. Chamou-me a atenção que ele saiu de casa e foi para a rua prestar homenagem às vítimas durante a sirene. Perguntei se eu poderia acompanhá-lo e assim o fiz. A rua estava quase deserta mas havia algumas poucas pessoas, espaçadas ao longo dela, que aparentemente também haviam vindo ao espaço público apenas para prestar homenagem. Conversando com o meu amigo Eran descobri que ele, um grande viajador e uma pessoa que constantemente está no exterior, repetia este gesto todos os anos, estando em Israel ou não.

Em 2015, durante a minha primeira semana de ulpan, os pais de minha anfitriã, Ruth, estavam acomodados no quarto geralmente reservado a hóspedes do Airbnb. Por ocasião do Yom Hazikaron a família Ouazana decidiu ir à cerimônia pública realizada na praça Yitzhak Rabin, e eu os acompanhei. No caminho, a pé (as ruas haviam sido fechadas), o sr. Ouazana me chamou a atenção para o fechamento de uma grande padaria de esquina. Disse que esta padaria quase nunca fechava, o que demonstrava a importância daquela data. Em outros momentos posteriores, atenta a isto, eu verifiquei quando a padaria fechava e ela pareceu ter um regime igual a dos outros comércios, fechando também em feriados religiosos. Mas o interessante aqui é a interpelação do sr. Ouazana, que queria me chamar a atenção para solenidade do Yom Hazikaron.

Havia na praça Rabin um grande telão, que passou primeiro imagens da cerimônia em Jerusalém, em frente ao muro das lamentações. O presidente Rivlin e um rabino, em meio a outros, discursaram. A câmera focava nos espectadores emocionados. Havia as famílias de mortos. Cada um dos mortos daquele ano foi mostrado em fotos, seguidos de suas famílias. Um rabino fez uma oração. Na plateia havia pessoas emocionadas, embora eu só tenha visto mulheres chorando. De maneira geral o público levava a cerimônia bem a sério. Foram tocadas muitas músicas com um arranjo “pop”. Houve algumas apresentações no palco, mas o cerne do evento foi o telão transmitindo diretamente de Jerusalém mesmo. Ruth dirigiu-se a mim e me disse: “está na hora de você aprender uma palavra muito importante para nós. “*Evel*”: luto. Agradei-a pelo ensinamento.

No dia seguinte ao feriado, no ulpan, fomos a turma e eu encaminhados a um salão juntamente com outras turmas. Lá passou-se uma cerimônia, inteiramente em hebraico. Minha turma e eu estávamos então ainda aprendendo frases simples e eu duvido que algum de meus colegas tenha compreendido a cerimônia, da mesma maneira que eu também não compreendi. Uma mulher subiu em um pequeno palanque e fez uma oração. Houve um discurso em hebraico, sem nenhuma tradução ou explicação.

De novo, algumas poucas mulheres emocionadas. Olhei para os lados para apreender a reação dos meus colegas. A maioria estava impávida, com o ar distraído ou distante. Mas Vlada, de minha turma, parecia chorar, discretamente. Ela havia ido a cerimônia na praça Rabin, como me contou. Especulei, mais à frente, que sua emocionalidade pudesse ser derivada do fato de que Vlada vinha do leste do Ucrânia, uma região que estava naquele mesmo momento atravessada por um conflito bélico com a Rússia.

Vlada estava, naquela época, sempre acompanhada de Slava, que é engenheiro ambiental, ucraniano de Kiev e me contou ter feito um estágio estudantil na Polônia. Perguntei se ele não quis ir ao evento em homenagem aos caídos na guerra, Yom Hazikaron, na praça Rabin. Ele disse que “tinha umas coisas para fazer”, meio sem jeito.

Após o discurso, seguiram-se o hino nacional Hatikva e uma música intitulada “*Ein li erez acheret*”, que já havia tocado na cerimônia na praça Rabin. A escolha pelo hino nacional não me despertou tanta curiosidade, provavelmente porque venho de um país onde se toca o hino nacional em ocasiões solenes. Já a música “*Ein li*

eretz acheret” parece-me prenhe de sentido. O refrão da letra diz "eu não tenho outra pátria/ terra". Não se trata, portanto, de uma canção apenas nacionalista, mas marcadamente exclusivista, pelo menos no que tange àquilo que se pode depreender de sua letra¹⁰⁵. Seguem a canção e a tradução feita por mim.

אין לי ארץ אחרת
 גם אם אדמתי בוערת
 רק מילה בעברית חודרת
 אל עורקיי, אל נשמתי
 בגוף כואב, בלב רעב
 כאן הוא ביתי
 לא אשתוק, כי ארצי
 שינתה את פניה
 לא אוותר
 להזכיר לה
 ואשיר כאן באוזניה
 עד שתפקח את עיניה
 אין לי ארץ אחרת
 עד שתחדש ימיה
 עד שתפקח את עיניה
 אין לי ארץ אחרת
 גם אם אדמתי בוערת
 רק מילה בעברית חודרת
 אל עורקיי, אל נשמתי
 בגוף כואב, בלב רעב
 כאן הוא ביתי
 בגוף כואב, בלב רעב
 כאן הוא ביתי
 אין לי ארץ אחרת

¹⁰⁵ Ein li Eretz acheret foi escrita pelo aclamado músico Ehud Manor (1941-2005). Segundo o jornal Haaretz, Manor foi o músico israelense mais tocado pelas rádios do país. (<<https://www.haaretz.com/israel-news/culture/1.4849629>> Acesso em 20.10.2019) A letra foi escrita em homenagem ao irmão de Manor, que veio a falecer durante a Guerra de Desgaste travada entre Israel e Egito (1967-1970). No entanto, a canção é comumente percebida pelo público como um protesto de setores de esquerda pelas mortes sem sentido durante a Primeira Guerra do Líbano (1982). Ao longo dos anos setores da direita israelense apropriaram-se da música, tornando-a um símbolo contra a desocupação de colonos israelenses em Gaza determinada por Ariel Sharon em 2005. (<<https://tarbut.cet.ac.il/ShowItem.aspx?ItemID=fb3945da-9ae6-4d4f-bb67-b79592065fed&lang=HEB>> Acesso em 20.10.2019.) Em anos recentes estudantes secundaristas recusaram-se a cantar a canção argumentando que ela seria nacionalista e até fascista. Segundo os estudantes a letra da música faria os alunos provindos de minorias sentirem-se desconfortáveis. (<<https://www.haaretz.co.il/gallery/music/1.3314710>> Acesso em 20.10.2019.) Agradeço ao meu amigo Eran Oren por me ajudar na tradução do hebraico.

Eu não tenho outra terra
 Mesmo se meu país está em chamas
 Apenas uma palavra em hebraico já fisga
 Minhas veias e minha alma
 Com o corpo dolorido, com o coração esfomeado
 Aqui é meu lar
 Eu não vou ficar em silêncio porque meu país
 Mudou sua face
 Eu não vou desistir
 De lembrar-lhe
 E cantar em seus ouvidos
 Até que ela tenha aberto os seus olhos
 Eu não tenho outra terra
 Até que ela renove seus dias gloriosos
 Até que ela abra seus olhos
 Eu não tenho outra terra
 Mesmo se minha terra estiver em chamas
 Apenas uma palavra em hebraico fisga
 Minhas veias e minha alma
 Com o corpo dolorido, com o coração esfomeado
 Aqui é meu lar
 Com o corpo dolorido, com o coração esfomeado
 Aqui é meu lar
 Eu não tenho outra terra
 (Tradução nossa)

É interessante, também, que nem o hino, nem a canção - nem qualquer aspecto da cerimônia - foram tratados como objetos de sala de aula. Acredito que a maioria dos alunos, à época, ficou alheio ao significado da canção, dado nosso nível de hebraico de então. Eu por sorte já conhecia a canção de estudos em casa. Seja por mero acaso, por não se encaixar na proposta pedagógica de Ayelet ou então seguindo algum propósito, esta ausência de reflexividade pode ter poupado a sala e a professora de visões não-exclusivistas de nacionalidade. Muitos países, como é o caso da França, por exemplo, admitem dupla nacionalidade e, portanto, não cancelam os direitos dos cidadãos franceses quando estes optam por se tornar cidadãos israelenses.

Embora eu não tenha compreendido qual foi a oração recitada durante a cerimônia, é possível especular que tenha se tratado da oração *Yizkor*, que geralmente não é recitada na sua versão religiosa tradicional, mas numa versão adaptada para o Yom Hazikaron. Além disso, é possível também, tendo em conta o que ocorre nas escolas regulares, que a prece tenha sido El *Malei Rachamim* ou o *Kaddish* (ver: BEN-AMOS: 1999).

Em 1950, portanto, um ano após o fim da Primeira Guerra Árabe-Israelense ou Guerra da Independência e dois anos após a proclamação da independência, o gabinete chefiado pelo então premiê David Ben Gurion decidiu que a celebração pelos mortos em guerra ocorreria no mesmo dia da celebração da independência. Porém isto ocorreu apenas naquele ano, já que se tornou patente a dissonância entre o júbilo do público em geral e a tristeza das famílias enlutadas. A pressão dos parentes enlutados por meio da organização Yad Labanim levou o rabinato de Israel a discutir uma data alternativa para celebração dos mortos. Assim, pouco antes do Dia da Independência (Yom Haatzmaut) foi estipulado que o Yom Hazikaron se celebraria um dia antes da Independência.

Para Joel Braunold, colunista do jornal Haaretz, embora o Yom Hazikaron tenha feito desde o princípio parte da agenda internacional sionista, é provavelmente a celebração que mais deixa aguda a distinção entre diáspora (que não perdeu os seus filhos para as guerras de Israel) e Israel (onde o luto de algumas famílias se transforma em luto nacional durante o Yom Hazikaron). A celebração sofreu uma modificação no ano de 1998, ou melhor, um acréscimo. Nas palavras de Martin Gilbert:

Pela primeira vez em sua história, seguindo uma lei especial introduzida no Knesset, Israel também comemorou durante o Dia Memorial aqueles israelenses que haviam sido vítimas de ataques terroristas desde a fundação do Estado. (GILBERT, 2014, p. 605, tradução nossa)

A respeito disto, Matan, meu professor do TINAU, como era de costume, fez uma observação crítica. Um professor de filosofia chamado Asa Kasher teria se oposto a se acrescentar as vítimas de terrorismo aos rememorados em Yom Hazikaron, mas o filho dele, que recebia todas as honrarias, havia morrido de uma maneira banal no exército, durante uma excursão, não podendo, portanto, ser classificado

como um herói de guerra. Matan também lembrou que todos aqueles que estão servindo ao exército estão aptos a receber as honrarias em Yom Hazikaron, ainda que tenham cometido suicídio, por exemplo. Como se tornou praxe, no TINAU éramos levados a discutir e questionar rituais estabelecidos, ao invés de apenas participar deles, sem ao menos saber os significados que os envolviam, como no Ulpan Gordon.

Desde 2006 é organizado um Dia da Lembrança conjunto entre israelenses e palestinos em Tel Aviv pelos Combatentes pela Paz e Círculo de Pais - Fórum de Famílias. Em 2018, 6800 israelenses e palestinos compareceram ao evento. O ministro da defesa, Avigdor Liberman, chamou o evento de “de mau gosto” e buscou impedir a entrada dos palestinos para participarem, decisão esta que foi revertida pela suprema corte. O aclamado escritor israelense David Grossman, que perdeu o seu filho no contexto do conflito, fez o discurso final aos brados de manifestantes de direita que foram mantidos atrás de uma barreira policial.¹⁰⁶

3. Yom Haatzmaut

Tanto em 2015 quanto em 2017 não foram feitas atividades específicas para o Dia da Independência nos dois ulpanim que eu frequentei. Nestas duas ocasiões as ruas se encheram de bandeiras israelenses. Nos comércios, a festividade em torno do tema era de dar inveja à Copa do Mundo no Brasil. Em 2017 eu precisava comprar grampos de roupa e não consegui comprar grampos que não fossem nas cores de Israel, azuis e brancos. Em 2017 atravessei a cidade a pé para ir a uma festa, à noite - uma festa de música eletrônica. Havia milhares de pessoas nas ruas comemorando, indo às festas mais variadas, exultantes com a comemoração da independência. Para esta ocasião, é comum as pessoas estenderem dos parapeitos das suas janelas bandeiras de Israel¹⁰⁷. Apenas no Ulpan Neve Tzedek não reparei nenhuma diferença, já que nesta escola parecia ser Dia da Independência o ano inteiro, com bandeiras penduradas por todos os corredores.

¹⁰⁶ <<https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-israelis-palestinians-come-together-at-alternative-memorial-day-event-1.6011344>>. Acesso em 5.8.2019

¹⁰⁷ Desde 1998 os cidadãos palestinos de Israel em conjunto com palestinos dos territórios ocupados organizam no Dia da Independência de Israel uma Marcha da Nakba. A cada ano escolhe-se uma aldeia palestina destruída em 1948 como destino. Os palestinos demonstram seu luto enquanto os judeus israelenses comemoram o Estado. (Ver: ROUHANA, 2014).

Em Jerusalém, no Monte Herzl, assim que anoitece e finda o Yom Hazikaron, ocorre a cerimônia de “acendimento das tochas” para brindar a comemoração do Dia da Independência. Em 1949 foram trazidos os restos mortais do pai fundador do sionismo, Theodor Herzl, para serem enterrados no monte Herzl. Desde então aquele se tornou o sítio que é a expressão máxima do nacionalismo israelense. Este era o local escolhido para homenagear as vítimas de Yom Hazikaron e também para abrir o Dia da Independência.

Nesta cerimônia doze representantes das doze tribos de Israel, cada um com uma tocha, esperam para acender as suas tochas na tocha maior que simboliza a pátria israelense e que é acendida por um representante do governo. Desde 1968 esta cerimônia é transmitida a todo país por televisão. Todo ano mudam os critérios para a escolha daqueles que acenderão as tochas. Mas em comum há a idéia de representar a diversidade do país que cria uma só unidade. Nas palavras de Kook:

Esta estrutura simbólica enfatiza a conexão essencial entre um passado (possivelmente mítico), as aspirações e sonhos por um futuro moderno e compartilhado. Retomar o passado bíblico de Israel era parte do recontar sionista da história israelense, representando a continuidade com suas raízes na antiguidade, enfatizando, assim como era, a continuidade de sua luta (e obtenção) da soberania nacional. Portanto, a evocação das tribos bíblicas na principal cerimônia do Dia da Independência era um esforço para enfatizar a assim chamada “continuidade nacional” contra a depreciação do significado do exílio tanto como fase histórica na história de Israel quanto como fonte de normas e valores potenciais. (ZERUBAVEL, 1995, p. 20). Quando cada portador se aproxima da tocha principal (da qual as tochas individuais são acendidas), ele ou ela entoia a mesma encantação “Eu (nome) filho/filha de (nome dos pais) de (lugar de residência) de (origem étnica) estou honrado de acender esta tocha de Dia da Independência em honra da mistura de exílios e para a glória do Estado de Israel. (KOOK, 2005, p. 158, tradução nossa)

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente tese busquei relacionar a discussão teórica em torno dos conceitos de neossionismo e pós-sionismo ao contexto da imigração judaica para Israel

e mais detidamente como questões relacionadas a ela se apresentavam no contexto dos ulpanim de Tel Aviv nos anos 2010.

A *aliyah* é em si mesma um contexto (neo)sionista. A *aliyah* tal como ocorre hoje é por vezes contestada por pós-sionistas, a não ser em casos de vulnerabilidade de uma dada população judaica na diáspora. De maneira geral, em minha pesquisa foi possível verificar que grande maioria dos meus interlocutores imigrou para Israel por razões outras que o antissemitismo. A única *olah* a mencionar como uma razão consistente o antissemitismo foi Daniela, para quem a vida no Chile beirava o impraticável. De resto foram detectados graus variáveis de identificação com o Estado Judeu, como quando Elodi menciona o fato de as lojas fecharem aos sábados (é preciso lembrar, por outro lado, que muitos *olim* tinham escasso conhecimento sobre sionismo e até mesmo sobre judaísmo). Alguns dos sujeitos de pesquisa, tais como Ricardo e Ruth Ouazana declararam-se abertamente sionistas, dando prosseguimento a um sonho e a uma ideologia de décadas que, de certa forma, transforma o conflito com os palestinos em apenas um episódio, não necessariamente central, da transformação pela qual passam os *olim* quando entram em contato com a realidade israelense.

Há muitos indícios sobre o teor sionista do ulpan, a começar pela estrutura física. Os pôsteres de líderes sionistas do hall do Ulpan Gordon, o pôster onde se lê “Jerusalém, cidade indivisível”. No livro texto, personagens declaram-se sionistas. O mapa físico pendurado nas paredes do Ulpan Gordon e do Ulpan Neve Tzedek denotam uma contrariedade em delimitar Israel dentro das fronteiras pré-1967.

A professora Ayelet utilizou dois textos que fazem referência ao sionismo clássico: um sobre Moses Montefiori e outro sobre Theodor Herzl. Isto em si não seria puramente neossionista a não ser pelo fato de se silenciar sobre “o outro lado”, os palestinos, que a professora Ayelet lembrou uma única vez, quando falou do muro que separa Israel da Cisjordânia. Além disso, o Ulpan Gordon contratou para o nosso passeio um guia com uma visão sionista de mundo, que procurou, entre outras coisas, deslegitimar o apreço que os muçulmanos têm pela cidade de Jerusalém.

Na cerimônia do Yom Hazikaron do Ulpan Gordon não se buscou elaborar sobre o conflito israelo-palestino, mas apenas introduzir os alunos ao ritual nacional, com destaque para a canção *ein li eretz acheret*, de conteúdo nacionalista exclusivista.

Se tomarmos o quinto “mito” do sionismo pós constituição do Estado de Tom Segev por base (“que apenas em Israel poderia o judaísmo florescer, funcionando como uma força unificadora para a judeidade mundial”), vemos que no ulpan foram expressas, por parte dos alunos do Ulpan Gordon, tanto opiniões “classicamente sionistas” (e que, transpostas para os dias atuais podem ser classificadas como neossionistas), o que vale dizer que todos os judeus deveriam se mudar para Israel, quanto opiniões que se poderiam enquadrar na perspectiva pós-sionista, como a de que a diáspora deve continuar diáspora e Israel deve conviver com ela. A professora Ayelet ensejou o debate, mas se absteve de manifestar claramente sua opinião, o que significa uma mudança com relação a décadas anteriores, quando o ulpan era um lócus ainda mais explícito de transmissão de ideologia sionista.

A *morá* Rachel primava pela democracia, mas também mostrou os limites desta democracia. A professora trouxe muitas vezes questões instigantes para serem abertamente debatidas. O ethos democrático, no entanto, como se viu no primeiro capítulo, não é antitético ao sionismo. Pode-se até mesmo afirmar que o primor pela democracia (intra-judaica) é um marco do sionismo. Neste mesmo tom, pode-se observar que o filme passado no Ulpan Neve Tzedek, *Zero Motivation*, foi bastante crítico à sociedade israelense, mas tratava-se de uma crítica intra-judaica, não ligada à questão palestina.

O limite à democracia estabelecida pela professora Rachel foi atingido quando Victoria lhe perguntou por que não poderia ser árabe e judia. “*Don’t insult anyone*”, a *morá* exclamou. Na mesma toada, quando lhe perguntei se o ódio dos árabes em relação aos judeus tinha uma relação com a ocupação, ela recorreu aos tempos imemoriais (Isaac e Ismael) para justificar o fato, transformando uma questão histórica (na qual o sionismo desempenhou um papel desagregador importante) em uma questão mítica, afim com a leitura de mundo (neo)sionista.

Diferente dos relatos citados no capítulo III, abarcando Golden e Lefkowitz, não presenciei confrontação com as professoras em questão, salve quando Victoria perguntou a Rachel se ela não podia ser uma judia árabe. Mesmo que aspectos do passado dos alunos imigrantes não tenham sido explorados nas aulas que eu presenciei - a crítica de Golden ao projeto pedagógico que ela observou - isto não pareceu desinteressar os alunos, que de maneira geral aceitavam com bom grado os ensinamentos extra-linguísticos e potencialmente “israelizantes” de suas professoras, como por exemplo quando a professora Rachel explicou a todos os usos e costumes do

feriado de shavuot em Israel, alheios à vivência daqueles alunos com os quais conversei mais detidamente.

A questão da cisão entre ashkenazitas e sefaraditas não apareceu nenhuma vez em sala de aula, ou mesmo fora dela, indicando que está até certo ponto superada ou então está sendo suprimida. Embora nos ulpanim tenha havido bastante abertura para saber a opinião dos *olim* sobre vários tópicos, esteve ausente a exploração do passado e da ancestralidade dos mesmos, ressoando assim períodos anteriores nos quais abertamente se silenciava sobre estas questões.

Em conversa com uma aluna egressa do nível *gimmel* (c) do ulpan Gordon ela me contou que havia muitas atividades neste nível avançado que abordavam questões prementes, inclusive com a utilização de jornais e outros materiais contemporâneos e que se discutiam as atualidades de Israel, inclusive sionismo. É provável, portanto, que os debates se tornem mais intensos à medida que as frases se complexificam e os recursos linguísticos se avolumam. De certa maneira, foi o que pude constatar de diferença entre o nível básico (no Ulpan Gordon) e o nível intermediário (no Ulpan Neve Tzedek). A presente pesquisa tem, portanto, o potencial de se desdobrar, por exemplo, com uma nova pesquisa de campo, em níveis mais avançados.

A personagem Ruth é emblemática de como neossionismo e pós-sionismo não são como água e óleo, incapazes de se misturar, mas conseguem conviver na ideologia de um mesmo indivíduo, apesar dos seus paradoxos. Se Ruth por um lado sustenta posturas neossionistas, como a não admissão que o grupo escoteiro judeu e o grupo escoteiro israelense formem entidades separadas; se ela tece críticas aos imigrantes russos e suas igrejas ortodoxas, por outro lado se diz favorável a casamentos mistos e não endossa a atitude de Benjamin Netanyahu de convocar todos os franceses a fazerem *aliyah*.

A personagem mais univocamente pós-sionista que encontrei em campo foi Kobi já que, segundo Ram (2011) “Pós-sionismo seria o discurso contra-hegemônico que propõe a abertura da entidade Israel para além do grupo étnico judeu”. Além disso: “(...) para os pós-sionistas a solidariedade tem que estar calcada em questões cívicas e constitucionais, e não nacionais”. De todos os sujeitos encontrados em campo, Kobi foi a única pessoa com quem eu pude conversar sobre a Nakba.

É interessante notar a trajetória de Kobi, um estudioso do Holocausto. Enquanto muitas vezes a tragédia do povo judeu tem como efeito um auto-centramento

que dificulta ver a dor dos outros (daí uma de minhas epígrafes nesta tese), para Kobi teve o efeito contrário de ser crítico de nacionalidades restritas a grupos étnicos.

O TINAU pode ser considerado uma organização de preceitos pós-sionistas. O fato de congregar professoras de alemão e de árabe palestino é muito significativa de uma escola que buscava “se abrir para a narrativa do outro”. Todas as aulas primaram por uma perspectiva crítica da sociedade israelense. Foi no TINAU (e só lá) que eu aprendi a palavra hebraica para ocupação: *kibush*.

Matan, meu professor no TINAU, contou-me durante um intervalo que sua família viera da África do Sul. Contou-me também que, observando os desdobramentos do conflito Israel-Palestina, os seus entes queridos tiveram a estranha sensação de estar revivendo algo semelhante ao apartheid sul-africano. Esta foi uma das minhas inspirações para as epígrafes da presente tese.

A aluna Victoria, do Ulpan Neve Tzedek, fez uma proposição passível de ser enquadrada como pós-sionista (ao perguntar para a professora se ela não podia ser judia e árabe), ainda que ela não tivesse respaldo teórico para fazê-la; fê-la por dedução lógica.

É lamentável que eu não tivesse ainda conhecimento do evento conjunto entre judeus israelenses e palestinos para o Yom Hazikaron, descrito no capítulo V, de maneira que não pude etnografá-lo. De qualquer maneira, este evento tem todos os contornos de uma proposta pós-sionista, que ainda disputa o espaço público em Israel.

A sociedade israelense como um todo, os novos imigrantes e a “porta de entrada” para os novos imigrantes de Israel, os *ulpanim*, tendem a vivenciar uma narrativa nacional fechada em si, que não é abalada pelo status de Israel como força de ocupação da Palestina, nem pelos eventuais estragos causados por um longo conflito.

Pesquisando especificamente os *olim* brasileiros em Israel, o antropólogo Miguel Vale de Almeida desenvolveu os conceitos de “normalidade hiper barulhenta” e “anormalidade hiper silenciosa” para tratar da tensão entre a subjetividade desenvolvida no curso do processo de *aliyah* e a realidade israelense. Em suas palavras:

É um contexto marcado simultaneamente por uma normalidade hiper barulhenta e uma anormalidade hiper silenciosa. A normalidade de um estilo de vida ocidentalizado e de classe média é enfatizada e almejada tendo como pano de fundo um conflito agonizante, e a anormalidade da discriminação, da

ocupação e da guerra é então silenciada e feita tão invisível quanto é possível. A normalidade de um Estado-nação desenvolvido, ocidentalizado e ao estilo europeu onde ser judeu é ser parte de uma maioria nacional (para judeus que ficam em Israel e não acessam os territórios ocupados) e a anormalidade de seis décadas de conflito, incluindo a Nakba, a ocupação da Cisjordânia e a expansão dos assentamentos em áreas palestinas, a cidadania subalterna dos árabes israelenses ou os períodos de violência e ataque, nomeadamente as Intifadas almejando judeus, sejam eles militares ou civis. (ALMEIDA, 2019, p.249-250, tradução nossa).

Os achados de Vale de Almeida são afins aos achados desta tese. Procurei elaborar sobre esta tensão desde a introdução e permitir que ela se expressasse ao longo do texto. Ressalto, no entanto, que neste contexto, alguns indivíduos e organizações tentam remar contra a maré, propondo uma abertura narrativa ao outro e um engajamento com uma proposta pós-sionista para Israel e Palestina.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Miguel Vale de. "Write your biggest dream on a piece of paper and burn it": subjectivity and subjectification in becoming Israeli. *Etnografica*. Vol 23 (1), 2019, 241-260. Disponível em <<https://journals.openedition.org/etnografica/6597>>. Acesso em 06 jan. 2020.
- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Nova Iorque. Courier Companies: 1983
- AVNERY, Uri. *Und setzet ihr nicht das Leben ein. Texte zue Person: von und über Uri Avnery*. 2012
- BAILER, Brigitte (org.). *Israel – Geschichte und Gegenwart*. Viena. Wilhelm Braumüller Universitäts-Verlagsbuchhandlung Ges.m.b.H, 2009
- BEINART, Peter. *The Crisis of Zionism*. Voz de Lloyd James. Tantor Audio, 2012. Audiolivro (7h 40m). Acesso em 24. 06.2017.
- BEN-AMOS et alli. *Holocaust Day and Memorial Day in Israeli Schools: Ceremonies, Education and History*. *Israel Studies*, Vol. 4, No 1, pp. 258-284 Indiana University Press, 1999
- BENVENISTE, Meron. *Sacred Landscapes: the buried history of the holy Land since 1948*. Berkeley e Los Angeles. University of California Press, 2002
- BERMAN, E. *Voices of Outreach: The Construction of Identity and Maintenance of Social Ties among Chabad-Lubavitch Emissaries*. *Journal for the Scientific Study of Religion*. 48(1), 69-85. 2009
- BRECHER, Daniel Cil. *Fremd in Zion. Aufzeichnungen eines Unzuverlässigen*. Munique. Deutsche Verlag Anstalt, 2005
- BRENNER, M. *Geschichte des Zionismus*. Munique: Beck. 2002
- BUNTON, Martin. *Palestinian- Israeli Conflict: a Very Short Introduction*. Voz de Neil Shah. Audible Studios, 2013. Audiolivro. 4h 9. Acesso em 19.02.2017
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística, uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002
- CARTER, Jimmy. *Palestine: Peace not Apartheid*. London. Simon & Schuster, 2006
- CRAPANZANO, Vincent. *Waiting. The Whites of South Africa*. Glasgow. Granada Publishing, 1986

- DAY, S.H. Vanunu: Israel's embarrassment. *Bulletin of the Atomic Scientists*. 48 (9). 1992
- DAYAN, H. Neozionism: portrait of a contemporary hegemony. *Settler Colonial Studies*. 1-19. 2018
- DIECKHOFF, Alain. *The Invention of a Nation. Zionist Thought and the Making of Modern Israel*. Nova Iorque. Columbia University Press, 2003
- FELLMAN, Jack. *The Revival of a Classical Tongue. Eliezer ben Yehuda and the Modern Hebrew Language*. The Hague: Mouton, 1973
- FISHLER, Ben Zion. The History of Bequeathing the Language. *Language and Hebrew* 6. 1990
- FLINT, Guila e SORJ, Bila. *Israel terra em transe: democracia ou teocracia?* Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2000
- GHERMAN, Michel. Entre a Nakba e a Shoá: catástrofes e narrativas nacionais. *História*, 33 (2), 104-121, 2014
- GILBOA, E. Obama and Israel: A Preliminary Assessment. *Israel Journal of Foreign Affairs*, 3(3) 52-56. 2009
- GILBERT, Martin. *Israel: a History*. E-book. Nova Iorque: Rosetta Books LLC:, 2014.
- GOODMAN, L. E. Democracy in the State of Israel. *Society* 55 (2). 170-180, 2018
- GROSSMAN, Jeffrey. A. *The discourse of Yiddish in Germany: from the Enlightenment to the Second Empire*. Rochester. Camden House, 2000
- HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte. Editora UFMG: 2003
- HARARI, Y., PLONSKI, S., WEIZMAN, E. Seeing Israel through Palestine: knowledge production as anti-colonial praxis. *Settler Colonial Studies*, 1-21. 2018
- HARSHAV, Benjamin. *Language in Time of Revolution*. Stanford: Stanford University Press, 1993
- HOBSBAWM Eric e RANGER, Terence. (Org). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998
- HORNBERGER, N. H. Literacy and Language Planning. *Language and Education*, 8 (1-2), 75-86, 1994
- HOUELLEBECQ, Michel. *Submissão*. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2015
- JEENA, Na'eem. *Pretending Democracy. Israel, an Ethnocratic State*. Johannesburg, Afro-Middle East Center, 2012.

- KALEKIN-FISHMAN, Devorah. *Ideology, Policy and Practice: Education for Immigrants and Minorities in Israel Today*. Norwell: Kluwer Academic Publishers, 2004
- KAPLAN, Eran. *Beyond Post-Zionism*. Albany: State University of New York Press, 2015
- KARADY, Victor. *Los judíos en la modernidad europea. Experiencia de la violencia y utopía*. Madrid. Siglo XIX, 2000
- KATZ, Pearl. *Ethnicity Transformed: Acculturation in Language Classes in Israel*. *Anthropological Quarterly*. Vol. 55 N. 02. 1982
- KHAZOOM, Aziza. *The Kibbutz in Immigration Narratives of Bourgeois Iraqi and Polish Jews Who Immigrated to Israel in the 1950s*. *Israel Studies*, 19 (2), 70. 2014
- KIMMERLING, Baruch. *Clash of Identities. Explorations in Israeli and Palestinian Societies*. Nova Iorque. Columbia University Press, 2008
- KLEIN, M. *Old and new walls in Jerusalem*. *Political Geography*, 24(1), 53-76. 2005
- KLEIN. *Arab Jew in Palestine*. *Israel Studies*, 19(3), 134. 2014
- KRAVEL-TOVI, Michal. *When the State Winks: The Performance of Jewish Conversion in Israel*. Columbia University Press, 2017.
- KOOK, R. *Changing Representations of National Identity and Political Legitimacy: Independence Day Celebrations in Israel 1952-1998*. *National Identities*, Vol. 7, n. 2, p. 151-173, jun. 2005
- KUZAR, R. *Hebrew and Zionism. A Discourse Analytic Study*. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2001
- LEFKOWITZ, Daniel. *Words and Stones. The Politics of Language and Identity in Israel*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2004
- LEONEL FERREIRA, Paula. *Nada mais judaico do que acreditar em Cristo. Análise do processo de construção da identidade judaico-messiânica*. Tese de doutorado. 2010
- LEVY, L. *Arab Jew Debates: Media, Culture, Politics, History*. *Journal of Levantine Studies*. 7(1) pp.79-103. 2017
- LUSTICK, I. S. *Israel's Migration Balance and Ideology*. *Israel Studies Review*, 26 (1), 2011
- MAYBAUM, Rebecca. *Constructing National Identity in Israel's Ulpanim*. Dissertação. Edimburgo: The University of Edinburgh, s.d.
- MARSALHA, N. *New History, Post-Zionism and Neo-Colonialism: a Critique of the Israeli "New Historians"*. *Holy Land Studies*, 10(1), 1-53. 2011

- MOORE-GILBERT, B. Palestine, Postcolonialism and Pessoptimism. *Interventions*, 20 (7), 7-40, 2016
- MUSLIH, M. Arab Politics and the Rise of Palestinian Nationalism. *Journal of Palestine Studies*. 16 (4), 77-94, 1987
- NASSER, R. Identity beyond borders: national identity and the post colonial alternative. *Social Semiotics*, 1-27, 2018
- NAHIR, M. Five Aspects of Language Planning - A Classification. *Language Problems and Language Planning*. 1(2), 107-123, 1977
- NIC CRAITH, Mairéad. Culture and identity politics in Northern Ireland. Grã-Breantna. Anthony Rowe Ltda, 2003
- OZ, Amos. De amor e trevas. São Paulo. Companhia das Letras, 2005
- _____ How to cure a fanatic. Londres. Random House, 2012
- PAPPÉ, Ilan. Out of the Frame. The Struggle for academic freedom in Israel. Londres. Pluto Press, 2010
- _____ Forgotten Palestinians: a History of the Palestinians in Israel. Cornwall: TJ International, 2011
- PELED, Yoav. Ethnic Democracy. *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Race, Ethnicity and Nationalism* 1-4, 2015
- PEIRANO, M. Are you a Catholic? Relato de viagem, reflexões teóricas e perplexidades étnicas. *Dados* 31 (2): 219-242, 1988
- PEREZ, N. The privatization of Jewishness in Israel (or, on economic post-Zionism). *Israel Affairs*, 19(2), 273-289. 2013
- POLLIN-GALAY, Hannah. The Holocaust is a Foreign Country: Comparing representations of Place in Lithuanian Jewish Testimony. *Dapim: Studies on the Holocaust*, Vol. 27, No. 1, 26–39, 2013
- RAM, Uri. Israeli Nationalism. *Social Conflicts and the Politics of Knowledge*. Nova Iorque. Routledge, 2011
- RANSTORP, M. Terrorism in the Name of Religion. *Journal of International Affairs*. 50 (1), 41-62, 1996
- ROSENBLOOM, Jewish Remembrance: Yom Hashoah, the Zionists, and the Shofar. s. l. :2011. PDF. Disponível em: [<https://cpb-us-e1.wpmu-cdn.com/blog.umd.edu/dist/b/504/files/2017/09/RosenbloomEssayContestWinner2011-25v8gsu.pdf>]. Acesso em: 14 de dez. 2018.

- ROUHANA, N. & SABBAGH-KHOURY, A. Settler colonial citizenship: conceptualizing the relationship between Israel and its Palestinian citizens. *Settler Colonial Studies*, 5(3), 205-225. 2014
- ROUDINESCO, Élisabeth. *Revisiting the Jewish Question*. Polity Press. Malden, 2013
- SAID, Edward. *The Question of Palestine*. Nova Iorque. Vintage Books, 1992
- SHAVIT, Ari. *My Promised Land: The Triumph and Tragedy of Israel*. Random House, 2013.
- SHENHAV, Y., & HEVER, H. "Arab Jews" after structuralism: Zionist discourse and the (de)formation of an ethnic identity. *Social Identities*, 18 (1), 101-118. 2011
- SHIMONY. Shaping Israeli-Arab Identity in Hebrew Words - the Case of Sayed Kashua. *Israel Studies*, 18(1), 146, 2013
- SHOHAT, Ella. *Sephardim in Israel: Zionism from the Standpoint of Its Jewish Victims*. *Social Text*, (19/20), 1988
- SIEGEL, Dina. *The Great Immigration: Russian Jews in Israel*. Estados Unidos. Berghahn Books, 1998
- SILBERSTEIN, Laurence J. *Postzionism. A Reader*. Estados Unidos: Rutgers, 1999a
 _____. *The Postzionism Debates*. Nova Iorque: Routledge, 1999b
- SMOOHA, S. The model of ethnic democracy: Israel as a Jewish and democratic state. *Nations and Nationalism* 8 (s4), 475-503, 2002
- SPOLSKY, Bernhard e SHOHAMY, Elana. *The Languages of Israel. Policy, Ideology and Practice*. Clevedon: The Cromwell Press, 1999
- STANISLAWKI, Michael. *Zionism. A Very Short Introduction*. Nova Iorque. Oxford University Press, 2017
- TOPEL, Marta. Da mistura de exílios ao pluralismo cultural. *Revista 18: Israel 60 anos*. Ano VI, n. 23, p. 12-15, 2008
- TUCKER, Spencer. *The Encyclopedia of the Arab-Israeli Conflict. A Political, Social and Military History*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2008
- VILLALÓN, Adriana. *Alimentando o fogo: mecanismos de construção de espaços e limites da basquidade*. Tese (Doutorado em Antropologia). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 392. 2011
- WEISS, Barbara Odebrecht. *A Guerra das Línguas na Imprensa Sionista de Língua Alemã (1897-1914)*. São Paulo, Hucitec: 2012
- WEITZ, Y. Golda Meir, Israel's Fourth Prime Minister (1969-1974). *Middle Eastern Studies*, 43-61, 2011.

WOLLASTON, Isabel. Remembering the Holocaust. *Theology*. Vol. 96, n. 771. p.191-199, 1993

YONAH, Yossi. Israel as a multicultural democracy: challenges and obstacles. Disponível em: <http://www.ha-keshet.org.il/english/israel_multicultural.htm> Acesso em: 13 ago. 2018.

ZERTAL, Idith. *Israel's Holocaust and the Politics of Nationhood*. Trad. Chaya Galai. Cambridge University Press, 2005.

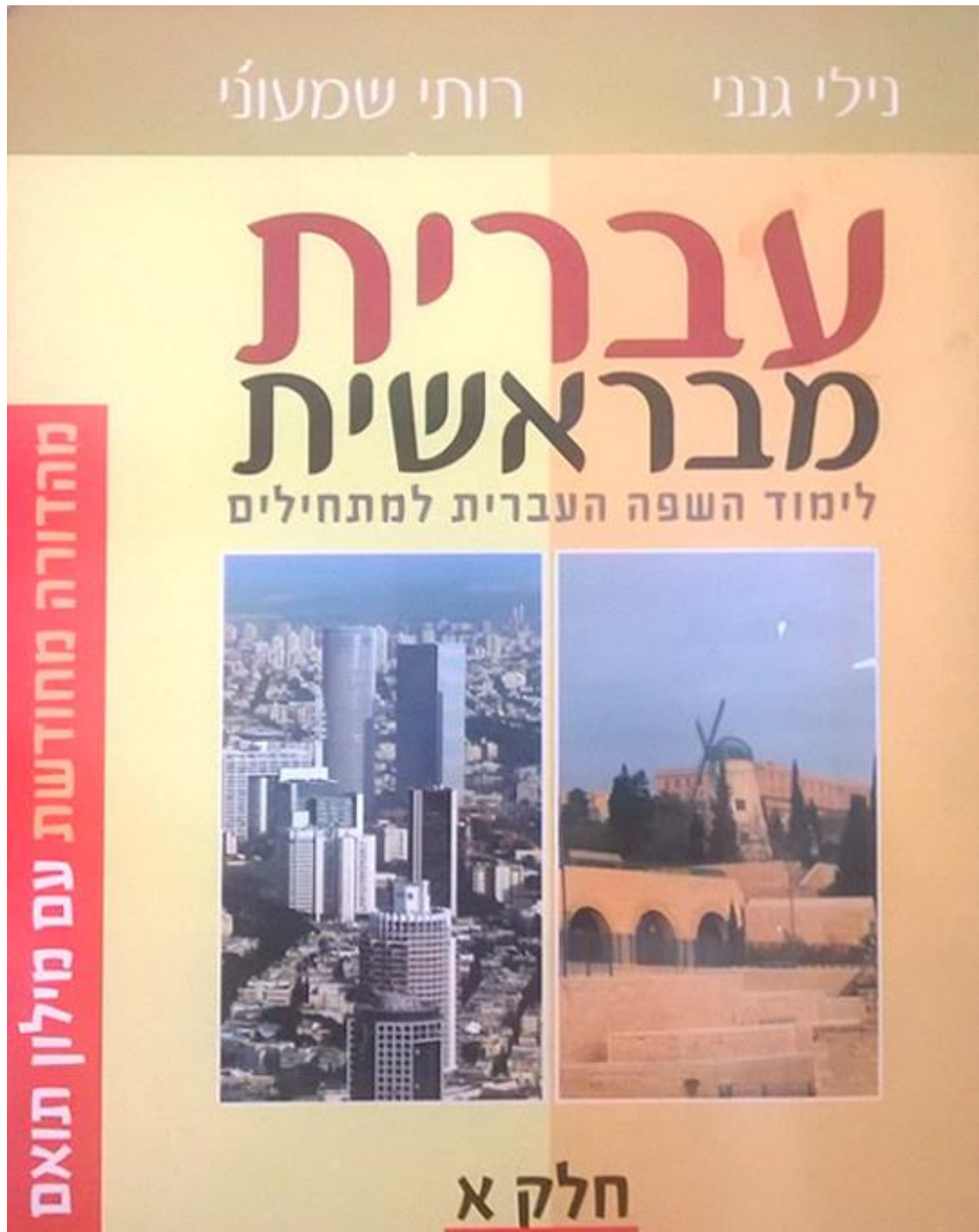
ZUREIK, Elia. Constructing Palestine through Surveillance Practices. *British Journal of Middle Eastern Studies*. 28 (2) pp. 205-227. 2001

ANEXOS

- I. Meu cartão de matrícula no Ulpan Gordon. No retângulo laranja lê-se: cartão do aluno. Logo abaixo estão preenchidos o meu sobrenome (Weiss) e o meu nome (Bárbara).

חברת מוסדות חינוך ותרבות בחל-אביב-יפו
 אולפן גורדון
 עירייה חל-אביב-יפו
... כרטיס תלמיד ...
 שם משמחה כ"ה שם פרטי א"ס
 מספר זהות א"ס כיתה/חוג א"ס
 בתוקף עד 30.7.15
 מרכז גולדשטיין-גורן לתרבות ולהשכלה רחוב לסל 1, חל אביב
 מרכז גולדשטיין-גורן לתרבות והשכלה
 GOLDSTEIN-GOREN CENTER FOR CULTURE & EDUCATION
 10.2004 36 41532 4

- II. Capa do livro de exercícios utilizado no Ulpan Gordon. O nome em destaque diz "Hebraico desde o princípio".



- III. Panfleto de propaganda em espanhol distribuído no Ulpan Goldon. Espanhol era uma das línguas utilizadas nos panfletos.

Castellano

ULPÁN GORDON

EN LA MAÑANA

CURSOS INTENSIVOS

- 5 meses, 5 días a la semana
8:15 - 12:50
Clases A, B
Exclusivamente para olim
(nuevos inmigrantes)
que tengan vales ("vouchers")

OTROS CURSOS

- 5 meses, 4 días a la semana
9:00 - 12:50
Clases A, B, C
- 3-5 meses, 3 días a la semana
8:15/9:00 - 12:50
Clases A, B
- 3-5 meses, 4 días a la semana
13:00 - 16:30
Clases A, B
- 3-5 meses, dos veces a la semana
8:15 - 12:00 o 9:00 - 13:00
Clases B, C

- V. O mapa (físico) que se encontrava em todas as salas de aula tanto no Ulpan Gordon quanto no Ulpan Neve Tzedek. O exemplar abaixo foi rasurado para indicar, aproximadamente, a Cisjordânia e as fronteiras políticas de Israel a leste, ao sul e ao norte.



- VI. Sala de aula no Ulpan Neve Tzedek. Ao fundo, um enorme decalque do Muro das Lamentações.



- VII. Entrada do Ulpan Neve Tzedek. Na inscrição lê-se, em hebraico, “sejam bem-vindos”.



- VIII. Multidão se dispersando na Praça da Independência (ao lado da Gordon Beach) após o show aéreo em homenagem ao Dia da Independência (Yom Haatzmaut).



- IX. Estátua de Nelson Mandela em Ramallah na Cisjordânia. Mandela via a luta palestina como uma luta afim à luta contra o Apartheid na África do Sul.

